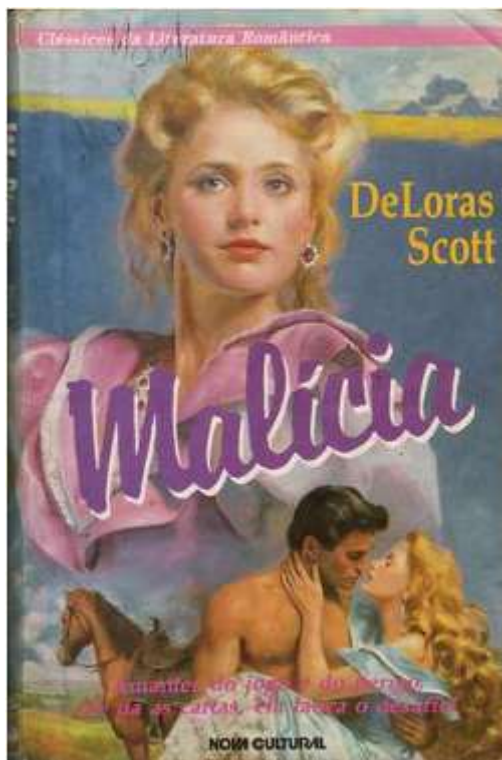


DeLoras Scott – Malícia



Copyright 1990 by DeLoras Scott

Publicado originalmente em 1990 pela Harlequin Books, Toronto, Canadá.

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução total ou parcial, sob qualquer forma.

Esta edição é publicada por acordo com a Harlequin Enterprises R.V.

Todos os personagens desta obra, salvo os históricos, são fictícios. Qualquer outra semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Título original: Fire and Ice

Publicado originalmente pela Editora Nova Cultural em 1990

Tradução: Cecília Florence Borges Rizzo

Editor: Janice Florido Chefe de Arte: Ana Suely S. Dobón Paginado r: Nair Femandes da Silva



Copyright para a língua portuguesa: 2000
EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

Digitalização: Afrodite

Revisão: Ericka

Resumo:

Amantes do fogo e do perigo, ele dá as cartas, ela lança o desafio!

O passado de Jéssica justifica suas atitudes surpreendentes. Cínica, não tem escrúpulos em verter lágrimas quando seu coração exulta, nem de gargalhar quando amarga um terrível revés.

Cinco anos no submundo do jogo e das trapaças haviam lhe ensinado lições que preferia esquecer. E não pode.

O famoso pistoleiro King Lancaster consegue raptá-la quando Jéssica corria em fuga, buscando o impossível sonho de viver em paz.

Ágil, esperto e atraente, ele a desafia a usar de todos os artifícios para escapar do castigo que lhe impõe. Pois King pretende não só cobrar uma dívida de jogo: quer derreter com o calor de seus braços o gelo que envolve o coração de Jessy.

PRÓLOGO

Kansas, 1878

O ar enfumaçado do bar recendia a uísque, corpos sujos e perfume barato de mulheres mal pintadas. Tiros de pistolas, disparados por vaqueiros, jogadores e malandros de má índole, haviam transformado o teto numa peneira. Nessa noite já tinham ocorrido várias brigas, porém os jogadores de pôquer, a uma mesa num canto afastado não tomavam

conhecimento do barulho e não desviavam a atenção das cartas.

– Estou fora – anunciou B.J., um homem ruivo. Jonathan olhou para o outro lado da mesa onde se sentava o último jogador além dele. O estranho prendia o charuto entre os dentes e mantinha os olhos semicerrados por causa da fumaça. No rosto bronzeado de sol não se divisava expressão alguma.

– Quinhentos – disse Jonathan ao empurrar o resto de dinheiro de que dispunha para o centro da mesa.

O desconhecido fitou a pilha considerável a sua frente.

– Pago para ver. Os seus quinhentos mais mil.

Jonathan sentiu a respiração brotar nas têmporas.

Sinal de excitação. Os três valetes na mão, sem dúvida, o fariam vencedor.

– Você aceita um vale? – indagou.

Os olhos castanhos do homem bronzeado o fitaram por um instante.

– O que dá em garantia?

– O colar de rubis e brilhantes de minha mulher. Vale bem mais do que mil.

O estranho soltou uma exclamação de dúvida.

– É verdade – afirmou o comerciante ao lado de B.J. – Já vi a jóia.

– Muito bem. Mas trate de não fugir ao compromisso, caso perca. Costumo cobrar o que me devem.

A voz sem inflexão e em tom muito baixo inquietou Jonathan.

– Isso é um insulto – reclamou. – Não faz parte de meus hábitos deixar dívidas pendentes.

Assim que o vale foi assinado, os dois jogadores mostraram as cartas.

Os três valetes perderam para uma sequência completa do mesmo naipe.

Após recolher toda a pilha de dinheiro, o desconhecido, vestido de preto, empurrou a cadeira para trás e levantou-se.

– Por esta noite, chega – declarou.

– Você não pode ir embora sem nos dar uma chance de recuperar o que perdemos – protestou B.J. bravo.

Num gesto automático, o estranho baixou a mão para o cabo da arma no coldre.

– Não se afobe moço, não quis ofendê-lo – garantiu B.J. depressa. – Quem sabe,

amanhã à noite – sugeriu.

– Talvez.

Quando o homem enfim se afastou, um vaqueiro tomou o lugar desocupado à mesa. Nervoso ainda, B.J. deu uma risadinha.

– Um tanto enfezado, não acharam? Vamos trocar as cartas. Partida nova, baralho novo, não concorda? – perguntou, olhando para o vaqueiro.

Jogaram por uma hora, Jonathan e B.J. ganhando quase todas as rodadas. Desconfiado, o vaqueiro acusou-os de usar cartas marcadas. Discutiram e ele acertou a questão sacando a arma e disparando em Jonathan. Antes, porém de apontá-la a B.J. este atirou-lhe à queima-roupa. Morto, o rapaz caiu no chão.

– Jonathan, está muito ferido? – B.J. perguntou debruçado sobre o amigo.

Jonathan sabia que sua morte seria apenas uma questão de tempo.

Covarde e imprestável a vida inteira, de repente sentiu uma ponta de coragem.

– Vou ficar bom. Só me leve para casa. Jessy saberá que providências tomar.

CAPÍTULO I

Com um olhar furtivo, Jéssica Turner verificou se não havia mais ninguém no necrotério. Como, de fato, estivesse só, guardou o lençinho de renda com o qual fingia enxugar as lágrimas. Satisfeita, olhou para o caixão a alguns passos de distância e disse em voz comedida:

– Pois é, Jonathan, sua morte cutucou um vespeiro com vara curta. Hoje, bem cedinho, seus credores apareceram lá em casa. Levaram tudo, até a carroça, a vaca e o seu cavalo de estimação. Chegaram ao cúmulo de rasgar o colchão a facadas, certos de encontrarem o dinheiro que ganhou com a jogada. B.J. sempre exerceu má influência e eu o avisei para se livrar dele, mas você não me deu ouvidos.

Jessy deu um soluço e riu um pouco antes de continuar no mesmo tom de voz baixo:

– Não tenho do que reclamar. Como marido, você não servia, mas cuidou de mim quando meus pais morreram. É tão bom saber que estou livre agora!

Jessy prendeu a mecha dos cabelos muito loiros que se havia soltado do coque da nuca e abaixou-se para apanhar um frasco na bolsinha largada no chão junto à cadeira. Os olhos encheram-se de lágrimas quando engoliu o uísque. Tossiu e respirou fundo até passar o efeito da bebida. Ao ouvir passos vindos do fundo do necrotério, guardou a garrafinha na bolsa e pôs-se a chorar alto.

– Os homens já chegaram para levar o corpo ao cemitério – avisou Harry, o agente funerário, com a mão em seus ombros. – Não chore. Não gosto de vê-la triste. Jonathan não merece suas lágrimas.

Jessy curvou a cabeça e suspirou.

– Como pode dizer uma coisa dessa, Harry? Embora Jonathan tenha me deixado sem um centavo, era meu marido.

– Tem razão. Desculpe. Ainda bem que o pastor encontrava-se de passagem por aqui, caso contrário Jonathan não teria um enterro de acordo com a lei divina.

– Foi muita sorte mesmo – concordou Jessy ao sufocar mais um soluço provocado pela bebida. – Bem, estou pronta – murmurou com voz sentida.

Ao sair da pequena construção de madeira, ela sentiu-se atordoada. “Ninguém mandou você abusar do uísque de Jonathan”, repreendeu-se.

Fez um esforço e focalizou o olhar. Do outro lado da rua e à porta do bar, Jessy viu um homem alto com calça e colete pretos. O chapéu, da mesma cor, tinha uma tira de prata, à base da aba, que reluzia ao sol. Embora estivesse bem puxado sobre o rosto, Jessy teve certeza de estar sendo observada pelo desconhecido. Então, tudo rodopiou a sua volta.

Quando começou a recobrar os sentidos, Jessy ouviu a voz irritadiça da Sra. Tinker.

– É uma vergonha! Pode-se sentir o cheiro forte de uísque, embora o marido nem tenha sido enterrado ainda!

Jessy entreabriu os olhos e viu Betsy, a mulher de Harry, debruçada sobre ela com olhar bondoso.

– Você está bem, minha cara? – perguntou.

– Caso não esteja, não é de tristeza.

Jessy fitou Myrtle Tinker, a defensora voluntária dos bons costumes da cidadezinha de Bingt. Gostaria de mandar aquela mulher pura o inferno, mas, em vez disso, aceitou a mão estendida de Harry e levantou-se. Apesar de continuar atordoada, conseguiu

equilibrar-se em pé. Olhou para o outro lado da rua e notou que o homem vestido de preto havia desaparecido.

Sentindo-se mais sóbria, mas ainda aceitando o amparo de Harry, ela limpou a terra do vestido negro de luto.

– Estou bem, agora – garantiu à meia dúzia de pessoas à volta.

Terminado o enterro de Jonathan, Betsy e Harry ofereceram-se para levá-la até em casa, porém Jessy não teve oportunidade de aceitar a gentileza.

– Como o melhor amigo do falecido, vou levá-la para casa – declarou B.J.

Por não querer provocar discussões, Jessy subiu na charrete alugada sem dizer uma única palavra. Sentou-se o mais longe possível de B.J. A cabeça latejava de dor provocada pelo uísque ou, talvez, pela tensão das últimas horas.

Durante o trajeto pela estrada de terra, Jessy refletiu sobre o homem ao lado. Billy Joe Johnson tinha mudado muito pouco nos treze anos em que se conheciam. Os cabelos ruivo-claros continuavam desgrehados, e a pele do rosto avermelhava-se em vez de bronzear sob o efeito do sol. Sardas grandes e escuras davam a impressão de sujeira. Embora não fosse alto, era atarracado e forte.

Ainda crianças, quando viajavam no comboio dos carroções, o da família Johnson seguia dois adiante do seu. Aos quatorze anos, B.J. já demonstrava uma certa crueldade e lhe causava transtornos.

– Naturalmente, vou passar a noite com você.

– Por quê? – indagou Jessy surpresa.

– Precisa de mim para tomar conta de você. Logo saberá o que significa ter um homem de verdade em sua cama. Todos esses anos cansei de lhe dizer que se casou com o homem errado. Amanhã mesmo, vamos procurar o pastor, antes de ir embora, para nos casar. Não vai demorar muito para ficar grávida.

Amedrontada e vulnerável com a morte dos pais, Jessy havia concordado em se casar com Jonathan. Todavia, agora estava mais velha e experiente e preferia morrer a ter de se casar com um indivíduo do tipo de B.J.

– Tenho vinte e três anos, Billy, e quero viver sozinha por uns tempos – declarou com franqueza. Mas, ao constatar a expressão sombria de B.J. acrescentou depressa: – Não estou querendo dizer que não vou me casar com você, claro. Eu seria uma tonta se

rejeitasse o proprietário de tantas terras.

Billy soltou uma gargalhada estridente e os olhos pequenos não esconderam a expressão de prazer.

– De fato, você não seria uma perfeita idiota! Ainda bem que demonstra um pouco de bom senso. Esperei tempo demais para ouvi-la dizer que se casará comigo – afirmou ele ao colocar, num gesto possessivo, a mão em sua coxa.

Jessy apertou os lábios com força e virou o rosto. Sentia-se incapaz de continuar olhando para aquele sujeito asqueroso. Um movimento na distância da terra plana chamou-lhe a atenção. Apesar do sol da tarde contra o rosto, conseguiu vislumbrar a silhueta de um cavaleiro montado num cavalo cinzento. O colete preto destacava-se contra a camisa branca.

– B.J., você conhece aquele homem?

– Quem? – perguntou Billy olhando para a direção apontada por Jessy.

– Ele deve estar atrás daquelas árvores.

Billy puxou as rédeas e parou o cavalo.

– Não vejo ninguém – disse quando a poeira as sentou. – Ele cavalgava depressa?

– Pensando bem, o homem mantinha o mesmo passo que nós – Jessy respondeu ao sombrear os olhos com as mãos a fim de ver melhor, mas B.J. punha novamente a charrete em movimento.

– Imaginação sua. Ele já teria deixado as árvores para trás. Você está nervosa.

Talvez B.J. tivesse razão, refletiu. Fazia muitas horas que estava sob forte tensão. Quando pararam em frente ao casebre onde morava, Jessy irritou-se ao ver o amigo do marido começar a descer da charrete. Determinada a impedi-lo, segurou-o pelo braço.

– Um momento, Billy. Ainda estou aborrecida com a morte inesperada de Jonathan.

– Vá para o inferno! Você nunca ligou para ele!

Ao observar-lhe os olhos pequenos já meio baços de desejo, ela teve de morder a língua para não xingá-lo.

– Por favor, Billy – implorou com humildade proposital. – Me deixe sozinha esta noite. Amanhã, demonstrarei o quanto sou grata por sua consideração. Por favor. – repeliu ao notar-lhe a hesitação.

– Amanhã à noite?

– Certo. Sei que você já esperou tempo demais, porém é homem suficiente para agüentar mais um dia – Jessy argumentou com um sorriso cândido.

Ainda meio indeciso B.J. ponderou por uns instantes antes de responder:

– Está bem. Apareço aqui amanhã à noite lá pelas oito horas.

– Muito obrigada, Billy – agradeceu Jessy continuando a sorrir ao descer depressa da charrete.

Esperou até B.J. afastar-se e então, com expressão de nojo, cuspiu no chão.

– Maldito! – exclamou brava.

Entrou em casa e percorreu o olhar pelo único cômodo. Ainda se sentia chocada ao vê-lo vazio como os credores do marido o tinham deixado.

– Precisamos ter uma conversa.

Assustada com a voz grave e baixa, Jessy virou-se depressa. Deparou-se com um homem alto, encostado no batente da porta. Um arrepio de medo percorreu-lhe a espinha. Tratava-se da primeira vez em que via as feições do desconhecido, porém o reconhecia pelas roupas. Não era tão bonito como Jonathan. O rosto de linhas firmes, mais magro e atraente, exibia virilidade indiscutível. Até a cicatriz ao longo do queixo acrescentava certo encanto. Contudo, os olhos castanho-escuros a atemorizavam. O sexto sentido avisava de que esse homem poderia ser muito perigoso. Disposta a não revelar a reação provocada pela visita inesperada, ergueu os ombros numa atitude de desafio.

– Não temos nada para conversar. Eu não o conheço e não gosto de ser seguida.

Ele sorriu devagar e perguntou:

– Como eu poderia descobrir onde morava sem segui-la?

O que haveria de querer o desconhecido? Indagou-se Jessy. Sabia estar à mercê dele. A única arma no casebre, uma pequena pistola, não estava ao alcance. Só lhe restava tentar blefá-lo e escapar ele qualquer nova complicação. Nas últimas horas, não havia feito outra coisa.

– Você não tem nada a fazer em minha casa. Exijo que saia imediatamente daqui.

– E se eu não a atender?

Embora não houvesse se mexido um centímetro sequer, ele era o homem mais intimidador que Jessy já vira. Os ombros largos tomavam quase o espaço da porta aberta. Não obstante, Jessy manteve a pose.

– Você afirmou que precisamos conversar: Diga logo do que se trata e vá embora. Se veio para me roubar, chegou tarde. Não restou nada.

O estranho riu alto. Observou-a da cabeça aos pés e, depois o rosto. Jessy estremeceu.

– Ah, posso citar pelo menos dois estímulos bem agradáveis para eu me distrair – disse ele em voz morosa.

– Você não se atreveria! – murmurou Jessy ao dar um passo para trás.

– Moça, não me lembro de uma única coisa de que eu não seja capaz. Você é uma mulher linda! Nunca vi antes cabelos loiro-platinados nem olhos da cor da violeta. Interessantíssima essa combinação!

A raiva dominou Jessy e as mãos cerraram-se ao longo do corpo.

– Lutarei até um de nós morrer!

– Duvido – disse ele arqueando as sobrancelhas.

Jessy viu-o baixar a cabeça a fim de não batê-la no batente da porta e entrar no aposento. Este, se já era pequeno antes, diminuiu com a presença ameaçadora. Ela sentia-se como um animalzinho em perigo à procura de um buraco para se esconder. Só então notou o cinturão de armas à volta dos quadris estreitos. O coldre exibia um calibre 45 e estava amarrado à coxa no estilo de pistoleiros.

– Vim apenas para buscar algo, Jéssica Turner. O colar – declarou ele não mais sorrindo.

– Que colar?!

– Aquele que seu marido apostou e perdeu num jogo de pôquer – esclareceu o homem.

– Você deve estar louco! – protestou Jessy.

– De jeito nenhum. Na noite em que foi baleado, seu marido jogou comigo e assinou um vale dando o colar como garantia. Ele perdeu e eu vim receber – informou ao mesmo tempo que tirava um papel do bolso a fim de lhe mostrar.

– Mesmo se eu tivesse o colar, o que não acontece, não o daria a você.

– Pois olhe, ou o colar ou mil dólares. Entregue um dos dois e eu vou-me embora.

Jessy sorriu irônica.

– Perdeu o seu tempo e o meu. Não tenho nada a ver com o que meu marido fez.

Nunca tive um colar desse valor. Como pode ver, também não possuo mil dólares. Os credores de Jonathan me deixaram sem nada – afirmou com um gesto para o aposento vazio.

– Moça, conversei com várias pessoas na cidade. Algumas delas viram você com a tal jóia e os homens que aqui estiveram não a encontraram. O jogo acabou. Seu marido está morto e o colar me pertence. Você, Jonathan e B.J. eram parceiros.

– Não seja ridículo! Nem sei jogar pôquer!

– Não precisava. Você era isca. Você e o colar.

A essa altura, Jessy já havia percebido que o desconhecido não tinha intenções de se impor fisicamente a ela e isso lhe deu certa coragem.

– Tudo não passa de um grande mal-entendido – murmurou chorosa ao apanhar o lençinho de renda. – De fato existia um colar que Jonathan me pedia para usar. Tratava-se de uma imitação de jóia verdadeira e nem sei que fim levou. Nem por sombra imaginava que meu marido o usasse para fins escusos de jogatina. – Deu um sorriso tímido e continuou:

– Lamento muitíssimo que tenha perdido seu dinheiro, mas, com toda a sinceridade, sou inocente. Embora meu marido gostasse de jogar, sempre o condenei. Para mim, essa atividade é do demônio. Sabe, meu pai era pastor e me ensinou que o jogo é um grande pecado.

Jessy começou a soluçar baixinho.

– Por favor, vá embora. Tive um dia horrível. Acabo de enterrar meu marido e preciso ficar sozinha.

– Está bem. Eu vou, porém volto amanhã.

No mesmo silêncio em que havia chegado, o desconhecido saiu. Jessy fechou logo a porta e colocou a tranca.

– Será um verdadeiro milagre se eu sobreviver a este dia – queixou-se em voz alta.

Certa de não ser mais molestada, sentou-se numa cadeira velha e dura e pensou em Jonathan. Embora tentasse, não conseguia sentir pena do marido assassinado. Finalmente, ela encontrava-se livre e esse constituía o ponto mais importante dos últimos acontecimentos. Durante os cinco anos de casamento, passara a detestar Jonathan quase tanto quanto odiava B.J. Apesar de possuir boas terras, o marido jamais pensara em

trabalhar nelas. Seu único interesse resumia-se ao jogo. Jessy revoltava-se com a maneira de Jonathan contar vantagens sobre baralhos marcados que o ajudavam a ganhar um bom dinheiro. Entretanto, fugia assustado quando um parceiro o desafiava.

Jessy sorriu. Em relação a mulheres, Jonathan tentava provar a virilidade por meio da força, uma das muitas coisas ruins aprendidas com B.J. Após a noite do casamento, ela passara a fazer cenas e havia jurado que o mataria enquanto dormia caso se atrevesse a tocá-la novamente. O marido tinha acreditado e nunca mais a importunara, apesar de B.J. classificá-lo como um perfeito idiota.

Jessy percebeu que já havia escurecido. Levantou-se e acendeu uma vela. Chegava o momento de começar a agir. Despiu o vestido preto de luto e pôs as roupas de Jonathan que havia deixado sobre a cama. O leve perfume de água de lavanda usada pelo marido ainda recendia da camisa.

Em seguida, soltou os cabelos e fez uma única trança atrás que prendeu com um pedaço de barbante. Pronta para ir embora, lançou um último olhar pelo aposento miserável e apagou a vela.

Ao atravessar o terreiro atrás da casa em direção ao banheiro, forçou-se a andar bem devagar. Não desejava levantar suspeitas caso B.J. houvesse mandado alguém espioná-la. Duas coisas estavam a seu favor, havia umas poucas nuvens no céu e a lua ainda não tinha nascido. No cubículo apertado, Jessy esperou cerca de dez minutos. Então, olhou pelo buraco de ventilação na porta. Como não visse ninguém, saiu e dirigiu-se à árvore frondosa a alguns metros de distância nos fundos do terreiro. Protegida pelas sombras abaixou-se e ficou à espreita de qualquer movimento inesperado na vizinhança. Nada! Sua animação começou a crescer. Encontrava-se quase livre! Sem hesitação, deixou o esconderijo.

Jonathan havia lhe dito que, tão logo a notícia de seu ferimento a bala se espalhasse na cidade, os credores apareceriam à procura de dinheiro. Graças ao aviso, ela se preparara. Havia estocado alimentos e prendido a mula bem longe de casa. Depois, tinha enterrado a valise de couro de Jonathan com o dinheiro ganho no pôquer e o colar escondido no fundo falso. A pouca roupa de que precisaria empilhara bem apertada na parte de cima.

CAPÍTULO II

Riscas amarelas e alaranjadas no horizonte anunciavam o amanhecer. Jessy, porém, continuava a instigar a mula a ir em frente. Certa de que B.J. estaria vasculhando as redondezas de Binge, resolvera pelo caminho mais rápido de fuga. Dirigia-se a Atchison, onde tomaria o trem para Kansas City. Todavia, encontrava-se muito longe ainda da localidade e precisava colocar a maior distância possível entre si e o perseguidor.

Com o corpo dolorido, mexeu-se na sela de madeira. Duvidava se conseguiria sentar-se novamente por uns bons dias. Mas conquistara a liberdade e pretendia preservá-la. Logo estaria em Kansas City com dinheiro bastante para comprar roupas novas. Ansiava por conhecer a cidade sobre a qual Jonathan lhe falara tantas vezes. Fazia parte de seus planos adquirir uma casa ampla cujos quartos alugaria para moças e rapazes. Dessa forma, garantiria o seu sustento. Não esperava levar a vida confortável conhecida na infância em Tennessee. Essa época feliz e despreocupada havia muito virado apenas lembrança.

Já eram quase três horas da tarde quando Jessy finalmente parou à margem de um riacho. Embora detestasse a idéia, precisava dormir um pouco. Vinha cochilando com frequência e duas vezes, por um triz, não caíra da sela. Em tais condições, não conseguiria percorrer nem mais meio quilômetro.

A área continha árvores frondosas e vegetação baixa que lhe proporcionariam esconderijo e proteção contra o sol escaldante.

Após levar a mula para beber água e prendê-la, Jessy estendeu um cobertor no chão. Mal se acomodou sobre ele, já dormia a sono solto.

Acordou assustada com o relinchar do animal, contudo relaxou ao lembrar-se de onde se encontrava. Um olhar rápido à altura do sol no céu indicou-lhe que dormira umas duas horas, apesar de ter a impressão de haver cochilado apenas por poucos minutos. Sentia o corpo todo dolorido, no entanto sabia da urgência em continuar a viagem.

O reflexo do sol na água chamou sua atenção. A transpiração e a poeira no corpo provocavam-lhe uma sensação desagradável como se não tomasse banho há semanas. Um mergulho rápido não atrasaria sua chegada a Atchison e a água poderia aliviar os músculos doloridos. Além do mais, o riacho fazia curvas nas duas extremidades, o que dava uma certa privacidade àquele trecho. Resoluta, Jessy despiu-se.

Embora tépida, a água estava fria e estimulante em contraste com sua pele quente. Caminhou até o centro do riacho e sentou-se apenas com a cabeça acima da superfície. Riu divertida como uma criança e, apoiada nos calcanhares, rodopiou enquanto esborrifava água no rosto. De repente, as mãos em concha paralisaram-se no ar. Em pé, à margem do riacho, encontrava-se o pistoleiro. A mão direita firmava-se no cinturão e a esquerda segurava suas roupas.

– Acho bom sair daí e vir conversar sobre o dinheiro que me deve – sugeriu ele.

– Nem em sonhos – declarou Jessy. – Vá para o inferno! Não pretendo me mexer enquanto não sumir daqui.

– Não estou com pressa – afirmou ele dirigindo-se à mula presa.

Para horror de Jessy, o desconhecido soltou o animal e deu-lhe uma boa tapa na anca. Como se houvesse visto uma cascavel, a mula desapareceu a trote.

– O que você fez? – gritou Jessy.

O estranho sentou-se e apoiou o corpo nos cotovelos.

– Quanto tempo pretende ficar na água?

Furiosa, Jessy negou-se a responder. Como prosseguiria a viagem até Atchison sem montaria? Indagou-se.

Ao anoitecer, Jessy sentia-se enregelada. Os dentes batiam e a pele cobria-se de arrepios. Não sabia quanto tempo mais agüentaria dentro do riacho, porém a idéia de deixá-lo continuava intolerável. Gostaria muito de sentar-se junto à fogueira acesa pelo pistoleiro e tomar uma caneca do café acabado de ser coado.

Enquanto ouvia a cacofonia distante dos coiotes, Jessy analisava a situação. Reconhecia não ter outra escolha senão deixar a água. Isso, contudo, não facilitava nada. O tempo passado ali só servira para enrugá-lhe a pele e deixá-la com a aparência de maçã seca. Sem dúvida alguma, o estranho não tinha a intenção de ir embora. Ele havia sumido algumas vezes, mas sempre por poucos instantes. Tinha desencilhado o garanhão cinzento, catado lenha, acendido o fogo e feito café. O resto do tempo permanecera sentado à margem do riacho e sobre suas roupas. Como mantivesse o chapéu caído na testa, tornava-se impossível descobrir se ele dormia ou não.

O fato de o desgraçado vencer o impasse irritava Jessy profundamente. Teria tentado fugir nua mesmo, se não se negasse a abandonar a valise de couro com o dinheiro e

o colar.

– A água está convidativa – declarou o pistoleiro de repente, livrando-se das botas.
– Fez muito calor hoje e eu gostaria de me refrescar. Já que não quer sair daí, vou fazer-lhe companhia.

– Não! – gritou Jessy.

Em pé, ele tirou o colete. Quando já desabotoava a camisa, Jessy rendeu-se.

– Está bem! Vou sair!

– Pois trate de andar depressa, moça!

– Primeiro, vire-se de costas!

– Não concordo Jessy querida. A minha paciência tem de ser recompensada.
Mereço um momento de prazer.

Jessy levantou-se e correu tentando cobrir o corpo trêmulo de frio com os braços.

– Até que enfim, a sereia deixa o esconderijo – o pistoleiro comentou enquanto lhe percorria a silhueta com o olhar. – A espera valeu à pena, reconheço.

Tão logo se aproximou do cobertor, Jessy atirou-se sobre ele. Com um movimento rápido, procurou a pequena pistola escondida ali. Nada! Desesperada, passou a mão pela peça toda, porém a arma havia desaparecido. Ao ouvir a risada caçoísta do homem, sentiu-se tão humilhada quanto ao fato de ser forçada a exhibir-se nua a ele. Depressa, enrolou-se no cobertor, aliviada, pelo menos, por agasalhar-se.

– Vá para o inferno! – praguejou.

– Ora, ora! Palavras rudes para lábios tão lindos! E, ainda por cima, da filha de um pastor!

O tom sarcástico levou Jessy a agir. Cobriu o rosto com as mãos e começou a soluçar.

– Tem razão. Meu pobre pai se viraria na cova se me ouvisse falar dessa forma. Mas quanto uma mulher pode suportar? – perguntou e mordeu o lábio com força a fim de provocar lágrimas. – Você tem de admitir ter passado dos limites em me castigar dessa forma. Por favor, vá embora. Não tenho colar algum.

Jessy quase engasgou ao ouvir som de palmas.

– Parabéns, você é uma boa atriz, mas desperdiçou a encenação toda comigo.

Ela descobriu o rosto e viu o homem dirigir-se ao fogo e servir uma caneca de folha

com café. Para surpresa sua, ele deu-lhe a bebida. Ofereceu ainda carne-seca e uns biscoitos tirados da mochila na sela. Após se alimentar e beber mais duas canecas de café, Jessy sentiu-se bem melhor.

– Muito obrigada. Agora vou me vestir – declarou irônica ao homem sentado num tronco a poucos passos.

– Lamento muito, Jessy. Esta noite, terá de se contentar com o cobertor. Não confio em você.

Irritada, Jessy contraiu os músculos. Não havia jeito de tapear esse homem. Pelo menos, ele não havia encontrado o colar e o dinheiro, pois, senão, já teria ido embora.

– Eu esclareci tudo o que sabia. Por que não acredita em mim e me deixa em paz?

– Porque, desde que nos encontramos você não fez outra coisa senão mentir. Não é verdade? Moça, estou até o pescoço com você. Vamos esclarecer uns pontos. Seu pai não foi pastor de jeito nenhum. Quanto à sua tristeza fingida, esqueça. Ela não me comoveu. Você já lançou mão de todos os truques femininos, exceto um, para me tapear. Nem sei como não tentou me seduzir e me levar para a sua cama com o intuito de me fazer mudar de idéia.

– Ninguém fala comigo assim, seu...

– Não gosto de pessoas que procuram escapar com algo meu. O fato de você ser mulher não pesa na balança quanto à maneira de eu resolver a situação.

O tom de voz e a expressão dos olhos castanhos não deixaram dúvidas em Jessy com relação aos propósitos do pistoleiro. Não obstante o medo que sentia, recusava-se a abrir mão do que considerava seu por direito. Numa atitude de desafio, ergueu o queixo.

– Pode me matar, se é essa a sua intenção – declarou, cheia de coragem. – Provavelmente faria isso, mesmo se eu tivesse o que deseja.

O homem sorriu com crueldade.

– Há outras maneiras de se perder a vida sem ser por meio da morte.

– Não entendi a ameaça.

Ele não respondeu e dirigiu-se até a margem do riacho. Enquanto se encontrava de costas, Jessy procurou depressa algo com que se defender. Encontrou uma pedra de bom tamanho e enfiou-a debaixo do cobertor no momento em que o homem já se virava outra vez.

– Quer mesmo saber? – indagou o pistoleiro.

– Não.

– Muito bem – disse ele sem desviar os olhos de seu rosto. – As pessoas da cidade tinham razão a seu respeito.

– Mas eu...

– Cale a boca e deixe-me terminar. Você é tão desonesta e fingida quanto qualquer vagabunda que já conheci e usa sua beleza para escapar das confusões – declarou, com a mão no cabo da arma.

– Ora, e quem é você para falar assim de mim? Um pistoleiro e jogador!

Jessy sentia-se em grande desvantagem, sentada no chão e sem um fiapo de roupa sob o cobertor enrolado no corpo.

– Sei que não tem nada de valor porque revistei suas coisas – informou ele sem dar importância a seu comentário. – Então, por que saiu às escondidas de casa e vai para Atchison?

Foi um choque perceber que ele a tinha seguido. Havia sido tão cautelosa e imaginara que o encontro ali não passara de falta de sorte. Talvez se lhe contasse parte da verdade, ele começaria a acreditar em sua história.

– Estou fugindo de B.J.

Um riso sonoro encheu o ar.

– Qual é a graça? – Jessy quis saber.

– Uma desertora entre ladrões?! Francamente, Jéssica Turner, reconheço sua audácia! Quantos mais estão em seu encalço? – perguntou irônico.

– Ninguém mais.

– Acredito nisso tanto quanto na mentira de estar fugindo de seu amante RJ.

Se pudesse, Jessy estrangularia esse homem desaforado.

– Agora, deite-se – ordenou ele.

– O quê?!

– Deite-se – repetiu exasperado. – Amanhã, vou decidir o que fazer com você.

Jessy pensou em recusar-se a obedecê-lo, contudo achou de bom alvitre mostrar-se dócil. Talvez conseguisse fugir quando o desgraçado já estivesse dormindo. Acomodou-se de lado e de costas para ele. No instante seguinte, sentiu um braço vindo de trás prendendo-

a pela cintura. Tentou escapar, porém a força do homem a imobilizou..

– O que está fazendo? – indagou furiosa.

– Tomando minhas precauções. Quero ter certeza de que você vai passar a noite aqui. Trate de dormir.

– Tire suas mãos sujas de mim! – protestou Jessy, esforçando-se para empurrá-lo com os pés, mas o cobertor enrolado nas pernas tolhia-lhe os movimentos.

Obstinada, continuou a lutar, mas o domínio físico do pistoleiro era absoluto. Em pouco tempo, ela mal conseguia respirar.

– Se continuarmos assim, Jessy, logo, logo estaremos entretidos com uma atividade muito mais agradável – murmurou ele a seu ouvido. – Não será o que deseja?

Um misto de pânico e raiva a dominou. Sem querer, a mão tocou a pedra escondida. Com um grande esforço, ela explicou com voz calma:

– Olhe, eu preciso ir... Bem, você sabe o que quero dizer. Não vou demorar.

Houve uma longa pausa. Finalmente, ele concordou.

– Está bem. Vá num pé e volte no outro. Não tente fugir. Sabe que a encontrarei até no inferno, se for preciso.

Jessy sentou-se. De posse da pedra, concentrou todo o esforço de que era capaz e girou o braço. A pancada atingiu-o em cheio na cabeça com um ruído seco. Ele amoleceu o corpo e ficou imóvel.

– Meu Deus, matei o homem! – exclamou ela baixinho ao tocá-lo no peito.

Aliviada, percebeu as batidas fortes do coração. Ele continuava vivo, apenas perdera os sentidos.

Jessy levantou-se depressa. Com os dedos trêmulos vestiu-se e encilhou o garanhão. Ao pegar a maleta de couro, ouviu o pistoleiro gemer. Sem perda de tempo, pulou na montaria e partiu a galope.

Jessy, durante a vida toda, cavalgara muito pouco e logo percebeu a dificuldade em controlar um cavalo fegoso. Foi à custa de muito esforço que puxou as rédeas e mudou o galope para trote. Também não se acomodou a ele e acabou indo a passo. Afinal, o pistoleiro agora se encontrava sem montaria. Como ele havia adivinhado seu destino, mudou de direção e seguiu para o sul. Apanharia o trem em Topeka.

Desde a morte de Jonathan, nada estava dando certo. Agora, via-se forçada a

aumentar o percurso em vários quilômetros. Embora afirmasse sua inocência, as acusações do pistoleiro faziam sentido. Muitas vezes ouvira boatos a respeito de seu relacionamento amoroso com B.J. e sobre o auxílio que prestava a ele e a Jonathan nos negócios desonestos de ambos. Naturalmente, tudo não passava de mentiras deslavadas. Todavia, jamais lhe passara pela cabeça que o colar da mãe também houvesse sido usado para os esquemas escusos dos dois malandros. A jóia constituía a única lembrança da família e dos bons tempos. Jonathan tinha prometido nunca apostá-la nas noitadas de pôquer e jamais lhe ocorrera que o marido utilizasse o colar como isca; Conhecendo-o bem, deveria ter desconfiado. Contudo, não existia nada que pudesse fazer agora. Sempre pensara nos rubis e brilhantes como símbolos do fogo e do gelo respectivamente. Nesse momento, considerava a imagem muito apropriada.

Quando avistou Topeka à distância, Jessy estava exausta, suja e morta de fome. Embora houvesse racionado os suprimentos da comida na mochila do estranho, comera a última migalha na véspera. Conduzir a montaria a passo tinha custado o seu preço.

Parou a montaria nas imediações da cidade, sob uma das árvores. Estava ansiosa para se livrar das roupas sujas do marido e pôr um vestido limpo. Entretanto, quando abriu a valise, encontrou-a vazia. Tomada pelo pânico, examinou a divisão secreta. O dinheiro e o colar ainda se encontravam lá.

Jessy atirou-se no chão, e, pela primeira vez depois da morte de Jonathan, deu vazão à raiva.

– Maldito! Maldito! Maldito! – gritou enquanto batia Com os punhos cerrados no chão. – Ele não tinha o direito de tirar minhas roupas da maleta!

Levou algum tempo para recuperar a calma. Embora ainda brava, voltou a montar e rumou para a cidade. Jessy jamais visitara centros urbanos grandes e Topeka deixou-a boquiaberta. Ao conduzir a montaria pela Kansas Avenue, seus olhos alargavam-se mais e mais. A via pública, com quarenta e cinco metros de largura, alongava-se a sua frente. Diligências, charretes, carroções e cavalos provocavam congestionamento de tráfego. Homens e mulheres apressados entravam e saíam das lojas. Ela gostaria de observar melhor os estilos dos vestidos, porém seu olhar não conseguia fixar-se por muito tempo em todas as novidades.

Ao prosseguir pela avenida larga, a atenção de Jessy foi tomada por dois homens parados à porta do Topeka Bank. Vendo-a, ambos começaram a falar e apontar-lhe o dedo. A princípio, Jessy pensou que eles comentavam o seu modo de vestir, mas logo percebeu tratar-se de algo diferente. Preocupada, instigou a montaria a um passo mais apressado.

Dois quarteirões adiante viu a Gordon House. Ciente de que um lugar para se hospedar e mudar de roupa constituíam prioridade, seguiu em direção ao hotel. Depois de instalada, voltaria à loja famosa.

Em frente ao espelho do quarto, Jessy rodopiou para admirar o novo vestido de linho verde, adequado para a viagem de trem. Não ligava muito para a moda, porém a vendedora da loja afirmara ser esse um ponto de muita importância na vida de uma mulher. Num gesto delicado, acariciou o vestido de baile que havia comprado num impulso de extravagância. Desculpava -se ao pensar em festas oferecidas em residências elegantes de Kansas City.

Jessy volveu o olhar para o topo da cômoda e sorriu ao ver a passagem de treino No dia seguinte, partiria para Kansas City. Embora houvesse gasto mais dinheiro do que deveria, as roupas, sapatos e chapéus garantiriam sua boa aparência. Mas teria de economizar na alimentação por uns tempos.

Uma batida forte na porta a sobressaltou. Uma segunda provocou estalos na madeira e a porta escancarou-se batendo de encontro à parede. Em pé, no umbral, encontrava-se o pistoleiro com fúria expressa nos olhos castanhos. As roupas estavam cobertas de poeira e um hematoma arroxeadado sobressaía à sujeira da testa. O bom senso de Jessy aconselhava-a a fugir correndo, porém o corpo, paralisado pelo terror, não a obedeceu. Disse a primeira coisa que lhe veio à mente:

– Trouxe minhas roupas?

– Jéssica Turner, por bem menos muitos homens morreram. Se eu trouxe suas roupas?! Pelo jeito, você se virou sem elas. Onde arranjou dinheiro? Jogou pôquer ou atraiu algum otário para a sua cama?

Jessy não conseguia falar e respirava com dificuldade.

– Sente-se! – ordenou ele.

No mesmo instante, Jessy atirou-se numa cadeira.

– Como me encontrou aqui? – indagou num fio de voz. Passaram-se alguns

instantes antes de obter a resposta.

- Uns amigos reconheceram meu cavalo.
- Você mora aqui?
- Acertou Jéssica Turner, moro aqui.

Que grande falta de sorte, reconheceu Jessy. Por que tinha resolvido vir para Topeka? Sem pensar, olhou em direção à cômoda sobre a qual se encontrava a passagem para a liberdade. Horrorizada, viu o estranho apanhar o papel, examiná-lo e depois picá-lo em pedacinhos que atirou no ar.

Numa reação instintiva, Jessy correu para a porta, mas não foi tão rápida quanto o homem. Ele a segurou pelo braço e forçou-a a sentar-se novamente. Em seguida, fechou a porta.

- Jessy, minha cara, acalme-se. Desta vez, vamos conversar. Você não me escapa.

A voz baixa e ameaçadora aumentou-lhe o nervosismo. Numa atitude de calma que não a enganava, ele sentou-se numa cadeira em frente a sua.

O rosto sujo tinha um bom começo de barba. Esta, mais as marcas de fadiga, lembrava a aparência de um vaqueiro há muitos dias conduzindo o gado pelas trilhas. Todavia, a expressão do olhar mantinha-se alerta.

- Por favor...

– Olhe, pode me chamar de Cort afinal, já somos amigos íntimos – comentou ele com um riso maldoso.

– Lamento muito tê-lo agredido, porém eu não tinha outra saída para me livrar de você.

Em silêncio ele continuou a fitá-la.

- Vá para o inferno! Não posso ser responsabilizada pelos débitos de meu marido!

Nem um comentário sequer. Jessy suspirou desanimada.

– Está bem! Já que quer tanto o seu dinheiro maldito, darei uma parte dele – prometeu Jessy. Não pretendia entregar-lhe a quantia toda de que dispunha, pois, mesmo guardando um pouco para si, teria de empenhar o colar até se recuperar financeiramente. – Tão logo eu ganhe algum dinheiro em Kansas City, mandarei o resto.

– Não quero o dinheiro que você vai arrancar de algum pobre desgraçado. Você me pagará com o suor do seu rosto. Esqueça Kansas City. Fará calor no inferno antes de eu

deixá-la sair de Topeka.

Ele levantou-se e se aproximou. Com as mãos apoiadas nos braços da sua cadeira, curvou-se.

– Jéssica Turner, vou lhe oferecer três maneiras para conseguir me pagar. Poderá trabalhar como garçõete de um restaurante respeitado e de classe, ou ser minha criada. Sempre desejei ter uma belezinha encarregada de todas as minhas necessidades domésticas. A terceira escolha talvez seja mais do seu agrado. Terá de pintar bem esse rostinho e atender aos fregueses do meu bar. Linda como é, logo ganhará bastante dinheiro. Até eu serei capaz de ir experimentar os seus encantos.

No auge da fúria, Jessy levantou-se e acertou-lhe um pontapé na canela. Satisfeita, ouviu-o gritar de dor.

– O que sabe a meu respeito? – indagou indignada. – Nada, é claro. De forma alguma serei sua criada e jamais pisarei num bar!

– Nesse caso; sobrou o restaurante de Fred Harvey.

– Aposto como o lugar não passa de um bordel também! – disse Jessy, colocando uma certa distância entre ambos..

– Engana-se. O restaurante goza de excelente reputação. A minha dúvida é se você preenche os requisitos de Fred.

– Sinto muito desapontá-lo, Sr. Mandachuva. Não tenho a mínima intenção de trabalhar para ninguém. Vou deixar Topeka o mais depressa possível!

– Essa não é uma de suas opções, moça. Vou contar até três e então você dará sua resposta. Antes devo avisá-la sobre um detalhe. Se eu tiver de levá-la para trabalhar no meu bar, você não verá a luz do dia tão cedo!

– Não pode me forçar a trabalhar lá – protestou, mas com muito menos ênfase desejada.

– Um!

Jessy não conseguia se lembrar do nome do restaurante.

– Dois!

– Tudo bem! – gritou. – Eu como!

– Você o quê?

– Aceito trabalhar naquele lugar de comida – explicou massageando as têmporas

doloridas. Desejava esbravejar e enterrar as unhas naquele rosto de traços bem-feitos e expressão viril. Homens! Primeiro tinha sido Jonathan, depois B.J. e agora Cort sua vida jamais voltaria ao normal enquanto não se livrasse de todos eles.

– O seu salário virá diretamente para minhas mãos. Se perder o emprego, irá trabalhar no meu bar. Não tente fugir, pois estará sendo vigiada noite e dia. Tenho amigos lá dentro que manterão olho vivo em você a troco de gorjeta. Desta vez, pagará o seu débito.

– Por que essa atitude de Deus todo-poderoso? – Jessy indagou furiosa ao apertar as mãos a fim de se controlar. – Eu lhe disse toda a verdade! Não mereço suas acusações!

– Pare de representar e arrume suas coisas. Vamos já!

Jessy jamais experimentara derrota tão grande.

Sentada à frente de Corto sobre o garanhão cinzento, Jessy sentia-se constrangida. Seguiam em direção à estrada de ferro. Como houvesse mandado um menino comprar-lhe a passagem de trem para Kansas City, ela ainda não conhecia essa parte da cidade. Seus olhos quase pularam das órbitas ao ver um trem. Já tinha ouvido muitas descrições da máquina possante, porém nunca imaginara o tamanho descomunal. Fumaça negra escapava da chaminé em cima e vapor rodopiava à volta das rodas. Num dos lados estavam escritos os nomes Atchison, Topeka e Santa Fé.

Quando Cort parou a montaria ao lado de uma construção longa, de dois andares, Jessy viu homens de todos os tamanhos, idades e aspectos andando em várias direções. Foi tomada por um grande medo quando eles começaram a se virar para fitá-la. Chamados, galanteios e assobios pipocavam no ar. Uns tinham a aparência de trabalhadores e outros de malandros. Suas mãos começaram a tremer. O que a esperava ali?

– Esta é a estação da estrada de ferro – Cort informou ao desmontar. – Está com medo? – perguntou, notando-lhe a palidez.

Jessy endireitou os ombros e ergueu o queixo.

– Nem um pouco – garantiu quando ele a pôs no chão.

Após soltar os volumes de bagagem amarrados à sela, Cort indicou-lhe o caminho.

– A entrada fica ali, virando o canto do prédio.

Jessy mal o ouviu. Esperava que um dos homens mal-encarados a agarrasse a qualquer instante. Para surpresa sua, eles abriram caminho para os dois. Com certeza

temiam a arma de Corto Mesmo assim, manteve o olhar baixo e esforçou-se para não lhes ouvir as palavras. Ao alcançarem o lado da construção, suspirou aliviada.

– Lembre-se de meu aviso, Jéssica Turner. Não faço ameaças em vão. Outra coisa. Lá dentro, eu trato do assunto.

Ele abriu uma porta pesada e, ao transpô-la, Jessy viu-se num salão amplo cheio de mesas ocupadas por fregueses. De fato, tratava-se de um restaurante, reconheceu mais calma.

– Olá, sr. Lancaster – cumprimentou uma morena atraente. – Há quanto tempo não aparece por aqui. Veio jantar?

– Hoje não, Emma. Acabo de chegar à cidade e, como pode ver, não estou vestido de maneira adequada. Vim falar com a srta. Cragshaw.

– Vou avisá-la – disse Emma, olhando Jéssica de soslaio.

Alguns minutos depois, uma mulher alta, magra, de nariz adunco e pele pálida apareceu.

– Boa tarde, Sr. Lancaster. Em que lhe posso ser útil?

– Srta. Cragshaw, quero apresentar-lhe Jéssica Turner. Ela acaba de enviuar e precisa muito de um emprego. Sei como Fred Harvey é exigente com suas garçonetes, mas tenho certeza de que a Sra. Turner preenche todos os requisitos.

Jessy teve vontade de desmenti-lo, mas não se atreveu.

– A bem da verdade, Sr. Lancaster, estamos mesmo precisando de garçonetes. Mandamos algumas para Florence, onde o Sr. Harvey acaba de abrir um novo restaurante – informou a Srta. Cragshaw com certo orgulho antes de olhar para Jessy. – Para trabalhar aqui, você terá de assinar um contrato garantindo que não se casará pelo período de um ano informou fitando Cort também. – Isso não apresentará problemas?

– Não, de forma alguma – Jessy respondeu depressa. – Não tenho intenção de me casar novamente. Meu marido foi um homem maravilhoso. Duvido que outro possa lhe tomar o lugar – garantiu, sem dar importância ao olhar cético de Cort.

– Ótimo – disse a Srta. Cragshaw com um sorriso simpático. – Olhe, Jéssica, aqui somos muito exigentes com os regulamentos referentes a horários e namorados. Ninguém pode chegar depois das dez horas da noite, exceto em ocasiões especiais. Os homens com quem as moças saem devem gozar de boa reputação quanto ao caráter. Somos rígidos em

questão de moral.

Estranho, refletiu Jessy. Como a srta. Cragshaw podia respeitar um tipo como Cort, um jogador e pistoleiro.

– Seu salário será de dezessete dólares e meio por semana, mais cama e comida. Naturalmente, terá ainda as gorjetas.

Jessy foi tomada pelo desânimo. Com esse salário, levaria meses para pagar Corto

– Está de acordo? – perguntou a Srta. Cragshaw.

– Sim, senhora – respondeu Jessy, disposta a agarrar qualquer oportunidade que a afastasse desse homem maldito.

– Então, vou levá-la ao segundo andar.

– Um momento – interrompeu Cort – Jéssica deseja que seus salários sejam entregues diretamente a mim para eu poder investir o dinheiro.

Jessy mordeu a língua para não acusá-lo de mentiroso.

– Muito ajuizado de sua parte, Jéssica. Você não poderia ter escolhido melhor pessoa para esse encargo.

A pobre criatura estava muito iludida quanto a Cort, ponderou Jessy. O desgraçado ia tomar-lhe o dinheiro e apostá-lo em mesas de pôquer como Jonathan havia feito, antes de começar a roubar com baralhos marcados.

– Por aqui, minha querida – informou a srta. Cragshaw ao dirigir-se às escadas. – Tenho certeza de que vai apreciar muito ser uma Harvey Girl.

CAPÍTULO III

Cort sentiu Emperor, o garanhão fogo, forçar as rédeas ao alcançarem o território familiar. Todavia, manteve-o num passo moroso. Percorreu o olhar pelo gado pastando à esquerda do caminho e sorriu quando um dos vaqueiros o cumprimentou levantando o chapéu:

– É muito bom tê-lo de volta, patrão.

Cort também ergueu o chapéu e continuou. Após passar cinco meses cavalgando,

encontrava-se ansioso para chegar em casa. Finalmente, a viagem terminara.

Ao alcançar o topo de uma colina, parou a montaria. A um quilômetro e meio de distância, avistou a casa ampla, branca e de dois andares. Árvores altas emolduravam ambos os lados e, atrás, ficavam os estábulos e celeiros. Cort percorreu o olhar pelos campos. Eles se perdiam de vista. As terras da família Lancaster. As suas terras.

Foi tomado por um grande orgulho. Sem dúvida, até agora a vida lhe fora favorável. Satisfeito, soltou as rédeas e permitiu que Emperor galopasse.

Sheila conseguiu controlar o entusiasmo ao ver Cort entrar no salão. Momentos antes, dominada pelo tédio, postara-se à janela esperançosa de encontrar alguma distração. Avistara, então, o irmão aproximar-se a galope.

– Até que enfim o filho pródigo retoma ao lar! – exclamou alegre.

– Pelo jeito, maninha, você andou gastando dinheiro na minha ausência. Está de roupa nova?

Sheila rodopiou para que Cort pudesse apreciar melhor o vestido azul-claro.

– Gosta? – perguntou.

O irmão observou-a por um instante.

– Muito. Ele ressalta o azul de seus olhos e o negro dos cabelos – respondeu. – Acho melhor ir para seu quarto e trocar de roupa. Linda assim, deve atrair a atenção dos homens num raio de cem quilômetros – brincou ele.

Incapaz de conter-se por mais um segundo, Sheila aproximou-se de Cort e enlaçou-o pelo pescoço. Retraiu-se no mesmo instante..

– Pelo amor de Deus, Cort! Você está com um cheiro horrível! – reclamou, provocando-lhe o riso.

– Segui aqueles bandidos até o México. Não havia muitos lugares onde se pudesse tomar um banho decente.

– Trouxe nosso gado de volta?

– Não, Sheila. Mas garanto que os ladrões não repetirão o erro – disse ao beijá-la no rosto.

– Senti tanto a sua falta, Cort..

Sheila acompanhou-o com o olhar em direção ao aparador de carvalho onde ele se serviu de uma dose generosa de uísque. Suspirou baixinho. Por que tinha um irmão tão

determinado, seguro de si e atraente? Por causa dele, ainda não se casara. Seus pretendentes tinham medo de enfrentar “King” Lancaster, o apelido de Cort na região.

– Você faz idéia de como a vida fica monótona na sua ausência? – perguntou quando Cort se voltou novamente.

– Imaginei que todos aqui se sentissem mais à vontade sem a minha companhia.

– Não me importa a opinião dos outros. Quando você está fora, mamãe fica mais exigente com meu comportamento.

– Entendo, maninha. Que tal ir cavalgar comigo amanhã?

– Ela não se atreverá!

Contrariado, Cort fitou a silhueta esguia da mulher que acabava de falar ao entrar no salão. Como sempre, Marie vestia-se de preto e tinha os cabelos grisalhos repartidos ao meio e presos num coque à nuca. Os brincos e o broche de brilhantes atestavam a boa situação financeira da família Lancaster.

– É um prazer recebê-lo de volta em casa, Cortland – disse ela num tom áspero que desmentia as palavras. Negava-se a chamá-lo de Cort ou King, o apelido dado por amigos há alguns anos. – Suas maneiras deixam muito a desejar. Sabe muito bem que não gosto que entre armado em casa e, muito menos, que apareça com essas roupas imundas no salão. Desejo que se retire logo para seus aposentos. Estou esperando umas amigas para o chá. Você sempre me constrange e eu já cansei de apresentar desculpas pelos seus atos – declarou ela ao fitar o enteado.

– Você jamais desiste, Marie? – Cort perguntou ao bater com o copo numa mesinha. – Você me tenta a ficar aqui a fim de cumprimentar aquelas galinhas chocas que chama de amigas. Mas não se assuste. Não agüento esperar nem mais um minuto para tomar um bom banho. Desta vez, poupo-lhe o esforço de ter de se desculpar por minha causa.

– Podemos contar com a sua companhia no jantar, ou pretende voltar à cidade para suas saídas noturnas? – indagou Marie em tom irritado.

– Está com inveja, Marie? – Cort provocou rindo. – Geralmente quando pessoas maliciam e criticam certos tipos de comportamento é porque gostariam de assumi-los.

A expressão de Marie não mudou. Através dos anos, havia se acostumado aos comentários atrevidos do enteado.

– Embora não tenha consideração por mim, deveria pelo menos respeitar a presença

de Sheila. Sempre foi um patife e jamais mudará.

– Não seja injusta, mamãe – protestou Sheila.

– Quietinha, Sheila – Marie repreendeu. – Você deve ter sempre em mente o que o seu irmão realmente é. Só um malandro procuraria uma noiva pelo correio quando poderia se casar com a filha de qualquer família abastada desde Kansas City até o oceano Atlântico.

– Ah, Cort, não está mesmo levando a cabo esse plano não é? – perguntou Sheila.

– Para ser sincero, estou. Ela deve chegar daqui a um mês em Topeka. Se acertarmos os ponteiros, vamos nos casar.

– Não posso acreditar que tenha coragem de trazer uma desconhecida para morar na minha casa. Vou cair no ridículo e ser o alvo de piadas em todo o Kansas! – queixou-se Marie.

– Ah, minha querida madrastra, terei coragem, sim. Vou me casar porque quero um filho. Contudo, tomarei às devidas precauções para que minha mulher não me explore nem me domine como você fez com meu pai. Ela conhecerá o seu lugar e me obedecerá em tudo, o que papai deveria ter ensinado a você logo no início.

Marie encarou-o com firmeza.

– Se não fosse por mim, você e seu pai não teriam nada. Não se esqueça de que estas terras foram compradas com o meu dinheiro!

– Apenas os primeiros cento e cinquenta acres, Ma rie. E você já gastou, à nossa custa, cem vezes isso.

Sheila viu a mãe contrair os músculos da face no momento em que Cort deixava o salão.

– Por que discute tanto com ele, mamãe? – perguntou em voz suave e olhos baixos.

Marie não costumava demonstrar afeição, porém Sheila a queria tanto bem quanto a Cort embora não fossem do mesmo sangue, ela era a única mãe que conhecera. Sofria muito ao ver os dois brigando.

– Eu devia ter batido o pé quando me casei com Arthur e nunca ter permitido a intromissão desse rapaz insolente em minha vida. Aos catorze anos, ele já causava sérios problemas. Brigava com qualquer um que se atrevesse a olhá-lo de mau jeito. Sempre foi, e continua sendo, uma pedra no meu sapato – Marie reclamou sem esconder a raiva.

Sentou-se em sua cadeira preferida e apanhou o bordado da cestinha ao lado.

– Se ao menos eu descobrisse uma maneira de me livrar de Cortland de uma vez por todas – lamuriou-se.

Sheila sentiu as faces queimarem de irritação. Embora ouvisse a mãe fazer tais comentários com freqüência, eles sempre a aborreciam. Gostaria de lembrar-lhe que o fato de morarem nessa casa grande e confortável, que ela intitulava de sua, devia-se unicamente ao trabalho e esforço de Cort através de tino apurado e bom senso, ele havia multiplicado o dinheiro da família e adquirido terras, transformando-as numa das propriedades mais poderosas da região. Com pulso forte administrava a fazenda e, sem dúvida, merecia o apelido de King. Todavia, Sheila manteve-se calada. Qualquer palavra sua em defesa do irmão só serviria para provocar mais discussões.

–... Não se esqueça, Sheila, de que amanhã as senhoras virão para a nossa sessão semanal de costura – advertiu Marie. – Onde está o seu bordado? Uma moça não interrompe seus trabalhos se ela pretende ter um bom enxoval.

Sheila sentiu um arrepio. A mãe ainda esperava que ela se casasse com Terrance Wilkens, apesar de já o ter rejeitado um sem-número de vezes.

– Lá em cima no meu quarto – respondeu baixinho.

– Pois vá buscá-lo. Mãos ociosas provocam maus pensamentos.

Feliz com a oportunidade de afastar-se dali por uns instantes, Sheila obedeceu.

Cort estava na banheira de cobre, com um longo charuto preso entre os dentes alvos e um copo de uísque ao alcance da mão numa mesinha ao lado. Byron, o seu criado, a única idéia feliz de Marie, estava junto à porta do quarto.

– Deseja mais alguma coisa, senhor? – perguntou Byron sem esconder a satisfação por ter o patrão de volta.

– Tem certeza de que não quer outro gole?

O velho preto riu divertido.

– Não, já bebi bastante. Se dona Marie sentir cheiro de uísque em mim, vai querer uma boa explicação. Ela já me acusa de roubar bebida da adega.

– E você não faz isso? – indagou Cort

– Faço, sim, senhor.

– Parabéns, Byron. Fico contente por você não ter mudado nem um pouquinho

durante a minha ausência.

– Deixei a sua roupa em cima da cama, senhor. Deseja que eu o ajude a se vestir?

– Não, obrigado. Vou ficar aqui na água até relaxar bem – respondeu Cort fitando o homem educado e de cabelos grisalhos vindo do Leste dez anos atrás.

– Então, vou levar suas roupas da viagem para serem lavadas – informou o criado, saindo.

Cort soprou um anel de fumaça e observou-o flutuar em direção ao teto. Após deixar Jéssica Tumer no restaurante, ele havia ido até o Bar Belly Up. Pedira ao sócio, Tim Riley, para providenciar uns homens dispostos a ganhar algum dinheiro vigiando Jessy. Tinha achado desnecessário dar a mesma incumbência a funcionários do restaurante. Graças à imaginação fértil, Jessy desconfiaria de todos.

Cort fechou os olhos e afundou na água. Um sorriso divertido curvou-lhe os lábios. A temperamental Jéssica Tumer já teria ido para Kansas City se não fosse à ameaça de ir trabalhar no Belly Up. O mais engraçado resumia-se no detalhe de Tim não permitir funcionárias no bar. Aliás, essa fora uma condição imposta por ele no início e respeitada por Cort. Tim Riley era um velho amigo de seu pai e, por causa da idade, não agüentava mais a atividade pesada de vaqueiro. Ele lhe dera o dinheiro para abrir o pequeno bar e já o teria passado para seu nome se Tim não insistisse em continuar na condição de sócio, cujo capital constituía o trabalho.

Mentalmente, Cort praguejou por haver se envolvido com Jessy. Lamentava muitíssimo ter pisado em Binge. Levantou a mão e tocou o hematoma na testa. Não estava mais tão dolorido.

Desde o momento em que havia resolvido cobrar o vale do jogo de pôquer, a sucessão vertiginosa de acontecimentos deixou-o atordoado. Seu primeiro passo fora ir ao bar e descobrir onde Jonathan morava.

– Uísque – Cort pediu ao barman chamado Buck. – Você não é o fulano que recebeu o vale de Jonathan Turner, ontem à noite? – indagou Buck ao servi-lo e deixar a garrafa no balcão.

– O próprio – respondeu Corto

– Com certeza sabe que Jonathan foi baleado e morreu.

– Não, isso é novidade.

Cort suspirou e reconheceu não haver mais motivo para permanecer na cidadezinha. Já ia se afastar quando o riso malicioso do barman o deteve.

– Sorte sua ter saído aquela hora, moço. Sabe, foi um prazer ver os dois trapaceiros ficarem limpos. Eles sempre deixavam estranhos ganharem. Depois, trocavam o baralho por um novo, mas marcado, recuperavam tudo o que haviam perdido e ainda conseguiam outro tanto. Isso teria lhe acontecido se não houvesse ido embora.

– Duvido muito – rebateu Corto

– Engana-se. Era esse o sistema deles. Uns bandidos. Aliás, os três. Traíçoeiros como cobras.

Cort empurrou o copo para frente e observou Buck servir outra dose da bebida.

– Os três?!

– O que ouviu, moço. B.J., Jonathan e a esposa. Uma mulher e tanto, se quer saber. Bem que eu gostaria de levá-la para a cama. Mas não estou disposto a enfrentar B.J. por sua causa. Além de mau, o homem é louco.

– Então ele andava de olho na moça? – indagou Cort

– Qual olho, qual nada! Os dois têm um caso. Se Jonathan sabia, é outra questão.

– Como pode ter tanta certeza?

– B.J. falava nisso o tempo todo – respondeu Buck.

– Quem tem o colar? – Cort quis saber.

– Jessy Turner, imagino. A jóia foi a única herança da mãe e Jessy jamais abriria mão dela. Vivia exibindo o colar por aí. Assim, Jonathan e B.J. podiam usá-lo como Isca.

– Você acha mesmo que ela participava da trapaça?

– Para ser franco, na minha opinião era Jessy quem planejava tudo. Dos três, era a única inteligente. Imagine só, ela sabe ler e escrever! Foi ensinada pelos pais, gente fina e educada. Eles vieram para cá de Tennessee no comboio de carroções. Foi logo depois da Guerra Civil. Todos pretendiam ir para a Califórnia. Mas, com medo de serem apanhados pelo inverno nas montanhas, resolveram esperar em Kansas. Na primavera, muitos prosseguiram viagem, outros ficaram por aqui, inclusive a família de Jessy.

– Você sabe bastante a respeito da moça, Buck.

– Eu também vim no comboio. Quantas noites joguei pôquer com Thomas

Revington, o pai de Jessy. Perdi muito dinheiro para ele, homem muito esperto em se tratando de baralho.

Cort não gostava de ser passado para trás, muito menos por uma mulher.

– Então, acha que Jessy aprendeu muita coisa com o pai jogador e, por sua vez, ensinou aos cúmplices?

– Espere um momento – protestou o barman. – Eu não disse que o pai dela era jogador. Ele simplesmente gostava de jogar cartas. Tratava-se de um cavalheiro muito fino. Foi rico, mas perdeu tudo durante a guerra. Ele e a mulher trabalharam na fazenda aqui, antes de serem mortos. Quanto a Jessy, talvez você tenha razão. Desde meninota, ela gostava de sentar ao lado do pai para vê-lo jogar.

– Nesse caso, vou poder cobrar-lhe o meu vale.

– Acredito que sim. Eles arrancaram muito dinheiro de estranhos através dos anos e Jonathan jamais gastou um centavo para pagar as dívidas. Devia para Deus e todo o mundo. B.J. é outro caso. Ele gastava o dinheiro afugentando fazendeiros e depois comprando lhes as terras. É dono de quase tudo por aqui. O que ainda não lhe pertence acabará indo parar em suas mãos. O homem tem uma ambição desmedida quando se trata de terras, porém, acima de tudo, B.J. quer Jessy. Ninguém ficará surpreso se eles se casarem logo.

– Pode me explicar o caminho para a casa de Jessy?

– Não é preciso. Ela se encontra no necrotério, do outro lado da rua – respondeu Buck.

Parado à porta do bar, Cort viu quando Jessy saiu da pequena construção de madeira. Sua aparência surpreendeu-o. Os cabelos loiro-platinados brilhavam ao sol e o rosto lindíssimo estava muito pálido em contraste com o vestido preto. Quando ela desmaiou, Cort começou a duvidar da veracidade dos relatos do barman a tristeza de Jessy parecia genuína. O melhor seria procurar outras informações pela cidade enquanto Jonathan era enterrado.

As poucas histórias que ouviu davam uma certa credibilidade as palavras de Buck, e o fato de B.J. levar Jessy para casa após o funeral também abalou suas dúvidas.

De nada adiantou conversar com Jessy. Apanhou-a em várias mentiras, porém reconheceu seu cansaço e tensão emocional. Ainda cheio de dúvidas, resolveu não insistir e vigiá-la durante a noite do lado de fora da casa.

Escondido nas sombras dos escombros do curral, Cort viu Jessy aparecer no terreiro. Admirou-lhe a determinação e achou graça no seu jeitinho de animal matreiro indo de um lugar para outro.

Através dos anos, ele aprendera a rastrear animais, por isso não foi difícil segui-la sem ser notado. À beira de um riacho, surgiu a oportunidade de dominá-la, porém foi preciso uma grande dose de paciência. Todavia, ele havia subestimado Jessy. Sem que percebesse, ela o agrediu com uma pedra e escapou levando a sua montaria. A raiva aumentou muito quando ele começou a andar e, se não houvesse encontrado a mula de Jessy um pouco mais adiante, as perspectivas seriam negras. Felizmente, conseguiu trocar a mula e algum dinheiro por um cavalo com um fazendeiro perto de Atchison. Já montado num animal mais veloz, ocorreu-lhe que se Jessy fosse esperta não iria mais para Atchison. Restava Topeka.

Cort ouviu uma batida leve na porta.

– Quem é? – perguntou.

– Sheila.

Cort apanhou uma toalha de banho e estendeu-a sobre a banheira ficando apenas com o torso à mostra.

– Entre! – respondeu e sorriu ante a maneira furtiva da irmã de dezoito anos abrir a porta e, de costas, verificar se não havia ninguém no corredor antes de fechá-la.

– Mamãe ficaria furiosa se descobrisse onde estou – disse Sheila virando-se. Ao vê-lo reclinado na banheira, exclamou: – Deus do céu, Cort! Por que me mandou entrar? Você deve estar mesmo disposto a me meter em encrencas! Com toda a certeza, você puxou por nossa mãe verdadeira. É tão diferente de papai!

– Não banque a santinha. comigo – brincou Cort – Está falando feito Marie. Desde pequenininha, você costumava esperar até eu entrar na banheira para vir falar comigo, sabendo que eu não poderia escapar. E agora, o que essa moça linda, sentada na minha cama, quer comigo? – perguntou antes de tomar um gole de uísque.

– Mamãe tem razão. Você é um grandessíssimo malandro.

– Você não gostaria de mim se eu fosse diferente.

Sheila observou o peito e os braços musculosos do irmão, os cabelos escuros, cujas

pontas molhadas em caracolavam-se, em volta do rosto atraente e bronzeado de sol.

O irmão também a fitava.

Para Cort não era segredo o fato de Sheila compará-lo a outros homens. Ambos tinham sido sempre muito chegados, num relacionamento quase de pai e filha.

Desde criança, a irmã lhe confiava os problemas.

– Muito bem, qual é o nome dele desta vez?

– Terrance Wilkens – respondeu Sheila.

Cort não conteve uma gargalhada divertida ao visualizar o rapaz magrelo e de rosto coberto de espinhas.

– Não vejo graça nenhuma, Cort Mamãe quer que eu me case com ele. Ela dá sempre um jeito de nos aproximar e vive dizendo a Terrance que vou ser uma esposa excelente. Pare de rir, por favor. Você não se divertiria nem um pouco se estivesse na minha pele – reclamou Sheila. – Mamãe encontra-se determinada a realizar esse casamento.

Satisfeita, ela viu o irmão ficar sério e semicerrar os olhos, sinal de que iria ajudá-la.

– Terrance já pediu a você para se casar com ele?

– Inúmeras vezes e eu sempre recusei o pedido.

– Por que então ele não desiste?

– Porque mamãe insiste em lhe afirmar que eu vou acabar reconhecendo o meu erro e concordando com o casamento!

Sheila levantou-se e serviu outra dose de uísque a Cort deixou a garrafa ao alcance dele, o que o fez sorrir.

– Obrigado, maninha. Pensei ter deixado bem claro a Marie que você não seria forçada a casar contra a sua vontade. Você quer se casar com Terrance?

– Por Deus, não! Eu não o suporto, muito menos aquela mãe horrorosa dele que o traz preso num cabresto.

– Não se preocupe minha querida. Vou pôr um ponto final nessa bobagem.

– Obrigada Cort, Sabia que podia contar com a sua ajuda. – Sheila curvou-se para beijá-lo na testa.

– Misericórdia! O que aconteceu na sua cabeça?

Um lampejo de raiva surgiu nos olhos de Cort.

– Encontrei uma mulher lindíssima, porém ela se ofendeu com alguma coisa e bateu

com uma pedra na minha testa. Uma história muito embaraçosa, mas a pancada não dói mais.

– Naturalmente, você não contou a verdade. Eu o beijaria no rosto se não fosse essa barba horrível. Vai raspá-la, não vai?

– Não sei. Já me acostumei com ela, e assim Marie terá algo para implicar comigo. Essa mulher só fica satisfeita quando se sente infeliz. Agora, acho melhor você sair daqui antes que ela venha procurá-la.

Ao deixar o quarto de Cort, Sheila foi até o seu apanhar o bordado. Precisava se apressar. A mãe jamais acreditaria que levava tanto tempo para encontrá-lo.

Depois de fazer a barba e se vestir, Cort desceu ao andar térreo a fim de anunciar seu retorno ao pai e verificar se tudo estava em ordem com ele.

Ao entrar na biblioteca, notou logo o ar enfumaçado.

Sentado numa cadeira de couro de espaldar alto, junto à janela, o pai lia e fumava um de seus charutos cubanos preferidos. O ar recendia a tabaco e cera de abelha, usada para polir os móveis. Estantes repletas de livros cobriam as paredes.

Absorvido com a leitura, Arthur Lancaster não percebeu a entrada do filho e Cort aproveitou a oportunidade para observá-lo. Ficou chocado. O pai havia envelhecido muito na sua ausência. Rugas profundas marcavam-lhe o rosto e o couro cabeludo podia ser visto através dos cabelos ralos e brancos. Arthur era cinco centímetros mais baixo do que o filho e sempre fora muito magro.

Nos últimos dez anos, dia e noite, ele podia ser encontrado ali na biblioteca. Esse era o seu mundo. Seus livros. Uma vez, Cort lhe perguntara por que preferia ler a sair e passear ao ar livre.

– É muito simples, meu filho – respondera Arthur. – Eu nunca soube cavalgar bem, nem mesmo dirigir a charrete. Aliás, prefiro andar a pé. Não sou um homem valente e, ao contrário de você, a idéia de uma luta física me provoca náusea. Contudo, por intermédio dos livros, dou asas à imaginação. Viajo pelo mundo afora, enfrento tormentas em alto-mar, caço leões, luto em guerras, enfim, faço o que bem quiser.

– Mas isso não é viver, pai!

– Casado com sua mãe, vivi quinze anos de felicidade absoluta. Quando ela faleceu ao dar à luz Sheila, minha vida teria ficado sem sentido se não fosse o meu amor por você.

Não tive firmeza suficiente para vencer a insistência de Marie em se casar comigo. Justifiquei minha fraqueza com a necessidade de contar com alguém para criar sua irmã. Você, Sheila e meus livros são tudo o que possuo agora, mas estou satisfeito – explicara.

Cort havia se contentado com a resposta. Se o pai vivia relativamente feliz era o que importava.

– Olá, papai – cumprimentou baixinho para não sobressaltá-lo.

Arthur marcou o lugar do livro onde lia e ergueu a cabeça, fazendo os óculos escorregarem pelo nariz.

– Olá, meu filho – respondeu sorrindo. – Espero que não me censure por estar fumando – disse meio ofegante. – Sei bem o que o médico recomendou, mas um velho, tem o direito de gozar certos prazeres – justificou-se ao jogar o toco do charuto num cinzeiro de pé ao lado da cadeira.

– Não, pai. Só vim saber como passou durante a minha ausência. – Cort sentou-se na beirada da escrivaninha de mogno.

– Bem que estranhei você não aparecer aqui para me ver. Esqueci sua viagem. Também, Marie não me conta nada. Tanto melhor, assim não a vejo com muita frequência. Desculpe, filho, mas minha memória anda falhando muito ultimamente. Quanto tempo esteve fora?

– Cerca de um mês – mentiu Cort consciente de que a verdade chocaria o pai sem necessidade.

– Como o tempo passa depressa – comentou Arthur – Você já conversou com Sheila? Marie quer que ela se case com aquele rapaz, Wilkens.

– Conversei, sim.

– Coisa mais ridícula. Você não vai permitir, espero.

– Fique sossegado, pai. Hoje à noite vou ter uma boa conversa com Marie.

– Muito bem. Eu disse a Sheila para não se preocupar que você tomaria as providências necessárias. Até agora Marie não disse uma palavra sobre o testamento. Mal posso acreditar que conseguimos fazer tudo sem ela perceber. Ela sempre põe o nariz em tudo. Também, só faz uma semana que assinei os papéis.

Na verdade, o testamento tinha sido assinado há mais de um ano, porém Cort não esclareceu o engano.

– Foi a coisa mais inteligente que fizemos – continuou Arthur. – Afinal, graças a você, não fomos à falência. Esta fazenda lhe pertence, Cort, a mais ninguém. Contudo, mantenha a sua palavra e não conte nada a Marie. Sei que é covardia, porém ela não me daria um momento de paz se soubesse.

– Não se aflija papai. Não abrirei a boca.

– E você terá de cuidar dela após a minha morte. Marie pode ser uma enviada do demônio para atormentar a gente, mas é minha mulher e criou Sheila.

– Nada faltará a ela, prometo.

Arthur inclinou o corpo para a frente e começou a tossir. Cort apanhou um vidro de remédio em cima da escrivaninha e levou-o aos lábios do pai. Quando o acesso passou, o velho homem queixou-se:

– Que gosto mais horrível!

Em seguida, apoiou a cabeça no espaldar da cadeira e adormeceu. Em silêncio, Cort tirou-lhe o livro do colo e deixou a biblioteca.

Aquelas foram as últimas palavras de Arthur Lancaster. Um pouco mais tarde, uma criada encontrou o ancião morto na cadeira junto à janela, com uma expressão de paz no semblante.

– O senhor não está falando a sério! – esbravejou Marie. – Este não pode ser o testamento de Arthur!

Os outros dois membros da família Lancaster também se encontravam na sala de visitas da casa de Cort, em Topeka. Embora mantivesse a pose, pela primeira vez Marie não conseguia esconder as emoções. Estava lívida.

– Arthur e eu conversamos muitas vezes sobre esse assunto e ele me garantiu que eu receberia tudo! Qualquer de minhas amigas poderá testemunhar quanto à falta de caráter de Cortland. Se examinar o documento com cuidado, Sr. Parson, descobrirá que o filho falsificou a assinatura do pai.

Em pé, o Sr. Parson ficou tenso. Acabara de ler a parte do testamento que passava para o nome de Cort todos os bens do falecido. O advogado havia se preparado para enfrentar a língua ferina da viúva e chegara a ponto de adiar a abertura do documento por uma semana. As pessoas maledicentes de Topeka já comentavam que Marie pretendia

expulsar o enteado da fazenda tão logo tomasse posse de tudo.

– Mamãe, Cort jamais cometeria tal crime – Sheila balbuciou constrangida..

Marie observou a expressão displicente de Cort a fita de crepe preto à volta da manga resumia-se na única concessão feita à morte do pai.

– Ah, cometeria, sim!

– Por favor, Sra. Lancaster. Este documento é absolutamente legal e incontestável. Foi redigido de acordo com a vontade expressa de Arthur e eu mesmo testemunhei a assinatura – declarou Parson.

– Muito bem. Pule tudo e leia só o que Arthur deixou para mim – ordenou Marie.

O advogado tirou o lenço do bolso e enxugou a testa.

– Lamento, mas ele não lhe deixou nada, sra. Lancaster.

Marie esbugalhou os olhos.

– Repita o que disse!

– Ele explicou que você não herdou nada, minha cara madrastra – Cort falou em lugar do advogado.

– Impossível! Do que eu vou viver? Se não fosse o meu dinheiro...

– Não se preocupe, Marie, você sempre terá um cantinho em *minha* casa – garantiu Cort sorrindo.

– Jamais! Sheila e eu havemos de nos mudar e viver com o dinheiro que coube a ela.

Parson limpou a garganta de maneira exagerada e conseguiu chamar a atenção de todos.

– A Srta. Lancaster receberá uma mesada estipulada por Cort, que passou a ser o seu tutor. Existe uma quantia em seu nome, porém ela só terá acesso ao dinheiro quando completar vinte e dois anos – informou o advogado.

– Vocês esperam que eu acredite nisso? Tudo não passa de uma farsa! Uma grande mentira! Guarde minhas palavras, Cortland. Em pouco tempo, você será obrigado a me devolver tudo o que, por direito, me pertence.

Embora fervesse por dentro, Cort manteve a calma.

– Nada jamais será seu, cara madrastra. Não permitirei.

– Como vai conseguir isso, posso saber? – Marie desafiou.

– Meu filho herdará tudo – replicou Corto

– Não seja idiota! Com essa sua vida louca, qualquer dia receberá um tiro pelas costas. Mesmo que isso não aconteça, não vai poder arranjar um filho da noite para o dia. Você sempre caçoou de mim por nunca haver engravidado. E se a sua noiva encomendada por correspondência também for estéril? Caso contrário, quem lhe garante que ela terá um menino?

Cort cerrou os dentes. De forma alguma deixaria Marie perceber o quanto ela o irritava. Indiferente, perguntou:

– Parson pode continuar a leitura do testamento, Marie?

Ela não respondeu e dirigiu-se para a porta.

– Vamos embora, Sheila. Chega de aborrecimentos por hoje. Iremos já procurar outro advogado.

Hesitante, Sheila olhou para o irmão.

– Vá com Marie e não se preocupe – aconselhou ele. – Tudo vai dar certo.

Sheila sorriu-lhe e acompanhou a mãe. Pela primeira vez, após a morte do pai, sentia-se aliviada. Sendo Cort agora o chefe da família, todos os bens estariam em segurança.

O advogado guardou o testamento na pasta enquanto Cort levantava-se para acompanhá-lo à saída.

– Obrigado por ter vindo, Henry.

– Cuidado com Marie, King – advertiu o profissional usando o apelido pelo qual o rapaz era mais conhecido na cidade.

– Vou ter bastante.

Pouco depois, Cort retirava-se à biblioteca onde ninguém o perturbaria. Acendeu um charuto do pai e, sentado, pensou na ameaça de Marie. Será que pretendia matá-lo? Estava cansado de manter-se alerta e esconder a mágoa profunda pela morte do pai. Porém, se a madrasta ou um competidor notassem sinais de vulnerabilidade, certamente a usariam contra ele. Por Deus, como sentia falta do pai! Sabia do seu estado precário de saúde, mas não contara com a morte repentina. Agora, só lhe restava Sheila. Logo, porém, apareceria um homem que lhe conquistaria o coração e, então, ela partiria também.

Desde o retorno a Topeka, gastara quase todas as tardes pondo em dia os negócios.

Felizmente, depois de longos anos de trabalho exaustivo, suas propriedades se auto-sustentavam e ele podia desfrutar os resultados do esforço empregado em sua organização. A fazenda produzia muito sob o trabalho do administrador, um homem competente e de confiança. Contudo, se Marie conseguisse pôr as mãos gananciosas nela, seus esforços teriam sido em vão.

– Droga! – exclamou bravo. – Preciso de um filho!

CAPÍTULO IV

De uma distância segura, B.J. observou o fogo alastrar-se ávido pela plantação de trigo enquanto as chamas iluminavam o céu da noite. Silhuetas escuras corriam de um lado para o outro numa tentativa vã de apagar o incêndio. Ao amanhecer, a colheita estaria destruída. B.J. riu alto.

Não se preocupava com o perigo de o fogo espalhar-se pela região, pois o campo à volta tinha sido arado recentemente.

Ele virou as rédeas do cavalo e tomou o caminho de casa. No dia seguinte, voltaria ali a fim de comprar a terra por uma ninharia.

A vida toda, ele sentira uma obsessão sem limites por terra, dinheiro e poder. Meninote ainda, cobiçava a propriedade de Thomas Revington. A família o tratava como lixo. Mais velho, sonhava em vê-los pedindo misericórdia quando ele lhes tomasse a terra. Não teria outra escolha senão lhe dar a filha em casamento. Infelizmente, isso fora antes de haver aprendido como conseguir facilmente se apossar da propriedade alheia.

O casal tinha sido morto por assaltantes e Jessy se casara com Jonathan.

Mais de uma vez, B.J. elaborara esquemas para dar cabo de Jonathan, mas o homem tinha fôlego de sete vidas. Então, o destino interviu e o amigo estava morto. Desta vez, B.J. tinha o firme propósito de tornar sua a petulante Jessy. Contudo, ela havia escapado deixando-o com cara de idiota.

Jessy. Só ao pensar nela, excitava-se. Ela já devia encontrar-se grávida de seu filho e ocupada em limpar-lhe as botas. O que a levava a se considerar tão superior? Logo ele

seria dono de toda essa região e Jessy se arrependeria por haver fugido. Ele havia contratado dois homens para rastreá-la e, impaciente, esperava pelas informações.

Os olhos de B.J. assumiram uma expressão de crueldade.

– Você pode me ouvir? – vociferou aos berros. – Eu vou buscá-la e você será minha! Sua vida será um inferno na Terra! Eu juro, Jessy!

O uniforme de Jessy constituía-se de um vestido simples de gola alta, preto, sapatos e meias da mesma cor e um avental branco bem engomado. Precisava usar os cabelos penteados de maneira elegante e presos à nuca com uma fita branca.

Graças à comida excelente, o Restaurante Harvey tornara-se popular entre os habitantes de Topeka. Todavia, Jessy descobriu logo que o objetivo principal do estabelecimento resumia-se em atender aos passageiros em trânsito da ferrovia. Em pouco tempo, ela aprendeu a servir uma refeição completa para dezesseis pessoas em Vinte e cinco minutos. O trem não podia se atrasar.

Ao lado das outras garçonetes, ela também inspecionava os talheres de prata, as toalhas e guardanapos de linho branco e a porcelana. Tudo tinha de estar na mais perfeita ordem e limpeza. Um dos regulamentos a proibia de conversar com os fregueses enquanto o trem esperava.

O segundo andar do prédio acomodava as moças. A área apresentava um asseio imaculado. No longo dormitório, camas confortáveis alinhavam-se no centro e entre as janelas. Atrás de cada uma, havia uma mesinha de toalete e um armário onde as garçonetes guardavam suas roupas e pertences. Apesar do conforto, Jessy considerava o lugar uma prisão.

Nas primeiras semanas de trabalho, as pernas e braços de Jessy doíam tanto que ela mal podia esperar o momento de atirar-se na cama e dormir. Em silêncio, amaldiçoava Cort por havê-la colocado em tal situação. Embora se desse bem com todas as companheiras, logo tornou-se amiga de Kathleen e Lora, cujas camas ladeavam a sua.

Várias vezes, acompanhou as duas em idas ao centro da cidade a fim de verificar se Cort, de fato, pusera alguém para vigiá-la. Exasperada, percebeu que estava sendo seguida. A fuga não ia ser fácil. Felizmente, constatou que quanto mais se esforçava mais fregueses tinha em suas mesas. As gorjetas já começavam a engordar-lhe as economias. Nesse passo,

não precisaria tocar no, dinheiro escondido no fundo falso da maleta para subornar o guarda a virar a cabeça no momento oportuno. O objetivo certamente a estimulava.

Com o passar dos dias, Jessy passou a desejar um encontro com o seu carcereiro. Tratava-se apenas de uma questão de tempo o dia em que Cort apareceria para vê-la. Ansiava pelo momento em que pudesse verbalizar sua raiva contra ele. Todavia, enquanto as semanas se emendavam sem sinais do homem, reconheceu a futilidade de tal reação. Até agora, explosões temperamentais e demonstrações de tristeza não haviam convencido o homem. Tornava-se imperativo uma estratégia diferente.

Jessy adivinhou logo que seu algoz finalmente decidira-se a honrá-la com uma visita quando a Srta. Cragshaw, toda sorridente, avisou-a de que alguém desejava vê-la. Sem dúvida, encontrava-se preparada para o encontro.

– Boa noite, Jessy – cumprimentou Cort ao vê-la entrar na sala de visitas em estilo vitoriano.

Na opinião de Jessy, o homem de sorriso moroso e roupas pretas apresentava um aspecto intimidador. Gostava de lembrá-lo como uma serpente deslizando pelo chão e esquecera-se de como era alto e atraente.

Amável, sorriu-lhe.

– Está com ótima aparência, Cort Pensei que não fosse mais aparecer por aqui para me ver.

– Não diga! Sentiu minha falta?

O sorriso de Jessy alargou-se mais um pouco.

– Essa não é bem a questão. Eu esperava pela oportunidade de agradecer-lhe por me arranjar este emprego. – Jessy ficou satisfeita com a expressão confusa de Corto – Embora tenha me julgado mal – prosseguiu ela -, acabei admitindo que não posso fazê-lo mudar de opinião a meu respeito. Isso não tem mais importância. Estou muito satisfeita aqui. O ambiente é ótimo e as gorjetas dão para eu comprar as poucas coisas de que necessito. Além do mais, não gosto de não ter o que fazer.

Ao ver Cort acomodar-se numa poltrona, Jessy não conseguiu reprimir um comentário maldoso:

– Um cavalheiro não deve sentar-se antes de que uma senhora presente o faça.

– Admito que você seja uma dama, aliás linda mesmo de uniforme – declarou Cort

ao observá-la da cabeça aos pés. – Mas quem disse que eu sou um cavalheiro?

Jessy recusou-se a morder a isca e sentou-se no sofá à frente dele.

– Todos aqui, menos eu, naturalmente.

Cort riu divertido.

– Sabe, tive uma longa conversa com a Srta. Cragshaw.

“E recebeu seu maldito dinheiro”, pensou Jessy.

– Ela afirmou que você está se saindo muito bem. É uma das melhores garçonetes do restaurante.

– Fico satisfeita com o elogio.

Cort não entendia essa atitude passiva e complacente da moça temperamental que conhecera. Duvidava de uma mudança drástica no curto período. Talvez ela precisasse ser relembrada da situação em que se encontrava.

– Vai levar um bom tempo até conseguir pagar tudo o que me deve.

– Sei disso – afirmou Jessy.

– Encontra-se disposta a trabalhar aqui por mais de um ano? – indagou Cort incrédulo.

Num gesto calmo, Jessy alisou o vestido preto e depois fitou-o bem dentro dos olhos.

– Sim. Como disse antes, estou muito satisfeita com este emprego.

– E quanto a homens?

– Desculpe. Não entendi o que quer dizer.

– O que fará quando desejar compartilhar sua cama com um homem?

Os olhos castanhos de Cort a fitavam curiosos e Jessy surpreendeu-se com o esforço necessário para desviar os seus.

– Só um homem poderia fazer tal pergunta – comentou ela com indiferença. – Não preciso de um nem desejo.

– Está insinuando que é feita de gelo?

Jessy ressentiu-se do sorriso sarcástico de Cort.

– Não aprecio esse tipo de conversa de bares, Sr. Lancaster – declarou lançando mão do tratamento formal ao mesmo tempo em que se levantava a fim de retirar-se, porém ele bloqueou-lhe o caminho.

– Sendo adulta, por que não me responde?

Jessy sentiu a raiva crescer. A conversa fugia-lhe ao controle. Sua intenção fora convencer Cort de sua satisfação com o emprego, mas, como sempre, ele minava-lhe os esforços.

– Muito bem. Não gosto das mãos de um homem em mim. Isso satisfaz sua curiosidade?

– Mesmo as de Jonathan ou as de B.J.?

– Nem as de Jonathan e jamais as de B.J.! – Jessy declarou desesperada por escapar, contudo ele não saía da frente.

– Muito interessante.

– Tudo bem. Agora pode me dar licença, Sr. Lancaster?

Antes de Jessy perceber-lhe a intenção, Cort tomou-a nos braços e curvou a cabeça sobre a sua. O beijo foi brusco e exigente. Furiosa, ela virou o rosto.

– Seu...

Com os dedos enrolados em sua cabeleira, Cort manteve-lhe a cabeça no lugar e beijou-a novamente. Dessa vez, foi uma carícia mais delicada e com uma ponta de paixão. Com a língua, percorreu-lhe a boca e delineou o contorno de seus lábios. Jessy tentou abafar a sensação estranha e deliciosa que se avolumava dentro de si. Quando Cort tocou-lhe os seios, o desejo se tornou patente. Jamais experimentara tal sentimento. De repente, ele a soltou e Jessy reconheceu como fora tola e fraca.

Ao ver o reflexo de paixão nos olhos azul-violeta, Cort sorriu:

– Jéssica Turner, ou você mentiu ou tem andado com homens errados.

– Ah!

– Não se esqueça de que temos um acordo. Se cometer alguma bobagem, irá trabalhar no meu bar – ameaçou, observando-lhe a expressão altiva. – Que fim levou o colar, Jessy?

A voz de Cort havia se tornado áspera e Jessy não sabia se devia manter sua primeira versão sobre a jóia. Em dúvida, disse o que lhe veio à cabeça:

– Não sei. Na noite em que Jonathan foi baleado, revistei a casa e não encontrei o colar. Meu marido já devia ter dado um fim nele.

Cort afastou-se e deixou-a passar. Sem dúvida, Jessy tinha um jeito especial de se

fingir de mal compreendida.

O beijo provara uma antiga suspeita. Ela era uma mulher ardente. Determinação também se constituía numa característica marcante. Homem algum compartilharia de sua cama a não ser que ela o houvesse escolhido. Nem mesmo B.J. Representar sua antipatia pelo homem fora uma idéia brilhante. Porém Cort sabia que tinham sido amantes e bem debaixo do nariz do marido. Olhou para a porta por onde Jessy desaparecera e, pensativo, passou a mão pelo queixo. Ela era incapaz de falar a verdade. Com a mesma certeza do nascer e do pôr-do-sol, mais cedo ou mais tarde, Jessy tentaria fugir. Ela apenas aguardava a oportunidade e a maneira propícias. Cort não esperava que ela trabalhasse por meses a fio apenas para pagá-lo. Contudo, fazia questão de receber uma boa parte da quantia. Talvez assim Jessy pensasse duas vezes antes de tentar pôr a mão no dinheiro de alguém, mas tinha sérias dúvidas.

Nessa manhã, Sheila estava dominada pela pressa. Sua determinação em não se atrasar era tão grande que acordara e se vestira cedo demais. Pronta e sentada no parapeito da janela, esperava impaciente pela saída do irmão.

Sheila gostava de ficar na casa de Cort na cidade, onde podia sair com mais facilidade para as festas e encontros com amigos. Ele havia adquirido a propriedade há vários anos e montado com todo o conforto, além de manter criadagem permanente. Excluindo a utilidade social da casa, Sheila preferia a da fazenda onde fora criada.

Finalmente, ela ouviu a porta do quarto do irmão abrir e fechar e seus passos na escada. Esperou alguns minutos e, depois, seguiu-o.

– Segundo Cortland, quando aquela *mulher* deve chegar? – Marie perguntou ao vê-la passar pelo corredor.

Desapontada, Sheila curvou os ombros. Esperava que a mãe não a detivesse por muito tempo. Resignada, entrou na sala.

– Quem, a noiva encomendada pelo correio?

– Claro. Quem mais?

– Agora de manhã, mamãe. Cort saiu há poucos minutos.

– Você vai continuar aí em pé?

Sheila apertou os lábios e acomodou-se numa poltrona.

– Acha que seu irmão vai trazer a moça diretamente para casa? – indagou Marie.

– Não faço a mínima idéia, ele não me disse nada. Tenho certeza de que Cort não se casará com uma moça sem classe a quem será embaraçoso apresentar nossos amigos.

– Por que não? Cortland não dá importância à opinião alheia e não faz segredo de suas aventuras.

Sheila tinha visto muitas moças se derreterem ao pôr os olhos em seu irmão atraente e bonito, porém duvidava da veracidade das histórias a respeito de suas aventuras amorosas. Aliás, ela achava que os casos desconhecidos por todos deviam ser mais interessantes. Mas a mãe adorava a maledicência, especialmente se ela confirmava as más qualidades de Cort.

As amigas não se cansavam de encher-lhe os ouvidos.

– Não entendo por que os outros homens admiram seu irmão – prosseguiu, Marie. – Nada o fará mudar a conduta imperdoável, muito menos essa tal mulher que mandou vir para cá não sei de onde. Ele a usará para dar-lhe um filho e continuará sua vida libertina. Com certeza, espera que eu vá cuidar dela e da criança enquanto se diverte por aí.

– Talvez a moça não queira se casar com ele .

Sheila sugeriu com o fito de apaziguar a mãe.

– Não seja tola, menina! Qualquer moça agarraria com unhas e dentes a oportunidade de se casar com um homem tão rico. Gostaria que se preocupasse mais com a situação. Afinal, Cortland vai se casar para ter um herdeiro a fim de se apossar de tudo a que tenho direito, bem como do fundo reservado para você, Sheila. Bem, eu me recuso a estar em casa quando essa desconhecida chegar. Vou visitar a Sra. Commers.

Sheila respirou aliviada. A mãe não estaria em casa mais tarde para questioná-la. Agora, restava-lhe se apressar e chegar à estação a tempo.

– Concordo plenamente, mamãe. Por essa mesma razão, também pretendo sair e fazer umas compras.

Desacostumada a mentir, Sheila achou ter-se saído muito bem.

Nesse período em que se encontrava na cidade, Cort vinha passando boa parte das noites nos braços das mulheres de pior reputação de Topeka. Naquele dia mesmo, chegara em casa ao amanhecer e a necessidade de vir à estação tão cedo aumentava-lhe o cansaço.

Vestia os calções de couro, traje típico de vaqueiros, para que a candidata a esposa não desconfiasse de sua fortuna. Encostado num poste e com o chapéu puxado sobre a testa, Cort refletia sobre problemas possíveis que impedissem a moça de assinar os papéis à espera no escritório do advogado.

Questionara-se, inúmeras vezes, sobre a sensatez de mandar Amy Rothchild vir para o Kansas. Não queria se casar, mas desejava um filho legítimo. E, não importava o que custasse, teria um. Depois de pesar os prós e os contras e analisar todos os detalhes da situação, justificava a atitude tomada. As mulheres de seu relacionamento conheciam sua situação financeira e não se contentariam com o que estava disposto a lhes dar. Talvez não estivesse sendo justo com Amy, porém lhe escrevera explicando que queria um filho. Quando conseguissem isso, ele a instalaria numa boa casa em outro Estado e lhe proporcionaria uma sólida conta bancária. Os dois itens deveriam satisfazê-la. Naturalmente, Amy tinha seus problemas, caso contrário não teria vindo para o Oeste.

Se Amy fosse tão bonita em pessoa como em fotografia, Cort se casaria imediatamente. Além do rosto atraente, ela possuía expressão inteligente e saudável, sabia ler e escrever e, com vinte anos, estava em ótima idade para ter filhos. A possibilidade de a moça não aceitar casar-se com ele nunca lhe passara pela cabeça.

Ao ouvir o apito do trem, Cort aproximou-se da plataforma. Não viu a irmã escondida na outra extremidade da estação.

Imóvel, Sheila espreitava. Precisava tomar o máximo cuidado. Se Cort a descobrisse ali, ficaria aborrecido, porém, a curiosidade havia dominado seu bom senso. Não podia imaginar que tipo de mulher se sujeitava a casar com um homem sem vê-lo primeiro. Morreria de rir se a moça usasse roupas espalhafatosas e se pintasse com exagero.

Quando o desembarque teve início, os olhos azuis de Sheila iam das passageiras para o irmão, porém Cort não se mexia. Como ele iria reconhecê-la? Finalmente, não restava mais ninguém. Onde estaria a moça? Ao ver Cort se virar, Sheila escondeu-se ao lado do prédio da estação, teria a moça mudado de idéia e destruído os planos de King Lancaster? Rindo divertida, Sheila subiu na charrete.

Embora ela não soubesse, Cort imaginava a mesma coisa. Com expressão zangada, dirigiu-se ao escritório da estação. Quando executava um plano, não gostava de contratempos. Esperava que Amy Rothchild houvesse apenas perdido o trem.

Após verificar se ela não lhe havia enviado um telegrama, pediu ao chefe da estação para mandar um menino avisá-lo caso a moça chegasse mais tarde. Bravo, montou Emperor e foi para casa.

Com certeza a esperta havia trocado a passagem de trem que lhe enviara por dinheiro. Se assim fosse, estaria sem sorte, pois duvidava que ela permanecesse no endereço que lhe enviara na carta. Se era esperta o suficiente para aplicar o golpe de casamento, também o seria para mudar-se para um lugar onde ele não pudesse encontrá-la. Se Amy não aparecesse até o dia seguinte, ele teria as dúvidas respondidas. Não se importava tanto com o dinheiro que havia perdido e sim com o fato de ser ludibriado por uma mulher.

Impaciente, Sheila tamborilava os dedos no braço da poltrona. Havia se apressado a voltar para casa, apanhar o bordado e sentar-se na sala à espera do irmão. Já imaginava se o esforço não fora inútil quando o ouviu chegar.

– É você, Cort? – perguntou amável.

Embora tentasse mostrar-se alheia à situação, o riso ameaçava-lhe explodir. Todavia, ao ver a expressão furiosa de Cort, conteve-se.

– O que está fazendo em casa? – indagou ele. – Pensei que fosse passar algumas horas fazendo compras.

– Não, resolvi ficar em casa. A sua noiva não deveria chegar hoje? – perguntou com naturalidade, mas sem desviar os olhos do bordado.

O irmão fitou-a desconfiado.

– Por acaso você esteve na estação, Sheila?

A custo, ela dominou o tremor das mãos.

– Sabe, maninha, qualquer dia destes, você vai meter o nariz em algo que não seja da sua conta e alguém vai cortá-lo fora.

– Por favor, Cort, não fique bravo comigo. Eu tinha de ver por mim mesma – Sheila confessou não conseguindo mais fingir inocência. – Aposto como você faria a mesma coisa se tivesse a minha idade. E se eu também procurasse um marido por correspondência?

– Eu não a aconselharia a fazer isso.

– Mas tem de admitir que seria muito engraçado – disse ela rindo.

– Marie não acharia graça nenhuma. Ela lhe avisou que você vai jantar comigo hoje no Harvey's?

– Avisou, sim. Fiquei animadíssima. Estarei pronta às sete em ponto – declarou e, ao vê-lo afastar-se, chamou-o: – Ei, Cort, espere um pouco. E a sua noiva, não estava mesmo no trem?

– Não faço a mínima idéia. Quando, e se eu descobrir, você será a primeira a saber.

– Mamãe vai adorar a novidade – Sheila falou sem pensar. Porém ao ver a fúria no olhar do irmão, percebeu ter ido longe demais. – Desculpe, Cort se a moça não aparecer, você vai tentar arranjar outra por correspondência?

– Não sei. Ainda não resolvi.

Sem esconder a euforia, Sheila saboreava ostras, a entrada do jantar no restaurante. A mãe havia ficado furiosa por não ter sido convidada também. Alegara não ser seguro a enteada sair sozinha com o patife do irmão.

De maneira disfarçada, Sheila observava várias moças que tentavam chamar a atenção de Cort não as culpava, pois com a camisa branca de linho, as calças claras e o paletó preto ele estava muito atraente.

Jessy também, num momento de folga, o observava. Tinha certeza de que Cort escolhera uma de suas mesas de propósito. Nunca o tinha visto vestido com roupas tão finas e elegantes. A moça em sua companhia era linda. Vestia-se com bom gosto e suas jóias atestavam posses. Sem dúvida, Cort estava atrás de seu dinheiro também, concluiu ela.

Quando já servia a sobremesa, Jessy mal conseguiu controlar a raiva. Não era o fato de Cort fingir não conhecê-la que a aborrecia. Com certeza agia assim para não provocar uma idéia errônea na moça ao lado. O que a irritava era o ar de superioridade com que lhe dava ordens. Terminada a refeição, Sheila foi cumprimentar uns amigos sentados a uma mesa distante. Aproveitando a oportunidade, Cort chamou Jessy com, um aceno de mão.

– Espero que tenha apreciado a refeição e que volte logo à Harvey House, senhor – disse ela com sarcasmo.

– Tanto a comida como o serviço estavam excelente. Todavia, não vou lhe deixar uma gorjeta. Deduzirei a quantia do que me deve – declarou Corto

Essas palavras foram a gota no copo d'água.

– Compreendo perfeitamente – concordou Jessy com Um sorriso, ao mesmo tempo que batia num copo de vinho.

O líquido entornou certo no colo de Cort provocando uma nódoa feia nas calças claras.

– Com todos os diabos...

– Mil perdões, senhor! – exclamou Jessy a apanhar um guardanapo a fim de remediar o estrago, porém mudou de idéia e disse: – O senhor pode acrescentar o preço da lavanderia à quantia que lhe devo.

Furioso, Cort chamou Sheila e, após parar no caixa o tempo suficiente para pagar a conta, deixou o restaurante.

– Obrigado, Mike – agradeceu B.J. ao entregar a quantia estipulada de dinheiro. – Você fez um bom serviço. Então, Elmer ficou em Topeka a fim de vigiá-la?

O homem com o rosto marcado por varíola assentiu com um gesto de cabeça.

Na semana seguinte, Jessy refletiu bastante sobre Cort e a necessidade de escapar dele. Finalmente, via a perspectiva de fuga e arquitetara os planos. Fred Harvey ia oferecer uma festa às garçonetes na sexta-feira da outra semana, e isso lhe daria a oportunidade de pôr seu esquema em ação.

Há muito Jessy já tinha se recuperado do beijo de Cort, mas não se perdoava pela reação inesperada a ele. Sempre confiara em si mesma e a descoberta de uma brecha em suas defesas lhe provocara um choque. Considerava-se imune a demonstrações de afeto masculino e não desejava contato físico com homem algum. Por que, em nome de Deus, a carícia de Cort estimulava-lhe sensações indesejadas? Afinal, ele não passava de um pistoleiro de coração negro. Tomaria muito cuidado para que tais sentimentos não voltassem à tona novamente.

CAPÍTULO V

Todas as moças haviam se esforçado bastante na decoração da sala para a festa.

Bandeirinhas das cores mais variadas enfeitavam as paredes e pendiam em festões do teto. Grande parte das mesas e cadeiras tinha sido removida a fim de proporcionar uma boa pista de dança.

Um inglês, vestido com elegância, de bigode e cavanhaque, encontrava-se à porta recepcionando as pessoas que chegavam. Frederick Henry Harvey de forma alguma correspondia à imagem de homem poderoso que Jessy fizera dele. A seu lado, a Srta. Cragshaw ocupava-se em receber os bilhetes de entrada, em examinar a aparência geral dos homens e em verificar se todos depositavam as armas em cestas junto à porta.

Alguns rapazes jovens exibiam roupas recém saídas das lojas e ainda com marcas intactas de dobra. Os mais velhos e experientes apresentavam-se mais bem vestidos, com peças feitas sob medida por alfaiates.

Todos estavam animados, exceto Jessy, que, ao lado das outras moças, crispava as mãos num gesto nervoso. O vestido azul-claro, de seda pura; tinha um decote muito exagerado e o espartilho justo pressionava os seios para cima numa exibição embaraçosa e que deixava muito pouco para a imaginação. As mangas curtas e franzidas expunham-lhe os braços e o tecido leve delineava sua cintura fina, detalhe acentuado pela saia drapeada e cheia. Sentia-se desprotegida, pois jamais se vestira assim. Um leque do mesmo tecido pendia-lhe do pulso. O colar da mãe teria completado o traje com perfeição, porém ela não ousara colocá-lo.

Quando os músicos começaram a tocar uma contradança típica do Estado de Virgínia, Jessy viu os homens apressarem-se em direção às moças e tirá-las para dançar. Sentiu logo o perfume acre de loção de barbear usada sem parcimônia.

Sua ansiedade evaporou-se ao dançar com comerciantes, ferroviários e vaqueiros. Muitos deles não imaginavam que valsa deveria ser dançada com movimentos graciosos e delicados. Fazia caretas quando lhe pisavam no pé e tinha a sensação de que seu braço não passava de uma manivela que subia e descia sem parar ao ritmo da música.

Rodopiar pela pista de dança nos braços de vários parceiros estava deixando-a sem fôlego. Felizmente, não tinha de conversar. Apenas sorria e ouvia o que tinham a lhe contar. Em poucos minutos, ficava a par da história de cada um. Os homens flertavam abertamente, faziam declarações de amor e alguns deles chegaram até a propor-lhe

casamento.

Cort sabia que Jessy não se dera conta de sua presença na festa. Afastado da pista de dança, conversava sobre negócios com vários conhecidos enquanto a observava. Todos os homens da festa competiam entre si a fim de chamar a atenção de Jessy. Os mais afoitos já tinham saído para acertarem as contas com os punhos cerrados.

Cort não os culpava nem se ressentia. Jessy era uma mulher linda e o vestido exibia não só sua pele alva e sedosa como também parte dos seios bem-feitos.

Não deixava de ser interessante ver como era, ao mesmo tempo, atraente e distante.

Quando o parceiro do momento começou a conduzi-la em direção ao bufê, Cort resolveu já haver chegado a hora oportuna de revelar sua presença ali. Aproximou-se do casal e interceptou-lhe a passagem.

– Com licença. Acredito que a próxima contradança seja minha – informou ele sem se importar com o aborrecimento do outro homem e, muito menos, com os lampejos de raiva nos olhos de Jessy.

Ela respirou fundo. Deveria saber que Cort apareceria na festa. Mais irritada ficou quando o parceiro largou-lhe o braço como se fosse um ferro em brasa e concordou submisso antes de se afastar.

– Pois não, Sr. Lancaster.

– *Sr. Lancaster* – repetiu Jessy em tom caçoísta. – Muito me admira que tenham permitido sua entrada aqui. Deve ter lhe custado muito separar-se da pistola. Ah, é mesmo! Eu me esqueci de sua amizade pessoal com a srta. Cragshaw.

Cort sorriu e ofereceu-lhe o braço.

– Já terminou a ladainha? Vamos dançar?

Cheia de determinação, Jessy ergueu o queixo.

– Não. Estou morta de sede e de fome – declarou retomando o caminho do bufê, porém Cort acompanhou-a.

– Ótimo. Vou lhe providenciar ponche e sanduíches.

Assim, podemos ir lá para fora respirar um pouco de ar fresco enquanto você se alimenta. Além do mais, precisamos conversar.

Jessy parou de maneira tão abrupta que ele quase lhe deu um esbarrão.

– Não tenho a mínima intenção de ir a lugar algum com você. Será preciso lembrá-

lo de que temos um acordo? – perguntou, abanando-se furiosamente com o leque. – Tenho mantido minha parte da barganha. Continuo firme no emprego e você recebe o seu dinheiro todas as semanas. Não existe cláusula alguma que me obrigue a suportar sua companhia numa festa. Se quiser mesmo dançar, vá procurar outra moça – sugeriu peremptória, negando-se a fitá-lo.

– Você está um pouco confusa, Jéssica Turner. Eu não propus um acordo, dei-lhe um ultimato.

Ao notar que começavam a chamar a atenção das pessoas à volta, Jessy abaixou o tom de voz.

– Dê o nome que bem entende. Estou cumprindo a minha parte.

Nesse instante, viu Lora observando-a e acenou-lhe. Só então deu-se conta de que as outras colegas também a fitavam. As bobinhas deviam estar enciumadas por causa da aparência sedutora e atraente de Cort.

– Posso ir lhe buscar o ponche? – ofereceu ele.

– Não se dê ao trabalho. Prefiro que outra pessoa me sirva. Desista, porque não vou lá fora com você.

– Ah, vai, sim!

Jessy encarou-o.

– De jeito nenhum!

– E seu eu iniciar uma briga aqui dentro e jurar que você provocou?

– Você não se atreveria a tanto! – balbuciou ela.

– Está me subestimando, minha cara.

Para o horror de Jessy, Cort tocou o ombro de um homem que se encontrava de costas. Quando o fulano se virou, recebeu um murro certo no queixo.

– O que está acontecendo aí? – inquiriu o sr. Harvey aproximando-se.

Ao ver o desconhecido estendido no chão, Jessy sacudiu a cabeça, assombrada. Como Cort podia passar por um sujeito normal em um segundo e, no outro, cometer uma loucura daquelas?

– Vai ou não vai conversar comigo lá fora?

– Isso é chantagem! – protestou Jessy.

– Chame do que quiser, mas resolva logo.

O sr. Harvey já chegava até eles.

– Está bem – concordou brava e em tom bem baixo. – Vou lá fora, porém por um segundo apenas.

Cort virou-se e ajudou o homem a levantar-se.

– Desculpe, amigo, eu me enganei. Confundi-o com outra pessoa – explicou ao limpar-lhe a roupa.

O estranho avaliou-lhe o tamanho e resmungou:

– Tudo bem. Nós todos cometemos erros.

– King, o que houve? – Harvey quis saber.

Não passou despercebida a Cort a surpresa de Jessy ao ouvir o patrão chamá-lo pelo apelido.

– Lamento o ocorrido, Fred. Alguém insultou a Sra. Turner – explicou com expressão compungida.

– Quem? – indagou Harvey, encarando o infeliz que acabava de ser esmurrado. .

– Eu o vi escapar pela porta no exato momento em que batia no homem errado.

Jessy pensou em revelar a verdade ao patrão e livrar-se de Cort, porém os dois davam a impressão de se conhecerem bem. O sr. Harvey não duvidaria da palavra daquele patife e isso a deixava de mãos atadas.

– Ora, que atrevido! – comentou Fred. – Caso o veja de volta aqui, King, é só me avisar. Nos o expulsaremos de uma vez por todas. Ninguém insulta uma de minhas moças.

– Exatamente a minha maneira de pensar – concordou Cort ao oferecer o braço outra vez a Jessy – Vamos respirar um pouco lá fora?

Jessy chegou na iminência de se queixar de dor de cabeça e pedir licença para se retirar da festa. Mas o que adiantaria. Mais cedo ou mais tarde, Cort acabaria tendo a tal conversa. Louco como era, poderia muito bem segui-la ao dormitório e provocar um grande escândalo. Melhor seria resolver o assunto logo. Virou-se e rumou para a porta.

Atônita, não conseguia refletir direito. Seria este King Lancaster o mesmo sobre o qual ouvira tantas histórias? Agora entendia por que as colegas a fitavam tanto. Quase todas já haviam revelado a vontade de se casar com o ricoço, dono de uma extensa área na região. Não, devia haver algum engano. O sr. Harvey só podia tê-lo confundido com um parente, um irmão, talvez.

Ao alcançarem o ar livre, Jessy respirou fundo. Viu então, encostado à parede, o seu vigia. Irritada, mostrou-lhe a língua, gesto pouco educado para uma senhora fina, refletiu. Contudo, em seu estado de espírito, pouco se importava.

– Boa noite, patrão – cumprimentou o homem.

– Boa noite, Bud. Não vou precisar de você por uns minutos. Por que não vai tomar um trago? – sugeriu Cort.

– Muito bem, patrão.

– Você deve estar muito preocupado comigo – comentou Jessy desejosa de pôr em ordem as reflexões.

– A meu ponto não é a preocupação com você, e sim a falta de confiança – replicou Cort ao acender um charuto.

– Quantos homens pôs para me vigiar?

– O suficiente.

– Está usando o meu dinheiro para pagá-los?

– De fato.

– E, com certeza, ainda tem de completar com o seu. Não acha ridículo gastar tudo isso com dois homens postados aqui apenas para tomar conta de mim?

“Dois homens?”, indagou-se Cort precisava verificar tal detalhe.

– O destino que dou ao dinheiro que me deve não é da sua conta. Todavia, podemos mudar esta situação se concordar com uma idéia minha.

– Estou até aqui com suas idéias – declarou Jessy tocando a testa com o leque. – Por que o sr. Harvey o chamou de King? – indagou incapaz de esperar um segundo a mais para esclarecer as dúvidas.

– Vamos andar um pouco por aí – disse Cort tomando-lhe o braço.

Jessy puxou-o num gesto brusco.

– Não! Responda a minha pergunta!

Sem dúvida, Jéssica Turner era a mulher mais teimosa que Cort já conhecera. Enchendo-se de paciência, explicou:

– A maioria das pessoas de Topeka me chama de King. Os amigos íntimos. preferem Cort.

– Pois eu não sou sua amiga, e muito menos íntima. Você vem tomando o meu

dinheiro suado e, deliberadamente, me levou a crer que era jogador e pistoleiro! Se tem tanto dinheiro, por que quer o meu também? Você não passa de um pilantra da mais baixa categoria!

– Quem é você para jogar a primeira pedra?

Cort atirou fora o charuto e observou Jessy. O luar permitia-lhe notar bem certos detalhes. O queixo delicado mantinha-se erguido e os lábios generosos sugeriam um convite quase irresistível. Todavia, o mais difícil era desviar o olhos dos seios que arfavam sob o efeito da respiração raivosa. Entretanto, era preciso ter paciência.

– Tenho um negócio para lhe propor, Eu quero um filho – disse Cort e apreciou a expressão de choque de Jessy. – Para consegui-lo, estou disposto a pagar uma soma respeitável.

– Vou voltar lá para dentro – informou Jessy.

Ele segurou-lhe o braço com força. No dia seguinte, estaria com manchas roxas na pele, calculou Jessy.

– Com todos os diabos! Você vai ficar aqui e me ouvir! Quando eu terminar poderá voltar para a festa.

Ela não se moveu e Cort a soltou.

– A fim de ter um filho, estou disposto a me casar sob certas condições. Se você concordar em ser minha esposa perdoarei sua dívida e, tão logo dê a luz a um menino, eu lhe comprarei uma casa em Kansas City. Além disso, terá uma boa conta bancária. Jamais precisará trabalhar novamente.

– Sem a criança, claro! Terminou? – perguntou ela com desprezo.

Mal podia acreditar no que acabava de ouvir. Nunca tinha recebido uma proposta tão absurda e feita com o maior sangue-frio. O homem não devia regular da cabeça. Precisava desaparecer da cidade e o mais depressa possível!

– Não espero uma resposta já. Pense bem sobre o assunto – recomendou com um sorriso. – Você será uma mulher rica, Jéssica Turner, e nunca terá de olhar para mim.

– Não quero olhá-lo agora! Alguém já lhe estapeou a cara? – perguntou ela.

– Várias pessoas e eu reagi à altura. Quer experimentar? – sugeriu Cort rindo baixinho.

– Não vejo graça alguma nisso tudo. Acabou de me insultar e eu posso lhe dar a

resposta já. Não! Tenho licença agora para retomar à festa?

– Pois não, eu a acompanho. A proposta continua de pé, caso mude de idéia – afirmou Corto

Ao entrar no restaurante, Jessy subiu diretamente ao dormitório. Para aborrecimento seu, Kathleen e Lora apareceram logo em seguida. Mostravam-se sorridentes e animadas.

– Ah, Jessy, nós vimos quando vocês dois voltaram do passeio – disse Kathleen.

Jessy fitou-a. A amiga era uma moça de estatura média, cabelos loiros e ralos e sem grandes atrativos. Podia entender o seu entusiasmo, pois era ingênua e um tanto tola. Quanto a Lora, entretanto, a reação tinha um aspecto inesperado. Alta, de porte elegante, a moça mostrara-se sempre, até essa noite, muito reservada. Pela primeira vez, revelava euforia.

– Nós apenas fomos respirar um pouco de ar fresco. Estava muito abafado no salão – explicou Jessy. – Lora por favor, quer desabotoar meu vestido atrás? Não vejo a hora de me deitar. Estou com uma tremenda dor de cabeça.

Enquanto a amiga prestava-lhe o favor, ocorreu a Jessy estar diante de uma oportunidade de ouro para pôr o seu plano de fuga em ação. Sem querer, Cort tinha lhe dado a desculpa perfeita.

– O Sr. Lancaster é o homem mais detestável que já conheci. Ele mostrou-se muito desagradável comigo e tive um trabalho enorme para me livrar dele.

– Não importa o que você diga – insistiu Kathleen. . – Acho emocionante contar com o grande King Lancaster na defesa de sua honra.

Jessy despiu o vestido e fitou a amiga.

– Ninguém me insultou, Kathleen. Cort representou a cena toda a fim de me forçar a segui-lo lá para fora. Ele é um homem muito perigoso.

– Cort?! Ora, ora, já estão íntimos? Pelo que eu saiba, ele é famoso entre as namoradas. Eu gostaria bem de ser uma delas – confessou Kathleen.

– Perigoso como? – Lora quis saber.

Jessy vestiu a camisola e terminou os preparativos para dormir. Isso deu-lhe algum tempo para refletir sobre o que contar às amigas. Já deitada, começou:

– Conheci Cort, quer dizer, King, tempos atrás quando eu vinha para Topeka, depois

da morte de meu marido.

– Que sorte! – exclamou Kathleen.

Percebendo haver atraído a atenção das duas moças, Jessy prosseguiu:

– No caminho para cá, ele me contou estar planejando se casar a fim de ter um filho. Quando o menino nascesse, compraria uma casa para a mulher, em outra cidade, e a mandaria embora com dinheiro suficiente para se sustentar pelo resto da vida.

– O que isso tem a ver com você? – indagou Lora.

– Cort resolveu que tenho de me prestar a esse, papel de esposa e mãe e não aceita minha recusa. Chegou a ponto de colocar uns homens me vigiando noite e dia com medo de que eu fuja. Estou morta de medo.

– Francamente, não entendo – declarou Lora. – Por que ele quer esse filho?

– Esse é o ponto. Cort não explicou as razões. Para mim, ele não regula nem um pouco da cabeça – disse Jessy.

– Nenhuma mulher decente deve ser tratada de maneira tão grosseira, ou se casar sob tais condições – opinou Kathleen, brava.

– Para piorar a situação, estou apaixonada por Cort ele é um homem tão atraente, uma verdadeira tentação – queixou-se Jessy com voz chorosa ao apanhar um lenço na mesinha atrás da cama.

Vendo as duas amigas concordarem com gestos de cabeça, ela sentiu-se culpada. Contudo, precisava escapar de Cort, e faltar um tanto com a verdade era a única maneira de conseguir o objetivo.

– Tenho de arranjar um jeito de entrar no trem sem ser vista pelos guardas – disse com um suspiro, levando o lenço ao nariz num gesto de grande efeito.

– Talvez possamos ajudá-la – sugeriu Kathleen.

– Ou quem sabe a srta. Cragshaw saiba o que fazer?

– Duvido. Ela tem uma grande admiração por Cort e, provavelmente, lhe contaria tudo – raciocinou Jessy com ar desanimado.

– Ah, e as meninas? Se todas nós reunidas fizermos um esforço, acabaremos achando uma solução – garantiu Lora.

– Seria uma ótima idéia, mas existe um porém. Cort paga uma delas para me espionar e eu não sei quem é – informou Jessy.

– Deus do céu! – exclamou Kathleen percorrendo o olhar ressabiado à volta do dormitório. – O homem está mesmo determinado!

Lora levantou-se e começou a andar de um lado para o outro, pensativa.

– Posso ir à estação e comprar sua passagem, Jessy. Mas como vai sair daqui sem ser vista?

As duas calaram-se com expressão concentrada, cada uma imaginando um esquema diferente. Depois de dar-lhes tempo para pensar, Jessy falou bem devagar:

– Acabo de ter uma idéia. Talvez dê certo, caso vocês estejam mesmo dispostas a me ajudar. Kathleen regula de altura comigo. Que tal se puser um dos meus vestidos e um chapéu com um véu espesso cobrindo-lhe o rosto a fim de dar uma volta pela cidade?

– Ah; estou entendendo – disse Lora. – Quem a estiver vigiando vai segui-la certo de que quer se esconder e fugir despercebida para uma outra casa.

– É isso mesmo. Então, poderei entrar no trem sem que ninguém me veja e descubra quem me ajudou.

– Ora, um plano excelente e estou pronta a fazer minha parte – declarou Kathleen animada. – Quando vai ser?

– Quinta-feira seria uma boa data. Teremos tempo suficiente para pensar nos detalhes nos preparar. Já me informei sobre o horário dos trens – contou Jessy.

Então entusiasmadas com a perspectiva da aventura, as três esqueceram a preocupação e riram divertidas.

Nos dias seguintes, a tensão de Jessy foi aumentando e na quarta-feira, ela acordou com os nervos à flor da pele. Dormira mal e não via a hora de a quinta-feira chegar. Se tudo desse certo, sua vida voltaria ao normal e ela poderia prosseguir com os planos de morar em Kansas City.

Embora tentasse, não conseguia deixar de se afligir com Cort desde o dia após o baile, ele passara a tomar o café da manhã no restaurante. Nem sempre sentava-se a uma de suas mesas, porém não ficava sem cumprimentá-la com grande amabilidade. As outras garçonetes consideravam a atitude muito romântica e a provocavam sem dó nem piedade.

Lora já tinha comprado a passagem, que, dessa vez, Jessy guardara na gaveta a fim de evitar o destino da primeira. Havia arrumado suas poucas coisas e estava ansiosa para partir.

Com o uniforme preto e avental branco, Jessy desceu para atender aos fregueses do café da manhã. Ao vê-la, a srta. Cragshaw comentou sobre sua palidez e magreza. Ela justificou o aspecto alegando não andar se sentindo muito bem. Quando o horário da refeição já chegava ao fim, Jessy alegrou-se por Cort não haver aparecido nesse dia.

Entretida com o trabalho, esqueceu-se das preocupações. Sem esperar, ouviu uma gargalhada estridente e familiar. Pensando tratar-se de mera coincidência, continuou servindo uma mesa de recém-chegados. Ao ouvi-la pela segunda vez, não resistiu à curiosidade e virou-se. Não foi difícil localizar os cabelos ruivos. Ao encontrar o olhar atrevido de B.J. Jessy derrubou a bandeja no chão.

– Veja o que você fez! – protestou uma senhora levantando-se. – Virou o bule de café no meu vestido!

Tudo começou a girar à volta de Jessy. Onde estaria Cort? Por que não aparecera justamente nesse dia? Ele era a única pessoa que poderia protegê-la. Não, enganava-se! Um dos homens contratados por ele para vigiá-la sentava-se ao lado de B.J. Este e Cort deviam estar agindo de parceria o tempo todo! Claro, as coisas agora faziam sentido! Por essa razão, Cort a tinha seguido desde Binge.

– Jessy? Jessy?

Bem devagar, ela entreabriu os olhos e viu a srta. Cragshaw colocar-lhe uma toalha úmida na testa. – Como está se sentindo, minha querida?

Jessy levou alguns segundos para perceber que se encontrava deitada em sua cama.

– Um pouco atordoada – respondeu. Porém, ao lembrar-se de B.J. sentou-se depressa. – Como vim parar aqui?

– Um homem a carregou – respondeu a srta. Cragshaw.

– Quem?

– Um dos fregueses. Ele queria levá-la ao médico, mas insisti para trazê-la aqui para cima. Não simpatizei com ele. Fui buscar a toalha e quando voltei o apanhei remexendo suas coisas. Jamais confiei em pessoas de cabelos vermelhos.

Embora a gaveta estivesse fechada, Jessy sabia que B.J. tinha visto a passagem de trem. Um gemido de aflição escapou-lhe dos lábios e ela segurou as mãos da srta. Cragshaw.

– Pelo amor de Deus – sussurrou amedrontada - não deixe ninguém me levar daqui.

– Naturalmente, minha querida, pessoa alguma a forçará a ir embora contra a vontade. Olhe, mandei buscar um prato de canja para você, Jessy. Quero que tome tudo e depois faça um bom repouso – determinou a chefe ao passar-lhe o braço sobre os ombros. – Desde o dia em que chegou aqui, sempre se mostrou muito introvertida. Não existe quase nada que eu não saiba sobre as minhas meninas, pois estou sempre disposta a ouvir seus problemas. Por que não se abre comigo e conta o que a está afligindo?

Cort entrou no quarto do hotel barato e percorreu o olhar à volta. A cama, coberta por uma colcha azul desbotada, que há muito deveria estar no lixo, ocupava o centro do aposento diminuto, com a cabeceira de encontro a uma das paredes. O assoalho mostrava-se muito gasto e a pintura descascava. Só então fitou a mulher que lhe abrira a porta. A noiva contratada por correspondência.

– Estou muito surpreso – admitiu ele.

Havia rugas à volta dos olhos verdes da moça, o queixo já dava sinais de flacidez e os cabelos castanho-claros não tinham mais o brilho da juventude. Amy Rothchild não era tão moça quanto à fotografia dera a entender. Mesmo assim, tratava-se de uma mulher atraente cujo vestido simples de algodão não conseguia esconder a silhueta de curvas bem-feitas.

– Quando não chegou na data marcada, pensei que tivesse mudado de idéia.

– Para ser sincera, quase desisti de vir. Não é fácil deixar a terra da gente e ir para um lugar estranho – confessou Amy com um sorriso simpático. – Sei que não sou o que esperava, Sr. Lancaster, porém o senhor também não corresponde à idéia que fiz a seu respeito.

Amy observou-o da cabeça aos pés.

– Ah, como eu gostaria de ser mais jovem! Entretanto nesta fase da vida, posso ver tudo com maior clareza. Nós dois não temos muita coisa em comum. Pelas suas roupas imagino que seja um homem de posses.

Quando Cort recebera o recado de que uma mulher desejava vê-lo no hotel, não tinha lhe ocorrido tratar-se de Amy.

– O senhor é um homem muito atraente para o meu gosto – continuou ela. – Quero um a quem eu possa receber de volta em casa todas as noites. Também não acho que eu

seja a pessoa com quem o senhor gostaria de se casar. Não tenho a mínima experiência para lidar com gente rica nem juventude para enfrentar um marido fegoso.

Cort riu. Apreciava-lhe a franqueza.

– Acredito poder falar por nós dois. Um casamento está fora de questão. Vou tomar o próximo trem de volta – declarou Amy, bem-humorada.

– Apenas por curiosidade, Amy. Por que veio para o Kansas? – perguntou Corto

– Para arranjar um marido. A nossa fazenda já estava afundada em dívidas quando meu marido morreu, há dois anos. Tentei salvá-la, porém não foi possível.

– Não tem filhos?

– Não – confessou, baixando os olhos. – Sei que me escreveu me dizendo querer ter um filho e eu ainda estou bem dentro da idade para concebê-los. Não menti a esse respeito. Porém eu tinha idéia de que só um homem idoso arranjaría uma noiva por correspondência.

– Posso não ser o homem certo, Amy, mas centenas de outros no Estado encontram-se à procura de uma boa esposa. Há falta de mulheres no Kansas.

– Não disponho de dinheiro para ficar, Sr. Lancaster.

– Pois eu, sim. Vamos sair e procurar uma boa pensão para você. É uma mulher muito atraente, Amy, e muitos homens bons ficarão contentes em se casar com você.

– Por que gastaria dinheiro comigo? – indagou ela.

– Digamos que quando a mandei buscar eu também não estava sendo muito honesto. Com toda a franqueza, considere-se feliz por não se casar comigo. Você não sabe, porém, que de nós dois quem está em débito sou eu.

Horas mais tarde, Cort caminhava de um lado para o outro na sala decorada em estilo vitoriano à espera de Jessy. As lamparinas de querosene tinham a chama baixa e sua sombra seguia-o pelas paredes. Embora houvesse apreciado as horas passadas com Amy, acomodá-la tinha levado mais tempo do que planejava. Ainda fora à costureira preferida da irmã avisá-la para debitar as despesas de Amy Rothchild em sua conta.

Pela recepção fria da srta. Cragshaw, imaginava que Jessy havia lhe contado tudo, pelo menos sua versão da história.

– Vou ver se Jessy está disposta a recebê-lo – dissera ela em tom cerimonioso.

Desde a conversa na noite da festa, o propósito de Cort tornava-se cada vez mais

firme. Haveria de se casar com Jessy. A questão tinha sofrido uma mudança radical. Se antes ele desejava que a noiva contratada por correspondência não soubesse de sua fortuna, agora a usaria como argumento a fim de convencer Jessy. Quanto à obsessão em se casar com ela, já deixava de ser uma interrogativa incômoda. Conseguir o seu consentimento se constituía num desafio e ele jamais fugiria de um. Aliás, gostava de enfrentá-los. Esse era um dos segredos de seu sucesso.

– Deseja falar comigo?

Cort virou-se e viu Jessy entrar na sala. Embora se mostrasse abatida, ela continuava linda. O vestido lilás combinava com o azul-violeta dos olhos e os cabelos loiro-platinados estavam presos ao alto da cabeça, com pequenas mechas caídas ao longo do rosto. Altiva, ela sentou-se no sofá.

– Verifiquei certos detalhes – declarou Jessy ao cruzar as mãos no colo. – Como devo chamá-lo: Cort, King ou sr. Lancaster?

– Como quiser – disse ele, acomodando-se numa poltrona.

– Bem, sr. Lancaster, eis o que eu descobri. Para começar, o senhor não pode me forçar a lhe entregar meu salário. Se tentar me levar daqui para trabalhar num bar, a srta. Cragshaw dará parte ao delegado.

– Isso no caso de conseguirem encontrá-la e provarem que estou envolvido no negócio – declarou Cort.

Jessy sentiu um calafrio. Como sempre, não obtivera a reação esperada. Viera ao encontro certa de estabelecer regras para a situação. O maldito não tinha medo de nada? Precisava considerar o que ele acabava de dizer. As palavras aplicavam-se não só a ele como a B.J. também. Jamais conseguiria deixar o restaurante. Um dos dois a agarraria. Já havia perdido a oportunidade de tomar o trem da manhã.

Cort observou as feições de Jessy.

– Pensou na minha proposta da outra noite? Ao oposto de você, eu mantenho minha palavra.

A raiva aflorou nos olhos azuis. Cort observou-a com admiração. Estava linda e, mesmo nesse momento, sentia a tentação de soltar-lhe os cabelos.

– Sr. Lancaster, de uma vez por todas, entenda que não quero seu dinheiro'. Não pretendo ter o seu filho para, em seguida, ir embora viver no luxo, enquanto o senhor cria e

educa a criança – declarou ela, lutando para conter as lágrimas. – Se não fosse sua interferência, eu estaria levando uma vida normal em Kansas City.

– Deixe de ser dramática, Jessy.

– Não! Pelo menos desta vez, vai ter de me ouvir. Existe um homem a quem odeio mais do que o senhor. Eu fugia dele quando me apanhou, lá no riacho. Agora, ele me descobriu aqui e estou morta de medo. Nem me atrevo a imaginar o que aquele infeliz fará se puser as mãos em mim. Ele é louco!

– Quem é ele?

– B.J. Johnson – sussurrou Jessy.

Cort reclinou-se no encosto da poltrona e estudou-lhe as feições. Não era a primeira vez que Jessy fazia tal afirmativa. Poderia estar dizendo a verdade? Lembrou-se da conversa que tiveram no casebre. Momentos antes, ele a tinha visto falando com B.J., porém não entendera as palavras. Contudo, ouvira claramente quando ela xingara o homem de maldito e cuspira no chão.

Naquele dia, ele tinha justificado a cena como uma briga de amantes, mas o *barman* também afirmara que B.J. era louco, refletiu.

– Tenho minhas razões para lhe contar isso – afirmou Jessy de queixo erguido.

– Sei. Quais são elas?

– Se não fosse sua interferência em minha vida, B.J. não teria descoberto meu paradeiro. O senhor me deve proteção.

Cort riu, sarcástico.

– Olhe aqui, moça, não sou culpado pelos problemas entre você e B.J. A responsabilidade é toda sua.

– Juro que não fiz nada – afirmou Jessy resolvida a não implorar, apenas argumentar. – Reconheço Sr. Lancaster, tratar-se de uma história inacreditável. Em Binge, havia homens muito superiores a B.J. dentre os quais eu poderia escolher um bom marido. Foi B.J. quem espalhou o boato de que eu pertencia a ele e todos acreditaram. Talvez por medo, não sei.

– O que quer que eu faça? – indagou Corto

– O senhor é a única pessoa que conheço aqui capaz de me ajudar. Hoje de manhã, vi um de seus homens sentado à mesa com B.J. Até então, eu não sabia que o desgraçado

estava em Topeka. A srta. Cragshaw tem certeza de que eu cheguei fiz conclusão errada.

Lembrando-se de seu comentário sobre dois homens vigiando-a, Cort levantou-se e foi até a janela. Ao puxar a cortina, viu um vaqueiro parado do outro lado da rua. O sujeito ergueu a cabeça e, percebendo que estava sendo observado, puxou o chapéu de abas largas sobre o rosto e afastou-se.

– Que conclusão? – indagou Cort largando a cortina.

– Pensei que o senhor e B.J. estavam juntos neste negócio. Devo ter me enganado e acho agora que B.J. comprou o seu homem de suposta confiança.

– O que a levou a mudar de idéia? – perguntou Cort sem esconder a irritação.

– A srta. Cragshaw. Ela diz que o senhor goza de uma reputação e tanto por aqui, sempre age sozinho e jamais se envolveria com um tipo como B.J.

– Mulher inteligente.

– Caso o senhor me dê proteção, prometo não tentar fugir e continuar entregando-lhe o meu salário.

“Pronto, disse tudo”, refletiu Jessy aliviada e prendeu a respiração para ouvir a resposta.

– Tenho uma idéia melhor. Case-se comigo.

– O senhor não ouviu uma palavra do que eu disse! Eu sabia que nossa conversa seria inútil! – exclamou Jessy ao, levantar-se e apontar-lhe um dedo trêmulo.

– Eu jamais me casaria com homem algum sob suas condições.

Interrompeu as palavras e recuou ao ver Cort aproximar-se. Contudo, encontrava-se muito perto do sofá. Seus joelhos esbarraram nele forçando-a a sentar-se.

– Pense bem – aconselhou Cort em pé a sua frente e em voz bem baixa. – Como minha esposa, B.J. não ousaria molestá-la. Você teria uma vida luxuosa e uma sólida posição na sociedade. Depois de me dar um filho, poderia ir embora ou continuar aqui. Eu não a forçaria a nada – prometeu ele e observou-lhe a reação. Percebeu haver tocado no ponto certo e acrescentou:

– Se resolver ficar, eu a deixarei em paz, no caso de assim preferir. Levará sua vida e eu a minha.

– Não tem medo de que eu possa provocar embaraços ao nome da família Lancaster?

– Você não fará algo que eu já não tenha feito várias vezes.

Jessy não podia acreditar em si mesma. Na verdade, já encarava a possibilidade de aceitar a proposta de Cort.

– Eu continuaria sendo vigiada? – perguntou.

– Não. Eu aceitaria sua palavra de não mais fugir. Você gozaria de toda a liberdade. Mas não se iluda. Não estou ficando complacente. Caso desapareça antes de me dar um filho, irei buscá-la até no inferno. Se considera B.J. um homem mau, trate de não conhecer o meu lado ruim – ameaçou Cort.

– Amanhã lhe darei minha resposta – prometeu Jessy.

“Caso eu resolva me casar, veremos qual de nós dois... é mais determinado!”.

Ao sair à rua, Cort dirigiu-se à esquina por onde o vaqueiro tinha desaparecido. Distraído, o homem enrolava um cigarro. Cort aproximou-se por trás e arrancou-lhe a pistola.

– Com todos os demônios...

– Vire-se devagar, ou eu puxo o gatilho.

O vaqueiro obedeceu e foi atingido no estômago por um murro poderoso que o fez vergar de dor.

– Qual é o seu nome?

– Elmer – gemeu o outro.

– Não quero mais ver sua cara por aqui, Elmer. Caso eu a veja, você será um homem morto. Não sei quanto B.J. está lhe pagando, mas aposto como não vale a sua vida. Fui claro?

– Não tenho nada contra o senhor.

– Isso não vem ao caso. A ameaça continua. Você vai dar um recado meu a B.J. Diga-lhe que King Lancaster manda avisá-lo para parar de provocar problemas a Jéssica Turner. Se ele causar mais um, irei procurá-lo. Caso não conheça minha fama, acho bom indagar por aí. Vai descobrir que sou um bandido sem piedade. Pretendo me casar com a moça e não existe nada que B.J. possa fazer para me impedir. Agora suma!

– E a minha pistola?.

– Ora, moço, dê graças a Deus por estar vivo!

Jessy continuou sentada na sala de visitas por algum tempo. Estava resolvida a casar com Cort, mas não pretendia dar-lhe filho algum. Na noite do casamento, negar-se-ia a consumá-lo. Se Cort insistisse, teria de se sujeitar a ele. Paciência. Isso já lhe havia acontecido uma vez e ela havia sobrevivido. Depois, daria a ele o mesmo tratamento dispensado a Jonathan. Teria ataques de fúria e o ameaçaria de matá-lo enquanto dormisse, caso voltasse a tocá-la.

Quando Jessy contou a Kathleen e Lora sua decisão de se casar, as amigas ficaram chocadas. Explicou-lhes que Cort confessara amá-la também, justificando sua mudança de atitude.

Com a srta. Cragshaw foi mais difícil. Embora entendesse a necessidade de Jessy conseguir proteção, não concordava com a decisão. Contudo, tranqüilizou-a quanto à cláusula do contrato trabalhista que a impedia de se casar pelo período de um ano. Na realidade, bem poucas garçonetes mantinham-se solteiras por mais de seis meses. Fred Harvey já estava conseguindo a fama de ser o melhor provedor de esposas em todo o Oeste.

Quando Jessy entrou no dormitório à noite, todas as colegas já sabiam da novidade e correram para abraçá-la. Custou-lhe um certo esforço fingir-se de noiva feliz. Mesmo depois do entusiasmo arrefecer e elas voltarem aos preparativos para dormir, Kathleen e Lora continuavam a falar animadas sobre a solução excelente do problema. Exausta por causa da noite de insônia e da tensão, Jessy não se encontrava disposta a tomar parte na conversa.

– Kathleen, por que não trocamos de cama esta noite? – sugeriu. – Assim você e Lora poderão conversar até o amanhecer.

– Não está eufórica demais para dormir?

– Ah, Kathleen, meu cansaço é tão grande que eu dormiria até num túmulo – confessou com um sorriso forçado.

As duas moças trocaram de cama.

Embora as luzes nos dois andares do restaurante já houvessem sido apagadas há algum tempo, B.J. continuava esperando num canto escuro da rua. Mike escondera-se lá dentro na hora de o estabelecimento fechar e logo lhe abriria a porta. Um outro homem segurava as rédeas dos cavalos, prontos para uma fuga rápida. Depois de lhe transmitir a

ameaça de um tal King Lancaster, Elmer resolvera desertar como um cão medroso. Como não tivesse mais utilidade, B.J. havia lhe dado um tiro nas costas.

O guarda a quem Elmer se referira encontrava-se agora amordaçado e preso por cordas atrás do edifício. B.J. sabia que Jessy não tinha intenção de se casar com Lancaster. Havia visto sua passagem de trem na gaveta e estava ciente de seu propósito de escapar amanhã. Ela apenas tapeava o homem como havia feito com ele. Prometera-lhe algo que não pretendia cumprir. De qualquer forma, tinha de agarrá-la esta noite, antes que fugisse outra vez.

B.J. ouviu Mike abrir a porta e, em seguida, acenar-lhe. O homem tinha instruções para manter guarda ali fora com a pistola engatilhada, caso alguém resolvesse interferir.

Uma vez dentro do restaurante, B.J. apressou-se em direção às escadas. De manhã, decorara todos os detalhes e obstáculos possíveis desde o salão até a cama de Jessy. Precisava apenas tomar cuidado em não fazer barulho. Como as esporas tinissem, ele parou um instante à entrada do dormitório. Ninguém acordara. Aproximou-se da cama de Jessy, tapou-lhe a boca com uma das mãos e com o outro braço ergueu-a no colo. Ela lutou um pouco, porém sua força dominou-a prontamente. Correu escada abaixo e em direção à saída sem mais se incomodar em não fazer barulho.

B.J. acomodou melhor a carga flácida numa posição mais confortável enquanto cavalgavam para fora da cidade. Várias vezes Jessy lhe mordera a mão, e quando a tinha retirado ela havia gritado. Calara-a com um bom soco que a fizera desmaiar.

Finalmente, B.J. parou o grupo.

– Muito bem, moço, seu trabalho foi bom. Mike vai lhe pagar e você pode voltar para a cidade. Quanto a você, Mike, eu o encontrarei em Binge.

Em seguida, ele esporeou o animal e partiu em novo galope. Só após percorrer vários quilômetros pela planície, diminuiu a marcha. Seguro de que ninguém o seguia, prendeu as rédeas na frente da sela e, com a mão livre, percorreu o corpo inanimado de Jessy. Ao sentir-lhe a maciez, o desejo subiu de maneira poderosa e agonizante.

Um trovão ribombou nas proximidades e RJ. amaldiçoou as nuvens negras que encobriam a lua. Queria ver o olhar apavorado de Jessy ao descobrir-se em suas mãos. Incapaz de conter-se por mais tempo, B.J. parou a montaria sob uma árvore frondosa. Apeou, trazendo consigo a moça cativa que largou no chão. Ouvindo-a gemer, apressou-se

em amarrar as rédeas à volta do tronco grosso.

Ao recobrar os sentidos e ver o homem atarracado em pé ao lado, Kathleen foi tomada pelo pânico.

– Desta vez você não me escapa, Jessy – disse ele desabotoando as calças. – Depois destes anos todos de espera, vou finalmente possuí-la.

Embora não pudesse ver-lhe o rosto, Kathleen noto o ódio expresso na voz. Tentou rolar para o lado, porém ele a imobilizou com a bota sobre seu corpo. Debochado riu alto.

– Por favor, não me machuque – implorou Kathleen. – Não sou Jessy. Deixe-me ir embora, pelo amor de Deus.

Entretido em ouvi-la suplicar, B.J. levou alguns segundos para entender suas palavras. Um relâmpago, ao riscar o céu, permitiu-lhe ver o rosto da moça. Furioso por haver sido ludibriado mais uma vez, já ia dar-lhe um pontapé no rosto quando o estrondar ensurdecedor do trovão fez o cavalo empinar assustado. Em seguida, um silêncio agourento, quebrado apenas pelo relinchar assustado do animal, envolveu a terra.

E então B.J. ouviu um rugir surdo. Sabia tratar-se de um tornado. A moça começou a gritar assustada, porém ele pouco se incomodava com o que lhe acontecesse. A cada segundo, o vento já soprava com mais força. A muito custo, B.J. conseguiu soltar o cavalo, montá-lo e partir a galope.

CAPÍTULO VI

Jessy tinha de admitir a beleza daquela manhã de agosto e a elegância de Cort com as calças e jaqueta cinzentas, colete preto e camisa branca. Displacente, ele dirigia a charrete preta, de assentos acolchoados e puxada por um cavalo negro também.

Ao percorrerem a rua, ela mal prestava atenção ao movimento. As palavras “até que a morte os separe” ainda ecoavam em seus ouvidos. Como seria sua vida como sra. Cortland Lancàster? Imaginava. Não sabia nada sobre o marido, nem se ele possuía família. Caso tivesse parentes, por que eles não tinham ido ao casamento?

A cerimônia havia sido muito simples, contando apenas com a presença dos

funcionários do restaurante. Jean-Claude, o cozinheiro francês, fizera um bolo lindo e Kathleen, apesar da mancha roxa no queixo, tinha se mostrado muito alegre e refeita completamente da experiência penosa.

Dois vaqueiros, inspecionando os estragos causados pelo tornado, tinham-na encontrado agarrada à árvore.

Felizmente, o ciclone havia se levantado antes de atingi-la. Embora ela se declarasse contente por ter uma boa história para contar aos filhos e netos, Jessy sentia-se muito culpada. Afinal, ela fora a razão do incidente.

– Estamos quase chegando em casa – informou Cort, – Minha madrastra, Marie, não deve estar lá, mas sei que minha irmã a espera, ansiosa por conhecê-la.

– E seu pai?

– Faleceu há pouco tempo.

Teria ouvido uma nota de tristeza na voz de Cort? Pensou Jessy.

– Minha irmã chama-se Sheila. Logo completará dezenove anos e é muito curiosa. Provavelmente, vai querer saber a história de sua vida.

– O que você contou a meu respeito a sua família? – perguntou Jessy ao notar as casas lindas da vizinhança.

– Nada. Você terá liberdade de revelar o que bem entender – respondeu Cort ao parar a charrete sob uma árvore.

– Então, posso muito bem dizer-lhes que sou uma rainha destronada – replicou Jessy aborrecida.

– E eu deverei tratá-la por “Vossa Majestade”? – perguntou Cort rindo, divertido.

Nesse instante, seu rosto adquiriu uma expressão jovial, quase a de um adolescente, e Jessy não conseguiu reprimir um sorriso. Sem dúvida, Cort era um demônio ilusionista, simpático quando desejava.

– Ora, que mudança agradável – comentou Jessy. – Deveria rir assim mais vezes. Fica mais atraente.

Cort admirou-lhe o vestido lilás, adornado de rendas e que lhe delineava a silhueta com perfeição.

– Você é uma mulher linda, Jessy Lancaster – elogiou-a e gostou de ver-lhe o leve rubor nas faces.

Jessy não conseguira evitar essa reação. Muitas vezes tinha sido cumprimentada pela beleza e jamais dera importância. Todavia, a lisonja feita por Cort parecia-lhe diferente e muito pessoal. Incapaz de continuar a fitá-lo, baixou os olhos e disse:

– Já que sua irmã está nos esperando, não acha melhor irmos logo para casa?

No fundo, temia muito o encontro com a família de Cort, porém preferia enfrentar logo a situação.

– Não temos pressa alguma. Apenas quero lhe dar uns momentos para se adaptar à idéia de ser a Sra. Lancaster. Não há nenhuma pergunta que queira me fazer?

– Por que está sendo tão atencioso? – perguntou Jessy desconfiada.

– Indagação injusta – comentou Cort ao esticar as pernas sobre a frente da charrete.
– Vejo a questão pelo seguinte ângulo. Nós dois desejamos algo com esse casamento. Eu, um filho e Você, proteção. Não são lá razões muito boas para nos amarrarmos, mas já vi uniões darem certo em circunstâncias piores como, por exemplo, os noivos nem se conhecerem. Temos uma coisa em comum, Jessy querida. Somos ambos egoístas e pouco generosos.

Jessy sentiu um calafrio de medo.

– Podemos agora tocar nosso casamento para a frente como amigos ou inimigos. Como será? – indagou ele impassível.

– Está exigindo demais – protestou Jessy. – Como posso alimentar amizade por um indivíduo que me quer apenas para lhe dar....

– Um filho? Garanto que farei o impossível a fim de nossa união ser muito agradável para ambos.

– Não pretendo sentir prazer em ir para sua cama, Sr. Lancaster.

– Antes de mais nada, deve se acostumar a me chamar de Cort mas, voltando ao assunto anterior, pense no que vai receber em retorno. De hoje em diante, será uma mulher rica e sem a mínima preocupação, a não ser as que inventar.

– Imagina mesmo que eu não me aflija? Tenho de ir para a cama com um homem de quem nem ao menos gosto! Como pretende impedir B.J. de se aproxima de mim? Acredita que ele desistiu só porque seu nome é Lancaster?

– Com isso me preocupo eu. Como é, amigos ou não?

Jessy suspirou aborrecida. O homem sempre fugia a suas indagações.

– Vou tentar ser amiga, mas não garanto nada.

Cort riu ao pensar como ia ser interessante ter Marie e Jessy sob o mesmo teto.

Do que ele estaria achando graça? Refletiu Jessy.

– A propósito – disse Cort ao pôr os pés para baixo e sacudir as rédeas – , comprei este cavalo e a charrete como seu presente de casamento.

– Meus?! – exclamou Jéssica sem conter a alegria. – Nunca tive nada tão lindo! – confessou ao passar a mão pelo assento macio de couro.

– Você sabe dirigir? ,

– Sei, claro.

Deliberadamente, Cort não tinha contado a Jessy que andava à procura de B.J., noite e dia, desde sua aparição no restaurante. Havia mandado um vaqueiro da fazenda a Binge a fim de verificar se B.J. voltara para lá e outros vasculharem a região onde Kathleen havia sido encontrada, Cort sabia que B.J. se escondia por lá e, mais cedo ou mais tarde, seria encontrado. Nesse dia, não incomodaria mais ninguém.

Quando Cort dirigiu a charrete por uma alameda circular e parou diante da casa, um rapaz correu para segurar as rédeas.

– Obrigado, Tod – agradeceu Cort ao ajudar Jessy a descer. – Quero que conheça a nova dona da casa.

Espiando pela janela da sala, Sheila não conteve uma exclamação de surpresa. Cort havia se recusado descrever a noiva e ela se preparara para o pior. A mulher linda que acabava de descer da charrete excedia a todas as suas expectativas. Tinha a impressão de conhecê-la, mas não se lembrava de onde. Correu até o espelho da chapeleira no vestíbulo de entrada e verificou a aparência. Depois virou-se para a porta e esperou. A cunhada gostaria dela?

Ao entrar, Jessy também admirou-se da beleza da moça de cabelos negros e olhos azuis. Imediatamente, reconheceu-a como a companheira de Cort no jantar do restaurante.

Cort aproximou-se da irmã e, com o braço sobre seus ombros, fez as apresentações.

Sheila serviu um chá e o resto da manhã passou depressa. Um pouco depois do meio-dia, Cort anunciou sua ida à cidade para tratar de negócios. Estaria de volta para jantar. Jessy sentiu uma ponta de alívio e imaginou se Sheila não estranharia a saída do irmão e o fato de não se despedir da noiva com um beijo.

Tão logo ele saiu, Sheila apresentou-a aos criados e depois levou-a ao segundo andar para conhecer seu quarto.

Jessy ficou exultante com o aposento claro e bem decorado. Não tinha um quarto só seu há muitos anos.

Espaçoso, era maior do que seu mísero casebre em Binge. As duas janelas largas encontravam-se abertas e a brisa ondulava as cortinas brancas de gaze. Saber que não compartilharia do quarto de Cort também a deixava satisfeita.

– Lamento mamãe não estar aqui para recebê-la – desculpou-se Sheila. – Ela foi passar o dia e a noite em casa de uns amigos – acrescentou sem explicar a razão verdadeira da ausência de Marie. Jessy logo descobriria. – Posso lhe fazer uma pergunta?

– Seu irmão disse que você é inquisitiva – comentou Jessy com um sorriso franco, ao mesmo tempo em que abria o armário. Satisfeita, viu todas as suas coisas inclusive a maleta de couro, já arrumadas em seus lugares. – Como agora estamos ligadas por laços de parentesco, você tem todo o direito de me fazer perguntas. Percebi como gosta de seu irmão.

– Você esta apaixonada por ele?

Apanhada de surpresa, Jessy sentou-se na cama e nem se deu conta do acolchoado de penas e cetim branco. Não esperava esse tipo de pergunta. Vendo a expressão preocupada de Sheila, não teve coragem de mentir. Reconhecia seu direito de conhecer a verdade.

– Não, não estou – confessou.

– E Cort, ele ama você?

– Também não – tornou a negar e lamentou o ar triste de Sheila.

– Vocês se casaram por causa desse filho que ele quer?

– Digamos que o casamento foi vantajoso para ambos os lados – esquivou-se Jessy.

Os olhos azuis de Sheila encheram-se de lágrimas.

– Você se casou por dinheiro? Sempre esperei que Cort se apaixonasse por uma mulher amorosa que desejasse ser uma boa esposa.

De repente, Jessy sentiu-se muito velha. Levantou-se e abraçou Sheila.

– Não me casei com seu irmão por dinheiro e vou me esforçar por me dedicar a ele. Faço votos de que você, um dia, se case por amor. Infelizmente, a maioria dos casais não se

ama.

Sheila fitou bem dentro dos olhos e sorriu.

– Mas o amor pode surgir e crescer, não acha?

– Bem... Claro, pode.

Sheila riu alto.

– Isso vai acontecer com vocês dois! Foram feitos um para o outro. Venha, vou lhe mostrar o resto da casa.

Jessy admirou-se com a mudança rápida do humor de Sheila. Melhor seria deixá-la sonhar.

O jantar foi uma experiência desagradável para Jessy. Cort e Sheila, despreocupados, falavam sobre as aventuras de um na adolescência e da outra na meninice. Embora o cardápio estivesse excelente, ela mal locava na comida. Logo teria de subir e consumir o casamento. Não era nada animador pensar no ultimato que pretendia dar a Cort a maneira simples de resolver a situação já não lhe parecia tão fácil. Para piorar a questão, tinha descoberto uma porta de seu quarto comunicando-o com o de Cort havia posto uma cadeira de encontro a ela, mas, lembrando-se de como ele arrombara a porta do quarto do hotel, duvidava que a barreira frágil o detivesse. Tentava acalmar-se. Com Sheila e os criados na casa, Cort não se atreveria a fazer um estardalhaço.

Após o jantar, os três dirigiram-se ao salão. Mal tinham se sentado, Thomas, o mordomo, surgiu à porta com uma capa na mão.

– Sua charrete está à espera, dona Sheila.

– Obrigada, Thomas, vou daqui a um instante.

– Charrete?! – indagou Jessy e Sheila enrubesceu.

– Ela vai passar a noite com uma amiga – disse Cort

– Mas por quê? Não há necessidade – protestou Jessy entrando em pânico ao olhar para o marido recostado bem à vontade no sofá.

– Jessy, querida, está deixando Sheila embarçada – censurou Cort, levantando-se e indo até a irmã.

– Divirta-se, maninha. Amanhã nos veremos – desejou ao beijá-la na testa.

Jessy teve vontade de encostar-se no espaldar da poltrona, porém a anquinha sob o vestido a impedia.

Depois da saída de Sheila, Cort voltou a sentar-se seus olhos castanhos tinham expressão calma. As mãos de Jessy começaram a tremer.

– Tenho algo a lhe comunicar – disse num rompante

Cort ergueu as sobrancelhas, mas manteve-se calado.

– Eu não o quero em minha cama. Avisei-o antes que não desejava as mãos de um homem em mim novamente.

– Não é necessário fingir-se de tímida e inocente.

– Não estou fazendo isso.

– Temos um acordo – lembrou-lhe Corto

– Jamais concordei com coisa alguma. Você determinou tudo sozinho e eu tinha de escapar das garras de B.J.

Cort não respondeu logo. Dava a impressão de estar pensando em algo diferente. Por que não gritava ou agia? Estranhou Jessy nervosa.

– E se eu insistir? – perguntou ele.

Ela preparou-se para lutar.

– Ah, eu sobrevivereei se você me forçar. Porém, se o fizer, trate de não tentar outra vez porque, juro por Deus, eu o matarei enquanto estiver dormindo.

– Ora, que mudança interessante! Jamais recusei um desafio – declarou ele em voz morosa e enganadora.

Agiu tão depressa que a apanhou de surpresa. Ao dar-se conta, Jessy já estava em seus braços e ele subia as escadas de dois em dois degraus.

– Seu desgraçado, me ponha já no chão! – ordenou ela ao esmurrá-lo no peito.

De nada adiantou seu esforço a não ser dar vazão à raiva. Em questão de segundos, encontravam-se no quarto dele. Após fechar a porta com o pé, Cort a pôs no chão. Jessy correu até a outra de comunicação com seu aposento, porém a cadeira colocada ao lado oposto a impediu de abri-la.

Ao ouvir um clique, virou-se. Cort acabava de girar a chave na fechadura e retirá-la. Encontrava-se presa. Teve vontade de tentar agarrá-la, porém ele a colocava sob um dos travesseiros. Pelo brilho nos olhos castanhos, percebeu que Cort desejava essa atitude, por isso manteve-se imóvel.

– Quero sair daqui já! – exigiu ela.

Com toda a naturalidade e sem desviar o olhar de seu rosto, Cort tirou a jaqueta. Em seguida, foi a vez do colete.

– Se você não abrir logo essa porta, vou gritar até todos os criados ouvirem! – ameaçou Jessy.

Quando Cort se livrou da camisa, ela prendeu a respiração. Deveria virar-se de costas, porém o peito nu e musculoso prendia-lhe o olhar. Jonathan sempre se despiu depois de apagar as velas e dormia de macacão.

Petrificada, viu-o tirar os sapatos e atirar-se na cama. Determinada a manter a resolução tomada, endireitou os ombros. Não ia facilitar as coisas para o maldito.

– Vai passar a noite em pé aí? – perguntou ele.

– Se for preciso, vou.

– Mas não é. Venha deitar-se aqui – convidou Cort.

– Não!

Ele cruzou os braços sob a cabeça e observou a mulher na outra extremidade do quarto. Ela parecia tão pura com o vestido azul-claro de gola alta, sua postura rígida e determinada! Estaria ela representando? Não acreditava, a não ser...

– Diga uma coisa, Jessy, a sua paixão só se acende com crueldade?

– Claro que não!

– Então, acho melhor vir até aqui, senão é o que vai lhe acontecer. – Ao vê-la hesitar, acrescentou: – Prefiro mulheres que vêm à minha cama de vontade própria, mas, sendo preciso, não me oponho a obrigá-las.

– Pode usar sua força bruta porque, de bom grado, não vou mesmo! Caso se atreva a tanto, lembre-se do meu aviso e mantenha sua porta trancada durante a noite.

Lampejos de raiva brilhavam nos olhos claros. Cort a observava e descobria algo muito interessante na esposa. Sem sombra de dúvida, Jessy ainda não havia descoberto como fazer amor poderia ser agradável. Todavia, forçá-la não era o caminho indicado. Havia outras maneiras para se lidar com a moça irritadiça.

Enfiou a mão sob o travesseiro e tirou a chave.

– Olhe, cansei dessa sua brincadeirinha. Pegue a chave. Resolvi que não estou com muita vontade e, pensando bem, nem sei se você faz o meu tipo.

Ressabiada, Jessy fitou-o. Estaria Cort falando a sério ou seria mais uma de suas

artimanhas? Como sempre, era impossível descobrir o que ele tinha em mente.

Embora estivesse decidida a não ceder, um desapontamento estranho a dominou. Teria ela, no fundo, desejado uma relação íntima com Cort? Não, naturalmente! Cautelosa, aproximou-se da cama e estendeu a mão. Ele entregou-lhe a chave.

Sem desviar os olhos de Cort, Jessy dirigiu-se à porta, abriu-a e, orgulhosa por ter vencido a primeira batalha, falou com ar de superioridade:

– Você não me engana. Não precisa esconder a verdadeira razão de me deixar sair. Eu também pensaria duas vezes se alguém me ameaçasse matar enquanto eu dormisse. Acredite, eu falei a sério!

Não era verdade. Porém Jessy desejava convencê-lo para não ter de enfrentar outra noite igual a essa.

Vendo Cort pular da cama, ela percebeu ter ido longe demais. Correu pelo corredor até a porta de seu quarto e abriu-a, porém ele enfiou a mão pelo vão e a impediu de fechá-la. Jessy não teve dúvida, levantou o pé e bateu com o salto do sapato no dele que estava descalço. A dor obrigou-o a recuar, mas não sem xingá-la.

Jessy trancou a porta por dentro e, encostada nela, respirou aliviada. No instante seguinte, a porta escancarava-se com estrondo e a atirava longe no chão.

Furiosa a ponto de não refletir, Jessy apanhou um vaso na mesinha ao lado e jogou-o em Cort começou a levantar-se, porém ele a empurrou de volta ao chão. A anquinha do vestido machucava-lhe as costas e Jessy tentou em vão enfiar as unhas no rosto de Cort sem esforço algum, ele prendeu-lhe as mãos e a dominou.

– Sua jaguatirica selvagem! Isto é para lhe mostrar o quanto estou preocupado com sua ameaça!

Ciente de que ele ia beijá-la, Jessy virou a cabeça de um lado para o outro. Os lábios a tocaram na base do pescoço. Úmidos e macios, desceram até um dos seios e, mesmo sobre o vestido, captaram-lhe o mamilo.

Amedrontada, Jessy continuou a lutar. Não queria e jamais havia experimentado o desejo que ameaçava dominá-la. Só quando um tremor delicioso percorreu-lhe o corpo, começou a admitir a derrota. A mente ditava-lhe ordens impossíveis de serem obedecidas.

Cort agora tomava-lhe os lábios num beijo ávido e demolidor de sua resistência. Sentiu-o enfiar a mão sob sua saia e desamarrar-lhe os calções. Tocou-a na cintura e, numa

carícia leve, ele foi descendo a mão mais e mais.

Cort reconheceu o momento exato em que Jessy podia ser possuída. O que havia começado com o intuito de ensinar-lhe uma lição transformava-se em algo sério. Afastou um pouco a cabeça e viu-lhe os olhos semicerrados. Por Deus, ela era uma feiticeira lindíssima! Notou-lhe, então, as costas arqueadas e o motivo da posição. Quem havia inventado anquinhas merecia ser enforcado, refletiu.

E levantou-se trazendo-a consigo. Um misto de desapontamento e confusão anuviou as feições bonitas de Jessy. Todavia, ela começava a recobrar a lucidez. O que estaria lhe acontecendo?

– Você me amaldiçoou! – acusou ela brava.

– Se o desejo é uma maldição, meu amor, então nossas almas estão a caminho do inferno – gracejou Cort devagar soltou-lhe os cabelos e entrelaçou os dedos neles. – Há muito eu sentia a tentação de fazer isto. Não lute contra mim, Jessy – aconselhou ao senti-la esquivar-se. – Você quer que eu lhe faça amor e posso satisfazê-la.

– Não – protestou Jessy ainda, mas em voz fraca.

Cort aninhou-lhe o pescoço nas mãos enquanto os polegares se moviam pelas faces e pelo queixo. Onde ele tocava, a pele incandescia. Jessy sentia-se perdida nas profundezas dos olhos castanhos e não conseguia desviar os seus. Custava-lhe respirar. Ao unirem-se num beijo profundo, ela teve certeza de não querer mais lutar. Ansiava por sentir as mãos de Cort no corpo. Embrenhava-se cada vez mais no abismo da paixão e não protestou quando ele tirou-lhe o vestido.

Cort estendeu a mão e apagou a lamparina.

Jessy acordou, espreguiçou-se e sorriu. O sol entrava pelas janelas abertas e refletia no cetim da coberta branca. Branca?! Desorientada, sentou-se depressa. Levou alguns segundos para lembrar-se de que estava casada e encontrava-se em seu quarto. Gemeu baixinho ao rememorar os acontecimentos da véspera. Relanceou o olhar pelo quarto e sentiu um alívio momentâneo. Estava sozinha. E nua. Puxou as cobertas até o queixo e deitou-se novamente. Comportara-se como uma prostituta ao deixar Cort fazer o que bem entendesse com seu corpo, reclinou-se. Todavia, as lembranças já lhe incendiavam a pele. Podia quase sentir os beijos nos seios, os impulsos cada vez mais fortes em suas

entranhas e a explosão final.

– Pare, Jessy – disse em voz alta voltando a sentar-se. – A culpa não foi sua.

Levantou-se e enrolou um lençol no corpo. Temia que alguém a visse através da porta quebrada. Lavou-se depressa, pôs uma blusa branca com preguinhas na pala, e uma saia cinza com listras azuis. Durante os preparativos, chegou à conclusão de que Cort havia posto alguma coisa em sua comida no jantar. Jonathan lhe contara um caso semelhante e a sua falta de confiança em Cort fortalecia a suposição.

Praguejando contra ele, verificou se a maleta continuava no armário. Satisfeita ao vê-la, desceu ao andar térreo. Embora pretendesse esclarecer uma série de pontos com Cort, esperaria quando estivessem em território neutro.

Jessy encontrou apenas as criadas ocupadas na arrumação da casa. Depois de um bom café da manhã, sentiu-se perdida e sem saber o que fazer. Como garçoneiro do restaurante, havia se acostumado a um horário rígido de trabalho. Agora, não tinha o que fazer nem com quem conversar. O tempo arrastava-se. Cort, com certeza, estava no quarto onde punha o sono em dia. Nem percebera quando ele a deixara.

A sensação de claustrofobia tornou-se insuportável, ainda mais quando a possibilidade de um passeio ou de compras estava fora de questão. Jamais daria a oportunidade a B.J. de agarrá-la. Contudo, uma volta pelos jardins ao redor da casa não oferecia perigo e seria benéfico.

Ao circular a construção de tijolos aparentes, Jessy descobriu um portãozinho de ferro. Abriu-o e o ranger das dobradiças mostrou-lhe a falta de uso. Para satisfação sua, descobriu um jardim cheio de canteiros de flores, mas num estado de abandono quase total. Ervas daninhas e touceiras de grama ameaçavam sufocar as flores. Com cuidado, ela apanhou uma rosa vermelha e aspirou-lhe o perfume. A flor a fazia lembrar-se de outras cultivadas pela mãe. Ao caminhar entre os canteiros, encantava-se com a grande variedade de plantas. Descobriu um canteiro de ervas aromáticas e medicinais à volta de um pequeno quiosque. Embora em péssimo estado de conservação, parecia sólido. Jessy entrou e sentou-se num banco circular de madeira.

– Jéssica!

– Estou aqui no quiosque – respondeu acenando para uma senhora alta, magra e vestida de preto que caminhava em sua direção.

Seus olhos grandes tinham uma expressão de frieza. Apesar de certa idade, poucas rugas marcava-lhe o rosto.

– Minha cara – disse Marie ao sentar-se ao lado de Jessy. – Sou a madrastra de Cortland e você pode me considerar a matriarca da família.

Jessy sentiu-se pouco à vontade com o ar de superioridade da Sra. Lancaster embora a velha senhora tentasse se mostrar cortês.

A atitude de Marie teria sido completamente diferente se ela não houvesse ouvido os comentários dos criados sobre a maneira com que o enteado havia forçado a esposa a ir para a cama. Esperançosa de poder conquistar uma aliada, Marie resolvera ganhar a confiança de Jessy.

– Por que veio sentar-se neste lugar horrível? – indagou ela levando o lenço ao nariz. – Jamais gostei de flores. Elas me fazem espirrar.

– Lamento muito. Vamos voltar lá para dentro decasa – sugeriu Jessy.

– Não, não. Pelo menos aqui estamos a sós e temos a oportunidade de nos conhecer melhor. Os empregados de Cortland prestam atenção a tudo o que se diz naquela casa.

Ao lembrar-se da cena na noite anterior, Jessy sentiu-se constrangida.

– Como Sheila e Cortland estão fora, devemos aproveitar este raro momento de privacidade – opinou Marie.

– Pensei que Cort ainda estivesse no quarto dele.

– Cheguei há poucos minutos e os empregados informaram que ele saiu de manhã bem cedinho. Não sabem quando meu enteado estará de volta. Ele não lhe disse nada?

– Não – confessou Jessy embaraçada.

– Grande falta de consideração! Enfim, esse é um dos muitos defeitos de Cortland. Jamais se preocupa com os outros. Quando deseja algo, não se importa em pisar nas pessoas, ninguém o detém. – Marie deu-se conta de estar prestes a revelar seus sentimentos, o que não convinha até descobrir a opinião de Jessy sobre o marido. – Soube que você era uma garçonete no restaurante de Fred Harvey. Trata-se de um estabelecimento muito respeitável. As moças de lá são famosas pela graça, elegância e maneira distintas. As mulheres de Topeka as invejam, embora não admitam.

– Ouvi dizer – concordou Jessy um tanto desconfiada do olhar penetrante de Marie.

– Devo confessar-lhe que aprovo muito a escolha de Cortland para esposa. Só Deus

sabe como seria a tal noiva contratada por correspondência. Felizmente, ela não apareceu. Desta vez, os planos de meu enteado não deram certo.

– Noiva por correspondência?! – Indagou Jessy atônita.

– Imagino que ele não lhe tenha dito nada sobre isso. Por acaso falou-lhe sobre a vontade de ter um filho?

A mulher certamente não tinha tato, pensou Jessy.

– Falou, sim.

– Não se sinta constrangida comigo, minha cara. Na minha idade não se tem mais medo de dizer o que se pensa. É uma boa maneira de simplificar a vida. Como fui casada duas vezes, sou mais velha e experiente do que você, posso ser sua conselheira e amiga. Não me constranjo em lhe dizer que Cortland não passa de um malandro e não invejo a sua posição de esposa. Espero que não tenha a infelicidade de estar apaixonada por ele..

– Não – murmurou Jessy. – Casamos por conveniência.

– Ótimo! – exclamou Marie e recomeçou a espirrar. – Não seria melhor sairmos daqui? – perguntou Jessy ao atirar longe a rosa.

– Não desejo que outras pessoas me ouçam. Fico satisfeita ao saber que você não ama Cortland. Ele jamais lhe será fiel. Talvez não aprecie minha franqueza, mas conhecer a verdade sobre meu enteado só poderá reforçar sua posição, Jéssica. Se foi um casamento por conveniência, devo concluir que você concordou em ter um filho?

Jessy, fitou a mulher sentada ereta a seu lado e captou-lhe a expressão de expectativa. “Ela não quer que eu tenha um filho de Cort, Por quê?”, indagou-se desconfiada.

– Sra. Lancaster, tenho a impressão de que não gosta de seu enteado.

A par dos sentimentos de Jessy, Marie não se importava mais em confessar-lhe a verdade.

– Tem razão, não gosto mesmo. Ele passou a mão em tudo o que, por direito, me pertencia e me tirou toda a autoridade, até mesmo sobre pontos importantes para a vida de Sheila.

Jessy ficou chocada com o veneno na voz da velha senhora. Havia algo nela que a lembrava de B.J. e foi preciso um bom esforço para dominar o tremor do corpo. Surpreendeu-se ao ver-lhe a expressão maligna ser substituída por um sorriso.

– Lamento se a assustei e peço desculpas – disse Marie com suavidade. – As diferenças entre mim e Cortland são bem antigas e você não deve se preocupar com elas – declarou, dando-lhe uns tapinhas na mão. – Mas você não respondeu a minha pergunta sobre o filho.

– Não resolvi ainda – replicou Jessy cautelosa.

Qualquer que fosse sua decisão, não sabia se seria sensato compartilhá-la com Marie.

– Sei. Talvez esteja interessada em usar certas ervas enquanto pensa no assunto.

– Ervas?!.

– Exato. Trata-se de um antigo remédio dos índios. São plantas comuns, porém fervidas juntas produzem o efeito desejado. Evitam a gravidez. Venha, vou lhe mostrar – ofereceu Marie levantando-se.

Após deixar a cama de Jessy de manhã cedinho, Cort resolveu ir até a fazenda verificar se havia notícias de B.J. Ao cruzar os campos montado em Emperor, pensava na esposa ainda adormecida na casa. Sorriu e, depois, riu alto. A relação com Jessy tinha sido uma experiência deliciosa. Afinal, ela era uma gata ardente.

Na primeira vez, mostrara-se muito inexperiente na arte de fazer amor e fora preciso guiá-la. Porém Jessy tinha aprendido logo a abraçá-lo percorrer-lhe o corpo com as mãos. E entregara-se por completo sem a menor inibição. O fato deixava-o confuso. Tendo visto Jessy representar em várias ocasiões, perguntava-se se ela não montara outra encenação na cama. Duvidava muito, talvez por uma questão de orgulho. De uma coisa tinha certeza: a cara esposa jamais havia sentido plena satisfação sexual. “Então o que fez com Jonathan e B.J.?”, perguntou-se. “Ora, isso não é da minha conta e pouco me importa. Só estou interessado em conseguir um filho” Agora que conheço todas as curvas; e partes sensíveis do corpo de Jessy e sei como excitá-la, não terei mais problemas em levá-la para a cama. A feiticeira já é minha e ninguém mais poderá interferir. “Tão logo B.J. esteja fora do caminho, tudo correrá de acordo com meus planos”, refletiu Cort.

Quando ouviu um estalo, os reflexos de Cort o levaram à ação rápida. Tirou os pés. dos estribos e pulou ao chão. Felizmente, caiu em pé ainda com as rédeas na mão. A sela

encontrava-se caída sob Emperor.

– Ora, ora – disse ele tentando acalmar o garanhão. Levou alguns minutos para consegui-lo e só então examinou a sela. A cilha tinha sido cortada. Apenas uma pequena margem fora mantida intacta a fim de conservar a sela no lugar até que um movimento mais brusco do animal completasse a ruptura. Cort poderia ter se machucado seriamente. Alguém procurava matá-lo. Pensou logo em B.J. Johnson. Enfurecia-o constatar que o homem andava por perto e ele não o agarrara ainda.

Se não estivesse tão distraído de manhãzinha, ou houvesse mandado Tod selar o cavalo, provavelmente o corte da cilha não passaria despercebido. Precisava manter-se mais alerta. Se B.J. tentara uma vez, tentaria a segunda.

Segurou-se na crina de Emperor, montando em pêlo. O animal ainda estava assustado com o incidente, e Cort conduziu-o num trote moderado.

CAPÍTULO VII

Agoniada, Jessy perguntava-se quando as sete senhoras iriam embora. Já há duas horas assistia-lhes tomar chá, lambiscar guloseimas e falar mal da vida alheia. Ficava satisfeita por não conhecer nenhuma das vítimas de suas línguas ferinas. Várias vezes, alguma delas começava a interrogar Marie sobre Cort, porém mudava logo de assunto ao lembrar-se da esposa presente na sala. O mais desagradável eram as perguntas: “Está feliz?” “Onde se encontra Cort?” “O casal pretende ficar muito tempo na cidade?” Quando Marie contou às amigas que o enteado irresponsável havia ido embora no dia seguinte ao do casamento, Jessy viu a piedade aflorar nos olhos das velhinhas. Teve vontade de dizer-lhes para se preocuparem com a própria vida, mas ficou calada, naturalmente. Para piorar a situação, Marie acrescentou:

– Pobre Jessy, ela não fazia idéia do tipo de homem com quem ia se casar.

Consternadas, as senhoras sacudiram a cabeça.

– Quando Cort vai voltar? – indagou uma delas.

– Só Deus sabe. Já está fora há quatro dias – replicou Marie.

Finalmente as visitas foram embora e Jessy rumou para o jardim além do portãozinho. Encontrava-se furiosa com Marie e a idéia de dar um tiro em Cort era bem tentadora. Como se não bastasse a criadagem tratá-la como se fosse uma alma penada, agora a cidade inteira ficaria sabendo que Cort a deixara sozinha logo após o casamento. O fato em si não a aborrecia, ao contrário, dava-lhe um certo alívio. Entretanto, irritava-se profundamente ao imaginar que as pessoas comentariam sua vida pelas costas.

Ao ver uma enxada enferrujada ao lado de um dos canteiros, Jessy a apanhou e começou a remover o mato à volta das flores. Estava cansada de ficar em casa sem fazer nada exceto ler, comer e conversar com Marie e Sheila. Se não fosse o medo de encontrar B.J. iria fazer compras em companhia da cunhada ou à ópera. Jamais assistira a uma e, segundo Sheila, a música cantada e as roupagens proporcionavam um espetáculo lindo. Naturalmente, ela a convidara a acompanhá-la, porém Jessy, com uma desculpa qualquer, não tinha ido.

De repente, ao perceber o que estava fazendo, Jessy largou a enxada e riu alto. Jamais se livraria do instinto de fazendeira. Para executar esse trabalho bruto, poderia muito bem continuar morando num casebre. Com um suspiro profundo, afastou-se do jardim.

– Deus do céu! – exclamou Marie ao vê-la entrar em casa com o fino vestido amarelo todo sujo de terra. – Em que você se meteu?

– Andei revolvendo os canteiros – replicou Jessy ainda brava com Marie.

– Espero que não repita isso! Imagine os comentários das pessoas quando souberem! Pensariam que baixamos de nível de vida e cairíamos no ridículo! Se quer aquele jardim limpo, vou contratar alguém para fazer o serviço.

Jessy foi tomada por uma onda de revolta. Filha de fazendeiros, subitamente sentiu um grande orgulho de sua origem. Os pais tinham sido pessoas honestas e trabalhadoras e não seria Marie quem iria desprezá-las.

– Não, eu cuido do jardim. Se isso a embaraçar, mantenha suas amigas afastadas daqui – avisou Jessy antes de se retirar para o quarto.

Durante um bom tempo, Sheila manteve-se sentada quieta enquanto a cunhada arrancava o mato com enxadadas certeiras. A saia azul-clara de Jessy já tinha a barra

amarronzada de terra. Finalmente, ela largou a enxada e, com as mãos nas costas, endireitou-se. Num gesto displicente, tirou o lenço vermelho da cabeça e enxugou o rosto e o pescoço. A blusa úmida de transpiração testemunhava o trabalho pesado feito sob o sol ardente. Uma única trança pendia-lhe nas costas e mechas soltas de cabelo grudavam-lhe nas faces.

Sheila não compreendia a insistência de Jessy em desempenhar a tarefa penosa quando haviam oferecido contratar alguém para fazê-la. Mas havia muitas outras coisas que lhe fugiam ao entendimento e ninguém as explicava. Não sabia por que Cort já se encontrava ausente há mais de uma semana, nem a razão de Marie mostrar-se em tão bons termos com Jessy, apesar de no início ter sido contra o casamento.

– Não vai parar nunca? Pretende continuar até cair de exaustão? – perguntou Sheila. Jessy fitou-a e sorriu.

– Não, por hoje chega. Esquentou muito – explicou ao abrigar-se na sombra do quiosque ao lado de Sheila.

– Você não deveria usar um chapéu?

– Minha mãe costumava perguntar a mesma coisa. Segundo ela, a pele toda precisava ficar bem protegida para preservar a beleza e o frescor da juventude.

– Mamãe afirma a mesma coisa. Não sei do que adianta. Se tudo continuar como está, vou morrer solteira – queixou-se Sheila.

– Bobagem. Aquele rapaz simpático, Carlton Chalmers, não vai levá-la para dar uma volta de charrete?

– Vai, Jessy, mas não estou interessada nele.

– Quando menos esperar, o homem certo vai aparecer. Linda como você é...

– Não tenho muita certeza.

A ingenuidade da cunhada provocou um sorriso em Jessy. Para disfarçá-lo, dirigiu o olhar aos canteiros. Sentiu um grande desânimo. O trabalho não rendera nada. Talvez devesse deixar Marie contratar alguém para ajudá-la. – Todavia, negava-se a abandonar a tarefa. Precisava do esforço para extravasar a frustração e manter mente e corpo ocupados. Maldito Cort! Ele tinha lhe mostrado o significado da paixão e, com isso, a tornava vulnerável.

– Jessy, acha que Cort vai voltar a tempo de levá-la ao baile?

Jessy conseguiu controlar-se e não fazer um comentário desagradável. Adoraria ir ao baile não só para divertir-se um pouco como também para afastar-se de casa por umas horas.

– Eu seria a última a saber os planos de Corto Não o vejo há dias – reclamou sem esconder a amargura. – Mas não pretendo ir.

Sheila resolveu mudar de assunto.

– Jessy, tenho uma curiosidade muito grande a seu respeito. Você gostava de ser uma Harvey Girl?

Jessy observou-a alisar os cabelos negros com a mão. Achava incrível como Sheila não possuía nenhum traço físico em comum com Cort.

– A princípio, não. Minhas pernas e braços doíam tanto quanto durante a viagem para o Oeste pela trilha dos Carroções – comentou Jessy.

– Eu não sabia que tinha vindo para cá dessa forma– disse Sheila entusiasmada. – Que aventura maravilhosa!

Jessy ajeitou as dobras da saia e rememorou a experiência distante.

– Naquele tempo, eu não apreciei como deveria, embora nós, as crianças, fôssemos mais poupadas. Mesmo assim, nosso trabalho não tinha fim. Precisávamos cuidar dos menores, cozinhar, às vezes conduzir os bois ou desempenhar outras tarefas necessárias – contou Jessy, começando a animar-se com as recordações. – Quando alcançamos as planícies, a lenha tornou-se escassa, então as crianças precisavam catar excremento seco de búfalo para alimentar o fogo. Eu detestava esse trabalho. Embora o considerasse uma atribuição infantil demais para os meus quase dez anos de idade, não conseguia me livrar dele. Meu pai sempre verificava se eu cumpria minhas obrigações. Nunca tendo feito antes nenhum trabalho manual, eu reclamava muito, porém de nada servia.

– Por que suas pernas e braços doíam? Você não viajava no carroção? – perguntou Sheila.

– Com toda a honestidade, posso dizer que vim a pé de Tennessee a Kansas. Ao pensar nisso agora, sinto um grande orgulho da façanha. Não fui a única. A menos que você tivesse a sorte de estar dirigindo o carroção, ou fosse muito velha, talvez doente, teria de caminhar. Simplesmente, não havia espaço suficiente dentro do carroção para as pessoas.

– Eu não teria sobrevivido – considerou Sheila.

– Ah, você ficaria surpresa com sua capacidade. Ainda mais quando não havia outra alternativa.

– Porque sua família veio para o Oeste?

– Perdemos tudo depois da Guerra Civil. Os nortistas apossaram-se de nossa fazenda porque não podíamos pagar as dívidas. Pelo menos, foi isso que meus pais me contaram. Eu era muito mimada para prestar atenção ao que acontecia e eles escondiam muita coisa de mim.

– Sheila! Você não me ouviu chamá-la? – repreendeu Marie do outro lado do portãozinho e em voz estridente. – Carlton chegou e está a sua espera.

– Estou indo – respondeu Sheila exasperada.

Distraída, Jessy viu as duas se afastarem. O pensamento continuava no passado. Lembrava-se ainda dos quilômetros e quilômetros de campos monótonos, do sol escaldante e do capim que dificultava a caminhada. Quantas vezes prendera o pé em raízes entrelaçadas e caíra com o rosto no chão. Acima de tudo, detestava os gafanhotos que pulavam do capim para suas roupas. A única mudança naquela região limitava-se ao tempo. Numa semana suportavam o sol forte e na outra, chuvas.

De repente, Jessy lembrou-se de um dia em particular quando caminhava ao lado do comboio de carroções, à direita, sem prestar-lhe muita atenção. Às vezes, ouvia o estalar de um chicote ou o choro de um bebezinho, porém esses eram ruídos familiares. Sua atenção concentrava-se onde pisava, pois queria evitar buracos enlameados. A chuva forte tinha sido horrível, porém, em sua opinião, a garoa constante dos últimos dois dias era muito pior. Já não agüentava mais raspar o barro dos sapatos e lavar a barra da saia à noite. Sonhava voltar para o solar Magnólia onde crescera. Lá, pelo menos, poderia comer sem que a chuva respingasse em seu prato, transformando tudo num mingau intragável. A mãe tinha insistido para que comesse maçã seca, porém ela detestava essa fruta.

Embora o vestido e o chapéu fossem de lã, eles não a protegiam contra a umidade fria. Jessy havia enrolado bem o xale pesado sobre si e continuado a andar com os olhos voltados para o chão. Na noite anterior, tinha espirrado muito e Mammy Mac havia lhe aplicado uma compressa de assa - fétida no pescoço a fim de cortar o resfriado. Apesar das horas passadas, o cheiro forte da substância resinosa ainda a incomodava. Felizmente, as pernas já não doíam por causa das caminhadas. Os músculos tinham se acostumado ao

exercício.

– Ei, Jessy! – B.J. tinha gritado ao parar o cavalo a seu lado.

Mesmo naquela época distante, ela já não gostava do rapazinho ruivo e fingira não ouvi-lo. Aos quatorze anos, ele pensava saber tudo e, com os companheiros, não se cansava de provocá-la.

– Sua mãe estava procurando você. Ela e seu pai se divertem bastante dentro do carroção. Quando vai me deixar lhe mostrar como é bom fazer essas coisas? – B.J. tinha perguntado com um sorriso malicioso.

– Vá para o inferno, B.J.! – gritava Jessy ao atirar-lhe uma bolota de barro.

Às gargalhadas, o rapazinho tinha esporeado o animal que, ao encetar um galope, espirrara-lhe água suja na roupa.

– Maldito! – ela havia xingado.

Durante a viagem, Jessy tinha aprendido um novo vocabulário, jamais empregado pelos pais.

– Jéssica, espere um pouco. Vou caminhar com você.

Ela havia ouvido a mãe, mas não tinha parado, apenas diminuído o passo enquanto tentava limpar o vestido.

– O que aconteceu? – perguntara Elizabeth.

– Nada, só as brincadeiras bobas de B.J.

– Você devia evitar a companhia desses meninos – recomendara-lhe a mãe.

Jessy tinha sentido vontade de explicar que era B.J. quem, a procurava, porém se calara.

E desde aquele tempo distante; durante tantos anos, o que havia conseguido? indagou-se. Havia se casado duas vezes e B.J. continuava a persegui-la. Além do dinheiro e do colar escondidos no fundo falso da maleta e sobre os quais ela não se atrevia a falar com ninguém, restava-lhe Cort, a quem não via há vários dias.

– Jamais o perdorei por não ter me dito que ia se ausentar – resmungou Jessy. – Caso soubesse da viagem, não teria passado horas, à noite, andando de um lado para o outro preparada para me defender de suas investidas.

O pior, refletiu, era que as ameaças não tinham adiantado nem um pouco. Ele não se amedrontara, nem dera a mínima importância a suas exigências. Desde o dia em que

havia se conhecido, Cort sempre agia como bem entendia a seu respeito.

– Maldito! – continuou falando sozinha. – De jeito nenhum vou deixá-lo me tratar como uma égua reprodutora! Talvez o nosso casamento não seja muito normal, mas enquanto estivermos morando sob o mesmo teto quero ser tratada com respeito.

Jessy levantou-se e foi para casa. Mal começava a subir as escadas, ouviu Marie chamá-la.

– Jessy, querida, espere um momento.

– O que é desta vez? – perguntou parando, mas sem ir ao encontro da sogra.

– Depois de tomar um banho e se vestir, quero que me acompanhe à cidade – respondeu Marie.

– Vai pegar alguma encomenda sua ou de Sheila?

– Não. Vou levá-la à costureira e encomendar-lhe um enxoval completo. Como membro da família Lancaster, precisa manter a nossa boa imagem. Cort jamais se lembraria desse detalhe.

– Marie, não preciso de mais vestidos.

– Engano seu. Precisa de roupas de verão e de inverno. E de vestidos de baile. Você não poderia usar o mesmo duas vezes. Todos em Topeka caçoariam de nós.

A tentação de sair de casa era irresistível, mas e se B.J. tirasse vantagem da situação? Não teria como se defender, a não ser...

– Vana já preparou o seu banho. Vou mandar levar-lhe um lanche ao quarto. Espero que esteja pronta, aqui embaixo, dentro de uma hora e meia – declarou Marie num tom de quem não admitia réplicas.

Tão logo entrou no quarto, Jessy dirigiu-se à porta de comunicação com o de Cort. Ao abri-la, viu Byron, o criado, guardando roupas do patrão.

– Posso ser-lhe útil em alguma coisa, Sra. Lancaster? – ofereceu ele com um sorriso simpático.

– Pode, sim, Byron. Quando vim para cá, entreguei minha pequena pistola ao Sr. Lancaster para escondê-la. Você não sabe onde ele a pôs?

Em questão de segundos, o criado tirou a arma de uma gaveta e perguntou-lhe:

– Esta, por acaso?

– É sim. Muito obrigada, Byron.

As noites mal dormidas e a tensão de, observar um possível ataque de B.J. contribuíram para o estado de irritação de Jessy ao chegar à costureira. Sentia-se mais segura tendo o cocheiro para dirigir a charrete, mas não muito. Durante o trajeto todo e com muita firmeza, tinha segurado a bolsa onde se encontrava a pistola.

Ao abrirem a porta do pequeno ateliê, um sininho anunciou-lhes a entrada.

– Boa tarde, sras. Lancaster – cumprimentou uma mulher de pequena estatura e uns cinqüenta anos de idade. – Estou atendendo uma freguesa. Talvez as senhoras prefiram ir fazer alguma compra em vez de perderem tempo esperando aqui.

Antes de Marie responder, uma moça atraente e vestida com, muita elegância surgiu do provador. A Sra. Simon correu-lhe ao encontro.

– Se não deseja mais nada, Sra. Rotheild, prometo entregar seu vestido a tempo para o baile.

Em frente ao espelho e enquanto ajeitava o chapéu, Amy sorriu e disse:

– Obrigada. Não se esqueça de mandar ao sr. ...

– Fique sossegada. Cuidarei de tudo – interrompeu a Sra. Shnon aflita.

– O Sr. Lancaster já pagou minhas outras contas? – perguntou Amy ao virar-se do espelho.

– Vamos embora! – reagiu Marie. – Há outras costureiras tão boas, ou melhores, na cidade!

Seguida por Jessy, deixou o ateliê pisando firme. Depois de dar as ordens ao cocheiro, disse em voz baixa e brava.

– Eu a avisei, Jéssica, de que Cortland não levaria a sério os votos, matrimoniais. Com certeza, está passando esses dias com essa fulana. Paciência, você acabaria descobrindo. Antes agora do que mais tarde. Assim, tem uma prova de que eu não menti. Cortland não vale nada. Se um dia resolver abandoná-lo, entenderei perfeitamente.

Sem dúvida era o que mais desejava fazer, pensou Jessy furiosa por haver se deparado com a amante de Cort quantas situações iguais a essa teria de enfrentar? Indagou-se. Todavia, caso fosse embora, precisaria se proteger não só contra B.J. Também contra o marido.

– Esse é apenas um pequeno exemplo do que venho suportando durante anos –

queixou-se Marie.

Na verdade, o encontro desagradável a deixara bem satisfeita; dava-lhe a arma necessária para abrir uma brecha no casamento do enteado. Enquanto pudesse manter a animosidade entre o casal, não teria de se preocupar. Jéssica não engravidaria, pois estava tomando o chá de ervas e Cort não abriria mão das aventuras extraconjugais. Uma vez estabelecida uma forte amizade com Jéssica, não seria difícil controlá-la. . Ela dava a impressão de ser bem maleável, razão provável para Cortland havê-la escolhido para esposa.

Ao chegarem em casa, Jessy não desejava outra coisa senão poder dormir um pouco. Sentia a cabeça latejar e todas as juntas do corpo doíam horivelmente. Para aborrecimento seu, Cort encontrava-se de volta e, de excelente bom humor, recebeu-as à entrada do vestibulo.

– Aonde você andou? – perguntou a Jessy.

A indagação a fez perder a cabeça.

– Como se atreve a me pedir satisfação? – explodiu ela ao mesmo tempo que lhe estapeava o rosto.

Contente, Marie afastou-se deixando-os a sós.

– Não seria melhor me contar onde passou a semana? Com a Sra. Rothchild? – indagou furiosa ao constatar as marcas dos dedos no rosto de Cort e seu olhar sombrio. – Uma vez, você me disse que sabia como enfrentar uma bofetada. Pois mostre agora! Vou já para o meu quarto.

Cort passou os dedos pelos cabelos enquanto Jessy subia as escadas correndo. Não estava disposto a explicar suas andanças a mulher alguma, muito menos para esta arrogante que assumia o papel de esposa ultrajada. Se Jessy imaginava que ele havia passado esses dias com Amy Rothchild, tanto melhor. De forma alguma queria levar-lhe ao conhecimento a falta de informações sobre B.J. Apesar das horas consecutivas gastas interrogando o pessoal da fazenda, não tinha descoberto nada. Ninguém vira sinais do homem. Ele havia evaporado no ar. Encontrá-lo tinha se tornado uma obsessão para Cort para piorar a situação, ao chegar em casa descobrira que Marie e Jessy tinham saído sem a proteção de um guarda-costas. Byron o havia informado sobre a entrega da pequena pistola a Jessy. Mas como se defender de um atacante sagaz como B.J. com uma arma tão ineficiente? Só

se pudesse atirar-lhe na cabeça e a menos de um metro de distância.

– Que inferno! – resmungou bravo.

Resolveu subir ao quarto e trocar de roupa. Ia sair novamente, porém antes daria ordens explícitas aos criados para não deixarem a nova patroa afastar-se de casa sem estar acompanhada de um homem armado.

Cort voltou para casa mais cedo do que planejava e com melhor disposição de espírito. Havia passado umas horas com Amy e ficado muito satisfeito ao saber que ela estava sendo cortejada por um banqueiro abastado. Durante a visita, também fora informado sobre o encontro desagradável na costureira. Amy estava preocupada e lamentava possíveis problemas entre ele e a esposa por sua causa. Cort a tinha tranquilizado a esse respeito.

Após deixar a pensão, ele pensara em visitar uma de suas muitas amigas e passar a noite com ela. Entretanto, a idéia não lhe parecera estimulante. Havia, então, parado no Belly Up e, depois de um drinque, tinha se sentido inquieto e resolvido voltar para casa. O melhor seria entrar na cova e enfrentar a jaguatirica de uma vez.

Mal pôs os pés no vestíbulo de entrada, Cort ouviu uns soluços. Na sala, deparou-se com Sheila, aos prantos, sentada no sofá.

– Deus do céu, maninha, o que aconteceu? Sheila correu lhe ao encontro e abraçou-o.

– Oh, Cort, há algo errado com Jessy.

– Como assim? Explique-se melhor.

– Ela está doente e eu quase morri de medo que você não voltasse logo.

Cort largou a irmã e correu escada acima de dois em dois degraus. Chegou ao segundo andar a tempo de ver Marie sair do quarto de Jessy.

– Que diabos está acontecendo aqui? – indagou brusco.

– Nada com que precise se preocupar – respondeu Marie em voz calma. – Eu ia agora mandar chamar o Dr. Matson.

– Quando Jessy ficou doente?

– Mais ou menos uma hora depois que você saiu. Vana foi ajudá-la a se vestir para o jantar e encontrou-a de cama. .

– Está me dizendo que ela está doente há horas e só agora você vai providenciar o médico? – esbravejou Cort.

– Não se esqueça, Cortland, de que eu criei sua irmã. Pode me acusar de tudo, menos de incompetente.

– Quem está com Jessy agora?

– Yana. Você não vai vê-la?

– Claro! Mande já buscar o médico, Marie.

– Cuidado ao entrar no quarto. Algumas pessoas não agüentam dores com facilidade.

Por alguns momentos, Cort permaneceu parado à frente da porta do quarto de Jessy. Depois, abriu-a sem fazer barulho e entrou. A cena diante de seus olhos o deixou transtornado. Jessy tinha as pernas encolhidas e comprimidas contra o abdômen. Com as mãos, segurava a cabeça enquanto gemia e virava-se de um lado para o outro. Os cabelos revoltos espalhavam-se sobre o rosto, à volta do pescoço e dos ombros. Furioso, ele olhou para Yana. A criada não percebera sua entrada e continuava sentada na cadeira de balanço, cantarolando baixinho e com o olhar perdido na paisagem vista pela janela.

– Com todos os diabos, o que está fazendo aqui? – perguntou Cort com dificuldade em manter a voz baixa.

– Ai, que susto! – protestou a moça de cabelos negros pondo-se de pé. – Estou tomando conta de Jéssica.

– Suma da minha frente e não se atreva a botar os pés outra vez neste quarto! Ouviu bem?

Soluçando assustada, a moça desapareceu.

Cort tirou a jaqueta e atirou-a numa cadeira. Depois de enrolar as mangas da camisa, debruçou-se sobre Jessy. Notou-lhe a respiração curta e um odor estranho em seu corpo.

– Jessy – chamou baixinho. – Você está me ouvindo?

Ela parou de se virar e murmurou:

– Ah, mamãe, gosto tanto de você e de papai. Um dia, quando eu crescer e ficar tão bonita como você, vou me casar com um homem igualzinho a papai.

Calou-se e voltou a comprimir o abdômen com as pernas.

Cort correu ao quarto pegado e voltou com um facão de caça. Com a lâmina afiada,

cortou a camisola de Jessy tornando mais fácil a remoção da peça molhada de transpiração. Depois, colocou várias toalhas numa bacia de água ao lado e começou a difícil tarefa de lavar e enxugar-lhe o corpo. Várias vezes teve a tentação de cortar seus cabelos que teimavam em atrapalhá-lo.

Felizmente, Jessy parava de se virar. Falava de maneira incoerente e era impossível entendê-la.

– Exijo sua saída deste quarto – ordenou Marie da porta. – Não é decente a permanência de um homem no aposento de uma mulher enferma.

– Em vez de dar ordens idiotas, Marie, porque não vem até aqui e dá um jeito nos cabelos de Jessy?

– Você tirou-lhe as roupas? – exclamou Marie horrorizada ao aproximar-se da cama.

– Claro! A camisola estava encharcada de transpiração – replicou Cort.

– Mas a lamparina está acesa e Jessy encontra-se completamente nua! Isso é um trabalho para mulheres e você não deveria estar aqui – explicou Marie.

Em qualquer outra situação, Cort teria rido bastante, mas apenas disse:

– Entendo, mas não havia ninguém para fazer o serviço.

– Yana deveria estar aqui a fim de trocar a toalha molhada da testa de Jessy.

– Quando entrei no quarto, a imprestável estava sentada na cadeira de balanço cantarolando e olhando lá para fora. O que ela faz nesta casa? Eu não a contratei. Agora, vá pegar uma camisola limpa.

Para surpresa de Cort, Marie não só apanhou a peça de roupa como também ajudou a vesti-la em Jessy. Depois prendeu-lhe os cabelos atrás da cabeça com uma fita.

– Pegue-a no colo enquanto eu troco a roupa de cama – ordenou Marie.

Ao levantar o corpo leve e largado de Jessy nos braços, Cort lembrou-se da criatura determinada a lutar contra ele em todos os momentos. Mais do que nunca, agora ela precisava de sua proteção. Uma inquietação incômoda o invadiu ao perceber o quanto desejava ver a expressão de desafio nos olhos azul-violeta e como estava preocupado com seu estado de saúde.

– Pode deitá-la agora – avisou Marie.

Vendo Cort acomodar Jessy com todo o cuidado na cama, Marie foi tomada por um

forte sentimento de culpa. Poderia o chá de ervas ter provocado esse mal estranho?

Nunca tinha ouvido falar nessa possibilidade, mas como ter a certeza?

– Você mandou chamar Sidney? – perguntou Cort ao colocar uma nova toalha úmida na testa de Jessy.

– Mandeí, sim. Ele já deve estar chegando.

Cort surpreendeu-se com o leve tom de preocupação da madrastra, porém não comentou nada.

– Vou despedir Yana imediatamente – informou ela. – Eu a contratei para ser a criada de Jéssica, mas, depois da prova de incompetência, não vejo razão para mantê-la aqui.

– Concordo. Como está Sheila? – Cort quis saber.

– Mais calma. Este contratempo tão próximo ao falecimento de Arthur a convenceu de que Jéssica ia morrer também – explicou Marie já no domínio das emoções e com a habitual rispidez.

Quando o Dr. Matson e Cort saíram do quarto, Sheila entrou a fim de ajudar a mãe a cuidar de Jessy.

– O que você descobriu, Sidney? – perguntou Cort.

O médico passou a mão pela calvície e descansou-a na nuca. Suas roupas estavam amarrotadas e ele encontrava-se exausto. Havia passado o dia inteiro ao lado de uma mulher em trabalho de parto e o bebê nascera morto. Agora, tinha um outro problema nas mãos.

– King, sua mulher teria alguma razão para tirar a própria vida?

– Não. O que está insinuando?

Pensativo, o médico sacudiu a cabeça devagar.

– Sei lá. Ela é muito jovem e bonita para se preocupar com as aparências.

– Que diabos está querendo dizer?

– Sua mulher foi envenenada, King.

– Tem certeza?

– Absoluta.

Tenso, Cort firmou as mãos na balaustrada de carvalho.

– Ela vai se recuperar? – indagou.

– Não posso garantir. Depende da dose ingerida.

Embora não demonstrasse, Cort foi dominado por uma raiva sem limites. Sua própria casa fora invadida. Nem a alimentação mostrava-se segura. Por outro lado, apenas Jessy fora atacada. B.J.? Com que propósito? Vingança? Ele não podia descartar a possibilidade de Marie estar envolvida no caso. Ela seria capaz de qual quer barbaridade para evitar que ele conseguisse um herdeiro. Cort virou-se e fitou o médico responsável pela saúde da família há anos.

– Qual é sua opinião? – perguntou.

– Bem, este não é o primeiro caso de envenenamento que veio parar em minhas mãos. Como não deve ignorar, temos muitos ciganos aqui na região. As pessoas costumam ir procurá-los a fim de que lhes leiam a sorte e também com o propósito de comprar um elixir de longa vida. Essa poção, se tomada em pequenas doses, não faz mal algum. Porém, em grande quantidade, é letal. As pessoas de quem tratei ingeriram mais do que deviam, convencidas de um rejuvenescimento maior. Por isso comentei que sua mulher, tão nova ainda, não tinha de se preocupar com a aparência.

Ocorreu a Cort que Yana poderia ser cigana. A cor da pele e dos cabelos, mais o nome eram bem indicativos.

– O veneno tem um sabor doce – continuou o médico – e, por alguma razão, deixa um cheiro estranho e característico no hálito das pessoas que o ingerem.

Cort lembrou-se do odor curioso e diferente emanado da respiração ofegante de Jessy.

– Foi por meio desse sintoma que aprendi a diagnosticar o envenenamento – prosseguiu o médico. As dores de cabeça e as cólicas são sintomas secundários.

– Gostaria que ninguém soubesse disso, inclusive minha família – declarou Corto

O médico assentiu com um aceno de cabeça no momento em que Marie deixava o quarto de Jessy.

– Yana ainda se encontra lá embaixo? – indagou Cort.

– Não. Ela foi embora assim que a despedi – replicou a madrastra.

Foi uma noite muito longa. Depois de Marie lhe trazer café, Cort mandou-a descansar. Não confiava nela. De manhãzinha, Jessy mostrava-se menos agitada.

– Bem – Sidney levantou-se da cadeira -, agora já posso ir para casa e descansar por umas horas. Vou deixar este medicamento para ser dado de duas em duas horas. – Examinou Jessy e acrescentou: – Ela vai ficar boa, King. Um pouco fraca por umas duas semanas, mas logo, logo estará andando por aí. Bem, vou indo. Não me agüento mais em pé. À tarde, voltarei para vê-la.

Cort ergueu-se também e imaginou se tinha o mesmo aspecto cansado do médico.

– Se quiser dormir aqui, Sidney, sinta-se à vontade. Temos quartos suficientes.

– Não, obrigado, King. Durmo melhor na, minha cama – respondeu o médico.

Cort acompanhou-o escada abaixo e, na alameda em frente à casa, esperaram Tod trazer a charrete do Dr. Matson. Os dois homens apertaram as mãos e trocaram palavras de recomendações e agradecimentos.

– Sabe que vai receber uma facada no bolso? – perguntou Sidney ao atirar-se no banco do veículo.

– Claro. Não o chamaria se não tivesse a liberdade de cobrar pela competência – replicou Corto

De volta à casa, ele sentiu fome e dirigiu-se à cozinha. Os criados já deviam estar lá preparando a refeição matinal, ou tomando-a. Da porta, e antes que lhe notassem a presença, Cort viu-os à volta da mesa conversando. Ao ouvir um deles mencionar o nome de Yana, escondeu-se melhor e ficou atento.

– Não sei por que dona Marie a contratou. Moça esquisita. Não gostei dela. Ainda bem que foi embora – comentou uma empregada.

– Vocês perceberam que a patroa aceitou os serviços de Yana na ausência do Sr. Lancaster?

Cort reconheceu a voz da cozinheira, a Sra. O'Grady.

– A moça apareceu várias vezes lá no estábulo – contou Tod. – E sempre para me ameaçar. Se eu não a tratasse bem, ela me amaldiçoaria. Uma louca!

Cort afastou-se em direção à biblioteca. Perdera a fome e precisava de uma bebida forte.

CAPÍTULO VIII

No sonho, Jessy via a mãe trabalhando na plantação de milho ao mesmo tempo que exaltava as boas qualidades de Jonathan e expressava a vontade de que a filha aceitasse seu pedido de casamento.

– Querido e bondoso Jonathan – Jessy murmurou repetindo as palavras da mãe.

Acordou e percebeu que estivera sonhando. Relanceou o olhar pelo quarto e viu Cort sentado numa poltrona ao lado da cama. O rosto sem barbear não tinha expressão alguma. Havia apenas uma lamparina acesa e com a chama baixa, o que deixava o aposento na penumbra.

– Está aí há muito tempo? – perguntou Jessy numa voz fraca.

– Tempo suficiente. Como está se sentindo?

Fragmentos de lembranças começaram a flutuar-lhe na mente. Rostos, dores e imagens estranhas.

– Fiquei doente? – perguntou.

– Ficou. Não se lembra de nada?

Por que Cort se mostrava tão indiferente?, refletiu ao sacudir a cabeça num gesto negativo.

– Dois dias atrás, você caiu de cama bem doente – informou Cort e viu-lhe a surpresa no olhar. – Segundo o médico, apanhou sol demais trabalhando no jardim e deve ter comido algo que não lhe fez bem. E agora, como se sente? – repetiu ele.

– Com fome – respondeu Jessy com a voz um pouco mais forte.

– Quer tomar um pouco de caldo de galinha?

– Por favor.

Cort ergueu-lhe a cabeça e colocou mais um travesseiro sob ela. Não queria forçá-la a se sentar ainda. Conseguiu dar-lhe apenas umas três colheradas do caldo, pois Jessy voltava a dormir.

Nesse instante, ouviu uma leve batida na porta. Sem esperar, Prudence O'Grady entrou no aposento. Cort havia pedido à filha da cozinheira para ser a criada de Jessy.

– Ela está bem melhor – informou à moça alta e bonita. – Deixe-a dormir sossegada. Não quero que ela tome alimento algum a não ser preparado por você ou sua mãe. Se minha

mulher ficar doente outra vez, você será responsabilizada. Fui claro?

– Sim, senhor – Prudence respondeu de cabeça baixa. Não entendia a recomendação do patrão, porém não lhe cabia fazer perguntas.

Cort saiu e foi para o seu quarto. Como sempre, Byron o esperava solícito.

– Deseja tomar um banho? – ofereceu o criado.

Cort foi até a janela e olhou para fora. O céu começava a clarear. Os empregados já deviam ter tomado o café e se preparavam para enfrentar as tarefas rotineiras.

Jessy ficaria em segurança na fazenda? Indagou-se.

– Senhor?

– Não – respondeu Corto – Vou direto para a cama. Você também trate de descansar um pouco – recomendou.

Depois de Byron sair, Cort continuou à janela. Então Jessy considerava Jonathan uma pessoa querida e bondosa? Já há alguns dias e sem saber por que, ele chegara à conclusão de que odiava a lembrança do homem. Jessy, sem dúvida, fingia não se importar com o falecido. Ela não lhe inspirava confiança em nada. Fora bom ouvi-la murmurar as palavras irritantes. Elas lhe serviam de lembrete sobre o tipo de mulher com quem tinha se casado. Cort passou a mão pela barba crescida e áspera. Como Jessy podia ter gostado daquele malandro? Infelizmente, essa era uma das muitas perguntas para as quais não tinha resposta. Não lhe agradava a idéia de ter de controlar tudo à volta de Jessy, ou de imaginar quando e onde a espada cairia. Aonde andaria B.J, e quem havia mandado Yana envenenar Jessy? Agora, ele precisava rastrear mais outra pessoa, pois apenas a ex-criada poderia lhe esclarecer as dúvidas.

Uma semana mais tarde, Cort chegou em casa num estado de extrema frustração. Yana não se encontrava em lugar algum.

No salão, ele avistou Marie, Sheila e Jessy conversando animadamente. Ao vê-lo, a esposa questionou-o:

– Cort, já estou completamente boa e você sabe disso. Marie afirma que você me proíbe de trabalhar no jardim. Por quê? O jardineiro contratado já estragou uma porção de mudas.

– Você pode supervisionar o serviço dele – sugeriu Cort com um sorriso forçado.

– Não agüento mais ficar o dia inteiro em casa sem fazer nada! E não concordo com

o Dr. Matson! Não fiquei doente por causa do trabalho no jardim! – argumentou Jessy.

Marie colocou o bordado 'na cesta ao lado e levantou-se.

– Cortland, Tod ainda não trouxe minha charrete até a frente da casa?

– Há algum tempo. Já estava lá quando cheguei – respondeu Cort enquanto se servia de conhaque.

– Então, estou saindo. Vou tomar chá na casa dos Wilkerson. Não mudou de idéia e resolveu ir comigo, Jéssica?

– Não, obrigada, Marie. Quem sabe em uma outra ocasião.– agradeceu Jessy sem desviar os olhos de Cort – Como não vemos seu enteado em casa com muita frequência, quero aproveitar a oportunidade de hoje para trocar umas palavrinhas com ele – explicou, irônica.

Marie saiu da sala e pouco depois ouvia-se o ruído da charrete partindo. Sheila levantou-se com o intuito de também deixar o aposento, porém o irmão a deteve.

– Espere um instante, maninha. Jessy está precisando sair um pouco de casa, por isso pensei que nós três pudéssemos ir jantar hoje na Harvey House. Boa idéia? – perguntou vendo a alegria aflorar no olhar de ambas.

– Acho ótima! Vou já avisar a Sra. O'Grady de que não jantaremos aqui – disse Sheila agitada.

A sós com Jessy, Cort sentou-se numa poltrona de brocado, tomou um gole da bebida e perguntou em tom cordial:

– Sobre o que as senhoras conversavam quando cheguei?

– Sheila e Marie falavam a respeito do baile no Wilmount na próxima semana.

Cort...

– Seu vestido está pronto?

– O quê?

– Falei alto e claro.

Surpresa, Jessy tentou responder, porém levou uns segundos para encontrar a voz.

– Você não mencionou nada sobre minha ida – disse finalmente, irritada com a calma de Cort sentia vontade de derrubar o copo de conhaque. – Como eu expliquei antes, nós quase não nos vemos. Você não prefere levar a Sra. Rothchild?

– Não. Ela vai acompanhada por Horace Bitman, o banqueiro – replicou Cort.

– Ah, sei. Então, você resolveu me levar.

Cort viu a mão de Jessy pousar no bibelô de porcelana na mesinha ao lado. Preparou-se para abaixar a cabeça caso ela o atirasse em sua direção.

– Engano seu. Desde o início, planejava levá-la. Já está na hora de ser apresentada à sociedade local. Todos devem ter uma grande curiosidade a seu respeito e gostariam de conhecê-la, tenho certeza. Afinal, eu era um solteirão muito cobiçado pelas moças em idade de casamento.

– Que tolo convencido! – Jessy levantou-se irritada. Cort não demonstrara sinal algum de aborrecimento com suas palavras. – A sua amante deve estar muito desapontada de ir ao baile com o banqueiro.

– Provavelmente.

– Pois pode ir com ela porque eu não vou.

Cort sorriu-lhe, complacente.

– Ah, vai, sim, minha querida, mesmo que seja de camisola. Agora, seja boazinha e suba para se aprontar. Sei que leva algum tempo e eu já estou começando a ficar com fome.

Quando entrou no quarto Jessy mal conseguia reprimir a vontade de estrangular Cort jamais conhecera alguém com tal duplicidade de comportamento. Quando lhe contaram como o marido tinha ficado a seu lado durante sua enfermidade, havia querido agradecer-lhe, porém ele só chegava em casa muito tarde da noite e já a encontrava dormindo. Agora, ditava regras para ela seguir.

– Eu deveria ser grata à amante de Cort por mantê-lo fora de minha cama – murmurou Jessy desanimada. Mas não estava. Era horrível sentir-se como uma mera peça do mobiliário da casa.

Aborrecida, abriu o armário e tirou um vestido.

Quando chegaram ao restaurante, Jessy continuava mal-humorada. Entretanto, logo animou-se ao ir falar com as antigas colegas enquanto Cort e Sheila acomodavam-se a uma das mesas. Ficou feliz com a notícia do noivado de Kathleen e Lora. Elas iam se casar com dois irmãos fazendeiros e seriam vizinhas.

Embora as três estivessem afastadas demais para ouvir-lhes as palavras, Cort podia observar a expressão alegre no rosto lindo da esposa. Quem seria a verdadeira Jéssica?

Indagou-se mais uma vez. Lembrava um camaleão, sempre mudando de cor dependendo do lado de quem se encontrava.

Enquanto percorria o olhar pela sala à procura de algum rosto conhecido, Sheila viu um rapaz aproximar-se da mesa onde estavam. Ele não podia ser classificado como um homem bonito, porém os cabelos loiros, a pele bronzada de sol e as feições aquilinas formavam um conjunto interessante. Vestia-se de maneira simples e longe da elegância sofisticada do irmão.

Aparentava também ser bem mais novo do que Cort. A postura e o andar demonstravam segurança.

– King Lancaster! – disse o rapaz.

Cort levantou o olhar e sorriu. Depois colocou o guardanapo na mesa e, já em pé, apertou-lhe a mão.

– Tom Sterling! O que o traz por estas bandas? Há quanto tempo não nos vemos! Deixe-me ver. Dois anos?

– Por aí – respondeu Tom. – Estou a caminho do Colorado para ver umas terras. Fazia parte dos meus planos procurá-lo aqui em Topeka antes de prosseguir viagem – explicou e sorriu para Sheila. – Não vai me apresentar, meu velho?

Sheila fitou-lhe os olhos verdes e sentiu uma forte atração. Ele era quase tão alto quanto Cort.

– Desculpe a falta de atenção. Esta é Sheila, minha irmã. Sheila, um amigo meu, Thomas Chandler Sterling II. Tenho negócios com o pai dele há muitos anos.

Sheila estendeu-lhe a mão, que Tom apertou sem desviar os olhos dos seus. Uma sensação gostosa invadiu-a.

– Ora King, eu não imaginava que você tivesse uma irmã tão linda – elogiou Tom.

Cort achou graça. Só um cego não perceberia a atração instantânea entre aqueles dois.

– Você já jantou Tom?

– Não. Eu ia me sentar quando vi você.

– Então por que não janta conosco? – convidou Cort

– Será um prazer, caso sua irmã não se importe.

– De forma alguma – garantiu Sheila depressa.

Jessy retornou do encontro Com as amigas e Cort fez as novas apresentações. Tom não se conteve ao saber do casamento do amigo e achou, divertido o fato de Cort, finalmente, haver abandonado a vida de solteiro. Sério, cumprimentou-o pela beleza da esposa.

Jessy simpatizou logo com o rapaz de maneiras francas e calmas e, sem dúvida, Sheila também.

O jantar transcorreu num ambiente agradável. Cort e Tom falaram um bom tempo sobre gado, ferrovias e política. Sheila aproveitou a oportunidade para observar, discretamente, o homem sentado a sua frente. Seria casado? Ele a teria achado tão bonita quanto Jessy? Com certeza, não. Era impossível alguém competir com a cunhada..

Durante a sobremesa, Tom perguntou-lhe se passava muito tempo na cidade e, a partir daí, conversaram bastante. Percebendo o interesse do amigo pela irmã, Cort imaginou se ele já havia assentado e abandonado a vida de aventuras. Em sua opinião, os dois formavam um belo par. Tom pertencia a uma família de posses, que, além de terras, possuía uma frota mercante. No último encontro de ambos, ele já começava a controlar as vultosas transações do pai.

– Já que vai ficar alguns dias na cidade, Tom, gostaria de convidá-lo a se hospedar conosco. Não concorda, Jessy?

– Uma idéia excelente.

Cort estava curioso para ver se, com essa aproximação, surgiria um namoro entre a irmã e o amigo. Sheila parecia encantada com Tom, fato inédito numa moça que jamais demonstrava interesse por homem algum. Nessa noite, ela irradiava alegria e esbanjava charme. Quanto a ter um rapaz solteiro em casa, não havia motivo de preocupação. Marie tomaria conta da filha até mais do que o necessário. Contudo, algo o intrigava. Jessy também mostrava prazer com a companhia de Tom.

– Aceito o convite, King – declarou Tom satisfeito. – Estou cansado de ficar em hotéis.

– Por que não vem agora conosco? Mais tarde, mandarei um criado apanhar sua bagagem no hotel – informou Cort,

Sheila não podia entender o mau humor do irmão nos últimos dias. Há quase uma semana, ele mostrava-se ríspido com todos e não oferecia explicação alguma pelo comportamento desagradável. Dava a impressão de estar procurando uma briga. Pelo menos dessa vez, a mãe havia tido o bom senso de manter-se calada. Tom, por sua vez dera de ombros e conservava-se fora do alcance de Cort, enquanto Jessy parecia ignorar a situação.

Tom passava quase o tempo inteiro ao lado de Sheila, porém Marie também e, muitas vezes, Jessy. Se iam fazer um piquenique às margens do rio Kaw, a mãe os acompanhava. Um passeio a pé? A mãe ia junto. Uma conversa no salão? A mãe lá estava com o bordado na mão. Para tornar a situação intolerável, Marie não se cansava de questionar Tom. Perguntou onde morava, como era a casa, os antecedentes da família, em que tipo de negócios trabalhava, a idade, estado civil, por que tinha vindo a Kansas e, o pior de tudo, se estava procurando uma esposa. Com essa última indiscrição, Sheila quase morrera de constrangimento.

Nessa situação embaraçosa em que uma interferência de Cort viria a calhar, Sheila não tinha coragem de procurá-lo. Largada à própria sorte, começou a encarar a situação de um ângulo diferente. Tom não mostrava o mínimo aborrecimento com a inquisição constante e, em mais de uma oportunidade, fizera Marie rir, fato sem precedentes nos últimos anos. Às vezes, durante o interrogatório da velha senhora, Tom fitava Sheila com um sorriso discreto como se ambos compartilhassem um segredo.

Apesar das circunstâncias, Sheila havia descoberto muitas coisas a respeito do hóspede. Ansiava por ficar a sós com ele e imaginava como seria o seu beijo. Sem dúvida, muito diferente das tentativas piegas de Terrance Wilkens. Além da aparência e personalidade atraentes, Tom possuía uma outra qualidade que despertava o interesse de Sheila. De forma alguma ele se intimidava na presença de Cort e, caso houvesse necessidade, não hesitaria em enfrentá-lo. Thomas Chandler Sterling II não tinha nada a provar a ninguém. Era dono de si mesmo.

Cort via a situação de maneira muito diferente. Às refeições, Jessy bebia as palavras de Tom. Quando não estava supervisionando o trabalho do jardineiro ou indo à cidade de charrete a fim de experimentar vestidos, ela permanecia na companhia de todos. Contudo, Jessy conseguira um momento a sós com ele para agradecer-lhe os dois guarda-costas que

agora a acompanhavam a todos os lugares. Quando, durante um jantar, Jessy descobriu que Tom havia visitado Kansas City várias vezes, Cort refreou a irritação a custo. Entusiasmada, a mulher fez uma série de perguntas sobre a cidade. Ele nem se deu ao trabalho de explicar-lhe que também conhecia o lugar, aliás, muito bem.

Mais de uma vez, Cort resolveu exigir seus direitos de marido na cama de Jessy. Por alguma razão mal dita, recuou a fim de evitar a briga inevitável. Há muito não sentia o corpo de uma mulher sob o seu, pois interrompera as visitas às amigas habituais. O que desejava apenas uma mulher poderia lhe dar. Ansiava por sentir novamente a rendição completa de Jessy a ele.

Na noite do baile e enquanto Prudence a ajudava a se vestir, Jessy estava nervosa e entusiasmada ao mesmo tempo. A seda natural do vestido azul-turquesa fora importada da China. Sob a luz, ela adquiria reflexos dourados. As mangas bufantes ao alto colavam-se justas aos braços do cotovelo para baixo. O decote em “V” iniciava-se logo acima da cintura e a saia drapeava-se elegante até o chão. Faziam parte da toalete sapatilhas e um abrigo longo confeccionados com o mesmo tecido delicado. O fato de expor o busto não importunava Jessy. Pela primeira vez em muitos anos, sentia-se bem feminina.

Sob a orientação de Jessy e depois de várias tentativas, Prudence puxou os cabelos loiros para trás e prendeu-os num coque de cujo centro pendia uma mecha espessa e longa. Jessy havia pensado em usar plumas nos cabelos, mas, ao ver-se, no espelho, mudou de idéia. Preferia uma aparência mais simples e o resultado deixou-a tão satisfeita que começou a rir. Essa sua nova autoconfiança devia-se a Tom. Além de tratá-la com toda a consideração, ele a fazia rir e sentir-se muito especial.

Cort e Tom saboreavam um cálice de vinho, do Porto enquanto esperavam por Jessy e Sheila. Ambos estavam muito elegante em trajes pretos formais.

– Estou contando em me divertir bastante esta noite – anunciou Tom. – Com essa história de viajar por boa parte do país a fim de tratar dos negócios de meu pai, não tenho tido oportunidade de ir a bailes sofisticados, ainda mais na companhia de duas moças lindas.

Cort acendeu um charuto e seguiu com o olhar a ascensão vagarosa da fumaça.

– Não se esqueça de que uma é minha mulher e a outra, minha irmã.

Tom apenas riu.

– Por acaso está de olho em uma delas? – indagou Cort.

– Tenho a leve impressão de que estamos falando a respeito unicamente de Jéssica. Ela encontra-se à disposição? Você pode ser o marido, porém não o dono, meu amigo. E por que toda essa preocupação? Duvido que tenha desistido de suas aventuras com outras mulheres e, certamente, não vi sinal algum de amor entre vocês dois. Ao contrário. Ambos se comportam como inimigos e não como amantes. Jessy é uma mulher linda e qualquer homem se orgulharia em possuí-la.

– Não brinque com o que é meu, Tom – advertiu Cort – Eu não mostraria tolerância.

Nesse instante, Sheila surgiu rodopiando num vestido cor-de-rosa, de gaze e com acabamentos de renda. Os cabelos negros estavam presos no alto da cabeça e Cort sentiu um grande orgulho dela.

– Pensei que estivesse atrasada, mas, pelo jeito, nem mamãe nem Jessy estão prontas.

Tom foi ao seu encontro, tomou-lhe as mãos e beijou.

– Você está encantadora!

Pouco depois, Marie e Jessy entravam juntas na sala. Nenhum dos dois homens prestou atenção à velha senhora vestida de preto, como sempre. O olhar de ambos prendeu-se à visão de beleza jamais apreciada antes por eles. A felicidade de Sheila diminuiu.

– Você está a imagem da perfeição, minha querida – afirmou Cort ao aproximar-se de Jessy. Tirou um estojinho do bolso e lhe entregou. – Trouxe algo para você usar em nossa primeira ida a uma festa.

Jessy não conteve uma exclamação de surpresa ao abrir a caixinha e ver os longos brincos de brilhantes e rubis. O tamanho das pedras indicava o alto valor da jóia.

– Obrigada, Cort – balbuciou atônita e sem encontrar nada mais adequado para dizer.

– Deixe eu colocá-los para você – disse ele ao pegar os brincos e prendê-los no lóbulo de suas orelhas. – Eles combinariam bem com o seu colar, não concorda? – perguntou baixinho, mas não lhe deu chance de responder. – Como é, estão todos prontos? Vamos embora?

Na carruagem, sentada junto a Cort, Jessy sentiu a tentação de dar-lhe uma resposta malcriada e merecida. Poderia falar baixinho sem que ninguém, exceto ele, a ouvisse.

Todavia o som alegre das vozes de Tom e Sheila acabou por desanuviar-lhe o espírito. Melhor assim. Não ia permitir que Cort lhe estragasse a noite!

Jessy sentia-se uma verdadeira rainha no baile. Cort, como um cavalheiro atencioso, não parava de apresentá-la a uma infinidade de pessoas. Seria impossível lembrar-se de tantos nomes. Todos mostravam interesse em conhecê-la. Mais de uma moça fitou-a com expressão de inveja. Jessy não se importou. Considerava o olhar um elogio. Afinal, Cort era o homem mais atraente e elegante do baile.

Jessy dançou as primeiras vezes com o marido. Não se surpreendeu com a maneira segura e delicada com que ele a conduzia pela pista. Sem dúvida, mostrava competência em tudo o que fazia.

Foi quando dançava com Tom que Jessy viu a Sra. Rothchild entrar no salão pelo braço de um homem baixo e corpulento. Logo em seguida, Cort aproximou-se deles e os cumprimentou. Para surpresa sua, sentiu mágoa profunda ao notar a expressão de prazer no rosto do marido quando ele e a moça riram a respeito de algo. Decidida a não continuar observando-os, virou-se para Tom e sorriu.

– Imagino que logo você vá nos deixar.

– Amanhã, para ser exato.

– Sheila vai sentir sua falta.

– E você, não? – Tom perguntou sério.

– Sim, naturalmente. Nós todos apreciamos muito a sua companhia.

– Palavras de uma esposa perfeita. Se soubesse da existência da menor possibilidade de ser aceito, eu a convidaria para ir embora comigo.

– E eu, se não fosse casada, com toda a certeza pensaria seriamente no assunto.

Ambos riram alegres. Desde o início, a conversa despreocupada entre eles os unira como dois bons amigos.

– Você é capaz de guardar um segredo? – perguntou Tom depois de umas voltas em silêncio.

– Depende sobre o quê.

– Estou pensando seriamente em me casar com Sheila.

– Ah, Tom! Essa notícia é maravilhosa! Não direi nada a ninguém, prometo.

– Não vou fazer o pedido agora. Tenho trabalho me esperando no Colorado. Na

volta, vou dispor de mais tempo para ficar aqui e nos conhecermos melhor. Já que não posso ter você, preciso decidir se vou dar um bom marido para Sheila.

– Ora, Tom. Pare de brincar com assuntos sérios!

Tom absteve-se de confessar que não gracejava. De nada adiantaria. Não sabia se os sentimentos por essa mulher linda em seus braços era amor ou apenas um fascínio passageiro. Precisava de tempo para analisá-los e chegar a uma conclusão.

Após conversar algum tempo com Amy e o banqueiro, Cort foi ao terraço a fim de respirar o ar fresco da noite e fumar um charuto. Afastou-se a um canto escuro e observou o céu estrelado. Ali estava mais agradável, embora a noite estivesse quente. O som da festa chegava de forma indistinta. Cort deixou-se ficar ali por alguns momentos. De repente, foi tomado por uma vontade incontrolável de montar a cavalo e abandonar tudo. Na última vez em que a inquietação o havia dominado a tal ponto partira em perseguição dos ladrões de gado. Devia ter deixado os peões cuidarem do caso. Resultado: na volta para casa tinha conhecido Jessy e, desde então, sua vida transformara-se num tumulto constante.

Cort atirou fora o charuto quase intacto ainda. Conhecia bem as razões de sua intranquilidade. Uma parte devia-se a Jessy e Tom e a outra ao fato de nunca haver se encontrado antes numa situação em que só podia manter-se impassível e esperar. Sem dúvida, B.J. acabaria aparecendo. Como o infeliz conseguia ficar escondido tanto tempo se constituía num mistério para Cort e, se isso não bastasse, Yana também havia desaparecido.

– A mulher de King Lancaster é linda, não acha, Buster?

Absorvido nas reflexões, Cort não tinha percebido a chegada de dois outros homens ao terraço.

– Nem diga! Eu só queria experimentar o prazer de levar essa mulher para a cama! – replicou o tal Buster.

Cort saiu da sombra e esbravejou antes de retomar ao salão:

– Desista e vá para o inferno!

Como ela e a mãe tinham sido as únicas a se levantarem cedo e já estarem tomando o café da manhã, Sheila resolveu aproveitar a oportunidade para falar em particular com Marie. Era preciso não se precipitar e expressar-se com naturalidade. Talvez então conseguisse convencê-la a permitir que acompanhasse Tom à estação. Sozinha.

– Mamãe, você se deu conta de que Tom vai embora hoje?

– Naturalmente, Sheila.

– Ele é um rapaz muito simpático, não acha?

– Acho, sim. Ele dará um bom marido para você. Nem Cortland fará objeções a esse casamento. Espero arrancar um compromisso de Thomas antes que ele se vá.

– Deus do céu, mamãe! Você não se atreveria!

Tendo terminado a refeição, Marie cruzou os talheres no prato e pôs o guardanapo ao lado. Só então, bem calma e firme, replicou:

– Na Bíblia, no Livro de Provérbios, há um versículo que afirma ser a mulher virtuosa a coroa do marido. Entende o que quero dizer? Como sua mãe, tenho todo o direito de me assegurar se Thomas compreende como você será uma coroa maravilhosa para ele. Também preciso descobrir-lhe as intenções. Se Cortland tivesse um pinga de responsabilidade, já teria obtido tal informação em vez de deixar esse encargo para mim – reclamou Marie com um gesto largo da mão esquerda, onde usava o anel com um enorme brilhante. – Sabe, Sheila, você sempre fala muito bem de seu irmão, mas, como vê, ele não pretende defender seus interesses: Pensa só em si mesmo.

– Mamãe, se você falar com Tom, vou ficar arrasada – Sheila afirmou em voz baixa.

– Ele passou apenas uma semana aqui!

– E não era para ter ido embora depois de três dias? A troco de que ficou mais tempo? Não foi para fazer companhia a Cortland, muito menos por interesse em mim!

– Por que insiste tanto então me arranjar casamento? – perguntou Sheila brava. – Deixe os fatos correrem normalmente e pare de me empurrar para homens cuja única qualidade é serem ricos!

– Não admito que fale comigo nesses termos – repreendeu Marie. – Vá para seu quarto e fique lá até resolver mostrar-se mais educada. Se depender de você, vai acabar solteira. Já devia ter se casado aos dezesseis anos e logo vai completar dezenove. Mas não! Cortland interferiu em todos os meus esforços para lhe conseguir um marido de posses e boa família. Levando-se em consideração a sua idade, talvez esta seja a sua última oportunidade de fazer um bom casamento. Deveria mostrar-se grata pelo meu interesse em vez de reclamar.

A cadeira quase caiu para trás com o movimento abrupto de Sheila ao levantar-se.

– Não vou me casar com homem algum a não ser que esteja apaixonada por ele! – declarou.

– Uma vez casada, você descobrirá que um marido bem situado na vida é mais importante do que o amor. Agora chega. Já cansei de ouvir suas tolices. Suba para seu quarto.

No último degrau da escada, Sheila avistou o irmão no corredor. Em prantos, correu-lhe ao encontro.

Ele não precisou perguntar quem havia provocado as lágrimas.

– O que a velha malvada fez, desta vez? – indagou tomando a irmã entre os braços.

– Ah, Cort – soluçou Sheila. – Mamãe vai perguntar a Tom se ele pretende se casar comigo. Como vou agüentar uma humilhação dessas?

Cort tirou um lenço do bolso e deu-o à irmã.

– Acalme-se, maninha. O diabo nunca é tão feio com o pintam. Tudo vai dar certo. Tom é um homem experiente e vai entender. Eu poderia falar com Marie, porém não adiantaria nada. A mulher está obcecada em ver você casada e argumento algum a fará mudar de idéia.

Sheila assuou o nariz e recobrou o autocontrole.

– A única solução – continuou Cort – é você aceitar Marie do jeito que ela é e não se perturbar. Nossa madrastra não passa de uma tola e só se expõe ao ridículo. Levando-se em consideração o que fala sobre os dois maridos, ela não deveria ser uma defensora tão ferrenha do casamento. Mas não vou tentar descobrir as segundas intenções de Marie.

– Você tem razão – admitiu Sheila. – Fiz uma tempestade num copo d'água.

– Diga uma coisa, maninha. Por que a conversa de Marie com Tom lhe provoca tamanha aflição? Quando ela fez isso com outros homens, você ficou brava, mas não aborrecida.

Sheila começou a retorcer as mãos.

– Não sei – respondeu evasiva.

– Você gosta de Tom?

– Gosto, claro.

– Quanto?

– Cort...

– Quanto?

– Muito – murmurou Sheila baixando a cabeça.

– Entendo, maninha. Tom não é do tipo de se acovardar e fugir correndo. Quando deseja algo, tenta consegui-lo. Se ele está interessado em você, logo o veremos de novo por aqui. Isso eu lhe garanto.

– Ah, Cort, você tem mesmo um jeitinho especial para lidar com as mulheres. Eu me sinto outra depois de falar com você – garantiu Sheila provocando um sorriso bem-humorado no irmão.

– É a prática, maninha. Agora, acho bom ir lavar esse rosto. Não gostaria que Tom a visse com cara de choro, não é mesmo?

– Vou, sim. Tenho permissão para levar Tom à estação sem mamãe?

– Veremos – respondeu ele.

Sheila entrou no quarto a tempo de escapar do encontro inoportuno com Tom, que deixava o dele.

– Bom dia, Cort minha bagagem já está pronta. Foi pena não termos passado mais tempo juntos. Contudo, não posso me queixar. Minha estada aqui foi ótima! Aproveitei muito – afirmou Tom com um sorriso malicioso.

– Mesmo com Marie não lhe dando sossego?

– Ela é uma criatura curiosa, sem a mínima sutileza e sensibilidade. Eu me sinto como um peixe assado, pronto na travessa para ser servido. Quando ela vai me perguntar se pretendo me casar com Sheila?

Cort não conteve o riso e, tão logo pôde, respondeu:

– Agora de manhã, segundo Sheila acaba de me informar. Minha irmã está muito constrangida com isso.

– Marie costuma agir sempre assim?

– Infelizmente.

Juntos, os dois amigos desceram ao andar térreo e dirigiram-se à saleta de almoço para tomar o café da manhã.

Embora já tivesse terminado há um bom tempo, Marie continuava sentada à mesa na esperança de falar com Tom. Não escondeu o desagrado ao vê-lo chegar acompanhado de Cort havia antecipado ficar sozinha com o futuro genro.

– Bom dia, Thomas – cumprimentou ignorando a presença do enteado.

A refeição transcorreu sem a mínima oportunidade de Marie fazer suas perguntas. Os dois homens tinham uma infinidade de assuntos para conversar, inclusive a partida de Tom. Não foi mencionado nada a respeito de Sheila nem do possível retorno do hóspede ao Kansas. A raiva de Marie crescia. Por que, logo nesta manhã, Cort descera para tomar café em vez de fazer a refeição no quarto como de hábito? Em menos de uma hora, Thomas sairia para a estação. “E se Cortland insistisse em levá-lo?”

Sem outra alternativa, Marie já se preparava para enfrentar a situação e esclarecer as dúvidas quando Sheila, muito alegre, entrou na sala e juntou-se ao grupo à mesa.

– Já arrumou as malas, Tom? – perguntou ela.

– Sem dúvida, e Byron as levou para a charrete – informou ele ao pôr o guardanapo na mesa. – Uma refeição deliciosa, Marie – elogiou a seguir.

– Obrigada, Thomas. Talvez seja a sua última por uns dias. Ouvi dizer que a comida nas estações ferroviárias é péssima – comentou Marie e depois virou-se para Cort – Você vai acompanhar Thomas?

– Não sei. Ainda não resolvi. Por que pergunta?

– Bem, como você não dispensou a atenção necessária ao nosso hóspede, acho melhor eu e Sheila o levarmos à estação. Assim, ele não levará uma impressão ruim da família inteira.

Sheila fitou o irmão com olhar suplicante.

– Ah, não vejo razão para se dar a esse trabalho, Marie – disse Cort em voz morosa. – Certamente tem outras atribuições aqui em casa agora de manhã. Sheila pode muito bem levar Tom, caso eu resolva não ir.

– Como pode dizer uma coisa dessa? – inquiriu Marie com a voz trêmula de raiva. – Sua irmã não deve sair desacompanhada. Nem posso imaginar o que poderia lhe acontecer nessa cidade desordeira, cheia de malandros em todo lugar. Como sempre, Cortland, você não demonstra o mínimo interesse pelo bem-estar de Sheila. Thomas, com toda a certeza, não agiria com tal displicência em relação a uma moça de boa família.

Sheila viu Cort semicerrar os olhos e estremeceu. Lamentava o fato de Tom testemunhar o embate dos dois adversários ferrenhos.

– Muito bem, cara madrastra, vou com eles. Satisfeita? – perguntou Cort em voz

baixa e áspera.

Marie, certa de encontrar-se agora no controle da situação, resolveu fazer novas exigências.

– Não, eu também quero ir. Além de ter umas compras para fazer, preciso conversar com Thomas – declarou brava.

– Não existe nada que não possa dizer agora. Se precisa fazer compras, terá de ir conosco, porque eu vou também – afirmou Cort com ênfase nas últimas palavras.

Os olhos negros de Marie fuzilaram de ódio. Não estava disposta a permitir que o enteado atrapalhasse seus planos.

– Muito bem. Eu esperava conduzir este assunto de uma maneira mais apropriada – começou.

– Mamãe! – exclamou Sheila atônita.

– Sheila, vá na frente com Tom – disse Cort em voz calma e sem desviar os olhos de Marie. – Eu encontro vocês na estação.

Assim que os dois saíram da sala, Marie levantou-se, disposta a segui-los.

– Sente-se! – Cort ordenou ríspido.

– Eu não admito...

– Não me provoque, Marie, ou vai se arrepender. – ameaçou Cort ao ficar em pé e firmar as mãos no encosto da cadeira. – Por que não põe Sheila num leilão? Já lhe passou pela cabeça que minha irmã estaria casada há muito tempo se você não houvesse afugentado os pretendentes? Quem haveria de querê-la como sogra? Você levaria o coitado ao túmulo como fez com meu pai e o seu primeiro marido. E não pense que me esconde nada. Sei bem o que há nessa sua cabeça. Quando Sheila se casar, pretende ir morar com ela – Cort acusou e viu o olhar de surpresa da madrastra.

– E me livrar de você de uma vez por todas – sibilou Marie rancorosa.

– Pois pense melhor – aconselhou Cort em voz suave. – Vai ter de morar comigo, madrastra querida, não tem outra escolha; a não ser que eu resolva o contrário. Você já foi consultar dois advogados e ambos afirmaram que o testamento de meu pai é incontestável. Já expliquei quais são as suas duas escolhas. Você mora comigo, ou eu lhe dou uma casa e mesada. De forma alguma permitirei que arruíne a vida de Sheila. De hoje em diante, você *nunca* mais dirá nada a homem *algum* a respeito de casamento. Fui claro? Não pense que

ficará muito satisfeita se eu lhe comprar uma casa no meio do mato e a deixar lá. A tentação é grande.

– Que lindas palavras para um homem que jamais se importou ou teve trabalho com a educação da irmã! Aos olhos de Sheila, você sempre se comporta como se fosse um deus magnânimo. Faz-lhe todas as vontades e ainda põe idéias erradas sobre casamento em sua cabeça. Veja o seu exemplo – disse Marie, rindo irônica. – Mandou vir uma noiva contratada por correspondência e ela não apareceu. Então, casou-se com uma outra só para conseguir um herdeiro!

– A escolha foi minha – declarou Cort com um sorriso cruel. – E seu futuro também será! – acrescentou, deixando-a sozinha.

CAPÍTULO IX

Enquanto cavalgava o garanhão, Cort dominava a raiva a custo. Além de todos os problemas do momento, Marie não precisava acrescentar mais um com a tentativa de determinar a vida, de Sheila por interesse próprio. Felizmente, uma das pedras de seu sapato estava sendo removida. Tom partiria daí a pouco. E nem se despedira de Jessy.

O estado de espírito de Cort melhorou quando chegou à estação e, ainda de longe, viu a expressão sorridente da irmã. Desmontou depressa, prendeu as rédeas de Emperor e correu até a plataforma. Teve ainda tempo de apertar a mão de Tom antes de ele embarcar.

– Muito obrigado, Cort, pelos dias agradáveis passados em sua casa. Em poucos meses, estarei de volta para abusar outra vez de sua hospitalidade.

OuvIU-se o último sinal de partida e Tom apressou-se em subir ao trem. Cort fitou Sheila com ar de indagação.

– Tom vai parar aqui quando voltar do Colorado, a caminho do Leste – explicou Sheila com expressão feliz.

Tom acenou pela última vez e entrou no carro de passageiros. A locomotiva resfolegava e o trem adquiria velocidade enquanto a fumaça negra elevava-se no ar. Preso a poucos metros de distância, Emperor relinchou assustado. Cort correu a fim de acalmá-lo sem dar muita atenção a Sheila, que se dirigia à charrete estacionada quase ao lado.

– Oa, oa, amigão, tudo bem – disse ao dar uns tapinhas carinhos no pescoço do animal.

Tendo controlado o cavalo, levantou o olhar em direção a Sheila. A raiva desaparecida sob o verniz de civilidade ao despedir-se de Tom voltou à tona. Dois caçadores cabeludos bloqueavam o caminho da irmã. Ao chegar perto, ouviu o mais forte dos dois dizer:

– Vamos lá, belezinha, um trago no bar não lhe vai fazer mal algum.

– Saiam da minha frente! – exigiu Sheila.

– Ora, isso não é jeito de uma moça educada falar – reclamou o mais magro. – Só queremos ser amáveis.

– Acho bom deixarem a moça passar – recomendou Cort interpondo-se entre os homens e Sheila.

Embora fosse bem cedo, os dois recendiam a uísque.

– Ei! – gritou o forte. – Isto aqui não é da sua conta. Nós vimos a moça primeiro – declarou ao empurrar Cort a resposta de Cort resumiu-se num murro poderoso no queixo do homem, que o derrubou no chão. Sheila afastou-se quando viu o outro atacar o irmão pelas costas na esperança de que o companheiro se levantasse. No instante seguinte, ele também recebia um soco e caía ao lado do primeiro.

Várias pessoas haviam parado para assistir à cena. Uma boa briga sempre atraía espectadores. Essa, entretanto, não iria adiante embora fossem dois contra um. Os habitantes da cidade sabiam que os estranhos não tinham a mínima chance de ganhar uma luta contra King Lancaster.

O mais magro olhou para o colega ainda caído. Vendo-lhe a expressão de medo, achou melhor apresentar uma desculpa.

– Não foi nossa intenção ofender a moça. Quisemos ser amáveis.

– Na próxima vez em que uma senhora lhes disser para saírem da frente, acho bom obedecerem – replicou Cort.

Em seguida, apanhou as rédeas de Emperor e aproximou-se da charrete onde Sheila já se encontrava sentada.

– Agora que encontrou uma válvula de escape, sente-se melhor da frustração destes últimos dias? – perguntou-lhe a irmã com um sorriso malicioso.

– Para ser franco, sim – Cort respondeu rindo ao montar. – Para onde vamos agora?

– Não quero voltar para casa logo. Estou pensando em ir até o ateliê da Sra. Blakely e ver se ela pode me fazer uns vestidos. Fiquei encantada com o de Jessy para o baile e desejo estar bem elegante quando Tom aparecer de novo. – Percebendo o que acabava de dizer, explicou depressa: – A gente não pode confiar muito em costureiras. Às vezes, elas não cumprem o prazo prometido, para entregar uma encomenda. E esta, segundo mamãe, tem um sem-fim de freguesas. Bem, vou indo.

– Nada disso, mocinha – declarou Cort, bloqueando o caminho da charrete. – Mereço uma explicação. Não preciso de um relatório da conversa de vocês dois, mas, como perguntaria Marie, quais são as intenções do meu amigo?

– Ah, Cort, Tom garantiu estar gostando muito de mim, porém não voltaria a Topeka se eu não alimentasse os mesmos sentimentos por ele – contou Sheila entusiasmada.

– E você, o que lhe respondeu?

– Ora, Sr. King, eu e você somos do mesmo sangue. A seu exemplo, não sou boba e sei reconhecer algo bom quando o vejo. Confessei a Tom que iria esperar ansiosamente pelo retomo dele.

– Menina esperta – comentou Cort ao sair da frente da charrete. – Quer que eu a acompanhe à costureira?

– Não, obrigada. Vou bem, sozinha.

– Então, até mais tarde lá em casa.

Da janela do quarto, Jessy viu Sheila e Tom saírem para a estação. Sentiu unia ponta de remorso por haver dormido até mais tarde e não descer a tempo para se despedir. Entretanto, refletindo um pouco, achou melhor ter sido assim. Sua amizade por Tom estava se tomando forte demais. Havia apreciado muito a estada dele ali, mas, como as boas horas passadas no baile, ela não poderia durar para sempre.

Pouco depois, Jessy viu Cort sair também. Sem esperar pela volta de Prudence a fim de ajudá-la a terminar a toalete, Jessy vestiu depressa uma saia de brim e uma blusa leve de algodão. Nesse dia iria trabalhar no jardim com ou sem a permissão de Cort. Antes de adoecer, havia descoberto que o trabalho na terra ajudava-a a relaxar e a suportar melhor as

frustrações.

Apanhou as luvas numa gaveta e já ia sair quando seu olhar perpassou pela porta de comunicação com o quarto de Cort. Uma grande tentação a invadiu. Desejava entrar sozinha no aposento e familiarizar-se com ele. Não se tratava de uma espionagem de segredos, apenas uma curiosidade tola. E se Byron estivesse lá? Questionou-se.

Inventaria uma desculpa qualquer, ponderou. Por não querer despertar suspeitas, Jessy abriu a porta com um gesto firme. O quarto, em perfeita ordem, encontrava-se vazio. O criado eficiente, completadas as tarefas, tinha se retirado.

As acomodações de Cort, muito pouco maiores do que as suas, indiscutivelmente pertenciam a um homem. A simplicidade dominava o ambiente. Não havia excessos na decoração. Além das cortinas pesadas, verdes nas extremidades das janelas abertas e do mesmo tecido da colcha, apenas dois tapetes persas enfeitavam o quarto.

Contra todo o seu bom senso, Jessy deixou-se dominar pela curiosidade e abriu uma das gavetas da cômoda. Surpreendeu-se ao ver peças íntimas de mulher de seda finíssima, dobradas com cuidado. Irritada, fechou-a e foi até o guarda-roupa. Escancarou as portas. O marido certamente possuía um bom sortimento de vestuário, mas, de alguma forma, precisava das três camisolas transparentes penduradas numa das extremidades do armário.

Aturdida, Jessy sentou-se na beirada da cama e refletiu: O achado não devia surpreendê-la. Afinal, sabia da existência de outras mulheres na vida do marido. Mesmo assim, o confronto de evidências concretas.

Constituiu um choque, tremendo para Jessy constatar que estava fervendo com o mais puro e genuíno ciúme. Todavia, precisava ser honesta e admitir a verdade. Já devia ter desconfiado de seus sentimentos ao reagir de forma estranha à Sra. Rothchild. E a irritação por ver Cort dançando com outras moças no baile?

Jessy cobriu o rosto com as mãos e suspirou agoniada. Que fim levava a mulher determinada a não ter outro homem na vida? Pergunta ingênua e fácil de ser respondida. O porte, a expressão, a aparência geral de Cort emanavam uma virilidade difícil de ser resistida por qualquer mulher. Ela devia ser a única tola o suficiente para negar-lhe o direito a sua cama. Para piorar a situação, Cort tecia-lhe uma teia a volta que, contra sua vontade, dominava-a mais e mais. Não permitiria um envolvimento maior. Cort que fosse para o inferno!

Jessy levantou-se e correu para seu quarto. Chegara a hora de ir embora dali. Abriu o armário e levantou os braços para pegar a maleta de couro guardada na prateleira de cima. Não estava mais lá.

Prudence entrou no quarto e ficou consternada ao constatar a confusão reinante. Das gavetas e portas abertas, Jessy arrancava roupas e objetos e os atirava à volta.

– Posso ajudá-la? – perguntou - amedrontada com os gestos bruscos e o olhar furioso da patroa.

– Você viu minha maleta de couro? – indagou Jessy.

– Não, senhora.

– Tem certeza?

– Absoluta, d. Jessy.

– Aposto como foi *ele* – disse raivosa como se falasse sozinha e dirigiu-se ao quarto de Cort.

Prudence aproveitou a oportunidade e escapou dali.

Fora de si a ponto de não medir as conseqüências, Jessy atacou os guardados do marido com a mesma, energia empregada aos seus. Todavia, a maleta não se encontrava em lugar algum.

– Terminou?

Jessy virou-se e deu com Marie parada à porta.

– Estou procurando algo meu – replicou.

– Ouvi dizer. Prudence foi lá para baixo com ar de quem tinha visto um fantasma e falou qualquer coisa sobre uma maleta de couro.

– Por acaso você a viu, Marie?

– Não. Pelo seu desespero em encontrá-la, posso imaginar o valor. Vou interrogar os criados.

Diante da mulher circunspecta, de braços cruzados ao peito e expressão de desagrado, Jessy começou se sentir culpada pela atitude descontrolada.

– Eu lhe ficaria muito grata se fizesse isso.

– Muito bem. Se já terminou mesmo, vou manda pôr tudo nos lugares novamente – informou Marie sem esconder a irritação da voz.

Embora ainda em pânico com a perspectiva de ter perdido o colar e o dinheiro, Jessy aborreceu-se por causar trabalho extra a Byron e Prudence.

– Quando você viu a maleta pela última vez? – perguntou Marie certa de não estar demonstrando curiosidade. Gostaria muitíssimo de descobrir o que a tal valise escondia para provocar aquele desespero na nora. Todavia, Jessy não se encontrava tão aflita a ponto de não perceber a razão do interesse de Marie. Com esforço, assumiu expressão de mágoa e tristeza.

– Na verdade, fiz um estardalhaço sem grande justificativa. A maleta pertenceu a meu pai e era a única lembrança que eu guardava dele. O valor era apenas sentimental. Parece tolice, mas estou muito triste com seu desaparecimento – afirmou e notou o ar de desinteresse de Marie. – Vou trabalhar no jardim. Se descobrir alguma coisa, por favor, mande alguém me avisar.

– Tudo bem – concordou Marie.

Quase todo o mato já tinha sido arrancado dos canteiros, por isso Jessy resolveu cortar as flores murchas das plantas. Enquanto executava o serviço, pensava na maleta. Marie havia feito uma boa pergunta. Quando a vira pela última vez? Depois de muito pensar, calculou ter sido no dia da ida à costureira. À noite, ficara doente.

Com os acontecimentos desde então, não lhe passara pela cabeça verificar se a maleta continuava no lugar.

Achava difícil acreditar que Cort a tivesse tirado. Para tanto, ele precisaria ter certeza da existência de algo valioso nela. Uma vez descobertos o colar e o dinheiro, Cort não perderia a oportunidade de confrontá-la com a verdade. Contudo, ele não tinha feito isso ao dar-lhe os brincos?, questionou-se em dúvida.

Distraída com as conjecturas, Jessy cortou vários botões de rosa. Aborrecida, resolveu concentrar a atenção no trabalho. Em questão de segundos, a mente voltava a revolver o mistério da maleta. Quem poderia tê-la tirado senão um criado? Yana? Prudence tinha lhe contado como Cort ficara furioso com a moça e ordenara que fosse despedida..

Jessy sentia-se muito magoada ao pensar que, talvez, nunca mais visse o lindo colar herdado da mãe. Porém imaginava se a jóia não encerrava uma certa maldição. Todos os seus dissabores e vicissitudes centralizavam-se nos rubis e brilhantes. Sob esse ângulo, ela

poderia aceitar a perda. O que a deixava apavorada era não contar mais com a reserva financeira para escapar dali. Se não recuperasse a maleta, ficaria presa a Cort pelo resto da vida. Deveria ter guardado tudo num banco. Não, Cort acabaria descobrindo. Além do mais, não confiava em bancos depois do que acontecera ao pai durante a Guerra Civil.

Jessy continuou a podar as flores murchas enquanto a depressão aumentava de modo assustador.

– Fez o quê?! – vociferou Cort interrompendo o relato de Marie sobre a desarrumação dos quartos por Jessy.

– Você estava com pressa de se casar, eu sei, Cortland, mas poderia ter nos avisado que. Jéssica não era muito estável da cabeça. Levando em consideração o seu comportamento hoje, você deveria pensar duas vezes antes de ter um filho com ela. E se a criança sofrer do mesmo mal? Nunca ouvi falar de alguém ficar tão aborrecido por causa de uma maleta velha só porque pertenceu ao pai – comentou Marie ao levantar-se da cadeira junto à mesa da cozinha, onde tomara um lanche.

Cort segurou-lhe o braço e levou-a até a biblioteca.

– Não gosto de conversar sobre assuntos particulares na frente dos criados – disse bravo fechando a porta. – Agora explique direitinho tudo o que aconteceu.

– Sua mulher devia ter pensado nos criados antes de ter aquele acesso de fúria. Isso sem falar no trabalho extra que deu a Byron e Prudence. A pobre moça ficou apavorada quando viu o que Jéssica estava fazendo. Tarde demais para se guardar segredo.

– Se não se importa, Marie, quer me contar o que aconteceu e deixar de lado os seus comentários? – pediu Cort ao sentar-se à escrivaninha.

– Já contei. Jéssica revirou o seu quarto e o dela à procura de uma maleta de couro. Como não a encontrasse, teve um acesso de fúria.

– E afinal, acharam?

– Não. Interroguei os criados e ninguém viu a maleta.

Imerso em reflexões, Cort reclinou-se na cadeira.

Desde que conhecera Jessy, ela não se separava da maldita maleta. Por quê? Quando a descobrira no hotel, Jessy tinha comprado roupas e algumas malas. Ao vê-la colocar umas peças na valise velha, tinha lhe perguntado por que não se descartava de algo tão antiquado

e gasto. Lembrava-se bem da resposta: “Porque pertenceu a *Jonathan*”. Teria a madrastra entendido mal a explicação de sua mulher? Caso contrário, qual a razão para Jessy mentir? O que, exatamente, tinha lhe provocado à crise nervosa? A menos que...

- Se não quer saber de mais nada, tenho o que fazer – declarou Marie 'ríspida.
- Onde está Jessy agora?
- Trabalhando no jardim e sem chapéu.
- Sente-se, Marie. Tenho umas coisas para lhe dizer.
- Em minha opinião, repreender sua mulher é mais urgente, Cortland.
- Cuidarei de Jessy a minha moda. Agora, sente-se.

Embora aborrecida com a exigência, Marie acomodou-se no sofá de couro em frente da escrivaninha.

– Jessy ficou tão doente porque foi envenenada – contou Cort, e observou a reação de Marie na esperança de captar algum sinal revelador de culpa.

- Impossível! – balbuciou ela. – onde você foi buscar essa idéia absurda?
- Foi o diagnóstico do Dr. Matson.
- Pois ele não sabia o que estava dizendo.
- Acredito ter sido Yana quem colocou o veneno na comida de Jessy – continuou Cort – Agora, resta descobrir por ordem de quem. Vamos considerar dois pontos. Você contratou a moça na minha ausência e é você quem faria qualquer coisa a fim de me impedir de ter um herdeiro.

Marie encarou-o com frieza e sem medo.

– Não tenho por que me desculpar a um tipo como você, Cortland. Se tem dúvidas, esclareça-as com Yana.

Cort levantou-se, deu a volta pela escrivaninha e sentou-se em sua borda.

– Mas não é interessante? Ela desapareceu. Eu sei por que tentei encontrá-la.

Marie não conseguiu disfarçar o tremor que lhe percorreu o corpo. Embora já houvesse brigado muito com o enteado, nunca o tinha visto com olhar tão ameaçador. Ela chegou a pensar que corria perigo de vida.

– Bem, eu não tenho provas de que você esteja por trás disso tudo, mas vou responsabilizá-la pelo bem-estar de Jessy de hoje em diante. Se algo mais lhe acontecer, você vai lamentar por ter nascido – declarou Cort.

– Você não pode me dar esse encargo! Como vou conseguir vigiá-la o tempo todo?
– perguntou Marie começando a entrar em pânico.

– Problema seu. Terá tempo suficiente para encontrar uma solução enquanto estivermos fora.

– Vocês vão viajar? .

– Vou levar Jessy para passar uns dias na fazenda.

– Ora, mas aquela casa é minha! – protestou Marie.

– Não, cara madrastra, ela me pertence e Jessy será a sua nova senhora.

Lívica, Marie levantou-se abrupta.

– Não pode fazer isso comigo, Cortland!

– A culpa da situação é toda sua. Lembre-se de que quando voltarmos você será responsável por Jessy. Se não conseguir conviver com minha mulher na mesma casa, então terá de arranjar o próprio canto.

– Disse tudo?

– Sim.

Pisando firme, Marie deixou a biblioteca. Segundos depois, Cort também. Ia procurar a esposa.

Ao ouvir o ranger do portãozinho de ferro, o primeiro pensamento de Jessy foi o de que as dobradiças ainda não tinham sido lubrificadas. Depois, teve a esperança de ser Marie com alguma notícia da maleta. Endireitou o corpo inclinado e ficou à espera da sogra rodear os arbustos altos à entrada do jardim. Quando viu Cort com o semblante sombrio, gemeu baixinho. Depois dos aborrecimentos dessa manhã, não se encontrava disposta a enfrentar o marido. Curvou-se novamente e continuou a trabalhar.

– Ouvi dizer que você perdeu algo – pronunciou Cort parando a um passo atrás dela.

– Você está com a maleta? – perguntou Jessy num esforço grande para esconder os sinais de preocupação.

– Não. Mas que diferença faz? Como se tratava de uma valise velha e feia, disse aos empregados para não se darem ao trabalho de procurá-la.

– Como se atreveu a tanto? – Jessy indagou indignada, atirando a tesoura no chão e virando-se para Cort – Ela me pertence e a quero de volta!

Cort observou a criatura explosiva a sua frente. Os olhos violeta de Jessy soltavam

faíscas e pequenas mechas de cabelos esvoaçavam-lhe à volta do rosto. Embora ela não se desse conta, sua imagem era tentadora.

– Por que isso é tão importante? – Cort inquiriu em tom de inocência.

– Ela pertenceu a meu pai. Só por isso. Exijo que a casa seja inteiramente revistada!

– Uma vez, você me disse que ela tinha sido de Jonathan – replicou Cort desconfiado.

– Você deve ter ouvido mal.

– Não, minha querida, você foi bem clara. O colar encontrava-se na maleta, não é?

Jessy mordeu a isca.

– Desgraçado! Você passou a mão nele!– gritou completamente fora de controle e esmurrando-o no peito. – Eu quero o meu colar de volta, entendeu? Quero-o de volta e o dinheiro também. Eles são meus!

Apanhado de surpresa pelo ataque, Cort custou um pouco para segurar-lhe as mãos. Todavia, não perdera uma única de suas palavras. Em seguida, sentiu golpes de joelhos nas coxas e pontapés nas canelas. Não querendo lançar mão de força bruta, ele colocou um dos pés atrás dos seus e empurrou-a pelos ombros. Jessy caiu sentada..

No instante seguinte, ela erguia-se num pulo e tentava golpeá-lo novamente, dessa vez com a cabeça abaixada em direção ao seu estômago. Cort desviou-se com facilidade. Incansável, Jessy voltava a esmurrá-lo com toda a força e, agora, nas costas. Cort não teve outro recurso senão virar-se e agarrá-la pelos cabelos. Com o braço estendido, manteve-se fora do alcance de suas mãos, que se agitavam inúteis no ar.

– Covarde miserável! Espancador de mulheres! Tire suas mãos de mim! Ladrão! Sujo! Chantagista!

Exausta, com a respiração ofegante, Jessy desistiu de lutar. Cort esperou uns segundos para ter certeza de suas intenções. Na esperança de não sofrer novo ataque, soltou-a. Sua mulher podia ser pequena, mas, com todos os diabos, era bem forte, reconheceu.

– Como é, você agora está disposta a me contar a verdade? – demandou ele. – Ou será preciso que eu a ponha sobre os joelhos e lhe dê umas boas palmadas?

– Você não se atreveria! – respondeu Jessy, irritada, enquanto punha a blusa para dentro da saia.

– Não conte com isso. Neste momento, não posso imaginar outra coisa que me desse tanto prazer. Então, você escondeu o colar durante todo este tempo! Ah, eu a ouvi mencionar dinheiro também!

– Grande novidade! Você passou a mão em tudo!

– Engano seu. Eles não estão comigo. Você caiu numa armadilha preparada por si mesma. Como conseguiu esconder seus tesouros de mim lá na margem do riacho? Revistei todas as suas coisas e não encontrei nada.

Percebendo que Jessy não se sentia ainda pronta a dar-lhe explicações, Cort passou os dedos na cicatriz do queixo, num gesto inconsciente.

Jessy tinha vontade de entrar num buraco e desaparecer da face da Terra. Como pôde ter sido tão idiota e deduzir que Cort estava com o colar e o dinheiro? De costas, ombros e cabeças erguidos, recusava-se a dizer qualquer coisa.

– Um fundo secreto? – indagou Cort.

Jessy não respondeu.

– Claro! Só podia ser. Quem mais sabia dele?

– Ninguém – informou ela de má vontade.

– Nem mesmo B.J.?

Bem devagar, Jessy virou-se. Cort notou-lhe a incerteza no olhar.

– Não sei – murmurou pensativa. – Ele e Jonathan tinham muitos negócios em comum. B.J. podia muito bem saber do fundo secreto. Você acha que ele roubou a maleta? Está insinuando que entrou lá em casa a fim de pegá-la?

– De onde veio o dinheiro? – inquiriu Cort desprezando-lhe as indagações.

Ciente de não ter mais razão para continuar a mentir, Jessy respondeu com a verdade:

– De jogo. Enquanto B.J. se ocupava em conseguir terras, Jonathan ia a Kansas City e voltava com grandes somas de dinheiro. Naturalmente, havia outro tanto que os dois ganhavam juntos – explicou.

Agora, respirava mais aliviada. Sentia-se melhor não tendo mais o que esconder.

– Se Jonathan tinha tanto dinheiro, por que vocês moravam naquele casebre miserável? – Cort quis saber.

– Ele não desejava que ninguém desconfiasse da soma vultosa. Mesmo eu só fiquei

sabendo na noite do assassinato dele. Jonathan falava sempre em mudar para Kansas City, onde compraria uma casa.

– Você tencionava ir para lá por esse motivo? Ia de fato comprar uma casa ou tentar a sorte no jogo?

Jessy ergueu o olhar para o homem cuja estatura sempre lhe impunha respeito. Notando-lhe a expressão de sarcasmo, reagiu brava:

– Não. Eu pretendia começar uma vida nova. Se você prefere não acreditar em mim, paciência. Não vou perder meu tempo tentando convencê-lo.

Cort não tinha certeza se Jessy mentia ou não. O fato de haver escondido o colar, mais o dinheiro, provocava-lhe dúvidas.

– Quando a encontrei aqui em Topeka, você ofereceu dar uma entrada no pagamento da dívida de Jonathan para comigo. Ia fazê-lo com o dinheiro dele?

– Sim. Mas você tinha certeza de que era meu, ganho por meio de jogo e prostituição – respondeu ela.

– Por que não me pagou logo naquela noite quando fui ao casebre?

– Lamento muito não ter pagado. Porém você estava tentando arrancar o único dinheiro de que eu dispunha.

– Amanhã vamos para a fazenda – anunciou Cort dando por encerrado o interrogatório desagradável – Acho melhor ir cuidar de sua bagagem - acrescentou e afastou-se.

– Cort? – chamou Jessy. – Quem roubou a maleta?

– Não sei – respondeu ele parando. – Desconfio de Yana, mas a mando de B.J.

Jessy entrou no quiosque e sentou-se. Sentia uma solidão imensa. Quando B.J. deixaria de persegui-la? Seria seguro ir para a fazenda com o marido? Talvez Cort desejasse se livrar dela a fim de ter mais tempo para as amantes, conjecturou triste. Ouviu o ranger do portãozinho novamente. Dessa vez, tratava-se de Marie.

– Trouxe o seu chapéu, querida – disse a sogra com gentileza e um de seus raros sorrisos. – Você deve usá-lo se pretende ficar trabalhando aqui por mais tempo.

– Não. Vou entrar logo. Tenho de arrumar minhas malas.

– Sheila e eu sentiremos sua falta, mas uns dias na fazenda lhe farão bem. Não se esqueça de levar as ervas que lhe dei.

– Vocês não vão? – perguntou Jessy preocupada em ficar sozinha com Cort na fazenda.

– Não, não. Seria impossível deixar a cidade agora. Sheila e eu temos muitos compromissos sociais nesta época.

– Entendo.

– Bem, preciso dar ordens para o jantar. Corthmd avisou que não vai tomar a refeição em casa, por isso podemos fazer uma festinha de despedida para você. Tente não se expor muito ao sol Sua pele ficará vermelha e ressecada.

A imagem de Marie afastando-se depressa lembrou Jessy de uma mamangava agitada.

Toda a vontade de trabalhar no jardim desapareceu. Ele começava a ficar lindo, bem colorido e perfumado.

Quando e se voltasse da fazenda, o mato já teria invadido os canteiros outra vez. Seria uma perda de tempo e energia cuidar dele agora, refletiu desanimada.

Nessa noite, Sheila, Marie e Jessy tentaram, sem muito êxito, conversar alegremente e sem demonstrar preocupação. Todavia, Jessy achou muito estranha a amabilidade de Marie.

CAPÍTULO X

Embora Jessy sentisse a tentação de soltar as rédeas e deixar o cavalo negro correr à vontade, mantinha mão firme e o conservava num trote moderado. Cort se oferecera para dirigir a charrete nesse trajeto à fazenda, porém ela se negara sob a alegação de ser essa sua primeira oportunidade de conduzir o veículo numa grande distância. Tinha sido sincera e apreciava a experiência. Com a aparência de pistoleiro nas roupas pretas e com a arma no cinturão, Cort acompanhava a charrete montado em Emperor. Byron, Prudence, a sra. O'Grady e a bagagem já tinham ficado para trás na carroça guiada por um dos guardacostas de Jessy e acompanhada pelo outro a cavalo.

Distraídos com os próprios pensamentos, Jessy e Cort não tinham trocado muitas

palavras durante o caminho. Quando o marido apontou-lhe a casa na distância, ela não se conteve. Apesar da mão firme, deu rédeas ao cavalo. Cort, por sua vez, instigou o garanhão. A corrida tinha início.

Cort venceu-a com extrema facilidade. Já havia desmontado quando Jessy parou a charrete em frente ao solar de dois andares. Ele notou-lhe as faces coradas e o brilho de entusiasmo nos olhos azul-violeta.

– Desde que você me deu este presente de casamento, eu morria de vontade de correr assim – confessou Jessy rindo.

– Ora, por que não me contou? Teríamos feito isso antes. Se quiser, amanhã arranjo-lhe um cavalo e você poderá galopar pela fazenda.

– Não, obrigada. Montar feito homem naquela mula e depois no seu cavalo através de Topeka foram experiências incômodas demais.

– Então, monte de lado como uma senhora deve.

– E cair? De jeito nenhum!

– Está querendo dizer que não sabe montar de lado?! – perguntou Cort ao ajudá-la a descer da charrete. Jessy viu-lhe o desafio nos olhos castanhos.

– Não sei e não quero aprender – declarou.

Jessy desamarrou as fitas do chapéu sob o queixo e relanceou o olhar pela fachada da casa. A alegria evaporou-se. Após alguns dias, Cort provavelmente a largaria sozinha naquele casarão.

De repente, Cort ergueu-a nos braços e ela fitou-o com ar surpreso e de indagação.

– Ao transpor pela primeira vez o limiar da porta de sua casa, uma mulher recém-casada deve ser carregada pelo marido – explicou ele sorridente. – Pelo menos foi o que ouvi dizer e quero fazer tudo direitinho.

O bom humor de Cort mostrou-se contagiante e Jessy apanhou-se rindo divertida. Que diferença entre a chegada ali e a outra à casa da cidade, refletiu ela. Novamente, Jessy foi apresentada aos criados, mas dessa vez por Cort, que fez questão de deixar clara a sua posição de dona da casa. Eles deveriam acatar apenas suas ordens, nem mesmo as de Marie. Seria imaginação sua, pensou Jessy, ou os empregados haviam, de fato, suspirado de alívio com as palavras do patrão?

O resto da manhã transcorreu de maneira muito agradável. Após tomarem café com

pãezinhos de minuto e geléia, Cort mostrou-lhe a casa. Ao percorrerem o andar térreo, ele fez uma descrição detalhada do início da construção e das partes que haviam sido acrescentadas no decorrer dos apos. Mostrou-lhe o pátio interno que se encontrava em fase de acabamento. Tanto a casa como os móveis eram lindos. Na cozinha havia um imenso fogão a lenha.

No andar de cima, Cort apontou para as portas dos quartos de Sheila e Marie, porém não os mostrou alegando respeito à privacidade de suas donas. Então, foi a vez dos aposentos de Jessy. Se ela achava o quarto da cidade grande, esse era imenso. Na verdade, tratava-se de um apartamento com dois cômodos amplos e arejados. Os móveis, laqueados de branco, tinham frisos dourados e alguns toques de verde e azul.

– Deus meu! – exclamou Jessy olhando à volta. – Até parece ter sido decorado para uma rainha! – Olhou para Cort parado à porta e com o ombro apoiado no batente. – Você mandou arrumar assim para mim?

– Especialmente para você.

Ele a observava e Jessy sentiu um aperto na garganta.

– Onde fica o seu quarto? – ela quis saber.

– Atrás daquela porta ali – explicou ele apontando na direção oposta à entrada. – A decoração daqui combina com você, Jessy querida. Não prometi que não lhe faltaria nada?

Consciente de que Cort lhe informava estar cumprindo sua parte do acordo, Jessy sentiu uma ponta de culpa. Ela, entretanto, esquivava-se da responsabilidade assumida. Mesmo assim, o marido continuava a cumulá-la de presentes e privilégios. De olhar baixo, prometeu:

– Serei uma boa esposa para você, Cort.

– Ah! Eu não sabia que estava querendo uma. Mas você despertou a minha curiosidade. No seu modo de pensar, quais são os deveres de uma boa esposa?

Jessy recusou-se a mostrar constrangimento. Ergueu o queixo e respondeu:

– Tomar bem conta de sua casa, providenciar seus pratos preferidos, observar horário rigoroso das refeições e...

Parou indecisa e fitou Corto Ele a lembrava da noite em que se conheceram. Então, vestido também de preto, ele ficara encostado ao batente da porta como agora.

– Serei uma boa companheira e uma amiga com quem você possa conversar.

– Quero uma mulher, Jessy, e não uma amiga. Mas você tem medo de assumir esse papel, não é verdade? – perguntou ele com veemência. – Sabe muito bem o quanto gostou de cada momento da noite de nosso casamento.

Jessy voltou a baixar a cabeça. A lembrança do encontro amoroso a fazia corar.

– Não ignora que quero um filho e nunca menti a esse respeito. Por que um casal, no processo de providenciá-lo, não pode também gozar dos prazeres inerentes ao ato? Eu a terei em minha cama, Jessy – declarou ele em voz baixa e determinada. – Lute e arranje desculpas se for teimosa. Mas logo você se entregará a mim de boa vontade e feliz. Garanto.

– Cort – murmurou Jessy e ergueu a cabeça, porém ele já havia ido embora.

Jessy caminhou até a janela e deixou o olhar perder-se num ponto qualquer. Por que Cort não entendia? Indagou-se desanimada. Mas entender o que se nem ela compreendia mais a si mesma? Seus argumentos não lhe pareciam mais tão válidos e para ser honesta não podia negar o desejo crescente que sentia por Cort desde a noite do casamento.

Um movimento chamou-lhe a atenção lá fora. Era a carroça chegando com os criados e a bagagem.

Com o alvoroço das arrumações e a necessidade de verificar se tudo corria em ordem, Jessy passou o dia distraída. Ficou satisfeita quando uma empregada veio lhe perguntar se, como de hábito, a roupa de cama e banho deveria ser lavada às segundas-feiras. Até a Sra. O'Grady consultou-a a respeito do jantar. Ela descobriu que o marido havia providenciado mudas e sementes de flores a fim de proporcionar-lhe o passatempo preferido. Nada mau ser rica, Jessy concluiu. Porém, mais uma vez sentiu-se culpada por ser Cort o único a cumprir sua parte no acordo.

Apenas quando descia para o jantar, Jessy deu-se conta de ser essa a primeira refeição a sós com Corto. Até então havia contado com Sheila e Marie para manter distância entre ambos.

– Você está linda – elogiou o marido ao puxar-lhe a cadeira à longa mesa de mogno da sala de jantar. – Este seu vestido é um dos novos?

– Não – mentiu Jessy para não dar a impressão de haver se arrumado muito para ele.

– Eu ainda não o tinha visto. Você fica muito bem de branco – comentou amável ao sentar-se também.

O paletó cinza-gelo e a camisa branca ressaltavam o bronzado de Cort, notou Jessy, bem como as pontas dos cabelos escuros encrespavam -se na linha do colarinho. Tornava-se difícil ignorar as feições atraentes do marido, porém ela desviou o olhar a fim de servir-se de favas ensopadas, cujas terrinas a copeira lhe oferecia.

Jessy sentia-se aliviada por Cort não retomar o assunto discutido em seu quarto à tarde.

– Acertou na escolha dos pratos, Jessy. Parabéns – disse Cort ao servir-se de uma fatia grossa de presunto.

– Obrigada. Para ser honesta, o mérito cabe à Sra. O'Grady, não a mim.

– Você já desfez as malas e arrumou tudo? – perguntou Cort vendo Jessy brincar com o garfo em vez de comer.

– Sim. Já está tudo em ordem.

Percebeu que ela também não se mostrava muito inclinada a falar. Resolveu então limitar-se a apreciar o bom jantar. Na cidade, Jessy conversava bastante com Sheila e Marie durante as refeições. Agradava-o vê-la um tanto constrangida por encontrarem-se as sós com ele. A vinda para a fazenda tinha como propósito principal sua segurança, mas também impor-lhe a presença quase constante dele. Ali, Jessy não teria com quem falar ou se distrair. De uma forma ou de outra, eles chegariam a um entendimento satisfatório para ambos.

Jessy tinha dificuldade em manter os olhos na comida. Sentia-se fascinada pelas mãos de Corto. Tão maiores e ágeis que as suas. Talvez por isso ele fosse tão rápido ao sacar a pistola, refletiu, embora não o tivesse visto em ação e apenas conhecesse sua fama. Sem muita fome, ela acabou comendo muito pouco.

Terminada a refeição, Cort levou-a a sala de estar.

– Posso servi-la de um conhaque? – ofereceu ele ao entrarem no aposento amplo e confortável.

– Não, obrigada. Estou satisfeita. Mas sinta-se à vontade para beber – respondeu nervosa e, sem saber como agir, foi até o piano.

“Satisfeita?!”, admirou-se Cort “Ela mal se alimentou!”

– Você toca piano? – indagou em voz alta.

– Infelizmente, não. Gostaria muitíssimo – afirmou ao correr os dedos pelo teclado.

Afastou-se do instrumento e sentou-se no sofá. Mais uma vez, apanhou-se observando os movimentos de Cort em pé à frente do aparador, ele servia-se de conhaque. Os gestos precisos refletiam sua segurança.

– Importa-se se eu fumar? – perguntou Cort.

– Não, de forma alguma. Meu pai sempre apreciava um bom charuto após as refeições – contou Jessy.

Ele apanhou um longo e fino e, com um estilete apropriado, furou-lhe a ponta. Em seguida, acendeu-o. Imediatamente, Jessy sentiu o aroma adocicado de tabaco. Gostava dele. Quando menina, sentava-se no chão e, apoiada nos joelhos do pai, indagava-se como seria fumar. Agora, admirava-se por nunca haver satisfeito a curiosidade.

– Como não vou poder lhe fazer companhia sempre, espero que se distraia com os cuidados da casa – disse Cort sentando-se a sua frente.

– Ah, não tenha dúvida. Adoro ler. Sua biblioteca é imensa, jamais vou conseguir ler todos aqueles livros – afirmou Jessy e deu-se conta de estar matraqueando sem pensar. Devia esforçar-se a falar mais devagar e dizer algo inteligente mesmo sob a tensão do olhar de Cort – Você costuma se ausentar por períodos longos?

– Não. Tenho trabalho aqui na fazenda, mas vou precisar ir a Topeka de vez em quando para tratar de negócios. Você poderá ir comigo se quiser.

– Sei. Marie se aborreceu por eu estar tomando conta da casa aqui? – Jessy quis saber.

Cort, com os cotovelos apoiados nos braços da poltrona e o copo de conhaque entre as mãos, observou a mulher sentada ereta e com o semblante circunspetos demais. “Jessy precisa aprender a relaxar e a não encarar tudo com excesso de seriedade”, ponderou. Ela começava a se comportar como Marie.

– A casa é minha e não dela. Você, como minha mulher, tem inteira liberdade de mudar o que bem entender.

– Trata-se de um solar lindíssimo e eu gostaria de não fazer mudança alguma nele. Tentarei não desperdiçar dinheiro na manutenção da casa.

– Dinheiro é a menor das minhas preocupações. Duas vezes por mês, a carroça vai à cidade buscar suprimentos. Tudo o que você quiser poderá mandar buscar nessas ocasiões.

Algo na expressão de Jessy despertou-lhe a curiosidade. Ou muito se enganava, ou

ela estava com vontade de fumar. Idéia interessante, refletiu. De forma alguma desejava restringir a liberdade da esposa.

– Não gostaria de experimentar um charuto, Jessy?

– Eu... O quê? – gaguejou ela confusa.

O marido não poderia ler seus pensamentos. Impossível!

– Não aceita um charuto? – insistiu ele.

– Não! Jamais!

– Já fumou alguma vez?

– Não! Imagine!

– Então como sabe se não apreciaria um?

– Olhe, Cort, uma senhora não fuma.

– Bobagem. Nunca se sabe do que se pode gostar antes de experimentar. Além do mais, estamos só nós dois aqui. Ninguém vai descobrir nada.

– Será? – perguntou Jessy morta de vontade de ceder à tentação.

Certo de havê-la convencido, Cort foi ate o aparador e voltou com outro copo de conhaque.

– Acredite, um charuto é muito mais gostoso quando acompanhado de uma bebida – afirmou enquanto se sentava a seu lado e lhe entregava o copo. – Preste atenção. Você deve chupar a fumaça, saborear um pouquinho e soltá-la. Ela tem de ficar na boca. Nada de engolir ou respirá-la.

Jessy escutou atenta e sacudiu a cabeça em sinal de assentimento. Cort nunca tinha ensinado alguém a fumar e estava achando a experiência divertida. Sentia vontade de rir diante da expressão séria de Jessy.

– E então, vamos lá ou mudou de idéia? – perguntou levando-lhe o próprio charuto aos lábios.

Decidida, Jessy chupou a fumaça. No mesmo instante foi tomada por um forte acesso de tosse.

– Eu avisei para não engolir. Isso se chama tragar e não se faz com charutos – explicou Cort enquanto lhe batia nas costas. – Tome um gole de conhaque. Vai ajudar.

A bebida forte deu-lhe a sensação de agravar o problema em vez de minorá-lo. Todavia, após um minuto ela já respirava normalmente e acabou achando graça na

experiência. Tomou mais um gole de conhaque e teve uma idéia. Se agisse com cuidado e jeito, talvez levasse Cort a se embriagar e assim garantiria uma noite de sono tranquilo. Ergueu o copo no ar e perguntou com um sorriso tímido:

- Não vai me acompanhar, Cort?
- Depende: Você vai fumar comigo?
- Vou se você der um charuto só para mim.
- Pois não – disse ele ao levantar-se e ir buscar um que já trouxe aceso.

Jessy levou-o aos lábios e dessa vez seguiu as instruções à risca. Não engasgou com a fumaça. Orgulhosa pela façanha, repetiu-a e riu alegre. Não deixava de ser engraçado fazer algo restrito aos homens. Em seguida, tomou mais um golinho do conhaque.

– Saúde! – brincou Cort e esvaziou o copo. Vendo o pouco que restava no seu e desejosa de não levantar suspeitas, Jessy seguiu o exemplo do marido.

Jessy acordou com um gosto horrível na boca. Com um grande esforço, levantou-se, cerrou as cortinas e, com um gemido, atirou-se de volta na cama. Cada movimento acentuava o latejar na cabeça. Não se lembrava de nada da noite anterior, nem de Prudence havê-la despido e colocado a camisola. Recordava-se apenas de ter fumado um charuto inteiro.

– Bom dia! – cumprimentou Cort animado aparecendo no quarto e indo direto às janelas, onde escancarou as cortinas.

Jessy imediatamente cobriu a cabeça com o lençol. Que bela recompensa por ter levado o marido a se embriagar, pensou furiosa. O fato de ele sentir-se tão bem-disposto a irritava sobremaneira.

– Você precisa se alimentar, Jessy. Há um bule de café a sua disposição. Eu a espero lá embaixo daqui a meia hora. Hoje está um dia lindíssimo e perfeito para você aprender a cavalgar de lado.

Jessy levou as mãos aos ouvidos. Por que ele falava tão alto?

– Não vou descer, não quero tomar café e de jeito nenhum pretendo subir num cavalo – declarou ela sem descobrir a cabeça.

– O ar livre vai lhe fazer bem – argumentou Cort.

– Repito: não vou lá para baixo, não...

O lençol foi arrancado de repente.

– Prefere que eu a vista?

Jessy fitou o homem em pé ao lado da cama. Pelo ar resoluto dele, certamente a vestiria se fosse necessário.

– Não! – gritou Irritada.

– Muito bem. Se não estiver lá embaixo daqui a meia hora, eu volto para acabar de aprontá-la.

– Não posso ficar pronta em tão pouco tempo – choramingou Jessy.

– Ah, pode, sim. Prudence já deve estar chegando para ajudá-la. Ela ficaria muito constrangida se eu tivesse de dar minha contribuição a sua toalete – ironizou Cort.

Ao vê-lo sair do quarto, Jessy teve de se dominar para não atirar qualquer coisa nele. O homem não demonstrava complacência com ninguém.

Jessy fervia de raiva enquanto Cort dirigia a charrete pelos campos da fazenda. Preso atrás, seguia um cavalo com uma sela especial para mulheres montarem de lado. Embora não se sentisse muito melhor depois de haver tomado uma mistura estranha preparada por Cort e várias xícaras de café amargo, ela continuava de muito mau humor.

Num gesto irritado, ela inclinou o guarda-sol de seda e renda a fim de obstruir a visão do rosto de Cort. Ele estava vestido de maneira confortável: calças pretas e justas enfiadas dentro das botas e camisa branca aberta no colarinho e de mangas arregaçadas. Ela, por sua vez, com o intuito de levá-lo a reconsiderar a idéia dessa aula de montaria, tinha colocado cinco anáguas e um vestido com uma saia de metros e metros de tecido franzido, coberta de renda e laços de fita. Qualquer homem com um mínimo de bom senso reconheceria que sua toalete não condizia com exercícios de equitação e mudaria de planos. Não o seu marido. Dirigiam-se agora a um local incógnito com o propósito tolo de fazê-la cavalgar dê lado como uma dama.

Quando Cort finalmente parou a charrete, Jessy estranhou o lugar. De um lado, as pastagens de capim viçoso perdiam-se de vista, do outro, o campo tinha sido arado recentemente. O cheiro de terra revolvida ainda pairava no ar.

– Por que paramos? – perguntou ela ao vê-lo largar as rédeas e descer. – Não existe trilha alguma por aqui.

– A terra fofa não vai deixar o cavalo correr muito e isso facilitará as coisas para você – explicou ele e foi para a frente da charrete a fim de amarrar as pernas do animal entre si e impedir que ele fugisse.

– Espere um pouco. Você escolheu um cavalo fogoso que eu vou ter de dominar além de aprender a montar?

– Isso a manterá alerta e não lhe dará segurança muito depressa. Nem sei como ele vai reagir a essa sela.

Jessy não acreditava no que acabava de ouvir. Poderia muito bem morrer. Seria essa a intenção verdadeira de Cort?

– Desista porque não vou montar – declarou brava.

A fúria de Jessy aumentou muito quando Cort a carregou para fora da charrete e colocou-a no chão.

Arrancou-lhe o guarda-sol, atirou-o no banco e segurou sua mão com firmeza. Foi levada para trás da charrete, onde Cort soltou a corda do cavalo.

– Não vou montar! – repetiu bem devagar e alto. – Não vê que não estou vestida de maneira apropriada?

– Culpa sua, Jessy querida. Você escolheu suas roupas. Sabia muito bem quais eram os meus planos e, com certeza, achou esse vestido apropriado.

Sem largar-lhe a mão e as rédeas do cavalo, Cort encaminhou-se para o campo arado puxando os dois. Calçando sapatos finos, Jessy sentia dificuldade em caminhar pelos torrões de terra. Tropeçava neles e na barra da saia.

Para Cort, o que havia começado como uma brincadeira tinha virado uma questão de honra. Na verdade, ele só tivera a intenção de proporcionar um passeio para Jessy. Levaria o cavalo, mas não a forçaria a montá-lo. Contudo, irritara-se ao ver o seu vestido impróprio. Se ela pretendia usar de subterfúgios idiotas para impor seus caprichos, perdia tempo. Caso houvesse pedido com delicadeza, talvez ele tivesse mudado de idéia. Sua intenção agora era pôr um ponto final nas crises temperamentais e de teimosia. E ali era um bom lugar para a primeira lição. A terra revolvida servia a dois propósitos: forçaria o cavalo a andar devagar e esgotaria a fúria da cara mulher.

Caminharam por uma distância enorme na opinião de Jessy. Quando Cort finalmente parou e ela olhou para trás, a charrete parecia estar a quilômetros de distância.

Ele largou-lhe a mão, porém Jessy sabia ser inútil tentar fugir. Pois muito bem, enfrentaria a situação e mostraria ao marido do que era capaz. Endireitou os ombros e ergueu o queixo. No mesmo instante, seu olhar caiu na sela minúscula. Como, em nome de Deus, conseguiria acomodar a montanha de anáguas e saia naquilo? Indagou-se aflita. E havia só um estribo! Sem dúvida, não se equilibraria lá em cima por muito tempo.

– Venha até aqui – chamou Corto

Ela, resolvida a ganhar tempo, respondeu:

– Que tal você montar primeiro e mostrar como se faz?

– Ora, minha querida, eu faria qualquer coisa para ajudá-la, mas não caibo nessa sela. Venha – repetiu, trançando as mãos e curvando-se um pouco. – Ponha o pé aqui e eu a impulsiono para cima.

Sem outra saída, Jessy aproximou-se e firmou o pé esquerdo nas mãos dele. Ao ser levantada, perdeu o equilíbrio e atirou os braços à volta da cabeça de Cort ao mesmo tempo que estendia a outra perna num esforço para alcançar a sela.

O movimento descoordenado apanhou Cort de surpresa e os dois caíram no chão. O cavalo, por sua vez, assustou-se, começou a empinar e depois tentou fugir. Felizmente, Cort conseguiu segurar as rédeas com firmeza.

Ele desembaraçou-se depressa das saias de Jessy e correu para o animal, acalmando-o. Em poucos segundos já o tinha sob controle. Bravo, virou-se para repreender Jessy. A cena com a qual ele se deparou provocou-lhe um acesso de riso. A querida esposa encontrava-se num estado hilariante. As saias levantadas enrolavam-se até quase o pescoço, o chapéu fora parar no lado da cabeça, os cabelos caíam-lhe no rosto e o corpo inteiro estava coberto de terra.

Jessy agarrou um torrão e atirou-o em Cort. O gesto apenas serviu para fazê-lo rir mais. Ofendida, Jessy levantou-se e deu-lhe um pontapé na canela. Cort fitou a moça pequenina em pé à frente dele, com as mãos nos quadris, os olhos chamejantes de fúria e os lábios bem delineados levemente trêmulos.

– Se já acabou de rir, pode me levar de volta para casa! – ordenou ela em tom de desafio.

– Quer que eu limpe suas roupas?

Percebendo o ar caçoísta, Jessy sentiu a tentação de dar-lhe outro pontapé. Porém

virou-se e começou a caminhar em direção à charrete. Sem esperar, duas mãos firmes a seguraram pela cintura. No mesmo instante, encontrava-se sentada na sela minúscula. Mal teve tempo de segurar-se nela a fim de não cair outra vez.

– Quer, ou não, aprender a cavalgar direito?

– Tenho outra escolha? – reclamou Jessy.

– Digamos que se trata de uma necessidade. Morar numa fazenda tem seus riscos. Em caso de uma emergência, é muito mais rápido arrear um cavalo do que uma charrete.

– Compreendo – respondeu Jessy desanimada.

– Então vamos ver. Essa parte da sela que está segurando é o arção dianteiro e serve para amparar sua perna dianteira. O pé esquerdo vai aqui – explicou Cort enquanto o colocava no estribo. – Agora, mantenha o equilíbrio e tente passara outra perna à volta do arção.

Jessy seguiu as instruções apesar do seu nervosismo e do cavalo. Assustava-a a idéia de não ter onde se agarrar caso o animal empinasse.

Durante quase uma hora, Cort puxou o cavalo numa rota circular pelo campo. Jessy sentiu uma ponta de orgulho quando ele disse:

– Muito bem, menina. Não foi tão difícil, concorda?

Ao se aproximarem do limite da terra arada, um vento forte ondulou as saias de Jessy. O movimento repentino assustou o cavalo, que começou a corcovear.

De repente, Jessy viu-se atirada para fora da sela. Jamais entendeu como Cort conseguiu apanhá-la no ar. Todavia, o impulso derrubou-os, caindo Jessy por cima dele.

– Você está bem? – perguntou amedrontada ao vê-lo de olhos fechados e respiração ofegante.

Seu primeiro impulso foi ir buscar socorro, porém estavam distantes da charrete e o cavalo fugira correndo. Jessy limpou a terra do rosto de Cort enquanto os olhos enchiam-se de lágrimas. De repente, os braços dele se ergueram e a enlaçaram pelo pescoço. Lutou contra a pressão, mas sua cabeça descia em direção a dele.

– Sem-vergonha maldito! – acusou ao sentir-lhe o hálito morno na face. – Seu fingido!

– Aprendi com você – disse Cort um instante antes de tomar-lhe os lábios.

Brava, Jessy tentou ainda resistir, porém na mente fervilhavam indagações. “Por

que lutar? Não desejava. e até chegara a sonhar com as carícias de Cort? Como negar o anseio premente ou o efeito daquele simples beijo?” Sem mais refletir, retribuiu a carícia.

Cort envolveu-a nos braços e rolou da terra para o capim alto do pasto. Fazia tanto tempo que não a tocava que foi preciso muito controle para não lhe arrancar a roupa e saciar o desejo logo. Beijou-lhe as pálpebras fechadas e afastou o chapéu dos cabelos lindos. Sentiu-se sendo abraçado e, enquanto as mãos o acariciavam nas costas, o corpo ondulava-se ao encontro do dele. Era-lhe muito gratificante perceber que, ao amá-la tantas noites atrás, havia liberado a sensualidade de Jéssica.

– Jessy – murmurou rouco de paixão. – Quero tirar suas roupas.

Tensa, ela lembrou-se de onde se encontravam e da luminosidade radiosa do sol. Jamais tinha sido vista completamente nua na claridade por homem algum.

– E se alguém passar por aqui? – perguntou com a excitação esmorecendo.

– Ora, que diabos uma pessoa viria fazer neste fim de mundo? – indagou Cort rindo.

– Caso apareça um intrometido, por amor à vida, há de sumir logo.

Jessy sentou-se e olhou à volta. Os campos perdiam-se na linha do horizonte sem sinal de vida humana ou animal. Fitou Cort deitado ao lado com um sorriso atraente.

– Quer mesmo que eu me dispa? – perguntou hesitante.

– Se quero!

– Não posso! Ainda mais com está claridade. Você seria o primeiro homem a me ver assim – confessou Jessy.

Cort estendeu as mãos e começou a desabotoar-lhe a blusa.

– E quanto a você? Já viu um homem nu?

– Não – balbuciou confusa.

O braço de Cort roçava-lhe os seios enquanto ele soltava cada botão bem devagar. O contato voltava a incendiar seu sangue.

Cort sentou-se e tirou as botas.

– Pois está na hora de começar sua educação nesse setor – afirmou e, meigo, beijou-a no pescoço.

Percorreu a língua até o queixo e subiu-a aos lábios entreabertos. Retraiu-se e Jessy suspirou frustrada.

Como na primeira noite, Cort tirou a camisa, porém dessa vez o resto da roupa

segiu o mesmo caminho. Jessy não podia afastar os olhos dele, tentada a sentir a maciez dos pêlos do peito.

– O corpo constitui um bem precioso e não algo de que se deva envergonhar, Jessy querida.

Cort despiu-a com gestos delicados e, sem encontrar resistência, inclinou-se e admirou a mulher deitada a seu lado.

– Você é lindíssima! – sussurrou ele, louco de desejo.

– E você também!

Cort curvou-se mais e tomou-lhe um dos mamilos na boca. O pulso de Jessy disparou. Jamais sentira a vida com tanto vigor e alegria. Abraçou-se a Cort e pediu:

– Por favor, preciso de você.

Ele penetrou-a e, instintivamente, Jéssica envolveu-lhe os quadris com as pernas.

Não foram precisos muitos impulsos fortes para ondas de prazer a dominarem. Contudo, Cort prosseguia. Para surpresa de Jessy, sua ansiedade renasceu e, num crescendo, levou-a ao desespero. Sabia estar gemendo e suplicando, porém não se importava. Finalmente, foi tomada por um êxtase intenso que transformava seu corpo prisioneiro para sempre daquela paixão.

CAPÍTULO XI

Cort caminhava entre os canteiros do jardim da casa em Topeka enquanto apreciava um charuto e o perfume das flores. O ar frio da noite indicava a proximidade do inverno. Jessy desejara vir também, porém ele não considerava seguro afastá-la da fazenda enquanto não tivesse notícias de B.J.

Sorriu satisfeito. Desde o dia em que tinham feito amor no campo, três semanas atrás, Jessy havia se tornado uma excelente parceira na cama. Mais de uma vez, ela o havia procurado de livre e espontânea vontade.

Os planos em relação à esposa, sob vários aspectos, prosseguiram bem. Jessy não só tinha aprendido como passado a gostar de cavalgar na pequena sela para senhoras. Ela

jamais o importunava quando tratava de negócios com Russ Green, o administrador da fazenda, nem reclamava de suas idas demoradas às pastagens para cuidar da reprodução do gado. Várias vezes, ao retomar tarde da noite para casa, encontrara Jessy encolhida numa poltrona entretida com um livro. Contudo, não confiava nela. Jessy jamais falava sobre o passado e suas suspeitas o mantinham alerta contra qualquer perigo possível.

Os fatos simplesmente não se ajustavam. Eram como peças de um quebra-cabeça. Se Jessy tinha amado tanto Jonathan, como explicar seu afeto repentino por ele, Cort? Pela maneira de agir, ela não ligava a mínima pelo marido morto. Cort, porém, não acreditava.

Jessy havia expressado seu amor quando se encontrava envenenada e inconsciente. Não fora mentira ou fingimento. Apenas a verdade pura. E quanto ao colar e ao dinheiro escondidos durante tanto tempo? Quais teriam sido suas ligações escusas com B.J. e Jonathan? Também não podia ignorar suas ameaças de matá-lo durante o sono, caso se relacionassem fisicamente. A querida Jessy deveria saber que, se algo acontecesse ao marido, herdaria tudo. Entretanto, no presente, parecia satisfeita em permanecer ao lado dele. E por que não? Afinal, tinha de tudo.

Cort havia dito a Jessy que iria à cidade a negócios, sem entrar em detalhes. Na verdade, sua estada em Topeka visava a preparação de um testamento. Segundo ele, Marie e Jessy teriam direito a uma renda considerável pelo resto da vida. Se não nascesse o filho, Sheila herdaria todo o resto dos bens ao completar vinte e dois anos.

Distraído, Cort deixou as cinzas do charuto caírem-lhe na roupa. Meio de lado, curvou-se um pouco para limpá-las quando o estampido de um tiro vibrou no ar. Uma dor intensa percorreu seu braço esquerdo. Atônito, Cort pensou se não fora imaginação sua. Então, ouviu o portão de entrada bater. Saiu correndo na esperança de apanhar o autor do disparo.

Circulou pelos arredores da casa e não descobriu ninguém. O sangue já começava a escorrer entre os dedos colocados sobre o braço esquerdo e ele desistiu.

Foi até a cocheira onde Tod o recebeu amável

– Olá Sr. Lancaster. Noite agradável... – Parou assustado ao ver o sangue na camisa de Cort – Deus, do céu, Sr. Lancaster, o que lhe aconteceu?

– Sele Emperor depressa -!– ordenou Cort ao cair sentado num banco de madeira. – E verifique se nada foi cortado.

As forças de Cort já se esgotavam quando chegou à casa do médico. Felizmente, Sidney Matson encontrava-se lá.

– Você teve muita sorte, King – comentou o médico depois de terminar o curativo e ajeitar o braço numa tipóia.

Em silêncio, ele observou o homem sentado na beirada da mesa. King estava tenso e não escondia a dor que sentia. Admirava-lhe a resistência. A bala tinha atravessado o braço e tirado um bom pedaço do músculo. Qualquer outro homem já teria desmaiado há muito tempo. Este, não. De dentes cerrados, não deixara escapar um único gemido.

– Vai ter de ficar com o braço imobilizado para não arrebentar os pontos e provocar nova hemorragia. Sabe quem atirou? – perguntou Sidney.

– Não, eu estava de costas.

– Topeka está ficando uma cidade muito desordeira e lenta. Logo será uma segunda Dodge City. Não se tem mais segurança para sair à noite – comentou ao ajudar Cort a descer da mesa. – Vou levá-lo de charrete para casa. Não proteste, King. Você perdeu muito sangue e vai ter de ficar umas duas semanas de cama.

Quando chegaram em casa, Sheila os esperava no vestíbulo. Tod a tinha avisado sobre o ferimento.

Com a irmã agindo como se ele estivesse à beira da morte e Sidney dizendo que voltaria na manhã seguinte a fim de fazer um novo curativo, Cort resolveu subir logo para o quarto. Na verdade, sentia as pernas fracas. Felizmente, Marie não estava em casa. A presença da madrastra nessa hora teria sido insuportável.

Na manhã seguinte, Sheila levou-lhe o café na cama. Marie vinha logo atrás. Cort gemeu. Tinha dormido muito pouco e não estava disposto a ouvir o falatório irritante da mulher. Sentou-se e Sheila colocou vários travesseiros para calçar-lhe as costas.

– Quer que eu lhe dê na boca? – ofereceu a irmã.

– Não precisa. Ele pode muito bem comer sozinho – garantiu Marie.

Cort fitou-a e sacudiu a cabeça. Vendo-o ferido e de cama, a madrastra mostrava as garras.

– Você deve estar bem desapontada mesmo. O tiro só arranhou o meu braço em vez de me arrebentar os miolos, não, Marie? – Cort falou com voz forte para não revelar a fraqueza..

– Sem dúvida – concordou Marie.

– Mamãe, como pode dizer algo tão horrível? – protestou Sheila.

– Nunca fiz segredo dos meus sentimentos nem estou surpresa com o incidente.

Alguém ávido de vingança deve ter atirado em Cortland. Uma pena a bala não ter acertado no coração – declarou Marie e saiu do quarto.

Aborrecida e brava, Sheila seguiu-a. Pela porta entreaberta, Cort ouviu-as discutindo.

Marie não sabia o quanto chegara perto da verdade, refletiu ele. Se não houvesse se inclinado um pouco de lado, a bala se alojaria no coração. Enfurecia-se ao constatar que B.J. o apanhara distraído outra vez. E em ambas as ocasiões, por uma coincidência estranha, ele pensava em Jessy.

Após uma semana, Cort cansou-se de ser tratado como inválido. Apesar do braço dolorido a ponto de quase não conseguir mexê-lo, ele resolveu levantar-se e ir fazer uma visita ao delegado. Vestir-se foi mais difícil do que havia imaginado. Irritou-se por ter deixado Byron na fazenda.

– Cort! – exclamou Sheila assustada ao vê-lo vestido e descendo as escadas. – O que está fazendo fora da cama e com essas roupas?

– Tenho negócios para cuidar e não consigo continuar deitado como um imprecioso.

– Você não devia se levantar.

– Não diga o que posso ou não fazer – reclamou Cort ríspido, mas mudou de tom notando-lhe a expressão magoada. – Não vou me demorar muito nem cometer nenhum abuso – prometeu e conseguiu arrancar um sorriso da irmã.

Quando retornou mais tarde, o semblante sombrio de Cort anunciava uma tempestade iminente. Sheila e Marie não ousaram perguntar-lhe nada. Nem protestaram quando ele anunciou que, no dia seguinte, iriam todos para a fazenda.

De manhã, o pequeno grupo partiu rumo a sudoeste. Marie e Sheila iam na charrete com os guarda-sóis abertos para se protegerem contra o sol. Sheila tinha insistido em viajar com o teto do veículo abaixado.

Seus malões encontravam-se bem amarrados na parte de trás e Tod controlava as rédeas dos dois cavalos que puxavam a charrete. Montado em Emperador, Cort – cavalgava

ao lado.

Seguiam num passo moderado e Sheila apreciava a viagem. Logo o inverno chegaria e a neve cobriria tudo.

O céu, de um azul profundo, tinha apenas umas pequenas nuvens alvas e bem altas. Por algum tempo, ela observou um gavião voando em círculos. Ele pairava levado pela corrente de ar e não parecia fazer esforço algum.

O nariz de Marie ficara vermelho de tanto espirrar enquanto atravessaram um campo de trigo maduro e pronto para a colheita. Agora seguiam entre pastagens e ela se sentia melhor.

Haviam se atrasado na partida, e como iam muito devagar só chegariam à fazenda muito depois do almoço. Sheila não se importava, absorta em seus pensamentos. Na véspera de o irmão sofrer o atentado a bala, ela havia ido a um jantar oferecido pelo governador do Estado e a mulher. A seu lado à mesa, sentara-se um rapaz encantador que lhe havia prometido uma visita. Inquietava-se com o fato de Tom ter ido embora há tão pouco tempo e ela já se interessar pelas atenções de outro homem. Talvez se parecesse com o irmão mais do que imaginava.

– Espero não termos esquecido de nada – reclamou Marie interrompendo as reflexões de Sheila.

– Com toda a certeza, trouxemos tudo, mamãe.

– Para não fugir à regra, Cortland não demonstrou nenhuma consideração por nós. Onde já se viu avisar de véspera que íamos para a fazenda?

Desgostosa, Sheila suspirou e inclinou o guarda-sol entre seu rosto e o de Marie. A madrastra nunca desistia de enfatizar os pontos negativos de Cort, mesmo os insignificantes.

– Levante essa sombrinha, menina. Você quis o topo abaixado, agora agüente as conseqüências. Se cansou o braço, problema seu. Não vou deixá-la ficar com o rosto vermelho pelo excesso de sol.

Devagar Sheila obedeceu. Quando parassem para almoçar, mandaria Tod subir a capota. Não entendia por que as mulheres tinham de se privar do sol e manter a pele branca como porcelana inglesa. Uma grande bobagem, na sua opinião Jessy tomava bastante sol e continuava linda.

– Jéssica deve ter feito mudanças na arrumação da minha casa – queixou-se Marie.

– Não sei. Cort não mencionou nada – respondeu Sheila olhando preocupada para o irmão. Embora ele se mantivesse ereto na sela, o braço devia doer. Antes de partirem, perguntara-lhe se agüentaria a viagem a cavalo Cort havia garantido que estava bem apesar de o ferimento ainda não ter cicatrizado por completo.

– Jéssica é boa demais para Cortland – resmungou Marie. – Ela deveria ter se casado com um homem disposto a fazê-la feliz.

Sheila estranhou o elogio da mãe à cunhada, mas preferiu não comentá-lo. Achava muito mais agradável pensar em rapazes atraentes do que conversar com a madrastra.

Cort também estava quieto e pensativo. A visita ao delegado produzira notícias inesperadas B.J. estava morto. Não restavam dúvidas quanto ao fato. Um fazendeiro tinha encontrado seu corpo nos galhos de uma árvore, atirado lá pelo ciclone que se desviara do local onde Kathleen fora deixada. Ele o havia enterrado e só depois de terminada a colheita tinha ido à cidade comunicar o ocorrido à polícia.

Então quem havia cortado a sela e atirado nele? Indagava-se Cort. Duvidava muito tratar-se da atitude impensada de algum marido ciumento. E os inimigos da época da estabilização de seus negócios e propriedades há muito tinham desaparecido. Por que haveriam de esperar tantos anos para se vingar? Isso limitava suas suspeitas a duas pessoas: Marie e Jessy.

Qual delas desejava mais eliminá-lo? Ambas poderiam ter adquirido o veneno por intermédio de Yana com esse intuito. Não seria impossível se Jessy, a fim de não despertar suspeitas sobre si, houvesse ingerido uma dose insuficiente para matá-la. Ele não tinha encontrado a criada no quarto completamente despreocupada? Com certeza sabia que a patroa não corria perigo de vida. Por outro lado, Marie contratara a moça. Tanto a mulher como a madrastra tinham acesso fácil ao estábulo, mas ambas estavam ausentes na hora do tiro. Jessy, entretanto, já sabia cavalgar. Quem garantiria que ela não tinha vindo à cidade, atirado nele e voltado para a fazenda? Marie sabia manejar uma pistola com precisão, embora não o fizesse há muito tempo. O mais curioso era o fato de as duas estarem em termos bem cordiais. Seriam cúmplices? Um outro ponto o enchia de dúvidas. Como saber ao certo se Jessy tinha mesmo escondido o dinheiro e o colar no fundo secreto da maleta? Afinal, ele não os tinha visto. Outra mentira?

Como não havia ocorrido outra tentativa de agressão contra Jessy, além da primeira

ainda no dormitório do restaurante, Cort não se preocupava mais com sua segurança. Tornara-se óbvio que o alvo era ele. De qualquer forma, precisava descobrir quem estava por trás dos dois atentados. Por essa razão, resolverá manter a mulher e a madrasta juntas e sob vigilância constante.

Um pouco depois do meio-dia e a um aceno de Cort, Tod parou a charrete para almoçarem. Embora não ouvisse queixa alguma, sabia que o patrão precisava de descanso. Estendeu uma manta no chão para as senhoras se sentarem e comerem o lanche, guardado numa cesta de vime. Quando reiniciaram a viagem, a capota da charrete tinha sido erguida.

Apesar das tentativas de se manter ocupada e não, pensar em Cort, com o passar dos dias Jessy entregou-se a uma profunda depressão. Prudence e a sra. O'Grady não se cansavam de lhe chamar a atenção por não se alimentar bem. Contudo, ela não tinha apetite e não conseguia comer. Não podia explicar às duas empregadas bem-intencionadas a mágoa que a ausência prolongada de Cort lhe provocava. Ele havia dito que ficaria fora quatro dias. Uma semana inteira tinha se passado e o marido não voltara. Por isso não permitira sua ida com ele. Cort devia estar se distraindo com outras mulheres. Talvez com Amy Rotheild.

Na segunda semana, a letargia de Jessy passou e foi substituída pela raiva. Jurava nunca mais se entregar ao desânimo por causa de um homem. Bastavam duas pessoas para apreciar o mesmo jogo. Se ela encontrasse um peão simpático, não sentiria remorsos em ir para a cama com ele. Tinha sido uma boba por não encorajar Tom. Apesar de evitar propostas explícitas, ele teria apreciado a oportunidade. Cort não havia falado sobre vidas independentes quando tentava convencê-la a se casar com ele?

Com a mesma energia dedicada ao jardim da casa na cidade, Jessy iniciou uma limpeza geral do solar na fazenda. Portas e janelas com os respectivos batentes, soalhos, tetos, cortinas, cantos escondidos.

Cada detalhe ria merecer atenção absoluta. Em vão, as empregadas afirmavam que tal faxina só ocorria na primavera, Jessy fazia-se de surda. À noite, todos caíam exaustos na cama. O pátio interno recém-terminado e a fonte no centro já funcionando recebiam cuidados especiais de Jessy. O preparo de vasos e floreiras ajudava-a a acalmar o estado nervoso.

Se não estivesse plantando folhagens e flores ou ajudando na limpeza da casa, Jessy podia ser encontrada cavalgando pela fazenda. Já estava bem familiarizada com as redondezas. Os peões, ao vê-la, tiravam o chapéu num cumprimento amável. Russ Green, o administrador da fazenda e Eula, a mulher dele, tinham se tornado amigos seus. Jessy gostava de visitar o casal amável e, às vezes, à noite, ia à casa deles jogar cartas. Os dois eram altos, joviais e, pela aparência e os cabelos grisalhos, deviam beirar os cinquenta anos. Russ era magro e musculoso enquanto Eula mostrava-se um tanto roliça, embora não pudesse ser chamada de gorda. Por conta própria, Jessy iniciava um tipo de vida na qual a presença de Cort tornava-se dispensável.

Ao ouvir o barulho da charrete, Jessy correu ao terraço para receber as visitas. Surpreendeu-se ao ver Sheila e Marie e nem olhou para Cort. Havia ele trazido as mulheres como uma desculpa pela ausência prolongada e assim conseguir sua complacência? Pouco importava. A chegada da cunhada e da sogra a deixava feliz. Sentia-se muito solitária.

Sheila e Marie puseram os guarda-sóis na chapeleira do vestíbulo e entraram na sala. A velha senhora ficou satisfeitiíssima ao constatar a decoração intacta e a limpeza e ordem impecáveis.

– Aceitam uma xícara de chá? – ofereceu Jessy.

– Sim, mas mande levar aos nossos quartos – ordenou Marie. – Vamos subir, Sheila. É preciso observar as criadas enquanto abrem os malões e guardam as roupas.

– O jantar logo ficará pronto – avisou Jessy vendo-as subirem as escadas, e, em seguida, dirigiu-se à cozinha para dar novas ordens.

Cort demorou uns minutos para entrar em casa.

Satisfeito por não encontrar ninguém, rumou para a biblioteca. Precisava tomar algo forte para aliviar a dor.

Sentado na cadeira preferida do pai, ele sorveu um longo gole de uísque e tentou relaxar. Sentiu as pálpebras pesadas e, sem perceber, adormeceu.

Depois de avisar a Sra. O'Grady da chegada da família e de mandar duas criadas ajudarem Marie e Sheila, Jessy refugiou-se no pátio interno. Sabia que evitava um encontro com o marido, mas não se importava. Ele não se dera ao trabalho de procurá-la e não merecia consideração. Revoltada com a ausência prolongada dele, havia mandado reforçar

as fechaduras da porta de seu quarto e a da outra de comunicação com o de Cort. Agora, além das chaves, existiam trancas fortes e resistentes as tentativas de arrombamento.

Sem a mínima disposição de jantar na companhia dos três recém-chegados, Jessy levou uma bandeja para o quarto e comeu lá mesmo. Depois deitou-se e distraiu a atenção com a leitura de um livro. O encontro com Cort podia esperar até o dia seguinte. Não alimentava esperança alguma de evitar uma briga, portanto nada melhor do que uma noite de sono tranqüilo antes da tempestade.

Jessy acordou ao amanhecer. Ainda sem vontade de se encontrar com Cort, resolveu cavalgar enquanto todos dormiam em paz. Levantou-se e vestiu depressa o conjunto azul feito por Prudence para esse fim. Tinha ficado muito satisfeita ao descobrir a habilidade da criada como costureira.

Por algum tempo, percorreu as pastagens silenciosas. De vez em quando, uma pega de asas negras quebrava a tranqüilidade com o seu chilrear agudo chamando o companheiro.

Quando Jessy ouviu um galope a distância, pressentiu a chegada de Cort. Resignada, puxou as rédeas e parou à espera dele.

– Ainda bem que você resolveu voltar para casa – disse quando Cort parou ao seu lado.

– Então minha querida esposa sentiu saudade?

– Deveria? – replicou Jessy ao pôr a montaria em movimento e ser seguida por Cort

– Há muitos homens nesta fazenda para eu me preocupar com suas idas e vindas.

Cort estendeu a mão e segurou as rédeas perto do freio fazendo sua montaria parar.

– Que diabos está tentando dizer? – perguntou ele sem se importar com a dor aguda no braço.

– Quero dizer que se você pode passar dias em Topeka nos braços de suas amantes eu também tenho o direito de ter meus amigos aqui – explicou ela com naturalidade.

– Tem coisíssima nenhuma!

– Por favor, lembre-se de que foi você quem me revelou os prazeres de ir para a cama com um homem e também quem afirmou que teríamos vidas independentes. Agora reconhece essa regalia só para você?!

– Exatamente. Imagine se pretendo criar uma criança cuja identidade do pai é uma incógnita! Após o nascimento do bebê, pouco me importa o que você fizer!

Tão brava quanto Cort, Jessy sentiu uma vontade imensa de magoá-lo.

– Jamais terá certeza absoluta da paternidade do seu filho, Sr. Lancaster. Não poderá me manter sob vigilância constante. Agora, por favor, solte meu cavalo e deixe-me ir embora – pediu ao notar a inquietação do animal, embora não tivesse mais medo de cair da sela.

Cort pulou do Emperor, agarrou Jessy com o braço direito pela cintura e arrancou-a da montaria.

– Preste bem atenção, mocinha. Se eu a apanhar com outro homem, ou se apenas um boato chegar aos meus ouvidos, o maldito será um homem morto. Quanto a você, será despachada para qualquer lugarejo nos confins da Terra! Fui claro?

Como sempre nos momentos de raiva, a voz de Cort soara baixa, mas clara. A cicatriz no queixo tinha esbranquiçado com o esforço para manter o controle e os olhos exibiam uma expressão sombria.

Jessy levantou o chicote para bater-lhe no rosto, porém seu braço paralisou-se no ar. Várias manchas de sangue surgiam na manga de Corto

– Ah, meu Deus, o que aconteceu? – indagou aflita. Ao ver-lhe o rosto empalidecer de preocupação, Cort sentiu a raiva diminuir. Não conhecia outra mulher capaz de provocar Sua vontade de estrangulá-la e, ao mesmo tempo, o desejo de lhe fazer amor. Se ela resolvia fingir que se importava com o ferimento, por que não tirar vantagem da situação? Puxou-a de encontro ao peito e beijou-a em segundos, sentia sua rendição à carícia. Jessy também era a mais feminina das mulheres de suas relações.

Devagar e relutante, ela afastou o rosto.

– Nós não podemos. Temos de cuidar do seu braço.

– Ele que vá para o inferno. Tenho uma carência muito maior para acudir primeiro.

Depois de fazerem amor, Jessy e Cort continuaram deitados na grama, os corpos nus ainda entrelaçados.

Embora ela soubesse que ao se entregar a Cort tornava-se vulnerável e que ele não lhe retribuía o afeto, não conseguia reprimir o sentimento. Quando ele lhe contou a respeito

do tiro e dos dias passados de cama, sua sensação de culpa pelas crises de ciúme e raiva foi imensa.

– Acredita ter sido B.J. quem atirou em você? – perguntou ela acariciando-lhe o peito.

– Não. Alguém deve ter me confundido com outra pessoa. Sabendo do nosso casamento, B.J. deve ter desistido e voltado para casa – mentiu ele.

– Deus queira – murmurou Jessy com os olhos perdidos no céu azul.

– Por uma questão de cautela, você deve andar sempre com aquela sua arma – aconselhou Cort.

– Ah, eu não me separo dela.

– Você sabe atirar e tem boa pontaria?

– Para ser honesta, nunca lidei com arma nenhuma.

Que outra resposta poderia esperar? Questionou-se ele. Se fosse culpada, Jessy jamais admitiria conhecer o manejo de armas de fogo. Ela não era nem um pouco tola.

Jessy virou-se de bruços e aninhou a cabeça no peito de Cort. O sol refletia-se nos cabelos ressaltando o platinado. “Que mulher lindíssima!”, suspirou ele. Os olhos, de tonalidade tão rara, exibiam expressões estimulantes, desde a paixão desenfreada quando faziam amor até a fúria louca durante as brigas. Seu corpo era perfeito e seu íntimo uma incógnita. No entanto, ela sempre se mostrava afetuosa e receptiva. De repente, Cort foi tomado pela vontade imensa de acreditar na inocência de Jessy. Toda via, não podia se dar a esse luxo. Quantos homens, na história, tinham morrido por causa de uma mulher linda?

– Acho melhor voltarmos para casa – sugeriu ele. – Não sei quanto a você, mas eu estou com tanta fome que poderia devorar um boi.

– É bom mesmo irmos embora, para eu trocar o curativo do seu braço. Sabia que sou uma boa médica? – brincou Jessy enquanto se vestiam.

– É mesmo?

– Bem, falando sério, aprendi muita coisa sobre remédios caseiros com Mammy Mae. Ela praticamente criou minha mãe e a mim. Quando viemos para o Oeste, nós a trouxemos junto. Mas grande parte de seus chás e ungüentos só podia ser preparada lá no Sul. Aqui não existem muitos dos ingredientes necessários.

– E os tais remédios surtiam efeito?

– Jamais falhavam – afirmou Jessy.

Cort ajudou-a a subir na sela e depois montou também.

– Conte mais – pediu ele.

– Ora, você não deve estar interessado num assunto desses – duvidou Jessy rindo.

– Ao contrário. Gosto de aprender coisas novas.

– Bem, deixe-me pensar – concordou ela sem se dar conta de que construía a própria armadilha.

– Mammy Mae preparava compressa e chás com várias finalidades. Por exemplo: ela derretia sebo de cordeiro e gordura de ganso para aliviar queimaduras ou estancar o sangue de cortes profundos. Tinha um cheiro bem melhor do que a gordura de búfalo usada na trilha dos carroções. Você sabia que o vapor de vinagre fervido é ótimo para dor de cabeça?

– Não fazia idéia.

Jessy continuou a descrever outras curas, porém Cort não prestava mais atenção. Tinha ouvido o suficiente.

– Vamos até a cozinha para eu examinar o seu braço – disse ao aproximarem-se da casa.

– Não. Você pode entrar logo. Eu levo os dois cavalos para Tod. Se meu braço precisar de novo curativo, Byron se incumbirá dele.

– Mas...

Jessy não conseguiu terminar o protesto, O marido já se afastava levando as duas montarias. Estranhava-lhe a rispidez repentina. Estaria bravo com alguma coisa? Não, só podia ser imaginação sua.

Lépida, Jessy entrou em casa e subiu diretamente ao quarto. Queria tirar e esconder as trancas das portas antes que Cort as descobrisse.

CAPÍTULO XII

Já começava a clarear quando Jessy percebeu que Cort deixava sua cama. Estava

acordada há algum tempo, mas preferiu manter-se de costas e fingir que ainda dormia. Fazia um mês que o relacionamento sexual entre ambos havia mudado de uma união prazerosa para a satisfação pura dos instintos. Não mais riam e conversavam alegres. Contudo, Cort tomava cuidado para que a experiência fosse gratificante para os sentidos dos dois. Ela gostava, queria, desejava o contato, porém sentia-se usada.

Jessy esperou até ouvir a porta de comunicação ser fechada e, então, virou-se. Fitou as marcas deixadas na cama pelo marido. Pela primeira vez desde o retorno de Cort da cidade, ele havia passado a noite inteira ali. Nem sabia por que faziam amor agora em sua cama e não mais na dele. Devagar, acariciou os sinais ao lado.

– Que comovente!

Erguendo a cabeça, Jessy viu Cort parado junto à porta. As feições bonitas tinham a rigidez de uma pedra. Sem dúvida, ele estava bravo com alguma coisa. Como desejasse evitar discussões, ela sorriu e disse amável:

– Bom dia. Você se levantou com tanto cuidado que eu nem o ouvi vestir o robe.

– Não foi para não acordá-la, minha cara. Eu sabia que não estava dormindo. Diga uma coisa. Em algum momento, você pára de representar?

Jessy sentou-se e puxou as cobertas até o queixo.

– Não entendi sua pergunta.

– Ora, foi bem clara. Desde o meu retorno, você tem feito o possível e o impossível para ser uma boa esposa. Eu me indago com que intuito.

– Do que está falando? Quando me trouxe para esta casa, eu lhe disse que me esforçaria para ser uma boa esposa.

“Agora parece que me amaldiçoa por isso. Por quê?”

– E eu lhe respondi desejar apenas a mãe para o meu filho. Mas você não engravidou ainda. Pode me explicar a razão?

– Não, não posso – respondeu Jessy nervosa e sem conseguir fitá-lo. – Com certeza, não tentamos o suficiente.

– Eis aí uma mudança interessante de atitude – ironizou Corto – Devo acreditar que minha caríssima mulher tornou-se dócil e deseja ter um filho meu? Ou ela vem me enganando esse tempo todo?

Jessy começou a sentir medo. Teria Cort descoberto a história das ervas?

– Não sei a que você se refere – defendeu-se.

Cort observou a mulher. Apesar de terem passado a noite juntos e dormido pouco, Jessy mostrava-se linda. Os cabelos cascadeavam pelos ombros e os olhos azuis-violeta o hipnotizavam. O demônio em pessoa em forma de tentação, considerou ele.

– Talvez você soubesse o tempo todo ser estéril, mas não se deu ao trabalho de me dizer. Acho muito estranho ter sido casada com Jonathan durante cinco anos e manter relações com B.J., isso sem mencionar as nossas, e não ter filhos.

– A troca de que tais acusações, Cort? – indagou Jessy sentindo a raiva substituir o medo. – Se alimentava dúvidas a esse respeito, devia tê-las esclarecido antes de nos casarmos. Já lhe disse nunca haver tido nada com B.J., mas você prefere não acreditar em mim. Quanto a Jonathan, fique sossegado. Ele jamais voltou a me tocar depois da noite do nosso casamento.

Cort soltou um riso seco.

– Francamente! Espera mesmo que eu acredite nessa bobageira toda?

– Não é bobagem, mas não adianta eu insistir porque você teima em distorcer a verdade. Se não fosse por isso, talvez aprendesse a gostar de mim, até se apaixonar. Tem medo, não é?

– Está muito iludida, minha cara. Contudo, agora começo a compreender sua trama. Se eu me apaixonasse por você, cairia sob o seu domínio. Você, então, teria tudo, até o meu perdão por não conseguir o filho. Desista, isso jamais acontecerá. Vou mandar meu advogado preparar outro testamento. Se não me der um filho, não herdará nada meu. Aliás, nem minha madrasta. Tudo irá para Sheila quando ela completar vinte e dois anos.

– Você não pode ser tão cruel, Cort! Marie é uma mulher velha! Como espera que ela se sustente?

– Muito bem, querida! Outra representação brilhante! Devo admitir que sua preocupação com Marie, e não consigo mesma, é muito comovente. Mas, em resposta a sua pergunta, garanto-lhe que minha madrasta não hesitaria um segundo em me expulsar de casa sem um centavo, caso a situação fosse a oposta. Até a pessoa mais inteligente pode cair na própria armadilha, inclusive você. Tome cuidado para não ser você quem vai se apaixonar – aconselhou ao deixar o quarto e fechar a porta.

Jessy sentiu um arrepio percorrer seu corpo.

– Na verdade, ele não me ama – murmurou baixinho. Havia desejado e até rezado para que isso acontecesse, porém não alimentava mais esperanças.

Levantou-se e, enrolada nas cobertas, sentou-se numa cadeira ao lado da janela, pensativa. O incidente do tiro em Topeka a intrigava e o relato de Sheila não fora nada esclarecedor.

Jessy massageou as têmporas doloridas. Antes da ida de Cort à cidade, eles haviam passado momentos felizes. Cort havia demonstrado todas as qualidades de um bom amante e um marido atencioso. Ela chegara a pensar que poderiam levar uma vida conjugal quase perfeita. No entanto, agora, como na época em que se conheceram, ele agia com indiferença e fazia-lhe acusações maldosas.

Teria Cort se apaixonado por outra mulher, arrependendo-se do casamento? A idéia de uma mulher nos braços do marido provocou-lhe uma onda súbita de ciúme. Num salto, aproximou-se da porta de comunicação e gritou enquanto a escancarava:

– Se você quiser o divórcio, ficarei felicíssima!

O quarto encontrava-se vazio.

O ar estava frio, o céu cinzento e Cort podia ouvir o estalar das patas de Emperor sobre o solo úmido.

– Não vai demorar muito para nevar – disse ao aconchegar mais ao corpo o casaco forrado de pele de carneiro. – Logo chegaremos aos barracões destas pastagens e você receberá sua ração de feno fresco prometeu batendo no pescoço da montaria.

Já fazia uma semana que havia saído de casa após as palavras de aviso a Jessy. Sete dias de cavalgadas extenuantes entre um rebanho e outro nas diversas pastagens a fim de verificar se tudo estava pronto para enfrentar o inverno. Embora Russ fosse um empregado capaz e de confiança, o trabalho nessa época do ano era demais para um homem só. A ausência de casa também daria oportunidade a Jessy e Marie de refletirem sobre o novo testamento dele. Durante um mês, tinha ficado em casa à espera de outro atentado contra sua vida. Como nada acontecesse, ele vira a necessidade de forçar a situação. Revelar o conteúdo do novo testamento a Jessy fora à maneira encontrada de instigar o culpado a mostrar as garras. Ela, por certo, contaria a Marie e uma das duas daria o passo esperado. Amanhã voltaria para casa e aguardaria o próximo golpe.

Cort franziu a testa lembrando-se do olhar magoado de Jessy quando ele a deixara. Maldição! A mulher atrevida e petulante quase conseguia seu intento. Ele já começava a se interessar por ela. Graças a Deus, tinha descoberto a morte de B.J. a tempo. Mesmo que Jessy não se encontrasse por trás dos atentados, ela não lhe merecia confiança. Uma mulher digna jamais teria amado, casado o permanecido ao lado de um tipo como Jonathan, muito menos tolerado procedimentos escusos. As pessoas tinham a tendência de se juntar a seus iguais e Jonathan e B.J. haviam sido dois malandros sujos.

Cort alcançava o sopé de uma colina quando um tiro sibilou no ar. A bala caiu no chão pouco adiante. Ele firmou os calcanhares nas ilhargas da montaria e curvou-se para a frente a fim de soltar a espingarda da bainha presa na sela. Antes de conseguir, veio o segundo tiro e Emperor deu um passo em falso. Cort tirou os pés dos estribos e pulou no chão. A bala seguinte acertou no animal e o derrubou a uma pequena distância mais à frente.

Num espaço aberto e sem defesa, Cort começou a correr em ziguezague em direção a Emperor. Vários projéteis pontilharam o chão a sua volta, porém nenhum o atingiu. De nada adiantaria sacar a pistola. O atirador encontrava-se fora do alcance desse tipo de arma e usava uma espingarda.

Ao chegar perto o suficiente, Cort atirou-se junto à barriga ofegante de Emperor. O tiroteio havia parado. O atacante devia estar recarregando a arma. Cort soltou a espingarda da bainha e ficou à espera. Quando viesse a próxima bala, saberia para onde atirar. Mas em vez do tiro ele ouviu o galope de um cavalo afastando-se do outro lado da colina.

Cort apalpou a barriga de Emperor. O garanhão respirava ofegante e com dificuldade. Ele se levantou e, bem devagar, ajeitou a mira da espingarda.

– Você não se cansa de passar tanto tempo aqui?

Jessy fitou a mulher vestida de preto, largou a pazinha e tirou as luvas. Sabia que depois da conversa que tivera com Marie, há vários dias, a sogra esperava pela oportunidade de falar-lhe a sós.

– Francamente, não.

– Por quanto tempo calcula que Cort vai ficar fora?

– Não faço idéia, Marie. Ele nem se deu ao trabalho de me dizer que ia inspecionar

as pastagens e os rebanhos.

– Acredita mesmo que ele tenha falado a sério?

– Caso esteja se referindo ao testamento, minha resposta é afirmativa.

– E você não tentou dissuadi-lo a mudar de idéia?

– Olhe, Marie, já falamos bastante a esse respeito – disse Jessy recalçando as luvas.

– Não vai adiantar nada conversarmos mais sobre a questão – declarou ao voltar a revolver a terra de uma jardineira.

– A não ser que eu consiga convencê-la de que uma gravidez sua seria vantajosa para nós todos.

– Ficar grávida?! – exclamou Jessy, endireitando-se. – Como pode sugerir tal coisa? Não quero ter o filho de um homem que não me ama.

– Está falando igualzinha a Sheila. Um filho garantiria seu futuro e você teria alguém para amar.

Jessy fitou a sogra. Como sempre, a velha senhora mantinha-se ereta e as mãos cruzadas à cintura.

– Você não compreende, Marie. Meu primeiro casamento foi com um homem a quem eu não amava e o segundo com outro que não me ama. Parece incrível, mas os dois casamentos têm um ponto em comum – disse pensativa, e tornando a livrar-se das luvas e limpando a terra do avental branco. – Já suportei uma situação semelhante a esta e não estou disposta a continuar a viver numa casa onde grassam a desconfiança e a amargura entre as pessoas. Um filho não mudaria nada. Pelos comentários e pelo que você me contou, o seu segundo casamento não foi por amor. As lutas e a solidão valeram a pena, Marie?

– Uma mulher não tem muita escolha, Jéssica. Faz o que pode para sobreviver.

Jessy surpreendeu-se ao ver a expressão de mágoa que, momentaneamente, aflorou ao rosto de Marie.

– Desculpe – pediu depressa. – Eu não tinha o direito de me expressar dessa forma.

Marie aproximou-se e tomou as mãos de Jessy nas suas.

– Você ama Cortland, não é verdade?

– Não, claro!

– Pobrezinha. Com toda a honestidade, não acredito em suas palavras nem na

capacidade de meu enteado amar alguém. Ele sabe de seus sentimentos?

Jessy sacudiu a cabeça numa resposta negativa e fez um esforço para reter as lágrimas.

– Minha querida, você é uma criatura boa e muito melhor do que Cortland merece como esposa. Tenho algum dinheiro guardado e muitas jóias. Se resolver ir embora, é só me avisar e eu a ajudarei. Bem, chega deste assunto. Já dissemos tudo. Sabia que Sheila recebeu uma carta de Thomas Sterling agora há pouco?

– Não – respondeu Jessy aliviada com a mudança de assunto. – O que conta ele?

– Não faço idéia. Sheila foi ler a carta no quarto e ainda não saiu de lá. Você está com jeito de quem não se alimenta há muito tempo, Jéssica – comentou observando-lhe o corpo esguio. – Que tal irmos à cozinha e pedir à Sra. O'Grady para nos preparar um lanche?

– Talvez seja melhor eu ir ver Sheila.

– Por Deus, não! Aquela menina não sabe guardar segredo e logo descerá para anunciar as novidades. Só espero que sejam boas e algo surja desse relacionamento. Em minha opinião, Thomas é o homem certo para controlar Sheila. Cortland encheu sua cabeça com idéias extravagantes.

Carregando os cobertores, as mochilas e a espingarda, Cort havia encetado a longa caminhada a pé, parando apenas ao anoitecer. Tão logo o céu clareava de madrugada, recomeçava a andar maldizendo as botas de montaria que lhe provocavam bolhas nos pés por serem impróprias a esse tipo de exercício.

Só na tarde do terceiro dia encontrou-se com um vaqueiro a serviço naquelas paragens.

– Que diabos lhe aconteceu patrão? – perguntou o empregado ao ajudá-lo a subir na garupa. – O senhor dá a impressão de ter atravessado o inferno. Onde está sua montaria?

– Quebrou uma perna e eu tive de matá-la – mentiu Cort não querendo revelar a história do tiroteio.

O peão sacudiu a cabeça em sinal de compreensão. Sabia o que significava perder um bom animal. A vida de um vaqueiro podia ser bem solitária às vezes e seu cavalo se constituía não só no instrumento do seu ganha-pão como também numa companhia.

Ao chegarem aos barracões das pastagens, Cort agradeceu e desmontou aliviado. Embora melhor do que andar a pé, cavalgar na garupa era bem desconfortável.

Quando já terminava uma refeição ligeira, um novo cavalo arreado o esperava. Com acenos de despedida, ele pulou na sela e rumou para casa.

A maioria dos empregados estava fora no campo trabalhando quando Cort alcançou o curral. Estava cansado, furioso e frustrado por estar longe de descobrir quem desejava eliminá-lo. À entrada do estábulo, desmontou e dirigiu-se ao interior puxando o cavalo.

– Olá, Sr. Lancaster. Onde deixou Emperor? Cort virou-se e viu Tod sentado em cima da mureta de uma das baias. O que lhe chamou a atenção foi a espingarda sob o braço do empregado.

– Emperor está morto. Cuide deste animal. Dê-lhe uma boa ração de feno.

– Naturalmente, Sr. Lancaster. Sinto muito a respeito de Emperor. Era um bom cavalo e difícil de ser substituído.

– Tem razão. Bonita essa espingarda, Tod. Onde a conseguiu? – Cort perguntou aproximando-se do rapaz.

– Achei há poucos dias aqui perto. Ninguém sabe de quem é. Pensei em guardá-la. Não será sua? – Indagou estendendo-a a Cort.

– Não – respondeu ao 'apanhá-la e examinar o cano. – Peio jeito, não foi usada recentemente.

– Ela estava muito suja e eu fiz uma limpeza completa. Uma espingarda boa como esta deve ser bem cuidada. Não posso imaginar por que alguém a largou por aí.

– Sorte sua, Tod, assim acabou ganhando uma espingarda – disse Cort ao devolver-lhe a arma.

– Muito obrigado, Sr. Lancaster – o rapaz agradeceu entusiasmado. – É a minha primeira arma de fogo.

– Pois então, trate de aprender a atirar direito.

Quando Cort entrou no vestíbulo, ouviu vozes alegres vindas do salão. Irritou-se ao constatar que a família divertia-se na sua ausência.

Da porta, ele observou umas sete senhoras convidadas de Marie para o chá. Todas falavam quase ao mesmo tempo, até mesmo Sheila e Jessy, sentadas, lado a lado, no sofá. Como sempre, a imagem de galinhas cacarejantes veio-lhe à mente. Relanceou o olhar por

Marie, acomodada em sua cadeira preferida. Uma das senhoras levantou o olhar e viu Cort.

– Oh! – exclamou levando a mão ao peito num gesto dramático, chamando a atenção das demais.

– Boa tarde, senhoras. – cumprimentou Cort ao dirigir-se ao aparador onde se serviu de uísque.

Após tomá-lo num trago só, acendeu um charuto cuja fumaça as soprou para os lados das mulheres horrorizadas.

– Cortland! – sibilou Marie.

– Desculpem o mau jeito, senhoras – disse Cort ao levantar o copo e o charuto no ar.

– Gostariam de me acompanhar? – perguntou irônico.

Sorriu aliviado quando as visitas, uma a uma, levantaram-se e, com desculpas esfarrapadas, foram embora.

– Ficou satisfeito, Cortland? – inquiriu Marie depois de se despedir e acompanhar a última senhora até a porta. – Como se atreveu a entrar aqui vestido desse jeito e espantar minhas amigas? Sua atitude só serve para provar o que eu sempre disse. Você não presta! – protestou brava enquanto apanhava o bordado na cesta e voltava a sentar-se.

– Marie tem razão. Por que esse comportamento desagradável? – perguntou Jessy.

– Muito bem. Depois das repreensões das minhas queridas esposa e madrastra, você não tem nada a acrescentar, Sheila?

– Não – murmurou a irmã de cabeça baixa.

– Ótimo. Então quem vai falar sou eu. Alguém “tentou” me matar há alguns dias e não foi o primeiro ataque a minha vida – contou Cort e viu a surpresa estampar-se nos três rostos quase ao mesmo tempo.

– Ah, Cort, quem gostaria de matar você? – indagou Sheila aflita.

– Provavelmente, a metade da população do Estado – aparteou Marie.

– Interessante. Só desconfio de duas pessoas e elas encontram-se aqui na sala.

Bem devagar, Cort serviu-se de outra dose de bebida e, depois sentou-se numa poltrona de brocado cor-de-rosa. Com as pernas esticadas para a frente, ele desafiava as três a criticarem-lhe as roupas imundas.

– Desta vez, você foi longe demais, Cort! – declarou Jessy pondo-se em pé.

– Sente-se, Jessy – ordenou o marido com olhar sombrio, porém ela não obedeceu.

– Sheila, quero falar com as duas a sós.

– Mas, Cort, Jessy e mamãe jamais...

– Por favor, maninha, suba para o seu quarto.

Sem conter as lágrimas, Sheila deixou a sala.

– Agora, minhas queridas, está na hora de dar nomes aos bois. Cheguei à conclusão de que uma das duas, ou ambas, de parceria, deseja a minha morte. Eu as aconselho a refletirem melhor. Antes de ir às pastagens, fui primeiro a Topeka assinar meu novo testamento. O conteúdo dele já deve ser do conhecimento das duas. Não lucrarão nada se me matarem. Tratem de andar na linha, porque se eu descobrir quem está tentando me eliminar eu mesmo a levarei ao delegado. Fui claro?

– Para mim, chega! – disse Jessy. – Não faço idéia do que lhe deu na cabeça, Cort, mas eu me nego a continuar aqui. Vou-me embora e, se você pedir divórcio, tanto melhor. Vá procurar outra mulher para ter seus filhos!

– Nós todos vamos voltar para a cidade – informou Cort com um sorriso maldoso.

– Como assim? – Marie se pronunciou. – Não podemos ficar de cá para lá só para satisfazer seus caprichos, Cortland!

Cort ignorou o protesto e acrescentou:

– Bem, tendo esclarecido tudo entre nós, acho uma boa idéia passarmos o inverno na cidade. Ultimamente, tenho negligenciado muito meus amigos lá. – Levantou-se e chegou junto a Jessy. – Quanto ao divórcio, minha querida, desista. Descobri que a vida conjugal pode ser muito vantajosa e benéfica. Não concorda? – provocou-a e, curvando-se, plantou-lhe um beijo no rosto.

– Não, minha opinião é bem outra – contradisse Jessy enquanto limpava a face com as costas da mão.

– Não agüento mais esta conversa. Vou subir e ficar no meu quarto até a hora do jantar.

– Voltamos para a cidade depois de amanhã – anunciou Cort ao vê-la afastar-se.

Jessy bateu a porta do quarto e atirou-se de bruços na cama. Com os punhos cerrados, esmurrou a colcha branca.

– Atrevido! Como pôde me acusar de tentar matá-lo com aquele jeito impassível? – gritou ela sem se importar que alguém a ouvisse.

A idéia não deixava de ser tentadora. Nesse momento, nada mais aliviaria sua raiva do que colocar, as mãos naquele maldito pescoço e torcê-lo.

Jessy virou-se de costas, jogou longe as sapatilhas e fixou o olhar no teto. Chegara a sentir pena ao ver Cort em pé à porta naquele estado lastimável. As marcas de cansaço no rosto e as roupas cobertas por camadas de barro seco davam-lhe a aparência de alguém que vagara pelas trilhas durante semanas. Até a barba crescida era um sinal estranho. Teria Cort realmente sofrido um atentado contra a vida? Caso sim, por que acusava a ela e a Marie? Só poderia ter sido B.J. reaparecendo de maneira perigosa.

Jessy ouviu sons abafados vindos do quarto de Cort. Sem dúvida, ele entregava-se aos cuidados de Byron, pensou com amargura. Por que, indagou-se com os olhos cheios de lágrimas tudo não voltava a ser como nos primeiros dias passados ali na fazenda? Havia sido tão felizes!

Cheia de determinação, levantou-se e enxugou as faces. De forma alguma permitiria a Cort oprimi-la como Jonathan o fizera. Reconhecia o seu direito a um mínimo de paz de espírito e lutaria por ele decidiu ao começara trocar de roupa.

Durante o jantar conversou-se muito pouco. Jessy tinha alimentado a esperança de que Cort não aparecesse, mas não com muita fé. Pensara em mandar buscar uma bandeja e comer no quarto, porém, conhecendo o temperamento do marido, havia temido que ele a obrigasse a descer.

Ao percorrer o olhar à volta, Jessy imaginou se estaria tão pálida quanto Sheila e Marie. Cort, recém barbeado e com um terno marrom, era a única pessoa à vontade à mesa.

– Recebi uma carta de Tom – contou Sheila numa voz incerta quando já saboreavam a sobremesa.

– Não diga! – exclamou Cort antes de levar um pedaço do bolo de chocolate à boca.

– Ele vai parar em Topeka na volta do Colorado.

– Quando chega? – Cort quis saber.

– Na semana que vem.

Cort empurrou a cadeira para trás. A sobremesa não o apetecia mais. Embora não gostasse de admitir, não queria ver Tom e Jessy juntos outra vez.

– Quantos dias ele pretende passar conosco? – Indagou.

Como o irmão demonstrasse interesse, Sheila sorriu.

– Vai depender de nossos sentimentos mútuos depois desta separação.

– Entendo – disse Cort sacudindo a cabeça devagar. Em seguida, olhou para Marie e Jessy. – Foi um dia muito longo. Se vocês me derem licença, vou me recolher.

Tão logo o enteado deixou a sala de jantar, Marie começou preocupada:

– Acho que Cortland enlouqueceu de vez.

– Mamãe, detesto quando fala assim de Cort.

– Ora, menina, o que deseja que eu diga a respeito dele? – perguntou Marie irritada.

– Seu irmão nos acusou, Jessy e eu, de termos tentado matá-lo.

– Jessy, não acredita que Cort esteja louco, não é? . – indagou Sheila em tom de súplica.

– Para ser franca, não sei bem o que pensar. O humor de Cort foi sempre um enigma para mim desde que nos conhecemos. Ele não me confia seus problemas e preocupações, e eu nem de longe posso imaginar o que lhe passa pela cabeça agora.

– Pois eu não creio que ele esteja louco – afirmou Sheila com convicção. – Alguma coisa o está afligindo muitíssimo e, na minha opinião, nós devemos lhe dar todo o apoio possível. Conheço bem meu irmão e sei que, resolvido o problema do momento, ele voltará a ser como antes, alegre e bem-humorado.

– Pode ser – resmungou Marie em tom cético. – Mas isso não justifica as acusações dele. Como você se sentiria, Sheila, se também estivesse incluída como suspeita? Além do mais, o estado normal de Cortland, não é muito confiável. Ele gosta de determinar as próprias regras e espera que todos as sigam. Isso me preocupa por causa do exemplo que ele lhe dá. Por que acha que sempre me esforcei tanto para lhe arranjar um bom casamento? Para livrá-la da influência dele.

Sheila e Marie ainda discutiam quando Jessy subiu para o quarto. Ambas tinham argumentos válidos e ela não sabia o que pensar.

Permaneceu acordada até altas horas da noite, dividida entre a vontade de nunca mais ver Cort e o desejo de ser procurada por ele. Quando se convenceu de que passaria a noite sozinha, suspirou e indagou-se como era possível amar e odiar uma pessoa ao mesmo tempo.

CAPÍTULO XIII

Sentada ao lado de Sheila na carruagem, enquanto esperavam a chegada do trem, Jessy imaginava se a atração entre ela e Tom ainda existiria. De forma alguma havia desejado vir com a cunhada, porém acabara cedendo sob a pressão de Marie. Esta tinha insistido em ficar em casa terminando os preparativos para a recepção do hóspede. Dessa vez, Tom não escaparia sem assumir um compromisso sério com Sheila.

Jessy afastou a cortina da janelinha e fitou o cenário coberto de neve. Viu uns homens entrarem na Harvey House. Tinha a impressão de que trabalhara lá há séculos. De vez em quando, ia visitar a srta. Cragshaw, pois Kathleen e Lora haviam se casado e mudado para as fazendas dos maridos.

– Espero que o trem esteja no horário – murmurou Sheila interrompendo-lhe os pensamentos. – Sinto como se estivéssemos esperando há horas e não minutos.

– Você não me parece muito ansiosa – comentou Jessy.

– Sabe, preciso me abrir com alguém. Não posso conversar com Cort – queixou-se.
– Ele não pára mais em casa..

Observando a palidez da cunhada, Jessy sentiu uma ponta de culpa. Vivia tão acabrunhada com os próprios problemas que não dava atenção a mais ninguém.

– Estou sempre disposta a ouvir confidências.

– O que tenho a dizer é horrível, especialmente a você, Jessy. Acho que estou ficando igualzinha a meu irmão.

– Em que sentido?

– De repente, não paro de encontrar homens atraentes que me despertam o interesse.

– Percebi isso. Você tem mantido sua mãe numa roda viva com as visitas de rapazes.

– Pois é, mas e quanto a Tom? Pensei que ele fosse o homem certo para mim. Contudo, mal ele tinha ido embora comecei a olhar para outros. Mamãe diz que sou muito má.

– Não, não creio. Você está apenas amadurecendo. Não existe nada de errado em se

procurar e fazer comparações, investigações, contanto que não se vá muito longe com as investigações. Não tenha pressa em se casar, Sheila – aconselhou com um sorriso triste. – Você é uma moça linda, e nunca lhe faltarão excelentes candidatos. Em relação a Tom, você descobrirá a verdade após uns poucos dias de convivência.

Sheila refletiu por alguns momentos e depois sacudiu a cabeça concordando com a cunhada.

– Você tem sido uma amiga tão boa, Jessy, e eu lhe sou muito grata. Não posso entender como Cort não percebe a mulher maravilhosa que tem.

Graças ao apito anunciando a chegada do trem, Jessy não precisou responder ao comentário de Sheila. Tod abriu a portinhola da carruagem e as duas desceram. O vento soprava forte e Jessy levantou o capuz do casaco de lã sobre a cabeça, a beirada de arminho aquecendo-lhe a testa e as faces. Enquanto esperavam na plataforma pelo desembarque de Tom, ela enfiou as mãos no regaço de pele e reconheceu que a cunhada não era a única pessoa apreensiva com o encontro iminente.

Tão logo Tom desceu do trem, Sheila correu-lhe ao encontro. Jessy manteve-se afastada dando um certo tempo aos dois para se cumprimentarem. Satisfeita, deu-se conta de que o coração batia normalmente. Ainda considerava Tom um homem atraente, mas sem termo de comparação com Cort. Aproximou-se do casal e estendeu a mão.

– Prazer em revê-lo, Tom.

– Jessy! Como está mudada! – exclamou ele sorrindo.

– É assim tão óbvio? – Jessy perguntou, esforçando-se por manter uma atitude descontraída. – Nós todos mudamos o tempo inteiro e só nos resta esperar que seja para melhor – afirmou e viu o olhar confuso de Sheila. – Não é bom irmos para casa? Se continuarmos conversando aqui, vamos acabar congelados.

– Claro, vamos – concordou Sheila.

Na carruagem, depois de Tod pôr os cavalos em movimento, Jessy fez as perguntas habituais e de cortesia sobre a viagem de Tom e, então, fingiu distrair-se com o movimento das ruas visto pela janelinha. Na verdade, pensava em Cort, completamente alheia ao som das vozes de Sheila e Tom.

As acusações do marido feitas na fazenda haviam lhe provocado a firme intenção de ir embora. Todavia, acabara ficando. Desde a volta para a cidade, vinha envolvendo-se

mais e mais nas atividades sociais de Marie, sempre representando o papel de mulher casada e feliz. Prestava atenção às bisbilhotices da sogra e das amigas e já se achava bem enfronhada sobre a vida dos habitantes de Topeka.

Cort já a tinha levado a vários bailes, mas, além disso, passavam muito pouco tempo juntos. Embora nessas festas ela se distraísse bastante, nenhuma até agora fora tão agradável como a primeira no início do casamento. O mais surpreendente era o fato de o marido presenteá-la sempre com uma jóia linda e cara antes de cada baile. Aliás, usava uma delas no momento. Tratava-se de um anel com um enorme rubi rodeado por brilhantes. Apenas nessas ocasiões festivas eles tinham uma convivência maior, pois Cort não parava em casa. Também, desde as acusações na fazenda, não voltara a procurá-la na cama. Ela tentava ver o lado positivo de tal atitude, porém morria de ciúme. As indagações sobre onde e com quem Cort se encontrava a deixavam desolada.

“Por que me tornei tão vulnerável a ponto de me iludir e achar que podemos ser felizes? Isso nunca mais vai acontecer”, lamentou-se.

Marie os esperava no vestíbulo de entrada. Embora mantivesse uma atitude reservada, seu contentamento em ver Tom era óbvio. Estavam no processo de tirar os casacos pesados quando ouviram uma voz sonora.

– É um prazer tê-lo de volta, meu amigo.

Ao ver Cort aproximar-se, Jessy virou-se de costas para esconder a surpresa. Ele jamais estava em casa a essa hora do dia.

– Eu é que estou contente por me encontrar novamente aqui – replicou Tom, apertando a mão do amigo.

– Vamos para a sala de estar onde é mais quente – sugeriu Cort. – Quero saber as novidades sobre o Colorado. Talvez eu me interesse em comprar terras lá, agora que o território virou Estado.

– Ah, Cort, você precisa conhecer a região – declarou Tom entusiasmado. – É absolutamente espetacular. Assim que cheguei...

Os dois homens desapareceram na sala e Jessy não conseguiu mais ouvir-lhes as palavras. Cort mostrava-se mais atraente do que nunca com a calça preta, camisa branca e colete de brocado verde. Ela sentia-se magoada por não haver merecido um único olhar do

marido.

– Thomas está com ótima aparência – comentou Marie. – A vida no agreste fez-lhe bem.

– Ah, ele não está tão bonito como antes – disse Sheila piscando para Jessy.

– Ora, você é tão distraída que seria capaz de não ver uma árvore na sua frente. Aposto como nem olhou direito para Thomas – repreendeu Marie brava. – O jantar vai ser servido daqui a duas horas. Acho bom irem se preparar – advertiu e afastou-se.

– Sc eu não tomar cuidado, mamãe vai acabar roubando Tom de mim.

Rindo divertidas, cada uma foi para o seu quarto.

Durante o jantar, predominou a conversa entre Cort e Tom. A maneira detalhada de este descrever o Colorado fascinava Jessy. Ela podia visualizar as montanhas majestosas e a vegetação que as cobria.

– A região tem uma riqueza indescritível de animais selvagens – continuou Tom: – Olhe, King, um homem pode passar a vida inteira lá, longe da civilização, e nunca ficar sem fartura de alimentação.

– Pelo que me conta e o seu entusiasmo, tenho a impressão de que gostaria de se mudar para lá – comentou Cort no final da refeição. – Vamos continuar a prosa na biblioteca enquanto tomamos um conhaque e fumamos? – convidou.

Quando os dois deixaram a sala de jantar, Marie, Jessy e Sheila dirigiram-se ao salão aonde eles iriam mais tarde. O fogo aceso na lareira emprestava aconchego e conforto ao ambiente.

– Sem dúvida, foi uma brincadeira de mal gosto de Cortland sugerir uma possível mudança a Thomas para o Colorado – declarou Marie com desprezo. – Sheila, Thomas mencionou alguma coisa a esse respeito?

– Não, mamãe.

Nesse momento, a criada entrou com a bandeja de café.

Colocada a seu lado, Jessy começou a servir as xícaras.

– Graças a Deus! Nenhum homem tem o direito de levar uma moça de família para morar num lugar cheio de índios e, sabe-se lá, de que mais.

– Não há motivo de preocupação, mamãe, tenho certeza – declarou Sheila ao aceitar a xícara estendida por Jessy. – Foi Cort, e não Tom, quem mencionou a possibilidade;

Além do mais, Denver deve ser uma cidade muito boa e respeitável, embora Tom tenha dito tratar-se do centro de uma área de pecuária. Naturalmente, deve estar cheia de boiadeiros.

– Por falar em Cortland, achei muito estranho que ele estivesse em casa para receber Thomas – comentou Marie recebendo a xícara. – Afinal, ele quase não pára mais aqui desde a nossa volta. Pelo jeito, não vai nos dar sossego agora.

– Esta casa é dele, mamãe.

– Certo, Sheila, mas você tem de admitir que tudo corre muito bem até seu irmão dar o ar da graça. Como sempre digo e repito, fui uma tola por não haver batido o pé quando me casei com Arthur e ter me livrado de Cortland naquela época.

Sheila olhou para Jessy sentada em frente. Precisava mudar de assunto bem de pressa.

– Você está com um vestido lindo, Jessy – elogiou sincera. – É novo?

– Não. Mande fazer logo depois do casamento. Já usei várias vezes. Talvez tenha sido em ocasiões em que você foi jantar fora ou então na fazenda, antes de vocês irem para lá. Também gosto dele.

– Por que resolveu usar um vestido de verão em pleno inverno? Ainda mais sendo branco? – indagou Marie.

Irritada, Jessy teve vontade de dizer à sogra que lhe dispensava a opinião sobre sua maneira de vestir. Havia escolhido o vestido branco de propósito na esperança de despertar recordações agradáveis em Cort. Usara-o no primeiro jantar na fazenda e ele comentara como o branco lhe caía bem. Ela até tinha feito Prudence arrumar seus cabelos com o mesmo penteado daquela noite. De nada adiantara, refletiu triste. Cort tinha-lhe ignorado a presença completamente.

– Jessy está sempre linda, não importa a cor do vestido – declarou Sheila sentindo-se na obrigação de defendê-la por haver mencionado o vestido antes.

Cort e Tom apareceram e a conversa mudou de rumo. Pouco depois, resolveram jogar baralho, sendo cunha a modalidade escolhida. Jessy fez parceria com Cort e Sheila com Tom. Marie pediu licença e retirou-se. Embora no início Jessy não quisesse jogar, foi se animando com as partidas sucessivas. Depois de algum tempo, como já estivesse tarde, o

grupo resolveu parar.

– Da próxima vez nós ganharemos – prometeu Tom a Sheila, ajudando-a a levantar-se.

– Não tenha tanta certeza – aconselhou Cort. – Minha mulher é exímia em jogos de cartas.

Em seguida, ele tirou um estojo longo e fino do bolso do colete e entregou-o a Jessy. Pelo formato, ela sabia tratar-se de outra jóia. Fitou-o e, embora o marido sorrisse, o olhar continuava sombrio.

– Não fique parada olhando. Abra logo – disse. Sheila animada.

Jessy levantou a tampa e contemplou o colar de rubis e brilhantes mais lindo que já vira. Um arrepio de medo percorreu-lhe o corpo. A jóia da mãe havia lhe trazido falta de sorte. Esta também o faria? Questionou-se apreensiva ao estender a caixinha a Sheila.

– Lindíssimo! – exclamou esta e mostrou-o a Tom. – O presente é para comemorar algo?

– Você acha necessário eu ter um motivo especial para dar um presente a minha lindíssima mulher? – perguntou Cort rindo. – Rubis e brilhantes são as pedras preferidas de Jessy. Aliás, foi por causa de um colar semelhante a este que nos conhecemos.

– Vocês nunca contaram essa história – disse Sheila.

– Qual? A do nosso primeiro encontro? – indagou Cort.

A ansiedade de Jessy aumentou. O colar começava a espalhar sua influência maléfica. Cort encontrava-se prestes a narrar a própria versão dos acontecimentos.

– Ah, é uma história muito longa e já é muito tarde. Talvez numa outra ocasião eu conte – declarou Cort desconversando para alívio de Jessy. – Comprei esse colar há algum tempo, e hoje, vendo Jessy com o mesmo vestido usado no nosso primeiro jantar a sós, achei a ocasião apropriada para entregá-lo.

O coração de Jessy transbordou de alegria. Então o marido havia-lhe notado a aparência! Num gesto espontâneo debruçou-se sobre a mesa que os separava e, com os braços à volta do seu pescoço, beijou-o nos lábios.

– Obrigada – murmurou ela ainda abraçando-o.

Apanhado de surpresa, Cort ficou momentaneamente sem ação. De forma alguma poderia afastar Jessy, como desejava, pois levantaria suspeitas em Sheila e Tom.

Conformado, manteve-se sentado. Só quando ela se afastou, percebeu que a irmã e o amigo já haviam saído da sala. Numa mudança súbita de reação, levantou-se depressa e tomou Jessy nos braços. Que diabo, essa criatura linda e desejável era sua mulher e não havia razão para continuar privando-se de seus encantos e dos prazeres que lhe proporcionava.

– Você é a feiticeira mais tentadora da face da Terra – afirmou antes de beijá-la.

Jessy dormia sossegada quando Cort deixou-lhe a cama e foi para seu quarto. Depois de reavivar o fogo na lareira e acender um charuto, pôs-se a andar de um lado para o outro do aposento. Até conhecer Jessy, tinha sido um homem feliz. Desde então, nada dava certo, inclusive o retorno para a cidade. Ele tinha o firme propósito de reiniciar as visitas noturnas às amigas, porém acabara descobrindo que elas não o interessavam mais. Festas com os antigos companheiros também não o atraíam e até a intenção de não voltar à cama da mulher tinha se evaporado sob a influência de um simples beijo.

Cort apagou o charuto num cinzeiro e deitou-se. Sorria. Havia um lado muito positivo na situação. Talvez as cartas comesçassem a lhe ser favoráveis. Ao fazerem amor, momentos antes, Jessy confessara amá-lo. Caso fosse verdade, ou se pelo menos o afeto estivesse nascendo, ele logo a teria como desejava. Apaixonada, Jessy acabaria confessando ser estéril. O preço a pagar pela traição seria altíssimo. Também se fosse a pessoa por trás dos atentados contra sua vida, com o tempo daria um passo em falso. Então, finalmente, todas as dúvidas seriam esclarecidas.

Consciente de que seu afastamento de casa tinha tornado a mulher mais dócil, Cort riu. Chegava o momento oportuno de desistir do quarto de hotel e voltar a morar ali. Ia se esforçar ao máximo para alimentar o amor de Jessy.

Satisfeito com as perspectivas, Cort adormeceu.

Vários dias depois, Jessy deixou o quarto pela manhã sentindo-se felicíssima. Mais uma vez, Cort passara a noite inteira em sua cama. Embora não houvesse confessado, ela estava convencida de que o marido a amava. Distraída, quase esbarrou em Tom no corredor.

– Bom dia – cumprimentou ele. – Você está com ótima aparência e um ar de felicidade.

- Estou mesmo contente. E você, dormiu bem?
 - Como uma pedra. Jessy, preciso muito conversar em particular com você.
- Apanhada de surpresa, ela não soube o que responder.
- Seria possível nos encontrarmos em algum lugar? – indagou Tom.
 - Se for muito importante, talvez na biblioteca um pouco antes do meio-dia.
 - Combinado. Vamos descer?

Enquanto se dirigiam à saleta de almoço para tomar o café da manhã, Jessy conjecturou, e não pela primeira vez, quem escolhia as roupas de Tom. Elas estavam longe de ser elegantes, e o paletó de veludo cotelé marrom mostrava-se bem gasto. Embora rico, ele parecia não dar importância à moda.

Jessy foi a primeira a chegar à biblioteca. Apesar de não ter razão para se sentir culpada, ficou aliviada por não encontrar Cort ali. O relacionamento entre eles ainda era bem frágil, e por nada no mundo desejava perturbá-lo. Pouco depois, Tom aparecia.

– Você é uma mulher lindíssima, Jessy Lancaster! – elogiou ele ao tomar-lhe as mãos e beijá-las.

Jessy puxou-as depressa e afastou-se para trás da escrivaninha. Teria errado ao vir? Indagou-se.

– Foi apenas um cumprimento sem segundas intenções, Jessy – garantiu Tom, sentando-se no sofá. – Sente-se mais segura comigo a esta distância?

Jessy não tinha certeza de gozar de segurança alguma e sim de estar cometendo uma grande tolice.

Continuou onde estava e perguntou:

- Sobre o que você queria falar comigo?
- A respeito de Sheila, eu e você. Enquanto me encontrava no Colorado, tive bastante tempo para refletir. Você não ignora como me senti atraído por você e, por pouco tempo, notei uma certa retribuição de sua parte.
- Tom, você não devia dizer isso – censurou Jessy agastada enquanto se sentava na poltrona atrás da escrivaninha e apanhava uma faca de abrir cartas com o intuito de disfarçar o tremor das mãos. – Você é muito simpático, mas...
- Por favor, deixe-me terminar. Este assunto precisa ser esclarecido, pelo menos entre nós dois. Se não for, jamais nos sentiremos à vontade perto um do outro. Isso, para

mim, é muito importante, já que pretendo fazer parte da família – declarou Tom. – Sua beleza e o desinteresse óbvio de Cort por você teriam comovido o coração de qualquer homem, inclusive o meu. Contudo, agora tornou-se claro que você se apaixonou pelo seu marido e ele, penso, também a ama.

– Impossível! – protestou Jessy sem querer.

– Na minha opinião, Cort ainda não se deu conta, mas isso acontecerá com o tempo. E, Jessy querida, embora seja muito difícil para o meu ego admitir, você é mais do que eu poderia desejar. Eu jamais conseguiria satisfazê-la em todos os aspectos. Estou tentando dizer que você se casou com o homem certo. Mas sempre terá um lugarzinho no meu coração e, caso precise, poderá contar comigo. De qualquer forma, Sheila é a mulher certa para mim.

Jamais tendo ouvido um homem falar-lhe com tal sinceridade sobre os sentimentos, Jessy comoveu-se. Levou alguns segundos para controlar a emoção e perguntar:

– Tom, Sheila já concordou em ser sua mulher?

– Ainda não lhe propus casamento. Queria antes conversar sobre nós dois. Sheila tem uma grande admiração por você e eu não desejo destruí-la com mal-entendidos.

Jessy colocou a faca de abrir cartas na escrivaninha e fitou Tom bem dentro dos olhos.

– Sem dúvida, você daria um excelente marido a Sheila, mas não pode se casar com ela sem amor. Isso a faria muitíssimo infeliz.

– Eu a amo! De verdade! Pode acreditar – declarou Tom enfático, levantando-se. – Não estava muito seguro de meus sentimentos até encontrá-la me esperando na estação. Agora – continuou com um sorriso – que você tem razões para se sentir segura e não temer nenhum problema provocado por mim, não quer dar um abraço em seu futuro concunhado?

– Só espero que Sheila não recuse o seu pedido de casamento – brincou Jessy e correu-lhe aos braços estendidos. Nesse instante, a porta da biblioteca abriu-se e Cort entrou seguido por Sheila. Esta, com expressão de choque, fugiu correndo seguida por Tom.

Cort, entretanto, ficou parado com um sorriso sarcástico nos lábios.

Consciente de que a melhor maneira de enfrentar uma situação má era atacar, Jessy fez exatamente isso.

– Por que está me olhando desse jeito? – demandou enérgica. – Até parece que sou culpada de alguma coisa.

– Ora, por que eu pensaria isso?

A voz calma e morosa de Cort aumentou-lhe a apreensão. Sempre sentia-se em posição de desvantagem diante da altura do marido. Cheia de determinação, ergueu o queixo e fitou-o.

– Bem, o abraço que você viu deve tê-lo deixado meio intrigado.

– De jeito nenhum. Você confessou que me ama e, se estava sendo sincera, deve ter uma boa explicação para a intimidade demonstrada com Tom.

Jessy tocou-lhe o braço e sentiu os músculos tensos.

– Claro, posso justificar minha atitude. Tom acabava de me contar a intenção de se casar com Sheila e eu, entusiasmada, dava-lhe os parabéns.

– Curioso. Sheila não sabe nada a esse respeito. Quer dizer que Tom falou primeiro com você? – indagou Corto

– Isso mesmo.

– Por quê?

Jessy voltou a fitar o marido. Como poderia revelar-lhe a verdade? Novamente, escolheu o ataque para se defender.

– Eu deveria estar fazendo as perguntas. Por que está me questionando á respeito de um abraço inocente? A troco de que preciso viver na defensiva contra você? Por que está sempre duvidando de mim? Estou cansada de tomar cuidado para não aborrecê-lo – declarou batendo com os punhos cerrados na escrivaninha.

– O fato de você abraçar um homem é da sua conta e não da minha, pois concluí que de nossa união não vai nascer herdeiro algum para usufruir meus bens. Porém não permitirei que você roube o homem a quem Sheila ama.

Jessy sentiu o sangue gelar-lhe nas veias.

– Como fui tola! Acreditei piamente que tudo ia bem entre nós. Cheguei a pensar que você começava a gostar de mim. Mas me enganei, não é verdade?

Jessy esperou em vão por uma resposta. Cort permanecia em pé com um sorriso mau distorcendo-lhe as feições bonitas. Teve uma vontade intensa de estapeá-lo, porém de nada adiantaria tal atitude. Desanimada, sentou-se numa poltrona e acompanhou-o com o

olhar até o aparador onde ele se serviu de uma bebida.

– Você me deve uma desculpa, Cort, e muitas explicações. Tenho feito de tudo para nosso casamento dar certo, exceto ficar grávida. Por que me odeia tanto? Isso tem algo a ver com as acusações que fez a mim e a Marie sobre as tentativas para matá-lo? Ou tudo não passou de desculpas tolas?

– Emperor não morreu porque quebrou a perna, Jessy. Alguém atirou nele enquanto eu o cavalgava.

Jessy não sabia se devia ou não acreditar em Cort.

– Se isso é verdade, não lhe ocorreu que o culpado devia ser B.J.? Quando se casou comigo, você sabia do que ele seria capaz.

Cort sentou-se na beirada da escrivaninha, sorvendo um gole de uísque.

– A idéia me ocorreu, claro, mas só até eu descobrir que B.J. estava morto.

Jessy arregalou os olhos e afundou na poltrona.

– Morto?! Como?– balbuciou atônita.

– Como não vem ao caso – respondeu Corto

– Você o matou?

– Não. Infelizmente, não tive a oportunidade. Não haveria de hesitar um segundo caso a tivesse.

Jessy sentiu uma forte suspeita.

– Você soube da morte de B.J. quando veio sozinho a Topeka e me deixou na fazenda? – indagou.

– Exato.

– Então, concluiu que Marie ou eu tínhamos atirado em você? Sua madrasta está certa. Você enlouqueceu.

– É preciso admitir, Jessy, é muito estranho não ter sofrido outro atentado depois que mudei meu testamento.

Jessy levantou-se e foi até o aparador. Não tocava em bebida desde a noite, na fazenda, em que tinha se excedido e fumado um charuto. Contudo, agora precisava de algo forte. Serviu-se de uma pequena dose de uísque.

– Cort – começou com lágrimas nos olhos -, nunca fiz nada para magoá-lo ou feri-lo. Acredito em você. Por que, pelo amor de Deus, não confia em mim?

Apressada, deixou a biblioteca sem esperar resposta.

Cort suspirou desanimado e terminou a bebida. Estaria à verdade diante de seus olhos e ele, cego, não a reconhecia? Indagou-se.

Levantou-se e dirigiu-se a uma das estantes. Ainda o admirava o fato de o pai ter lido tantos livros. Apanhou um e, distraído, folheou-o. Depois, recolocou-o de volta ao lugar.

– Você agora está por conta própria, King Lancaster – resmungou aborrecido. – Vai ter de tomar uma decisão quanto a Jessy e sem perda de tempo.

Após deixar Cort, Jessy subiu ao quarto. Lavou o rosto e vestiu o costume verde de cavalgar. Felizmente fazia sol para aquecer um pouco o ar. Um passeio pelos campos a ajudaria a desanuviar o espírito, pensou triste.

CAPÍTULO XIV

– Você tem certeza de que deseja isso? – Cort perguntou à irmã.

– Absoluta, Cort. Estou tão feliz! Acho até que vou explodir! Mamãe já concordou em me acompanhar na viagem para ir conhecer os pais de Tom.

Cort olhou em direção da madrastra. Como sempre, ela encontrava-se sentada ereta na cadeira preferida, mas, apesar das roupas pretas e o semblante circunspecto, não escondia um ar de satisfação. Marie lembrava um gato que acabava de comer um passarinho.

– Muito amável da parte dela – comentou e virou-se para o casal. – Quando pretendem se casar?

– Caso você concorde e Sheila goste de Boston, eu gostaria que o casamento fosse lá – explicou Tom. – Como você sabe, meus pais já estão bem idosos e não agüentariam uma viagem até o Kansas.

Cort não respondeu logo, provocando um certo suspense no ambiente. Caminhou até a janela e, com o olhar perdido na paisagem, ponderou a situação.

– Naturalmente Sheila precisa de um guarda-roupa completo, sem falar no vestido

de noiva cujo tecido precisa ser encomendado. Se começarmos a tratar de tudo já, dentro de dois meses estaremos prontas para partir – informou Marie. – Ah, também devemos dar uma festa de noivado à fim de apresentar Thomas a nossos amigos.

Então chegava o momento da separação da irmã, refletiu Cort. Mais cedo do que esperava. A perspectiva de Marie escapar de sua vigilância não o agradava. Todavia, Sheila precisava de uma acompanhante e a madrasta cuidaria bem dela. Embora jamais demonstrasse afeição, Cort sabia que Marie gostava da irmã como se fosse sua própria filha. O ódio da bruxa restringia-se a ele. Virou-se para o grupo e disse:

– Não vejo inconveniente algum nesses planos. Com a mão estendida, aproximou-se de Tom. – Você escolheu uma moça excelente, meu amigo. Sheila será uma ótima esposa.

Depois de ambos apertarem as mãos, Sheila correu para abraçar o irmão.

– Eu te amo tanto! – exclamou emocionada. – Ninguém tem um irmão melhor!

A expressão de escárnio da madrasta não passou despercebida a Cort. Relutante, soltou os braços de Sheila e entregou-a ao noivo. Seus sentimentos eram conflitantes. Embora estivesse feliz pela irmã, tinha vontade de esmurrar o amigo por levá-la com ele para tão longe.

– Você vai mesmo embora daqui a duas semanas, Tom? – perguntou Cort mantendo a aparente amabilidade.

– Vou, sim. Tenho negócios urgentes a minha espera.

Tom sentiu-se tentado a explicar a Cort o que havia se passado na biblioteca com Jessy, porém mudou de idéia. Já tinha sido muito difícil convencer Sheila da inocência do abraço e o melhor era colocar uma pedra sobre o assunto. Além do mais, Cort mostrava-se amável e concordara com o casamento. Sinal de que Jessy tinha dado uma desculpa plausível para o encontro de ambos.

– Onde andaré Jessy? – perguntou Sheila. – Quero contar-lhe logo a novidade.

– Não faço idéia -, replicou Cort evasivo.

– Vou procurá-la no quarto. Ela vai ficar tão contente quanto eu ao saber do meu casamento.

– Cortland, por que não deixa Jessy ir conosco? – sugeriu Marie após a saída de Sheila.

– Não! Jessy fica.

– A troco de quê? Só para continuar a levar essa vida miserável a seu lado? Graças a Deus, Sheila não vai se casar com um tipo igual a você!

Nem ela nem Cort viram Tom deixar a sala.

– Pelo menos, sua irmã não vai mais morar numa casa onde não existe nada além de ódio entre as pessoas – acrescentou ela.

– E quem foi que semeou esse ódio, Marie? Desde seu casamento com meu pai, não fez outra coisa senão destilar seu veneno. Não planeje escapar de mim. Quando Jessy e eu formos ao casamento, esteja pronta para voltar conosco. Você não gostaria que os Sterling descobrissem certas verdades sobre a futura família do filho, não é? Calcule o escândalo que isso provocaria.

– Vai ser um casamento grandioso, tenho certeza, assistido pela fina flor da sociedade não só do Leste como também daqui de Topeka.

– Cort – chamou Sheila ao voltar à sala. – Não encontrei Jessy – contou desapontada.

– Procurou pelo resto da casa? – indagou Cort.

– Não, mas vou ver por aí.

– Deixe que eu faça isso.

– Talvez ela tenha fugido – sugeriu Marie com um leve sorriso. – Você a forçou bastante a tomar uma atitude drástica, Cortland.

Bravo, ele ignorou o comentário e saiu. Vasculhou a casa em vão e só na cozinha obteve informações sobre Jessy. Uma empregada a tinha visto sair por ali havia uma hora mais ou menos. Do lado de fora, Cort viu logo as marcas dos pés pequenos de Jessy na neve. Elas iam em direção ao estábulo.

– Tod? – chamou ele ao entrar e fechar a porta.

– Aqui em cima – respondeu o empregado do topo de um monte de feno. – Deseja alguma coisa senhor?

– Viu a Sra. Lancaster?

– Vi, sim. Ela saiu para dar um passeio algum tempo atrás. Com este frio, já deveria estar de volta. Tentei convencê-la a ir de charrete, porém ela não me deu ouvidos.

– Está dizendo que foi a cavalo?

– Sim, senhor.

– Maldita mulher! Ela vai ser a minha ruína! – murmurou entre os dentes para não ser ouvido pelo empregado.

Contudo, ao dar-se conta das palavras, Cort não evitou uma gargalhada. Em algum momento entre a última discussão e agora, ele tinha se decidido em relação a Jessy. Acreditava no que ela havia dito na biblioteca.

Quando tudo estivesse pronto e Sheila e Marie partissem para Boston, ele e Jessy iriam ter uma conversa muito séria.

– O senhor está bem? – perguntou Tod, curioso.

– Estou. Aliás, sinto-me ótimo!

Amargura, mágoa, frustração eram algumas das palavras que ocorriam a Jessy para justificar seu estado de espírito quando desmontou em frente da imobiliária Shawnee County. Simplesmente não suportava mais a instabilidade de humor de Cort e suas acusações infundadas. Estava decidida a ir para Kansas City, mesmo que fosse preciso vender seus poucos bens. Não lhe havia ocorrido contar ainda com as terras dos pais até chegar ali no centro da cidade. Lamentava vendê-las, porém, não havia outra alternativa. Resoluta, entrou no escritório.

Pouco depois, voltava à rua bem mais animada. O corretor prometera providenciar em Binge toda a documentação necessária para se efetuar a venda. Ele também havia garantido a possibilidade de uma transação rápida e lucrativa. Existiam sempre pessoas dispostas a pagar bom preço por terras férteis e bem localizadas. Mais um elo com o período bom de seu passado que se partia, refletiu Jessy triste. Paciência. Pelo menos, voltaria a ter algum dinheiro no bolso.

Jessy percorreu o olhar pela rua repleta de lojas e resolveu gastar um pouco do dinheiro de Cort. Mais de uma vez, o marido lhe dissera para comprar o que desejasse. Por que não agora? Havia adquirido esse direito a duras penas, reconheceu amargurada. Tinha sido muito tolo de sua parte não haver feito isso antes.

Parada na calçada, observou as lojas a fim de decidir a qual delas ir primeiro. Viu do outro lado da rua a peleteria e sentiu-se tentada a ir até lá. Contudo, seria impossível enfrentar a pé a travessia na neve transformada em lama pelo movimento constante. Restava-lhe montar novamente.

Na tal loja, comprou uma capa de peles que vinha namorando há muito tempo. Custou um bom preço. A seguir, foi até a chapelaria, onde passou uma hora experimentando novos modelos. Escolheu vários e a vendedora prometeu aprontá-los para o dia seguinte. Jessy sentia um prazer imenso em debitar tudo na conta do marido. Continuou a fazer compras, contudo já estava ficando tarde.

Sem vontade ainda de ir para casa, ela resolveu visitar a Academia de Música de Topeka. Embora não pretendesse continuar morando ali, tinha curiosidade em saber o preço de aulas de piano. Gostava muito de ouvir Sheila tocar e talvez em Kansas City lhe sobrasse algum dinheiro para estudar.

Obtidas as informações, Jessy saiu da academia resolvida a tomar o caminho de casa. Apesar de continuar disposta a evitar um novo confronto com Cort, o sol já caminhava para o poente e o frio aumentara muito. No céu, surgiam nuvens densas prometendo mais neve.

Jessy já soltava as rédeas do cavalo da grade onde o prendera quando sentiu um toque no ombro. Certa de tratar-se de algum conhecido e irritada por ter de conversar naquele frio, virou-se a fim de se livrar do intruso. Mal acreditou em seus olhos.

– Não pode ser! Você está morto!

– Os mortos falam? Não parece muito alegre em me ver, Jessy.

Jessy ficou zozza e caiu ao chão. Quando recobrou os sentidos, embora ainda muito atordoada, percebeu que um estranho a carregava para dentro da academia.

– Ora, ora – exclamou o Sr. Rosenstein, o velho professor de música. – O que aconteceu à Sra. Lancaster?

– Ela desmaiou na calçada – explicou o homem.

– Está tremendo. Deve ser de frio.

– Vamos levá-la a meu escritório onde é mais quente – disse o professor.

Jessy sabia que seu tremor, não se devia ao frio.

Ansiosa, percorreu o olhar à volta a fim de certificar-se estar na companhia dos dois homens apenas. Claro, não podia haver mais ninguém ali. Ela acabava de ter uma alucinação. Jonathan estava morto!

– Muito obrigada – disse quando o estranho bondoso a colocou numa cadeira. – Sinto muito ter-lhe dado tanto trabalho.

– De nada, minha senhora. Fico satisfeito por haver sido útil.

– Sr. Rosenstein, sei que está um tempo horrível, mas poderia mandar alguém chamar meu marido? Estou muito fraca para cavalgar de volta até minha casa.

– Vou providenciar já – prometeu o professor.

Quando os dois homens saíram, Jessy endireitou a saia e aconchegou a nova capa de peles ao corpo. Mesmo assim, o tremor não cedia e as costas doíam por causa da tensão. Até os dentes batiam. Tinha sido um pesadelo, repreendeu-se. Jonathan estava morto! Ou então, ela enlouquecera.

Ansiosa, Jessy achou que Cort levou um século para aparecer. Ao vê-lo, levantou-se e correu-lhe ao encontro. Só quando se sentiu amparada pelos braços fortes do marido, teve certeza de estar segura.

Num gesto rápido, Cort a levantou no colo e levou-a até a charrete parada em frente à academia. Em questão de segundos soltou o cavalo de Jessy e prendeu-o atrás do veículo.

Não soube o que pensar quando se sentou ao lado de Jessy e ela aconchegou-se bem junto dele. Ainda não tinham se encontrado depois da discussão na biblioteca e não fazia parte do temperamento de Jessy esquecer e perdoar depressa. Ou muito se enganava, ou a mulher estava muito amedrontada.

Tão logo as ruas movimentadas ficaram para trás e Cort viu-se capaz de controlar as rédeas com apenas uma das mãos, passou o braço pelos ombros de Jessy e puxou-a de encontro a si.

– Não vai demorar muito para chegarmos em casa e eu mandarei chamar o Dr. Matson para vê-la – disse com o fito de tranquilizá-la.

– Não! – protestou. Porém, ao dar-se conta da veemência, Jessy acrescentou em tom mais brando: – Não vai ser necessário.

– Mas você desmaiou!

– A culpa foi de Prudence por apertar demais o meu espartilho – mentiu Jessy. – Naturalmente, passar tantas horas no frio também contribuiu para o meu mal-estar. Quando chegar em casa, vou tomar um banho bem quente e um prato de caldo de galinha. Depois, pretendo me deitar. Amanhã, você vai ver, estarei ótima.

Cort pressentiu algo errado, porém, como Jessy insistisse em não revelar nada, permaneceu calado.

Quando Jessy se deitou após o banho quente e o estimulante caldo de galinha, estava convencida de que a aparição repentina de Jonathan não tinha mesmo passado de alucinação de sua mente conturbada.

Cort veio várias vezes ao quarto para saber de seu estado e até Marie apareceu para vê-la. Com boas intenções, ela sugeriu o chá de uma erva especial para afugentar resfriados. Todavia, foi a visita de Sheila com a novidade sobre o casamento marcado que lhe levantou o estado de espírito.

– Jessy, quero lhe confessar que não estou mais brava por causa do abraço de Tom na biblioteca - disse Sheila, sentada na beirada da cama.

– Ah, fico tão contente, minha querida!

– Admito que me tirou do sério ver vocês dois juntos, mas Tom foi atrás de mim e me forçou a ouvir sua explicação. Ele me contou que você o abraçava para desejar-lhe sorte no pedido de casamento. Jessy, você não achou estranho Tom lhe pedir para ensiná-lo as palavras adequadas a uma proposta de casamento? Ele tem idade suficiente para sabê-las. Sinal de que nunca passou por essa experiência antes. Sorte minha.

“Ah, então essa fora a desculpa arranjada por Tom”, ponderou Jessy.

– Não, eu me senti muito lisonjeada. E então, ele falou direitinho, ou ficou nervoso e gaguejou?

– Tom foi um perfeito cavalheiro e bem formal – contou Sheila. – Foi tão engraçado!

Sem se conter, ela riu divertida e Jessy acompanhou-a contagiada por sua alegria.

– Para ser honesta, Jessy – continuou Sheila ficando séria -, foi muito bom ter apanhado vocês dois se abraçando. Até então, eu não tinha me dado conta da profundidade do meu amor por Tom.

Sheila continuou a conversar por muito tempo. Falou sobre Tom, a viagem para Boston, o vestido de noiva, a saudade que sentiria da família, enfim, tudo o que lhe vinha à mente relacionado ao casamento. Quando foi embora, Jessy sentia-se exausta. Estendeu a mão e apagou a lamparina ao lado da cama.

Jessy acordou assustada. Sabia haver tido um pesadelo, porém não se lembrava dele. Também não conseguia livrar-se da estranha sensação de medo.

Ora, estava sendo ridícula, censurou-se ao sentar e pôr as pernas para fora da cama. De repente, ela sentiu o perfume da água de lavanda usada por Jonathan.

– Meu Deus! – murmurou, tentando recobrar a calma. – Estou mesmo enlouquecendo!

Ergueu-se da cama e tentou acender a lamparina. Contudo, o tremor que a sacudia e a escuridão a fizeram bater na manga da lâmpada. Com um estalido, a peça espatifou-se no chão.

Quase no mesmo instante, a porta de comunicação com o quarto de Cort abriu-se. Angustiado, Jessy dirigiu o olhar para ela certa de ver Jonathan surgir. Seu medo tornou-se tão forte que nem se atrevia a respirar. A luz iluminou a passagem e, então, reconheceu Cort com uma vela na mão. Com um suspiro de alívio, Jessy fez menção de ir ao encontro do marido.

– Cuidado! Fique onde está, senão vai cortar os pés nesses cacos de vidro – advertiu ele aproximando-se e tomando-a no colo.

– Por favor, Cort, deixe-me dormir com você – pediu baixinho, ao mesmo tempo que apertava os braços à volta do pescoço dele.

Cort levou-a ao quarto vizinho e deitou-se a seu lado na cama. Ao sentir-lhe o corpo trêmulo, aconchegou-a entre os braços.

– Jessy, o que aconteceu?

– Tive um pesadelo horrível – murmurou ela. Falara com o rosto apoiado no peito de Cort e sua voz saía abafada. Que outra explicação poderia dar? Que estava ficando louca? Indagou-se nervosa.

No dia seguinte, Jessy amanheceu muitíssimo melhor. O sono tranqüilo ao lado do marido tinha lhe restituído a calma. Cort sugeriu que repousasse por uns dois dias, porém ela negou-se a ficar parada. Precisava ocupar-se e esquecer as visões da tarde e da noite da véspera. Esforço vão. Atarefada pela casa, dando ordens aos criados e verificando-lhes a eficiência, continuava a pensar nos acontecimentos. Não entendia como sua mente tinha conseguido conjurar a pessoa de Jonathan. Ouvira contar que os ciganos eram capazes de realizar tal façanha com os mortos, porém tratava-se de sua primeira experiência nesse campo. Esperava ser a última também.

Cort, por outro lado, encarava os fatos por um ângulo completamente diferente. Ao

lado de Jessy, observava-a com atenção na esperança de detectar algum sinal de gravidez.

Seria a única explicação para o desmaio e para seu bom estado de saúde agora. Embora fosse um raciocínio plausível, algo o instigava a rejeitá-lo. Contudo, se Jessy não se encontrava grávida, devia existir um problema muito grave, ignorado por ele, que lhe provocava tanta inquietação.

Entretida com os planos da festa de noivado de Sheila e Tom, Jessy acabou por afastar as preocupações da mente. Havia convites para serem escritos, o preparo da ceia, a contratação de músicos, o rearranjo dos móveis para dar lugar à pista de dança e a confecção dos vestidos de baile. Tudo para ser providenciado num curto espaço de tempo.

Jessy e Marie incumbiram-se dos trabalhos referentes à casa enquanto os noivos cuidavam dos convites. Cort encarregou-se das demais tarefas e até contratou uma costureira e ajudantes para virem trabalhar na casa.

Durante esse período de grande atividade, Jessy quase não via o marido. Todavia, notou-lhe uma mudança acentuada. Cort mostrava-se atencioso e gentil com ela, mas não a ponto de dissipar suas desconfianças. Cada vez *que* reformulava os planos de ir embora, ele fazia ou dizia algo muito especial. Suas esperanças de um casamento feliz, então, renasciam. Porém mantinha uma certa cautela. Em vez de se convencer de uma mudança definitiva do comportamento do marido, aguardava outra crise de agressões e injúrias. Enquanto isso, apreciava as noites passadas na cama de Cort e a paixão com que ambos faziam amor.

Sentada à frente do espelho de cristal, Jessy retorcia as mãos e Prudence tentava penteá-la.

– Por favor, Sra. Lancaster, se não ficar parada não vou conseguir prender seus cabelos e a senhora não ficará pronta a tempo.

– Desculpe, Prudence – pediu ao pôr as mãos no colo. Estava nervosíssima. Essa era a primeira festa que ajudara a organizar.

Finalmente, a criada pôde puxar os cabelos para um dos lados da cabeça onde fez um coque de cujo centro pendiam as pontas encaracoladas. Depois de verificar se a cabeleira estava presa com firmeza, pediu para Jessy se levantar.

Com o máximo cuidado, Prudence passou-lhe o vestido pela cabeça e ajeitou-o no

corpo. Enquanto fechava os botõezinhos nas costas, Jessy olhou-se no espelho. Ficou muito satisfeita. A seda natural tinha quase a mesma tonalidade de seus cabelos. As mangas bufantes erguiam-se ao longo dos ombros e a blusa, cheia de preguinhas e trespasada na cintura, tinha um decote em “V” acentuado. A saia longa, também com pregas soltas, acentuava-lhe a cintura delgada. Aliás, mais fina agora com o espartilho apertado por Prudence.

– Como estou? – indagou à criada.

Feliz com seu trabalho, Prudence riu.

– Não existe outra mulher em Topeka tão linda como a senhora. Vai se divertir bastante no baile. Todos os homens vão querer dançar com a senhora, garanto.

Notando o brilho nos olhos de Prudence, Jessy condeou-se da empregada.

– Você tem namorado? – perguntou. – Também é uma moça muito bonita.

– Não, sou muito alta para a maioria dos homens, Sra. Lancaster.

– Bobagem. Qualquer dia destes vai aparecer um e tomá-la de surpresa – afirmou Jessy.

– Bem que eu gostaria – confessou Prudence. Sorridente, Jessy deixou o quarto.

A festa corria em absoluto sucesso; Até então, nada saíra errado, e caso houvesse ocorrido algum deslize os convidados não teriam notado. Entre as danças, Jessy fazia questão de conversar com as amigas de Marie. Há muito tinha aprendido que cultivar-lhes simpatia trazia certas vantagens. As matriarcas de Topeka, donas de línguas felinas, poderiam destruir a reputação de uma mulher em questão de horas.

Após uma dança longa e de ritmo acelerado nos braços de Cort, e sem chamar a atenção, Jessy apanhou a capa de peles e dirigiu-se ao terraço da frente para recuperar o fôlego. O ar frio da noite provocou-lhe uma sensação agradável, mas não podia demorar-se muito.

O que diriam as amigas da sogra se a vissem entrar arroxeadas de frio? Provocariam um escândalo.

De repente, Jessy sentiu um braço à volta da cintura ao mesmo tempo que uma forte mão enluvada tapava-lhe a boca. Consumida pelo medo lutou desesperadamente, porém em vão. Devagar, foi puxada para o extremo escuro do terraço.

– Não é certo lutar contra seu marido, Jessy – o homem murmurou em seu ouvido.

Mal conseguindo respirar, Jessy aquietou-se.

– Assim está melhor. Vou solta-la, mas aconselho-a a não gritar ou provocar qualquer comoção. Se não me atender, eu simplesmente explicarei a seu outro marido que nós dois juntos planejamos o seu casamento com ele. Ou, melhor ainda, talvez eu o mate. Estamos entendidos.

Jessy sacudiu a cabeça em sinal de assentimento e, em seguida, Jonathan soltou-a bem devagar. No mesmo instante, ele a forçou a virar-se e encará-lo.

– Precisamos conversar – declarou ele. – Daqui a uns dias, você receberá um bilhete dizendo onde deverá ir se encontrar comigo.

– Não! – exclamou Jessy em voz abafada.

– Sim! Se sente alguma consideração pelo grande King Lancaster, vai me obedecer à risca. Pode contar a ele esse nosso encontro, mas lembre-se de uma coisa. Você é bígama. Isso constitui crime passível de prisão. Ele jamais vai acreditar que você ignorava o fato de eu estar vivo.

– Mas eu não sabia – balbuciou Jessy.

– Tente convencê-lo.

A tarefa era realmente impossível. Sem fundamento algum, Cort já a tinha acusado de tentar matá-lo. Jamais acreditaria na sua palavra. Mesmo porque não existiam provas para substanciá-la.

– Como você...

– Nada de perguntas agora – interrompeu Jonathan. – Elas vão ficar para quando nos encontrarmos.

Jessy ouviu-o se afastar e, logo depois, vislumbrou-lhe a silhueta ultrapassando um banco de neve. O luar pálido refletiu nos cabelos loiros no momento em que ele desaparecia de vista. Atordoada, encostou-se na parede. Jonathan estava vivo! O horror de sua situação era esmagador. Jessy queria levantar os pés e fugir correndo. Mas para onde?

– Jessy? Você está aqui no terraço?

Ao ouvir a voz de Cort, Jessy conscientizou-se da necessidade de fazer a maior encenação de sua vida. Não podia levantar a menor suspeita no marido. Recorrendo a forças que até então ignorava possuir, ergueu os ombros e respondeu em voz calma:

– Estou aqui no canto. Vim respirar um pouco de ar frio.

Cort tomou-a nos braços e beijou-a com paixão. Depois, afastou um pouco os lábios e perguntou:

– Já lhe disse como está linda esta noite?

– Não. Fico contente em agradá-lo.

– Agradar?! Moça, você me enlouquece! Só eu sei o que me custa não levá-la já para o meu quarto.

Jessy sabia que, se Cort descobrisse a verdade sobre Jonathan, essa poderia ser a última noite de amor entre eles. Sentia uma vontade imensa de ficar entre os braços do homem a quem amava.

– Eu também gostaria de subir – replicou acariciando-lhe o rosto. – Mas e os convidados?

– Podem ir todos para o inferno. Quero você só para mim. Já cansei de vê-la rodopiando nos braços de outros homens.

Guiando-a pela mão, Cort levou Jessy até a entrada dos fundos de onde subiram para o quarto.

CAPÍTULO XV

Sozinha em seu quarto e deitada ainda, Jessy observava o clarear do dia e lutava contra o desespero angustiante que ameaçava destruí-la. Sua vida transformara-se num inferno de espera inútil. Mais de duas semanas haviam se passado desde a aparição de Jonathan na noite do baile, entretanto o bilhete prometido não tinha chegado ainda. Cada vez que ouvia alguém bater à porta, Jessy entrava em pânico. Havia perdido vários quilos e, por causa das noites mal dormidas, apresentava olheiras profundas. Marie também a importunava. Após a partida de Tom, a sogra começara a recriminá-la por haver deixado a festa mais cedo em companhia de Cort, sem se importar com os convidados.

Alheia ao frio do ambiente, Jessy descobriu-se e virou de bruços na cama. Mais uma vez, maldizia-se por não ter aberto o caixão de Jonathan e verificado se, de fato, ele

encontrava-se lá dentro. Caso o tivesse feito, não estaria agora vivendo esse terrível pesadelo. Lembrou-se das várias vezes em que planejara deixar Cort. Tarde demais, lamentava não ter ido embora. Tanto mal poderia haver sido evitado se ela não tivesse permitido que o amor lhe ditasse as ações.

Cort já imaginava a existência de algo errado, situação inevitável. Embora ela sempre mantivesse sorriso na presença do marido e mostrasse animada com os preparativos do casamento de Sheila, sua aparência a desmentia. Em várias ocasiões, o marido tratara arrancar-lhe confidências; porém Jessy esquivara-se. Não suportaria ver o ódio renascer no olhar de Cort quando ele se inteirasse da verdade sobre Jonathan. Ela poderia passar o resto da vida argumentando sem conseguir levá-lo a aceitar a verdade. Como não demonstrasse confiança nela, Cort retraía-se novamente. Já não mais dormiam juntos. Talvez fosse melhor assim, refletiu Jessy triste. Com Jonathan vivo ela e Cort não tinham futuro.

Jessy levantou-se. Continuar deitada só servia para alimentar as reflexões aflitivas. Como estivesse descalça, sentiu frio nos pés e, ao terminar de lavar o rosto na bacia, seu corpo tremia.

A viagem de Sheila para Boston fora uma providência divina, reconheceu Jessy enquanto punha um vestido de lã cinzenta e grossa. As compras, a embalagem do enxoval e as intermináveis sessões para experimentar vestidos mantinham todos ocupados. Esse rebuliço envolvente era a única coisa que a impedia de ter um colapso nervoso.

Depois do almoço, Jessy encontrava-se no quarto de Sheila recuperando-se da manhã exaustiva passada em compras na cidade. Sem parar, a cunhada falava sobre a viagem a Boston enquanto a costureira a fazia experimentar mais um vestido.

– Jessy, não conte a ninguém, mas estou morta de medo de que os pais de Tom não gostem de mim.

– Você está absolutamente convencida de que casamento com Tom é o melhor para sua vida?

– Naturalmente! Sem sombra de dúvida!

– Então, minha querida, se os pais de Tom aprovarem ou não, isso não tem muita importância. Você e Tom sempre terão um ao outro. Mas é impossível, Sheila, alguém não gostar de você. Além do mais, sendo irmã do famoso King Lancaster, está garantida. Ninguém teria outra escolha senão gostar de você – gracejou Jessy.

– Imagine só se Cort desse um soco no nariz de quem me olhasse atravessado! – Sheila comentou, rindo.

– O tecido para o vestido de noiva já chegou? – perguntou Marie ao entrar no quarto.

– Não, madame – respondeu a costureira responsável pela encomenda. Deve estar aqui dentro de uma semana.

– Jessy, não acha que as mangas deste vestido estão meio caídas? – indagou Sheila em frente ao espelho.

Jessy não conseguiu falar. Tinha o olhar fixo no envelope que Marie revirava nas mãos.

– Na minha opinião, Sheila, as mangas estão ótimas – opinou Marie. – Tem certeza, sra. Fletcher, de que vai aprontar o vestido de noiva a tempo?

– Claro, sra. Lancaster. Conto com cinco ajudantes.

– Sei disso. Não faça pouco de minhas dúvidas, ou contratarei outra costureira – advertiu Marie.

– Por favor, mamãe, pare de se afligir. Vamos partir no dia marcado, tenho certeza – afirmou Sheila.

– Marie – começou Jessy quando conseguiu manter-se calma – por acaso esse envelope é para mim?

– Ora, é mesmo. Até me esqueci dele. Encontrei-o no chão do vestíbulo. Alguém deve ter posto por baixo da porta. Com certeza, bateram e ninguém atendeu.

Preciso chamar a atenção dos criados. Eles estão começando a ficar muito negligentes para o meu gosto – reclamou Marie.

Jessy conteve o impulso de pular e arrancar-lhe o envelope das mãos. Levantou-se bem devagar e disse:

– Concorde com você, Sheila. Essas mangas precisam subir um pouco nos ombros.

Em seguida, apanhou o envelope das mãos da sogra, agradeceu e, como se gozasse da maior calma do mundo, deixou o quarto da cunhada e dirigiu-se ao seu.

Tão logo trancou a porta atrás de si, Jessy rasgou o envelope e reconheceu a letra de Jonathan no bilhete.

“Jessy, agora que já lhe dei tempo suficiente para refletir, estarei a sua espera, hoje,

em frente ao bar Cockeyed Bull às quatro horas da tarde.”

Jessy amassou o papel e atirou-o longe no chão. O momento temido havia chegado. No princípio, tinha planejado dizer a Jonathan que vivia feliz e suplicar-lhe que a deixasse em paz. Com o passar dos dias, naturalmente percebera não ser essa a solução satisfatória. Continuar a viver imersa na aflição temendo o reaparecimento inevitável de Jonathan. As cartas tinham sido dadas e ela era a perdedora da aposta.

Jessy relanceou o olhar pelo quarto. Durante muitos anos no futuro, lembrar-se-ia dele com saudade. Gostaria de despedir-se de Sheila e Marie e agradecer-lhes por tantos momentos felizes, porém essa atitude seria arriscada demais. E quanto a Cort? Daria tudo para compartilhar-lhe da cama pela última vez e fingir que alimentaria o amor por ele pelo resto da vida.

Jessy retirou os anéis e colocou-os na mesinha de toalete. Já começava a tirar a capa de peles do armário quando mudou de idéia. Pendurou-a de novo e apanhou um casaco grosso de lã. Não levaria nada exceto as roupas simples com que se encontrava agora.

Ao descer as escadas apressada, prendeu a respiração ao ver Cort entrar pela porta da frente. Não podia voltar ao quarto e esconder-se. O marido já a tinha visto.

– Aonde vai com tanta pressa? – Cort perguntou quando Jessy aproximou-se. Sorrindo, tomou-a nos braços. – Sabe, estou com saudade de você, em minha cama – murmurou-lhe ao ouvido.

O abraço e as palavras inesperadas provocaram-lhe lágrimas. Como Jessy desejava permanecer ali pelo resto da vida! Mas era impossível, via-se de mãos atadas. Retesando o corpo, Jessy empurrou Cort e estapeou-lhe o rosto.

– Então, sente falta de mim em sua cama? Não seja ridículo! Estou cansada de ser usada quando você tem necessidade. Para ser franca, estou farta de uma porção de coisas. Não suporto mais viver com um homem cujo humor varia de uma hora para outra, que me faz acusações horríveis e me trata como se eu fosse de categoria inferior à dele. Quero o divórcio, King Lancaster! E já! – esbravejou, porém, ao ver-lhe a expressão de raiva, virou-se e acrescentou num tom mais brando: – Como não consegui engravidar, creio que você não se oporá à separação. Também não terá de se preocupar a respeito de dinheiro e bens pessoais. Não pretendo levar nada comigo. Aliás, nem vou ficar por aqui muito tempo.

– Já terminou?

– Sim. E agora, com licença. Tenho um compromisso na cidade – informou Jessy.

– Com quem? – indagou Cort bravo.

– Vá para o inferno, Cort! Isso não é da sua conta – declarou ela e vestiu o casaco. –

Por acaso permite que eu questione suas idas e vindas? Por que não posso gozar do mesmo direito? Mas, se quer mesmo saber, vou à chapelaria a fim de cancelar uma encomenda. Como não foi entregue no dia prometido, desisti de esperar.

– Talvez seja bom eu acompanhá-la.

– Com que finalidade?

– Para provar que não sou tão insensível quanto imagina – respondeu Cort saindo de sua frente.

A ida de Cort com ela à cidade seria desastrosa e era preciso impedi-la. Jessy fitou-o com desdém e declarou:

– Dispensar a sua companhia!

– Como queira, minha cara. Porém devo avisá-la de uma coisa. Logo, logo você e eu vamos ter um conversa muito séria. Juro, e tomo o diabo como minha testemunha, que vou arrancar-lhe as verdades pelas quais venho esperando há tanto tempo.

Ao ver Jessy sair de casa, Cort foi tomado por uma sensação estranha, uma necessidade imensa de afastar Sheila dali. Tinha certeza de que algo ruim estava para acontecer e com o envolvimento de Jessy. Para a segurança da irmã e de Marie também, teria de mandá-las para Boston o mais depressa possível. Não convinha esperar, embora não soubesse por quê.

Preocupado, dirigiu-se à biblioteca. Após servir-se de uísque, abriu a caixa de charutos para apanhar um. Como em outras ocasiões, estava quase vazia. Teria Jessy começado a fumar? Nas vezes anteriores, ao ter a mesma idéia, achara graça. Agora, não. Estava bravo e não só porque Jessy o estapeara.

Sentado à escrivaninha, Cort inclinou a cadeira para trás. O que teria acontecido naquele dia na cidade quando Jessy desmaiara e também na noite do baile? Refletiu pela centésima vez. Desde então, e apesar de disfarçar, o medo da mulher tinha sido óbvio e não desaparecera mais. Nas poucas vezes em que fizeram amor depois desses acontecimentos, Jessy agarrara-se a ele com desespero. Às vezes, ao contrário, afastava-se para a beirada da cama e não o deixava tocá-la. Mais de uma noite, ele havia acordado e visto Jessy chorar

dormindo. Ao mencionar o fato com o fim de ajudá-la, ela tornara-se esquivada e decidira voltar a dormir no próprio quarto. Agora, Jessy o acusava por não procurá-la. Nada fazia sentido e, muito pior, existia algo perigoso na situação. Cort pressentia uma explosão de acontecimentos e desejava encontrar-se preparado para enfrentá-la. Seria um alívio quando tudo se esclarecesse. Por Deus, estava tateando no escuro há tempo demais.

Cort levantou-se, saiu da biblioteca e subiu ao quarto da irmã. Depois de chamar do lado de fora e de receber permissão para entrar, ele abriu a porta.

– Cort, chegue mais perto – convidou Sheila. – Veja, a Sra. Fletcher acaba de terminar este vestido. Não ficou lindo? – perguntou rodopiando a fim de dar uma visão completa da peça.

– O que ele entende de roupas de mulheres? – perguntou Marie da cama onde se sentava.

– O vestido está lindo, maninha, e você, mais ainda. Tenho pena de Tom.

– Ora, por quê?

– O coitado vai ter de espantar os outros homens a sua volta, Sheila – afirmou rindo.

– Você é suspeito em relação a mim – disse Sheila.

– Seu trabalho é muito bom, Sra. Fletcher – Cort elogiou a costureira. – Quanto tempo vai levar ainda para terminar tudo, exceto o vestido de noiva?

– O que quer dizer? – indagou Marie.

– Exatamente o que você ouviu, mas a minha pergunta foi para a Sra. Fletcher. Eu gostaria de saber se a senhora poderia estar com tudo pronto até a chegada do tecido para o vestido de noiva.

– Bem, é possível – respondeu a costureira.

– Muito bem. Se for preciso, contrate mais ajudantes – recomendou Cort.

– Quais são seus planos, Cortland? – Marie quis saber – Sheila não pode se casar sem um vestido de noiva!

– Não diga! Não acha que está tirando conclusões muito apressadas, Marie? Vá com Sheila encontrar-se comigo na sala de estar assim que ela trocar de roupa.

Quando as duas entraram na sala, Cort estava em pé, perto da janela. O semblante da madrastra exprimia raiva e o da irmã, apreensão.

– Sentem-se e relaxem. Não há nada para se preocuparem. Tive uma idéia da qual

vocês vão gostar muito.

Cort esperou até Sheila e Marie se acomodarem no sofá para continuar:

– A ida de Sheila a Boston tem duas finalidades: conhecer a família de Tom e verificar se gostaria de morar nessa cidade. Se ela achar tudo satisfatório, então a cerimônia do casamento será realizada lá. Certo?

As duas sacudiram a cabeça em sinal de acordo.

– Pois então, sugiro o seguinte. Tão logo os outros vestidos fiquem prontos, vocês embarcarão. Isso dará mais tempo para Sheila se ambientar e não tomar uma resolução precipitada. Caso decida se casar, o vestido de noiva será feito lá. Sem dúvida alguma, Boston deve ter excelentes costureiras e vocês levarão o tecido daqui. Não me entenda mal, Sheila. Minha intenção não é mandá-la embora depressa, e sim proporcionar-lhe a oportunidade de resolver sua vida com calma.

– Sei disso, Cort, e sua idéia é ótima – concordou a irmã animada.

Até Marie ficou satisfeita com a perspectiva de antecipar a viagem.

– Agora, cabe a vocês me avisarem um pouco antes de se encontrarem prontas para eu poder telegrafar a Tom.

– Daqui a dois dias já saberemos ao certo – informou Marie ao levantar-se.

– Muito bem – concordou Cort.

– Você viu Jessy, Cort? – indagou Sheila. Ela deixou meu quarto depois de mamãe lhe entregar um bilhete e não voltou mais.

– Ela foi à cidade por causa de uns chapéus.

– Estranho. Jessy estava tão entusiasmada com eles quando me mostrou! Por que iria devolvê-los?

– De quem era o bilhete e o que dizia?

– Não sei – respondeu Sheila sem notar a desconfiança do irmão.

– Vamos voltar lá para cima, Sheila – disse Marie, impaciente. – Temos muito para fazer. Jéssica logo estará de volta, com certeza.

Cego de raiva, Cort nem viu Sheila e Marie saírem da sala. Só podia pensar na mentira de Jessy ao contar que não havia recebido os chapéus. Sem perda de tempo, foi até o quarto da esposa. Fechou a porta a chave e relanceou o olhar à volta. A primeira coisa que viu foram os anéis na mesinha de toalete. Onde teria ela escondido o bilhete? Não demorou

muito para encontrar a bolinha de papel amassado perto do pé da cama. Apanhou-a e, com cuidado, desenrolou-a.

Após ler o recado, a fúria de Cort excedeu a todos os limites. Sua única vontade era apertar as mãos à volta do pescoço da mulher falsa e fingida. O bilhete provava que Jessy tinha um outro homem além de continuar as ligações com pessoas desclassificadas. O bar Cockeyed Bull era famoso por receber bandidos do Estado inteiro do Kansas. Situava-se num terreno afastado vários quilômetros da cidade e até o delegado fingia não saber de sua existência.

Agora tinha certeza. Jessy estava por trás dos atentados contra sua vida. O gatilho não fora puxado por ela, claro. Pessoa esperta, Jessy tinha usado um cúmplice. Quando Cort lhe falara sobre o testamento, que por negligência ele não havia providenciado, Jessy desistira de matá-lo. Segundo o bilhete, um novo plano ia ser discutido.

Pouco depois, Cort saía de casa. Cavalcando numa carreira desenfreada, vestia-se de preto e usava a jaqueta forrada de pele de carneiro. No coldre do cinturão, as pistolas encontravam-se carregadas.

Já passava das quatro horas quando Jessy aproximou-se do Cockeyed Bull. A construção era rodeada por uma cerca de postes altos que lhe dava a aparência de um forte. Tinha vontade de voltar para trás, porém não restava outra escolha senão resolver o problema logo.

Com as mãos trêmulas, parou a charrete em frente da entrada do bar barulhento. Deu um pulo no banco ao ouvir um tiro e ver um homem sair cambaleando pela porta e cair. Sangue corria-lhe das costas e começava a manchar a neve no chão. Jessy tentou gritar, porém som algum saiu-lhe dos lábios. Jonathan deixava o bar nesse instante com uma garrucha de três canos que enfiou no coldre. Em seguida, ele rumou para a charrete seguido por quatro homens muito sujos e de expressão malévola. Dominada pelo pânico, Jessy sacudiu as rédeas a fim de fugir. Entretanto, antes de o cavalo dar um passo, Jonathan segurou-o pela brida.

– Qual é a pressa? Você mal acabou de chegar e nós nem conversamos ainda – disse ele.

O medo de Jessy aumentou ao fitar os olhos verdes do marido. Jonathan tinha

mudado muito desde os tempos em que moravam no casebre em Binge. Havia uma certa crueldade em sua expressão.

– Eu me recuso a ficar aqui – ela conseguiu dizer.

– Nem essa é a minha intenção – declarou Jonathan subindo na charrete e forçando-a a afastar-se para o lado para que ele dirigisse o veículo.

– Para onde vai me levar? – demandou Jessy.

– À cabana de uma pessoa conhecida onde poderemos conversar a sós e à vontade.

Os quatro homens, a cavalo, puseram-se a passo atrás da charrete. Apavorada, Jessy não fazia idéia do que lhe ia acontecer nem como escapar dessa situação.

Depois de percorrerem uma curta distância, Jonathan parou a charrete e tirou um pano preto do bolso.

– Desculpe o mau jeito, Jessy, mas vou ter de vender seus olhos.

– Por quê? – indagou Jessy levantando as mãos num gesto de defesa.

– Por uma razão muito simples. Se cometer a tolice de contar a alguém sobre nosso encontro, não saberá dizer aonde a levei. Agora, seja boazinha e deixe-me colocar a venda. Caso contrário, terei de tomar uma atitude drástica e estragar esse seu lindo rostinho com um soco. Desmaiada você também não descobrirá para onde vai indo.

Jonathan inclinou-se, colocou o pano sobre os olhos dela e amarrou-o atrás da cabeça com firmeza. Ciente de que qualquer reação seria inútil Jessy manteve-se passiva.

Consumida por uma imensa tristeza, além do medo ela não prestou atenção ao tempo que gastavam no trajeto. Pensava em Cort, no seu amor por ele e no grande ódio dispensado a Jonathan. Esse sentimento não era provocado apenas pela maneira com que a tratara no passado como também pela audácia de encontrar-se vivo e ameaçá-la com novas explorações. Cort era cem por cento mais homem do que Jonathan jamais fora ou viria a ser. E como, em seu juízo perfeito, considerara atraente este maldito? As feições delicadas lembravam as de uma mulher e os cabelos loiros eram mais ralos e opacos do que se lembrava.

Jessy sentiu a charrete parar. No instante seguinte, a venda foi removida de seus olhos. Encontravam-se à frente de um casebre miserável feito de tábuas, pedaços de trilhos de trem e lona. Dava a impressão de que tombaria à menor rajada de vento.

– Vocês esperem aqui fora – Jonathan ordenou aos quatro homens. – Eu e a moça

temos um assunto para tratar.

Disposta a não se deixar tocar por Jonathan, Jessy desceu logo da charrete, afastou a cortina de lona e entrou no casebre. Surpreendeu-se com a ordem e a limpeza do lugar. Então, viu Yana. A moça tinha um enorme hematoma no rosto. Usava um vestido de algodão limpo e os cabelos, negros e brilhantes, caíam soltos sobre os ombros. Todavia, o que chamou a atenção de Jessy foi o ventre avolumado de Yana. Ela estava grávida.

Yana fitou-a com um sorriso maldoso e de desprezo e depois cuspiu no chão de terra batida.

– Não seja malcriada – repreendeu Jonathan ríspido. – Afinal, temos de tratar bem nosso investimento.

– Não quero esta mulher na minha casa!

– E eu não ligo a mínima para suas vontades, Yana. Saia já daqui para eu poder conversar em paz com a moça. Os rapazes estão lá fora. Por que não os diverte um pouco com suas danças? Eles vão gostar daquela em que levanta as saias e mostra não usar nada por baixo.

– Pode ser – replicou Yana brava. – Talvez até eu os deixe me apalpar e abrir minhas pernas enquanto esta cadela lhe oferece as suas! Mas aposto como a dengosa não dará a você os prazeres que tem comigo.

– Faça o que bem entender. Agora saia e não volte antes de ser chamada.

Jessy viu Yana enrolar-se num xale grosso e, de cabeça erguida, ir para fora. Embora enojada com as palavras trocadas por Jonathan e a moça, sentiu pena por ela ter de ficar ao relento com aquele frio.

De repente, ocorreu a Jessy que, como já fizera uma vez, talvez conseguisse vencer Jonathan pela esperteza. Para tanto, seria preciso manter a calma e a compostura. Como se dispusesse de todo o tempo do mundo, Jessy percorreu o aposento bem devagar, olhando para tudo, e então sentou-se numa cadeira rústica.

– Se pensa que vou voltar a viver com você, Jonathan, está muitíssimo enganado – declarou com naturalidade.

– Longe de mim pretender tal coisa! Imagine tirá-la daquela casa magnífica que você chama de sua – concordou ele sentando-se também.

– Então, qual é seu propósito com esta atitude?

– Daqui a pouco, eu explico. Você ficou brava por eu mandar envenená-la?

– Do que está falando? – indagou Jessy impaciente.

– Sobre o veneno que mandei Yana colocar na sua comida.

Jessy lembrou-se do quanto se encontrava doente na última ocasião em que vira a criada.

– Pela sua expressão, posso ver que se recorda. Recomendei a Yana para não pôr muito veneno, apenas o suficiente para deixá-la doente.

Custou a Jessy um esforço enorme manter o autocontrole e não revelar seu medo. Mais do que nunca, precisava demonstrar calma.

– Ora, foi muita consideração de sua parte não me matar. Posso saber o porquê de tanto trabalho?

– Para lhe dar uma lição. Quero que saiba que está nas minhas mãos, não importa sua segurança aparente. O Sr. Lancaster não pode protegê-la – declarou ao tirar um charuto do bolso do colete e acendê-lo.

Imediatamente, Jessy reconheceu o cheiro do tabaco.

– Onde conseguiu isso? – perguntou perplexa.

– Fiz Yana pegar várias caixas de sua casa. King Lancaster só fuma o melhor e, como ele compartilha de minha mulher, não vejo razão para eu não fazer o mesmo com seus charutos – respondeu com um sorriso cínico.

Cada vez mais, Jessy se inteirava das dimensões do perigo em que se encontrava. Contudo, não podia entrar em pânico.

– Ora, Jonathan, tenho de dar a mão à palmatória – confessou alisando a saia. – Você foi muito esperto. Sempre admirei isso num homem.

O prazer estampou-se no semblante de Jonathan.

– Ah, eu planejei tudo e ninguém desconfiou de nada. Não quer saber como arranjei as coisas?

– Claro – respondeu Jessy fingindo interesse nas falcatruas de Jonathan.

Animado, ele inclinou-se para a frente e apoiou os braços na mesa.

– Lembra-se de quando me levou até aquele médico bêbado? Pensei estar morrendo, porém ele me garantiu que eu viveria. No mesmo instante, comecei a planejar. B.J. tinha matado o vaqueiro que tinha atirado em mim. Não apareceu pessoa alguma para reclamar o

corpo. Com a promessa de um bom dinheiro, o médico concordou em colocar o defunto num caixão supostamente meu. Depois, bateu uns pregos bem fortes e todos acreditaram que eu tinha morrido e estava sendo enterrado.

– E como você me encontrou?

– Essa foi a parte mais fácil– replicou Jonathan seguindo a fumaça do charuto com o olhar. – Ao saber de sua partida, imaginei que tivesse ido para Kansas City onde eu teria um trabalhão para encontrá-la. Mas o médico ouviu dizer no bar que B.J. estava rastreando você. – Jonathan, satisfeitíssimo em relatar as proezas, fez uma pausa. Jogou o charuto no chão, colocou os cotovelos na mesa e apoiou o rosto nas mãos. – B.J. nunca foi muito inteligente. Quando a descobriu em Topeka, ele espalhou pelos quatro ventos como ia levá-la de volta para longe e engravidá-la em três tempos. Porém nunca mais apareceu.

– Ele está morto – contou Jessy com uma tranqüilidade quase exagerada. Notou um brilho anormal nos olhos de Jonathan e percebeu o quanto precisava ser cautelosa. – Por que você queria me encontrar? – perguntou sem traço algum de medo na voz.

– Você estava com o meu dinheiro e o colar! Os dois me pertenciam, não a você!

– Foi você quem roubou a maleta?!

– Yana, por ordem minha. Dei um bom destino às coisas.

– O colar era meu! Foi de minha mãe!

– De jeito nenhum! Eu tinha direito a ele por ter me casado com você quando seus pais morreram. Você não entende, Jessy? Tudo o que você tinha fui eu quem lhe deu. Não era muito, eu sei, mas, quando nos mudássemos para Kansas City, estaríamos bem de vida. Naturalmente, não seria nada comparado com a sua situação de agora.

“Meu Deus, o homem está louco!”, refletiu Jessy.

– Jonathan, você tentou matar Cort? – perguntou.

– Várias vezes, mas o idiota tem uma sorte dos diabos. Com ele morto, você herdaria todos os bens e eu, coma seu marido, receberia tudo.

Agora os fatos começavam a fazer sentido. Todas as acusações de Cort sobre Marie e Jessy tentarem matá-lo eram válidas. Ele jamais suspeitaria de que Jonathan continuava vivo. B.J. morrera, portanto quem mais demonstrava par meio de queixas a vontade de eliminá-lo?

Todas suas lágrimas, raiva e frustração tinham sido provocadas par este homem a

sua frente, reconheceu Jessy.

Lamentava não haver trazido uma arma. Mataria Jonathan sem um segundo de hesitação e disposta a sofrer as conseqüências. O homem era a encarnação do mal.

Precisava urgentemente descobrir-lhe os planos para o futuro. Se as conhecesse, talvez pudesse miná-las e evitar angústias para a família Lancaster.

– Se esse era o seu propósito, por que esperou tanto tempo para entrar em contato comigo?

– Bem, eu desconfiava da falta de amor entre vocês dois, mas precisava ter certeza. Na minha opinião, você tinha casado por interesse. Yana me contou como as empregadas comentaram o fato de Lancaster deixá-la sozinha no dia seguinte ao do casamento. Concluí que você havia lhe dado o mesmo tratamento dispensado a mim, quer dizer, nada de contato físico. Mesmo assim, eu não estava bem certo. Então, vi Lancaster acompanhar uma mulher pela cidade, uma tal Amy Rothchild. Fiz umas investigações e descobri que ele lhe pagava todas as cantas. Isso sem falar nas visitas dele à pensão onde a fulana morava.

O ciúme inflamou Jessy. Ela havia se convencido de que o caso terminara.

– Cama eu dizia – continuou Jonathan -, agora que conheço suas razões para ter se casado com Lancaster, conto com sua ajuda para matá-lo.

– Par que eu faria uma coisa dessas? – inquiriu Jessy ainda calma e sem demonstrar medo. Jonathan sorriu-lhe com crueldade.

– Porque eu quero o dinheiro dele.

– Matá-lo não vai adiantar nada. Cort fez um testamento segundo o qual eu não receberei um centavo, caso ele morra, se não lhe der um filho. Todo seu plano, Jonathan, foi por água abaixo. Sinto muito.

– Não acredito em você! – gritou Jonathan levantando-se com tanta fúria que a cadeira caiu para trás. – Você quer ficar com tudo! – acusou.

Aliviada e grata por Cort haver feito tal testamento, Jessy encarou Jonathan bem dentro dos olhos.

– Não estou mentindo. Disse a pura verdade.

– Maldito idiota! – urrou Jonathan ao dar passadas largas pelo cômodo. – Então, você vai ter de me dar dinheiro todas as semanas até o tal filho nascer.

– Não tenho dinheiro algum.

Jonathan segurou-a pelos ombros e sacudiu-a com tanta força que as cabelos se saltaram e a manga do vestido rasgou.

– Acho bom me dar dinheiro! – gritou ele e, como se recobrasse o bom senso, riu alto.

Largou-a e Jessy caiu ao chão junto com a cadeira. Seus lábios sangravam por havê-las mordido para não gritar. Limpou-os com as castas da mão e fitou Jonathan em pé ao lado.

– Mesmo se eu tivesse dinheiro, não lhe daria um centavo. Cort não quer mais saber de mim e exige nosso divórcio.

Jonathan agarrou-lhe a braço e a pôs em pé.

– Pais trate de convencê-lo a mudar de idéia. Você pode não gastar de Lancaster, mas, de acordo com Yana, você e a irmã dele são muito amigas. A vida da moça, Jessy, está em suas mãos. Como primeiro pagamento, aceito esses brincos de esmeralda – declarou ao arrancar-lhe as jóias, das orelhas.

Jessy não conteve um gemido de dor.

– Caso não tenha dinheiro, com toda a certeza não lhe faltam jóias. Daqui a uma semana, no mesmo horário de hoje, eu a espero em frente ao armazém McCollister Dry Goods. Acho bom levar algo que valha minha perda de tempo, Jessy, porque tenho toda a intenção de cumprir minhas ameaças. Ponha um ponto final nesse assunto de divórcio e dê um jeito de ficar grávida, pois quando não tiver mais jóias para me passar, vai ter de arranjar dinheiro.

– Não farei nada disso. Vou contar tudo a Cort e ele dará um jeito em você – ameaçou Jessy.

– Ah, é? Garanto-lhe que vão morrer umas mulheres naquela casa antes de ele me encontrar. Não teime em dificultar as coisas. Lembre-se, você também sairá lucrando.

– Terminou?

– Já. Agora, arrume-se um pouco antes de aparecer para alguém. Seria difícil explicar os cabelos caídos e as manchas de sangue no rosto.

Devagar, Jessy ajeitou-se um pouco e Jonathan, sorridente, saiu de sua frente.

– Um dos meus homens vai dirigir a charrete de volta ao Cockcyed Bull. Você irá com os olhos vendados, claro.

– Imaginei – replicou Jessy com amargura.

Sentia vontade de externar, aos gritos, todo o seu ódio e frustração. Todavia, o bom senso a manteve calada.

CAPÍTULO XVI

Enquanto esperava na sala pelo retorno de Jessy, Cort fervia de raiva. Caso ela entrasse pela cozinha, os empregados tinham ordens para avisá-lo imediatamente. Dois homens haviam caído mortos no Cockeyed Bull e ele não encontrara o mínimo sinal de Jessy. Maldizia-se por não haver desconfiado de nada ao encontrar o bilhete convenientemente jogado no chão. Ele não passara de uma isca com o fito de desviá-lo do trajeto de Jessy. E ele, como um idiota, tinha caído na armadilha. Pois bem, isso não aconteceria de novo. De agora em diante, saberia onde Jessy se encontrava desde o nascer até o pôr-do-sol.

– Sr. Lancaster?

– Minha mulher voltou? – Cort indagou à empregada que, nervosa, tinha entrado na sala.

– Sim, senhor. Deve ter subido para o quarto dela.

– Obrigado, Molly.

Jessy encontrava-se ajoelhada no chão procurando o bilhete largado ali por descuido quando ouviu a porta se abrir e fechar. Curvou-se bem e, olhando por baixo da cama, viu um par de botas pretas. Sem perceber, gemeu baixinho. Maldição, era Cort! Não se encontrava preparada ainda para enfrentá-lo. Por que seria que, quando precisava do marido a seu lado, ele não aparecia e, quando não desejava encontrá-lo, o infeliz se materializava? Conformada com a falta de sorte, levantou-se devagar.

Surpreendeu-se ao vê-lo vestido de preto, o cinturão com as pistolas ainda à volta dos quadris. Porém o que mais a assustou foi a expressão furiosa do olhar.

– O que está fazendo no meu quarto? – indagou na defensiva. – Amy Rothchild não está a sua disposição esta noite?

– Por que demorou tanto, meu amor? – questionou Cort ignorando-lhe as palavras e aproximando-se. – Sua aparência é de quem passou umas boas horas divertindo-se na cama. Você anda me traindo, querida?

Sem esperar pela resposta, Cort enlaçou-a nos braços e, segurando-lhe a cabeça, beijou-a. Com toda a força de que dispunha, Jessy esmurrou-o nas costas, num desespero louco para escapar. Sentia gosto de sangue dos cortes reabertos nos lábios. Então, com a mesma maneira brusca com que a abraçara, Cort empurrou-a. Jessy levantou a mão a fim de estapeá-lo, porém ele a segurou.

– Qual é o problema, Jessy? – perguntou ele numa voz baixa e ríspida. – Tentava apenas agradá-la. Sua roupa suja e desarrumada me dá a impressão de que você prefere ser tratada com brutalidade – acrescentou ao limpar o sangue dos próprios lábios.

Atordoad a ainda por causa do encontro com Jonathan, Jessy puxou o braço e recuou até a parede. Sua raiva crescia sem controle algum.

– Maldito! Você tira conclusões sem ouvir um relato dos fatos. Quando saí da chapelaria, um homem me atacou e roubou meus brincos. Mas você se importa? Não!

Jessy esperava ver a preocupação substituir a fúria no semblante de Cort, porém a expressão manteve-se inalterada.

Se Jessy não houvesse insistido na história da chapelaria, talvez Cort considerasse a versão do assalto. Afinal, havia sangue coagulado nos lóbulos das orelhas e na gola do vestido, observou ele.

– Qual é o nome da loja? – perguntou e viu um lampejo de confusão nos olhos azul-violeta.

Todavia, ele logo desapareceu. Ocorreu-lhe estar já bem familiarizado com os gestos e, expressões de Jessy quando ela mentia.

– Para que quer saber? Você devia estar preocupado com meu bem-estar – protestou.

Jessy tentou arranjar uma maneira de sair da situação embaraçosa, mas precisava de tempo para refletir e Cort não parecia disposto a conceder-lhe nenhum.

– Porque, se eles me mandarem a conta, quero ter certeza de não pagar.

Jessy sentou-se à mesinha de toalete e começou a tirar o resto dos grampos que ainda lhe prendiam os cabelos.

– Pode ficar sossegado e pagar a conta. Descobri que eles arranjaram outra ajudante e o erro não vai mais ser repetido. Por isso, resolvi aceitar os chapéus.

– O que você estava procurando no chão?

A desconfiança começou a invadir Jessy. Teria Cort encontrado o bilhete?

– Não agüento mais suas malditas perguntas!

Jessy bateu as mãos na mesinha, levantou-se e deu uns passos em direção à janela. Segurando-lhe o braço, Cort forçou-a a virar-se para ele.

– Pois eu quero suas malditas respostas! O bilhete está comigo, Jessy. Fui ao Cockeyed Bull a sua procura. Dê graças a Deus por eu não tê-la encontrado lá, nem queira imaginar o que eu lhe teria feito. Matei dois homens que tentaram atirar em mim.

– Você matou dois homens?! – balbuciou atônita sem esconder o medo.

– Exatamente.

– De que bilhete você está falando e por que foi me procurar? – indagou fingindo inocência.

– Ora, não se faça de tola! Sabe muito bem a que estou me referindo. Você deixou o papel aí de propósito para eu encontrá-lo.

– Nunca ouvi declaração mais ridícula! Se você achou um bilhete no meu quarto, alguém deve tê-lo posto aqui.

– Valeu a tentativa, Jessy, mas foi inútil. Você está cada vez mais se envolvendo em confusões e mentiras. Marie lhe entregou o envelope com o recado, Sheila me contou. Sei também que você não foi a chapelaria nenhuma. Seria melhor, para si mesma, se confessasse tudo. Quem é seu cúmplice, Jessy, e o que estão planejando?

Jessy daria tudo para poder revelar toda a verdade a Cort. Contudo, não tinha o direito de expor Sheila e Marie, talvez o próprio Cort, ao perigo de vida. Ao fitar o marido, seus olhos encheram-se de lágrimas.

– Não posso lhe contar nada – murmurou.

– Olhe aqui, moça, chorar não adiantou nada quando nos vimos pela primeira vez, e muito menos agora. Lembre-se, eu lhe dei uma oportunidade. Seja lá quem você foi ver hoje, ele estará esperando um novo encontro. Não conte como certo. Vou seguir-lhe todos os passos, ou melhor, você não sairá mais de casa a não ser acompanhada por mim. De um jeito ou de outro, Jessy, vou descobrir o que está acontecendo.

Quando Cort saiu, Jessy atirou-se na cama e permitiu que as lágrimas corressem copiosas e os soluços a sacudissem.

Só bem tarde da manhã seguinte, Jessy deixou a segurança do quarto. Na véspera, havia verificado se as fechaduras das portas estavam bem fechadas. Só então, deitara-se. Embora se sentisse muito tensa, o cansaço extremo a forcara a dormir. Agora de manhã tinha passado um bom tempo andando de um lado para o outro refletindo sobre a situação. Sentia-se muito magoada ao reconhecer o quanto Cort a odiava e desconfiava dela, embora com razão. Não havia nada que pudesse fazer para mudar-lhe a opinião. Jonathan havia planejado muito bem. No momento, não lhe restava outra alternativa senão obedecer às ordens dele.

A casa parecia quieta demais quando Jessy desceu. Ao ver uma criada vindo da lavanderia, chamou-a.

– Pois não, senhora.

– Onde está todo mundo? – perguntou em tom jovial.

Não lhe passou despercebida a maneira com que a moça mantinha a cabeça baixa e evitava fitá-la.

– Dona Marie e dona Sheila saíram. O Sr. Lancaster encontra-se na biblioteca.

Apesar de não sentir fome, Jessy reconhecia a necessidade de alimentar-se, por isso dirigiu-se à cozinha. Mais uma vez, estranhou o fato de ninguém olhar para ela. Até a Sra. O'Grady não a fitou sorridente como fazia todas as manhãs. Prudence e Byron entraram na cozinha, porém ao vê-la saíram apressados.

Depois de uns goles de café e uns pedaços de torrada, Jessy deixou a mesa disposta a descobrir a razão pela qual todos agiam de maneira tão estranha. Sabia, exatamente, quem poderia esclarecer-lhe as dúvidas.

Sem se dar ao trabalho de bater, Jessy abriu a porta da biblioteca e entrou.

– Que diabos está acontecendo nesta casa? – inquiriu de Cort.

Ressentiu-se por ele não erguer o olhar do livro-razão em que escrevia. Obviamente, o marido estava trabalhando, porém ela não se importava em interrompê-lo.

– Estou ocupado – declarou ele, indiferente. – Se tem algum problema, procure outra pessoa para resolvê-lo. A não ser que tenha vindo se confessar.

Jessy colocou as mãos nos quadris e começou a bater a ponta do pé no chão num

gesto de impaciência.

– Vim aqui para saber a razão pela qual os criados estão me tratando de maneira tão estranha. O que você contou a eles, a meu respeito?

– Nada. Simplesmente lhes disse para me informarem caso você saia sem mim. Como gostam de você, acham a situação constrangedora. Tod também recebeu as mesmas instruções – avisou ele ao colocar a pena no tinteiro e reclinar-se no encosto da cadeira.

– Entendo. Então, ao colocar os empregados contra mim, eu conto com menos amigos nesta casa? É esse o seu propósito? E o que contou a Sheila e Marie? Você não perderia a oportunidade de antagonizá-las comigo, claro. Aliás, muito me admira que ainda não lhes tenha revelado detalhes do meu suposto passado negro.

– Não foi preciso aborrecê-las com a sua história. Elas partem para Boston em menos de duas semanas. Agora, se me der licença, tenho de trabalhar.

– Duas semanas?! – exclamou Jessy animada. – Elas aprontarão tudo em tão pouco tempo?

Cort foi apanhado de surpresa pela sua alegria inesperada e não lhe entendia a razão.

– Vão, sim. Se Sheila resolver, se casar mesmo, o vestido de noiva será feito em Boston.

– Ah, essa é uma notícia esplêndida! – declarou Jessy feliz. – Obrigada, Cort, você me deixou contentíssima!

Já ia saindo quando riu baixinho e virou-se com um brilho malicioso nos olhos.

– Sabe, Cort, você devia usar sempre aquelas roupas pretas de ontem. Elas combinam bem mais com sua personalidade sombria. Sem dúvida, você tem parte com o diabo.

Perplexo, Cort passou a mão na cicatriz do queixo. Jamais entenderia Jessy. Ela havia entrado ali como um furacão e acabava de sair alegre como um pássaro na primavera. Não desejava vê-la satisfeita, e sim miserável.

Apanhou a pena no tinteiro, porém mudou de idéia. Manter a mulher sob pressão era mais importante no momento.

Jessy voltou ao quarto sentindo-se leve como se o peso do mundo inteiro houvesse sido removido de seus ombros. Sabendo agora que Sheila e Marie logo se encontrariam em segurança, longe dali, podia planejar suas ações. As ameaças de Jonathan contra as duas

não teriam mais efeito em pouco tempo. Sentia uma tristeza profunda ao pensar que não mais veria Cort. Uma semana após a partida de Sheila e Marie, ela também iria embora. Se não sumisse, acabaria presa por bigamia.

Jessy sentou-se à mesinha de toalete e abriu a caixa de jóias. Com a perspectiva de Cort seguir-lhe os passos, não seria nada fácil entregar as peças a Jonathan. Isso sem falar na tristeza em se ver forçada a abrir mão dos presentes de Cort. Pensativa, fechou a caixa. A vigilância do marido poderia ser usada com certa vantagem. Se acompanhasse a cunhada e a sogra em cada ida à cidade, ele também iria. Dessa forma, a proteção de ambas estaria garantida. Todavia, Cort não costumava ir armado às lojas, refletiu.

– Está muito pensativa. Imagino o que possa estar passando nessa sua mente astuta.

As palavras de Cort a assustaram, porém Jessy manteve a calma. Agora sentia-se capaz de enfrentar qualquer obstáculo.

– Pensei que estivesse trabalhando na biblioteca – disse com naturalidade ao apanhar um vidro de perfume e passar uma gota atrás de cada orelha.

– Considero você bem mais interessante do que aquela escrituração toda. Peço desculpas pelo meu comportamento lá embaixo. Nem comentei como gosto do seu vestido e o quanto ele ressalta a cor de seus olhos.

Jessy fitou-o e reparou na maneira bem à vontade com que ele se encostava no batente da porta.

– A troco de que esse elogio? – indagou desconfiada.

– Sempre lhe disse que a acho lindíssima e, afinal de contas, você é minha mulher. Então, pensa mesmo que eu tenha parte com o diabo?

Embaraçada, Jessy abria e fechava o vidro de perfume.

– Olhe, eu gostaria de ficar sozinha. Vá embora.

– Não acredito. Sentada aí, você já começou a pensar como se sente quando eu a abraço e beijo.

A voz baixa de Cort soava acariciante e atingia o objetivo de perturbar Jessy. Ela quase o odiava por isso.

– Não é verdade – desmentiu com esforço.

– Bobinha. Que mal há em admitir essa verdade?

Olhe no espelho e veja como suas faces estão vermelhas.

– Duvido – declarou Jessy nervosa.

Nem precisava relancear o olhar pelo espelho para, ver os sinais traidores. Seu corpo ansiava por momentos de paixão, embora soubesse que não passava de um brinquedo nas mãos de Cort. Sim, desejava-o, porém não se levantaria da banqueta para ir-lhe ao encontro e ser humilhada. Essa, sem dúvida, era a intenção dele. Cort não tinha parte com o diabo, encarnava o próprio.

– Solte os cabelos, Jessy. É como gosto deles.

– Não!

– Por que luta contra sua vontade quando estou aqui disposto a satisfazê-la? Tudo já desapareceu de sua mente, exceto o desejo.

Notando-lhe o sarcasmo na voz, Jessy virou-se e atirou o vidro de perfume nele. Cort desviou-se facilmente e deu uns passos na direção dela.

– Não chegue perto! – advertiu Jessy ao apanhar outro vidro e erguê-lo no ar.

– Você sempre foi um desafio minha doçura – declarou Cort rindo divertido.

Jessy fez menção de atirar o frasco, porém ele segurou-lhe a mão.

– Largue-me! Não quero que me toque! – gritou ela.

– Mentirosa – murmurou Cort com suavidade. – Não importam seus esquemas malignos, Jessy querida, você reconhece sua única fraqueza e isso a amedronta. Não pode fazer nada contra a atração que sente por mim, exceto me matar.

Cort soltou-lhe a mão e, como se estivesse em transe, Jessy levantou-se da banqueta. Aninhou-se entre os braços fortes e entregou os lábios ao beijo possessivo. Ao sentir-se puxada de encontro ao corpo de Cort, sua exaltação não conheceu limites.

– Feche a porta à chave – pediu ela enquanto lhe desabotoava a camisa para acariciar-lhe o peito.

Cort afastou-se para atender ao pedido e Jessy, impaciente, começou a se despir.

– Quanto você me deseja? – perguntou ele de volta ao seu lado e despindo-se também.

– Você sabe – sussurrou Jessy.

No instante seguinte, estavam na cama, dominados pela paixão. Sob os impulsos fortes e os lábios entregues a um beijo consumidor, Jessy ansiava pela satisfação plena. Quando já a alcançava, Cort perguntou:

– Com quem você foi se encontrar, Jessy?

Sem refletir, ela murmurou:

– Jonathan.

Cort voltou a tomar-lhe os lábios e, no instante seguinte, ambos atingiam o apogeu do prazer.

Por alguns momentos, Jessy manteve os braços à volta de Cort, mas então sentiu-lhe a tensão. Afastou-se um pouco e notou a rigidez de seu rosto. Péssimo sinal.

– Qual é o problema? – perguntou.

– Todas as vezes em que fazíamos amor, você fingia estar com Jonathan?

– Como assim? – indagou confusa.

– Foi como você me chamou momentos atrás.

Jessy estremeceu ao lembrar-se por que havia pronunciado o nome de Jonathan. No auge da paixão, não havia se importado em revelar o nome do homem com quem fora se encontrar.

– Honestamente, espera que eu acredite em você quando declara me amar? – prosseguiu Cort. – Você se casou comigo para garantir proteção e dinheiro. Agora, duvido do primeiro item. Devia tê-la deixado por conta de B.J. Vocês dois eram farinha do mesmo saco. Perigosos como serpentes – afirmou sentando-se na cama.

– Você não tem o direito de falar comigo desse jeito! – protestou Jessy ao sentar-se também. – Não suporto mais suas acusações sobre assuntos dos quais não faz a mínima idéia. Desde que nos conhecemos, sua atitude vem sendo absolutamente parcial.

– Pois, minha cara, você não fez nem disse nada para mudar minha opinião. Quando não está mentindo, ou planejando me matar, tranca-se no maior silêncio. Você arrumou a cama e, queira ou não, vai ter de se deitar nela. Nada de divórcio ou de ir embora. Não posso provar suas malvadezas, mas, pelo resto da vida, vai ter de me encarar consciente de que eu conheço a verdade. E quando eu morrer, de velhice naturalmente, você será uma mulher acabada e cheia de amargura, Jessy. Vai se lembrar de que poderia ter de tudo se não fosse tão gananciosa. E, o pior, estará sozinha, imersa na maior solidão. Então, avaliará o que fez e se indagará se valeu a pena. – Sorriu indiferente e acrescentou: – Se me contar quem é seu cúmplice, talvez eu esteja disposto a barganhar.

– Fora do meu quarto! – gritou Jessy.

– Deveria aceitar minha oferta, querida. Da próxima vez, posso não ser tão generoso.

– Eu te odeio!

– Nem um décimo agora do que vai me odiar ainda – declarou Cort rindo.

Ouvindo a porta bater, Jessy levantou-se. Só mais duas semanas, refletiu ao lavar o rosto na bacia.

– Homens! – resmungou enquanto se vestia. – Por que não me deixam em paz? São uns idiotas e só me causam problemas. Um morre e ressuscita, o outro não confia em mim. Não vejo a hora de me livrar dos dois!

Sentada à mesinha de toalete, Jessy penteou-se e prendeu os cabelos num coque na nuca. Se Cort ia seguir-lhe os passos, teria de começar já, decidiu ao apanhar um chapéu e colocá-lo. Depois apanhou a capa de peles e deixou o quarto.

– Sra. Lancaster – disse Tod ao vê-la entrar no estábulo. – Deseja alguma coisa?

– Quero que sele meu cavalo – disse Jessy ao ver o empregado procurar Cort com o olhar. – Se os outros empregados ainda não avisaram o Sr. Lancaster de minha saída, sem dúvida você o fará. Agora, ande depressa. Tenho muitas compras para fazer na cidade.

Cort relaxava na banheira de água quente quando Byron apareceu e lhe informou que Jessy havia saído.

Um pequeno descuido e ela escapava. Abandonou banho e aprontou-se em poucos minutos. Todavia, ao chegar ao estábulo, Jessy já havia partido a cavalo.

– Por que não a obrigou a esperar por mim? – Indagou a Tod.

– Tentei, Sr. Lancaster, porém ela ficou brava e selou o cavalo sozinha.

Pouco depois, Cort partia a galope. Não demorou muito para avistar Jessy na distância. Como se dispusesse de todo o tempo do mundo, ela conduzia montaria num passo bem lento.

Ao voltar para casa horas mais tarde, Cort encontrava-se mais furioso do que quando saíra. Jessy havia, passado um tempo enorme indo de loja em loja e só fizera uma compra.

CAPÍTULO XVII

Cort acompanhou Jessy ao armazém McCollister Dry Goods e, lá dentro, manteve-se num canto afastado. Havia só cinco fregueses além dele e Jessy. Duas senhoras, de cabelos grisalhos, conversavam no centro da loja. Uma jovem, bonitinha, discutia o preço de um moedor de café junto ao balcão, um rapaz examinava botas, e um chinês, com uma trança dos cabelos caída às costas, estudava toda a mercadoria exposta.

Depois de um olhar rápido a Jessy, Cort sentou-se numa cadeira junto ao aquecedor de ambiente. O melhor a fazer era manter-se confortável. Imaginava quando Jessy se cansaria desse jogo inútil. Na última semana, havia lhe seguido todos os passos, porém nada acontecera para alimentar suas suspeitas. Fazia questão de não andar a seu lado, e quando ela dirigia a charrete, seguia-a a cavalo e a uma boa distância. Não existia uma única loja na cidade que ela já não tivesse visitado pelo menos uma vez e ele não agüentava mais acompanhá-la nessa encenação tola. Se não desejasse dar ao cúmplice de Jessy a oportunidade de encontrá-la, já teria posto um ponto final na brincadeira cansativa.

Pronto para qualquer emergência, Cort não se separava mais das pistolas. Os amigos que encontrava na cidade mostravam curiosidade, porém não insistiam quando ele se negava a parar e conversar. Conhecendo-lhe a reputação, eles não indagavam a razão das roupas pretas.

Pelo menos, refletiu Cort, o tempo tinha melhorado. Há dois dias o sol brilhava, aliviando um pouco o frio intenso dos últimos meses. Até os pingentes de geleira nas árvores e casas começavam a derreter.

Cort esqueceu o tempo ao ver um sujeito de péssimo aspecto entrar no armazém. Magro, ele usava um ponch e calças de couro imundos. Um gorro de pele cobria-lhe a cabeça de onde pendiam cabelos emaranhados. Os olhos pequenos e fundos tinham expressão astuta, o nariz era torto e uma barba desganhada cobria-lhe boa parte do rosto. Uma das mãos do homem conservava-se sob o poncho, naturalmente no cabo de uma pistola ou de uma faca, calculou Cort ao pôr-se em pé devagar.

Jessy, fingindo examinar uma peça de tecido de algodão, também viu o homem. Reconheceu-o logo. Tratava-se de um dos quatro capangas de Jonathan que os haviam

acompanhado na ida ao casebre de Yana.

Observou Cort e viu que sua atenção se concentrava no sujeito. Ansiosa, tirou a jóia do bolso e ficou à espera. Tão logo o homem olhou em sua direção, Jessy derrubou a pulseira numa bacia ao lado e cobriu-a com a ponta do tecido que examinava.

Temerosa de Cort haver-lhe notado o gesto, olhou em sua direção. Em pé, o marido demonstrava calma e ignorava o perigo que o rondava. Aflita para evitar uma tragédia, Jessy apanhou a bolsa e saiu da loja.

Já na charrete, respirou aliviada ao ver Cort montar, pronto para acompanhá-la. Embora fosse forçada a mandar jóias para Jonathan, não desejava que Cort, alheio aos fatos, sofresse um ferimento no processo.

Jessy soltou as rédeas e instigou o cavalo. A bem da verdade, não sabia se o marido podia mesmo se defender contra aqueles bandidos. Nunca o vira tomar uma atitude agressiva, exceto na noite do baile na Harvey House em que ele dera um soco num pobre inocente. Teria mesmo matado dois homens no Cockeyed Bull ou inventado a história para assustá-la e incutir-lhe o sentimento de culpa? Jonathan costumava fazer a mesma coisa quando moravam no casebre. No fundo, sabia estar procurando defeitos em Cort a fim de não sofrer muito ao deixá-lo.

Triste e angustiada, tomou o caminho de casa. Não podia se atrasar muito, pois a costureira a esperava para a última prova de um vestido de baile. Apesar das correrias com a partida para Boston, Marie havia aceitado o convite para uma festa na sexta-feira dessa semana. Seria uma boa oportunidade para Sheila despedir-se de Topeka, argumentara a velha senhora. Para ela também, Jessy pensou. Estando tudo praticamente pronto, Sheila e Marie partiriam na quarta-feira seguinte.

Havia veículos estacionados por toda a redondeza e, ao descer da carruagem, Jessy podia ouvir a música e o som alegre de vozes vindos do interior da mansão.

– Espero que Tom me leve a muitas festas em Boston. As de lá devem ser lindas, não é, Cort? – Sheila comentou animada.

– Sem dúvida, maninha, você não ficará desapontada. Vendo a mãe e Jessy subindo as escadas um pouco à frente, Sheila segurou o irmão pelo braço.

– Por favor, Cort, desmanche essa cara feia e sorria. Há tempos que você anda com

expressão sombria.

Cort atendeu-a no mesmo instante e explicou:

– Estou triste com a nossa separação.

– Talvez em parte seja verdade, mas não muito., Sei que você e Jessy estão tendo problemas e isso me aflige bastante.

– Jessy comentou algo com você? – indagou Cort ao tomar-lhe o braço e conduzi-la pelos degraus acima.

– Não. Ela se mantém tão reservada quanto você. Porém não é preciso ser muito esperta para perceber que as coisas não vão bem entre vocês. Contudo, Jessy me fez uma pergunta um tanto estranha.

-O quê?

– Ela queria saber se eu já o tinha visto se defender, e se você atirava com presteza.

– Qual foi sua resposta, maninha?

– A verdade, claro. Disse-lhe que não existia homem mais rápido no gatilho por estas redondezas. contei a briga com os dois homens que me importunaram no dia da partida de Tom para o Colorado.

“Então, minha esposa querida está tentando descobrir o quanto eu posso ser perigoso!”, refletiu Cort furioso.

– E qual foi a reação de Jessy? – indagou à irmã. Sheila parou e virou-se para ele.

– Um tanto engraçada, para ser franca. Jessy mostrou-se satisfeita e falou qualquer coisa sobre estar preocupada. Por que essa testa franzida? Eu disse algo errado?

– Não, naturalmente. Essa história não faz muito sentido, Vamos entrar. Está muito frio aqui fora.

Sheila juntou-se a Jessy e Marie a fim de irem as três guardarem os agasalhos. Jessy não havia contado a ninguém sobre o vestido de veludo vermelho que havia encomendado à costureira. Vermelho não era usado exceto pelas damas da noite, porém ela queria extravasar sua rebeldia e, além disso, achava que essa cor combinava com seu estado de espírito. Agora, arrependia-se da ousadia. Ao tirar a capa longa, ela viu o horror estampar-se nas feições de Sheila e Marie. Algumas senhoras por perto não reprimiram exclamações de surpresa. Disposta a não revelar apreensão, ergueu o queixo e rumou para o salão.

Cort encontrava-se num círculo de amigos, cujas mulheres começaram a falar

baixinho, olhando todas na mesma direção. Curioso, ele virou-se a fim de constatar o motivo. Jessy, com um porte de rainha, postava-se na outra extremidade do salão permitindo a todos que a olhassem bem. Uma enorme admiração pela coragem da esposa o dominou. Sem disfarçá-la, examinou-a da cabeça aos pés e nenhum detalhe lhe passou despercebido. Os cabelos loiro platinados, presos no alto da cabeça, brilhavam à luz dos candeeiros; o vestido sem mangas e de decote pronunciado constituía a moldura perfeita para o colar e os brincos de rubis e brilhantes que lhe dera, e o leque, também de veludo vermelho e preso ao pulso, completava o quadro magnífico. Jessy era a mulher mais linda que já lhe fora dado contemplar. Furioso consigo mesmo por não conseguir desviar os olhos e se deixar envolver por seu encanto, reconheceu uma verdade irrefutável: estava perdidamente apaixonado pela esposa. De agora em diante, viveria num inferno construído por ele próprio. A passos lentos, atravessou o salão para juntar-se à mulher.

– Posso ter o prazer da primeira dança? – perguntou ao curvar levemente a cabeça.

– Não se sente envergonhado pela minha maneira de vestir?

– Há muito tempo eu lhe disse que você não conseguiria fazer nada para me embarçar, pois de uma forma ou de outra eu já teria agido de forma semelhante. Você é a mulher mais linda aqui esta noite, e se fizerem comentários maldosos a seu respeito será por pura inveja. Garanto uma coisa. No próximo baile, haverá uma porção de mulheres com vestidos vermelhos. Quer apostar? Elas vão querer imitá-la, porém jamais chegarão a seus pés.

A música teve início e, com Jessy nos braços, Cort acompanhou o ritmo da valsa pela pista de dança.

Juntos, entretiveram-se por um longo tempo até quando, numa pausa da música, um rapaz veio convidá-la para dançar o próximo número. Depois dele, surgiram outros. A distância, Jessy observava o marido. Quase todas às vezes, via-o sozinho a um canto seguindo-lhe os passos. Havia algo romântico e excitante na atitude de Cort naquela noite. Embora não pudesse explicar o comportamento do marido, Jessy apreciava o encanto e o bom humor que exibia naquela festa.

As horas passavam depressa e Jessy continuava a divertir-se. Cort desempenhava com perfeição o papel de cavalheiro atencioso e representava tudo o que uma mulher pudesse desejar em homem naquelas circunstâncias. Todavia, era preciso não esquecer a

realidade, refletiu Jessy a certa altura. Ele agia daquela forma com o intuito de distraí-la e levá-la a cometer um deslize revelador do que acontecia. Mas, pelo menos naquela noite, iria fingir que o marido a amava.

Após uma valsa longa nos braços de Cort, ele a conduziu a um canto afastado da pista. Com a respiração acelerada, Jessy começou a abanar-se com o leque.

– Não quer ficar perto das portas abertas para se refrescar um pouco? – sugeriu ele.

– Ah, ótima idéia!

De mãos dadas, aproximaram-se das altas portas de vidro que, abertas, davam para um terraço. Porém não saíram.

– Quer que eu traga uma cadeira? – ofereceu ele.

– Não, obrigada. Estou bem em pé.

– Então, vou buscar uma bebida. Não demoro nada.

Tão logo Cort afastou-se, vários homens vieram tirá-la para dançar. Delicada, porém firme, Jessy descartou-se de todos. Desejava muito ficar a sós com o marido.

Ao localizá-lo com o olhar, viu-o conversando com alguns casais. Ele a fitou e encolheu os ombros como se a avisasse de uma demora inesperada. Depois, piscou-lhe. Em resposta, Jessy sorriu compreensiva.

Enquanto esperava, notou várias mulheres olhando para Cort com ar de admiração, mas dessa vez não se importou muito por duas razões. Amy Rothchild não tinha vindo ao baile e Cort continuava a tratá-la com gentileza. Ao percorrer o olhar pelo salão, localizou Marie sentada entre as amigas. Pouco depois, via Sheila dançar animada.

– Fique onde está e não faça nada para levantar as suspeitas de Lancaster!

Jessy ficou apavorada ao reconhecer a voz de Jonathan.

– Você enlouqueceu de vez? – perguntou baixinho enquanto sorria e olhava em direção a Cort, que, felizmente, continuava a conversar com os casais.

– Foi sua a idéia de Lancaster segui-la pela cidade? – Jonathan perguntou bravo.

– Não.

– Pois não acredito em você. Por isso apareci aqui para lhe provar que não vai ser difícil liquidar sua cunhada bonitinha.

Rubra de ódio, Jessy recomeçou a se abanar com o leque.

– Para lhe ensinar uma boa lição, quero já esse colar que está usando.

– Deixe de bobagem. Você não pode estar falando a sério! Cort daria pela falta dele num instante!

– Sendo uma mulher inteligente, trate de arranjar uma boa desculpa para ele.

No instante seguinte, Jessy sentiu a jóia ser-lhe arrancada e quase perdeu o fôlego. Com um esforço imenso, não gritou de ódio. Cort afastava-se do pequeno grupo e ia em direção da mesa com as bebidas.

– Na próxima quarta-feira, vá se encontrar comigo na Polly's Carriage Factory na hora de sempre. Já estou furioso como o diabo, por isso não se atrase caso não queira mais problemas. E leve algo bem mais valioso do que aquela pulseira da ultima vez.

Jessy viu Cort aproximar-se com dois copos nas mãos. Certa de que Jonathan havia sumido, levou a mão ao pescoço.

– Aqui está, minha querida – disse Cort ao estender-lhe um dos copos. Ao ver-lhe a palidez extrema, perguntou cheio de desconfiança:

– O que aconteceu, Jessy?

– Oh, Cort, não sei como lhe contar.

– Contar o quê?

– O meu colar! Sumiu! – Jessy tirou a mão do pescoço e fitou-o com olhar de súplica. – Não fique bravo comigo, mas não sei quando ele desapareceu. Notei a falta dele há apenas um momento. Temos de procurá-lo!

Cort lembrou os últimos minutos atrás. Enquanto conversava com os amigos havia relanceado o olhar para Jessy parada em pé junto à porta. Ela estava com a jóia. A marca vermelha à volta do pescoço indicava que alguém a tinha removido à força. Por que Jessy não acusava o roubo? ponderou.

– Não vai ser necessário. Seria muito desagradável provocar uma inspeção aqui. Caso alguém encontre o colar, certamente o entregará a nosso anfitrião. Você supõe que ele caiu? – perguntou com naturalidade.

– Quando o coloquei, notei que o fecho estava falhando. Não devia tê-lo usado. Ah, Cort, lamento muitíssimo! Você me perdoa?

– Claro, minha querida. Eu lhe comprarei outro – prometeu ao continuar a percorrer o olhar à volta à procura de alguém com aspecto suspeito.

De alguma forma, Jessy tinha feito contato com o cúmplice e o desgraçado, agora,

estava de posse do colar.

– Não! – protestou Jessy sem pensar. – Não quero outro. O que você me deu trouxe tanto azar como o de minha mãe!

Cort podia detectar o pavor de Jessy que não era provocado apenas pela perda do colar. Ela revelava a mesma expressão de medo demonstrada em duas outras ocasiões.

– Ora, minha querida, como pode falar em falta de sorte? Se não fosse pelo colar, nós nunca teríamos nos conhecido.

Havia aspereza na voz e o sorriso era cruel. Embora percebesse que o marido já se dera conta da mentira, não podia revelar a verdade.

– Cort, esse incidente me deixou muito aborrecida. Eu gostaria de voltar para casa. Se você preferir ficar, tudo bem. Peço a Tod para trazer a carruagem de volta.

– Não posso imaginar passar o resto do baile sem você. A questão do colar não tem a mínima importância. Nós vamos ficar. Marie não nos perdoaria se escapássemos mais cedo de uma festa outra vez.

O tom de voz era carinhoso demais e Jessy suspirou com tristeza.

– Você nem provou sua bebida ainda – prosseguiu Cort numa voz autoritária. – Após terminá-la, continue a dançar. Eu já aceitei o meu próprio inferno, moça. Aprenda a viver no seu também.

Jessy não entendeu o sentido do aviso, porém o tom de voz encerrava uma advertência. Pensou em ir embora, mas Cort não hesitaria em armar um escândalo. Já o conhecia o suficiente para temer tal atitude. Muitas vezes, durante a convivência entre ambos, tinha se arrependido por contrariá-lo. Nada ganharia em fazê-lo agora.

O resto da noite foi um verdadeiro desastre. Cort não voltou a tirá-la para dançar, porém não perdia um gesto seu. Os outros parceiros também notaram a vigilância do marido e, após confessarem não estar dispostos enfrentar King Lancaster, mostraram-se esquivos. Em poucos minutos, Jessy não tinha mais com quem dançar. Conformada, sentou-se ao lado de Marie e das amigas.

Quando finalmente voltaram para casa, sua cabeça latejava de dor. Mais nada a interessava, além de deitar-se e dormir em paz. Todavia, Cort entrou em seu quarto e Jessy teve de esperar pelo sono reparador.

Os dias seguintes, ocupados na atividade exaustiva de preparar a bagagem de Sheila e Marie, passaram muito depressa. Cort, de péssimo humor, e Marie, nervosa implicante, não se cansavam de discutir e trocar palavras ásperas. Sheila corria de um lado para o outro tentando apaziguá-los. Mais de uma vez confessou a Jessy que, se soubesse de antemão a confusão provocada por sua viagem, não teria concordado em ir para Boston.

Jessy encontrava-se com os nervos à flor da pele ocupada demais para planejar a fuga. Além de tudo, Cort estava sempre perto. A noite, ele ia para seu quarto e, invariavelmente, conduzia-a as alturas do prazer. Não importava o quanto lutasse para dominar o desejo, sempre se entregava ao marido com paixão. Dormia pouquíssimo, e sentia-se indisposta grande parte do tempo. Não se queixava a ninguém, pois sabia que, após a partida de Sheila e Marie, sua vida mudaria. Tão Logo escapasse dali, seguiria um ritmo mais normal, sem medos e sobressaltos.

– Para mim, chega! Não mexo mais nem uma palha! – declarou Sheila ao entrar no quarto e encontrar Jessy colocando roupas num malão. – Vou encostar uma cadeira de encontro à porta e ficar aqui até a hora de ir para a estação – declarou deixando-se cair sentada na cama.

– Sua mãe e Cort estão discutindo outra vez?

– Não. Cort deve ter-lhe dito algo porque mamãe, agora, assume uma expressão de conformismo quando ele está por perto. Desta vez, a questão é com a costureira. Ela está discutindo com a coitada por causa de dois vestidos.

– Alguma coisa errada com eles?

– Nada. Implicância pura de mamãe. Ela teima que não foram bem-feitos. Jessy, o que está acontecendo com todo mundo? Nunca vi o ambiente desta casa tão ruim – queixou-se Sheila.

Jessy sentou-se a seu lado na cama e colocou-lhe o braço sobre os ombros. Aprendera a gostar muitíssimo da cunhada, tanto como se fosse uma irmã.

– Olhe, Sheila, assim que você entrar no trem, tudo mudará de cor – afirmou, tentando acalmá-la. – Nós duas sabemos o quanto Marie está nervosa com os preparativos todos. Ela vem se esforçando ao máximo para que tudo saia à perfeição. Além do mais, esta será sua primeira viagem de trem. A ultima vez que ela viajou foi de diligência e era uma mocinha. Sei que é fácil dar conselhos, mas tente ser paciente com sua mãe. Quanto a Cort,

lembre-se de que ele está se separando da única pessoa que restou de sua família. Embora não demonstre, ele deve estar muito triste.

– Porém ele ainda tem você.

– Nosso casamento não deu muito certo, não é verdade? Até você já notou – disse Jessy aflagando-lhe os cabelos.

– Não entendo por quê. No seu primeiro dia nesta casa, percebi que era perfeita para Cort.

– Ah, minha querida, está sonhando outra vez. Sabe muito bem que seu irmão e eu nos casamos por conveniência.

– Mas seu interesse não foi por dinheiro, tenho certeza, Jessy. Se fosse, você compraria muito mais coisas além de umas poucas roupas. Isso sem falar na maneira com que controla as despesas desta casa a um mínimo. Como você declarou que não amava Cort, o que lucrou com o casamento?

Jessy levantou-se e começou a caminhar de um lado para o outro do quarto.

– Trata-se de uma longa história e...

– Ora, Jessy, tenha paciência! Se já conto com idade suficiente para me casar e ter filhos, devo ser considerada adulta. Não vejo razão para todos nesta casa esconderem coisas de mim como se eu não passasse de uma criança irresponsável. Tenho um amor imenso por você e Cort e acho que mereço saber a verdade.

Jessy parou surpresa e fitou a moça a sua frente. De fato não era uma criança e sim uma mulher adulta, reconheceu pela primeira vez.

– Olhe, Jessy, a não ser com sua permissão, juro não contar nada a ninguém.

– Certo. Você tem mesmo o direito de conhecer as razões pelas quais seu irmão e eu nos casamos.

Cort, do lado de fora, ouvia a conversa e levantou a mão para abrir a porta a fim de interrompê-la. Todavia, parou a tempo. Gostaria muito de ouvir o que Jessy ia contar.

– Antes de conhecer Cort, fui casada com um jogador corrupto que recebeu um tiro durante uma partida de pôquer – comentou Jessy indo até a janela de onde deixou o olhar pensativo perder-se na paisagem ainda branca de neve. – Parece que foi há tanto tempo! Meu marido tinha um parceiro chamado B.J., um homem mau e nojento a quem eu não suportava nem olhar. Quando Jonathan recebeu o tiro, B.J. insistiu comigo para me casar

com ele. Ansiosa por começar uma nova vida, resolvi fugir de Binge onde morávamos. Antes, porém, de conseguir escapar, Cort...

Em poucas palavras, Jessy relatou sua história a Sheila. Quando contou haver feito Cort desmaiar com uma pancada de pedra à beira do riacho, a cunhada não reprimiu o riso divertido. Segundo ela, era a primeira vez que alguém levava vantagem sobre o irmão. Podia bem imaginar-lhe a fúria.

– Então – concluiu Jessy -, quando Cort me propôs casamento, aceitei.

– Ele ainda acredita nos boatos espalhados por B.J. a seu respeito? – indagou Sheila.

– Infelizmente, sim – respondeu Jessy com dificuldade.

– Gosto muito de meu irmão, mas, às vezes, tenho vontade de sacudi-lo para ver se ele adquire um pouco de bom senso. É impossível não reconhecer sua honestidade, Jessy. E quem é ele para julgar as pessoas assim? Cort está longe de ser um santo! Admito, entretanto, que a teimosia é uma das características mais fortes desta família. Mesmo assim, não me conformo por ele acusá-la e à mamãe de tentarem matá-lo!

– Não julgue seu irmão com muita severidade, Sheila. Se ele houvesse conhecido B.J., jamais acreditaria nas mentiras do bandido. Eu também faltei com a verdade muitas vezes. Sendo assim, em quem Cort poderia acreditar? Além do mais, eu não dei o que ele mais desejava, um filho.

– Você amava seu primeiro marido?

– Eu o odeio! – exclamou Jessy com veemência.

– Mas ama o meu irmão, não é verdade?

– Ah, meu Deus, muitíssimo! – confessou Jessy emocionada, porém controlou-se logo. – Agora você já sabe de tudo e nós perdemos um tempo precioso com essa conversa séria. Venha me ajudar a embalar suas roupas no malão. Felizmente, seu casamento vai ser cheio de amor.

Cort afastou-se consciente da necessidade de refletir sobre as palavras de Jessy. A esposa havia omitido grande parte do papel dele em sua vida, falara com honestidade sobre si mesma e sem se eximir dos erros cometidos. Havia muito para ser levado em consideração agora.

CAPÍTULO XVIII

Finalmente, chegou o dia da partida de Sheila e Marie. Jessy ressentia-se da separação, pois afeiçoara-se muito a ambas e as considerava como se fossem, de fato, suas parentas.

Os malões, colocados numa carroça, seguiram a carruagem. O trajeto para a estação foi demorado e todos fingiam animação, porém a tristeza era palpável.

A única exceção constituía Marie. Empertigada, ela tamborilava os dedos no assento ao lado e olhava pela janelinha. Jessy não fazia idéia do que se passava na mente da sogra.

Sentiu-se aliviada quando o trem chegou. Terminado o despacho dos malões, restavam poucos minutos para as despedidas. Ainda bem, pensou Jessy. Uma demora maior serviria apenas para tornar a situação mais incômoda.

– Adeus, Sheila– murmurou ao abraçar a cunhada e esforçar-se para reter as lágrimas. – Faça uma boa viagem e dê minhas lembranças a Tom.

Sheila riu nervosa.

– Você fala num tom como se nunca mais fôssemos-nos ver. Quem sabe se não estarei de volta no próximo trem? E, se eu ficar em Boston, Cort prometeu ir até lá com você. Assim, entrarei na igreja conduzida por ele e você será minha dama de honra.

Beijou Jessy e dirigiu-se ao irmão. Não era possível ouvir o que falavam, porém Cort devia estar dizendo algo engraçado para levantar o estado de espírito de Sheila porque ela, dessa vez, riu alegre e descontraída.

– Vou sentir sua falta, Marie – afirmou Jessy surpreendeu-se com o sorriso bondoso da velha senhora.

– Eu também vou ter saudade de você, Jéssica. Cortland e eu tivemos uma longa conversa hoje de manhã enquanto você ajudava Sheila a se apronta. Depois destes anos todos, chegamos finalmente a uma compreensão mútua. Sei que devemos isso a você.

– A mim?! – exclamou Jessy atônita. – Acredite não tive influência alguma no caso.

– Diga o que quiser, não me convencerá. Até a minha volta, tudo será bem diferente. Não estou afirmando que as brigas entre mim e Cortland terminaram. Seria pedir demais. Afinal, ambos somos teimosos como mulas empacadeiras.

O último apito do trem soou e, após mais beijos abraços, Sheila e Marie embarcaram. Expelindo fumaça negra pela chaminé e vapor à volta das rodas, a locomotiva pôs-se em movimento. Da janelinha, Sheila acenava sorridente. Estranho, considerou Jessy, que esperava ver a cunhada chorar. Foi exatamente o que fez ao vê-la sumir de vista.

– Bem, Jessy – começou Cort em voz ríspida – , restamos apenas nós dois. Você tem uma semana, a partir de hoje, para me apresentar explicações honestas sobre o que está acontecendo.

– Como sempre, você fala por enigmas e eu não sei a que se refere – protestou Jessy enxugando as lágrimas e dirigindo-se à carruagem.

Cort segurou-a pelo braço e obrigou-a a fitá-lo.

– Não se faça de ingênua! Sabe muito bem do que estou falando. Uma semana, nem mais um segundo! Você já me viu furioso, porém ignora a que extremos posso chegar. – Observou o céu e prosseguiu: – Logo estaremos na primavera e, daqui a uma semana, o sol já vai ser bem quente. Os índios o empregam para fazer as pessoas falarem. Quer saber como?

– Não. Você está apenas contando vantagem.

– Se não me procurar no prazo de uma semana, disposta a falar, vai descobrir a seriedade de minhas intenções. Não sinto complacência com as pessoas que tentam me matar. É bom saber também que suas idas à cidade para fazer compras terminaram. À noite, se eu sair, você ficará trancada no quarto.

A expressão de Cort infundiu pavor em Jessy. Temia a ameaça de Cort, a reação de Jonathan e a possibilidade de não poder fugir como havia planejado.

– Você não pode agir dessa forma – balbuciou. – Vai me transformar numa prisioneira quando não cometi crime algum? Não percebe a injustiça de sua atitude?

– Não. Quanto a sua inocência, cabe a mim decidir, porém só depois de ouvir suas explicações. Vamos para casa?

Jessy caminhava de um lado para o outro no quarto tentando encontrar uma saída para sua situação. Depois das advertências, Cort não voltara a lhe dirigir a palavra. Ela também, mas por razões diferentes das dele, tinha esperado a partida de Sheila e Marie para agir. Deveria ela contar-lhe tudo a respeito de Jonathan e aceitar a punição? Estremecia só

de pensar em ir presa. Mas, se não revelasse a verdade, a vida de ambos corria perigo. Depois de ver a satisfação cruel nas feições de Jonathan quando matara um homem desarmado no Cockeyed Bull, não alimentava dúvidas quanto ao instinto assassino dele. Embora Sheila lhe houvesse garantido sobre a habilidade de Cort em se defender, ele não poderia fazê-lo caso fosse alvejado pelas costas. Sua única saída era fugir. Mas como escapar dali? Maldizia-se por não ter voltado à imobiliária. Talvez o corretor já tivesse encontrado um comprador para a fazenda dos pais. Agora, encontrava-se desamparada e sem dinheiro.

Jessy foi até a janela e abriu-a. De olhos fechados, respirou fundo enquanto ouvia o chilrear dos pássaros na árvore. A árvore! Como não pensara antes no carvalho frondoso? Abriu os olhos e debruçou-se no parapeito da janela. Viu um galho forte a pouco mais de meio metro abaixo.

Apressada, dirigiu-se à mesinha de toalete, onde abriu a caixa de jóias. Escolheu dois anéis cujas pedras preciosas e grandes lhe renderiam um bom dinheiro. Não era sua intenção levar nada de Cort, porém seu desespero a obrigava a esquecer os escrúpulos. No dia seguinte à noite, deixaria a cidade para nunca mais voltar. Sentiu-se angustiada ao pensar na separação de Cort. Se pudesse, ficaria mais uns dias. Contudo, uma demora só serviria para provocar novas mágoas, e mais problemas.

Jessy foi até a cama e escondeu os anéis sob o colchão. Ao endireitar o corpo, percebeu que estava com muita fome. Embora ainda não estivesse na hora do jantar, resolveu ir até a cozinha e pedir a Prudence para lhe arrumar um prato e trazê-lo ao quarto.

Algum tempo depois, a criada bateu na porta e entrou com uma bandeja. Havia um prato com carne e legumes, outro com bolo de chocolate e um terceiro com duas maçãs grandes.

– Deus do céu, você trouxe comida para um batalhão! – comentou Jessy ao ver Prudence colocar a bandeja na mesinha.

A moça fitou-a e sorriu. Era a primeira vez que isso acontecia desde as advertências de Cort aos criados sobre suas saídas.

– Espero que a senhora não esteja brava comigo.

– Não, claro. Por que deveria estar? – perguntou Jessy sentando-se à mesinha.

Constrangida, Prudence baixou a cabeça.

– Porque, alguns dias atrás, fui eu quem contou ao Sr. Lancaster que a senhora tinha saído sem ele.

– Você agiu certo, Prudence. O Sr. Lancaster é seu patrão e deve sempre obedecer-lho.

– Muito obrigada, senhora, mas não vou mais contar nada a ele, mesmo que perca o emprego. Sou sua criada e, daqui em diante, só obedeco a suas ordens.

– Oh, Prudence, nunca ninguém me disse algo tão amável. Não se preocupe. Eu não a porei numa situação difícil outra vez – prometeu Jessy.

Satisfeita, Prudence começou a pôr ordem no quarto.

– Mais tarde, vou lhe trazer leite e bolachas para a senhora se alimentar antes de dormir. Mamãe sempre diz que uma mulher grávida precisa comer bastante.

– Grávida?! – exclamou Jessy derrubando o garfo no prato. – Onde foi buscar essa idéia absurda?

– Ora, a senhora desmaiou, não fica menstruada há dois meses e tem passado mal quase todas as manhãs.

– Ah, o enjôo já parou e eu me sinto ótima – disse Jessy aliviada. – Quanto a não ficar menstruada deve ter sido por causa da correria e trabalhadeira para preparar a viagem de Sheila.

– Pode ser, Sra. Lancaster – concordou a empregada, mas não muito convencida. – Mas como explicar essa sua fome agora? – perguntou.

– Prudence, não quero continuar esta conversa. Não estou grávida e ponto final. Não desejo boatos sobre esse assunto espalhados pela casa. Bobinha, eu seria a primeira a saber, caso estivesse esperando um filho.

– Sim, senhora.

Havendo terminado de comer, Jessy levantou-se e Prudence ajudou-a a se despir e pôr a camisola. Depois, a criada apanhou a bandeja e foi embora.

Acomodada numa cadeira, Jessy tentou ler. Embora o livro fosse interessante, não conseguia prender-lhe a atenção. Ao ver as duas maçãs deixadas na mesinha por Prudence, distraída, levantou-se e apanhou uma. De volta à cadeira, retomou a leitura disposta a desviar a mente dos problemas. Deu uma boa mordida na maçã e deliciou-se com a textura e com o sabor levemente ácido da fruta. Ao levantar a mão para tirar um novo bocado,

imobilizou-a no ar.

– Estou mesmo grávida! – exclamou surpresa. – Durante minha vida inteira, jamais gostei de maçã!

Em verdadeiro estado de choque, Jessy ficou em pé e levantou a camisola. Com o ventre exposto, olhou-se no espelho de frente e de lado, porém não notou mudança alguma no corpo.

– Não pode ser! – tornou a falar em voz alta. Tomei religiosamente o chá receitado por Marie!

Entretanto, sabia que Prudence tinha adivinhado a verdade. Ficou brava ao pensar na inutilidade do sentimento de culpa por evitar um filho de Cort. Descobria agora que não havia engravidado antes por qualquer outra razão. O chá não tivera o mínimo efeito. Jessy arrumou a camisola no lugar sem saber ainda sua reação a respeito da novidade. Num minuto, desejava rir de alegria; no outro, reprimia as lágrimas.

Mais tarde, à noite, Jessy percebeu que se encontrava trancada no quarto. Cort devia ter saído de casa e não viria procurá-la. Com toda a certeza, aguardava que ela tomasse a iniciativa de procurá-lo para revelar a verdade a seu respeito. Pois seria uma longa espera, considerou Jessy ao deitar-se e apagar a lamparina. Já tinha aceitado plenamente a idéia de ter um filho. O fato em si dava-lhe a coragem necessária para deixar Cort. Por causa de Jonathan, via-se obrigada a fugir, porém levaria consigo algo de Cort. Sentia-se amargurada por não poder compartilhar as boas novas. Se ele descobrisse, não se afastaria mais do seu lado, mesmo de noite. Com os braços à volta do ventre, adormeceu.

Acordou sobressaltada. O que a teria despertado do sono profundo? O quarto estava em absoluto silêncio e escuridão, exceto por uma leve claridade do luar perto da janela. Já ia fechar os olhos novamente quando sentiu cheiro de uísque e ouviu a respiração de uma pessoa em sua cama.

– Cort? – chamou baixinho.

– Ora, pensei que fosse pronunciar meu nome ao acordar. Já me esqueceu, benzinho?

– Jonathan? Como entrou no meu quarto? – Jessy perguntou assustada puxando as cobertas até o queixo.

O luar refletiu em algo prateado, porém ela não distinguia se era uma faca ou

pistola.

– Pela janela que deixou aberta. Acho bom não gritar. King Lancaster receberá uma bala no rosto no instante em que abrir a porta. Por que não foi a meu encontro hoje com a jóia?

A voz de Jonathan soava áspera aos ouvidos de Jessy. Com a vista já acostumada à penumbra, vislumbrou a silhueta dele aos pés da cama.

– Não vou mais lhe dar jóia alguma, Jonathan, aliás, nem mais um alfinete – declarou com firmeza. – Vá embora. Em nome de Deus, juro que se não me deixar em paz vou me entregar à polícia por bigamia e denunciá-lo também.

– Bravo! Que mulher corajosa! – caçou ele. – Já se esqueceu do que ameacei fazer com o resto da família, isso sem mencionar o seu castigo depois?

Jessy temeu pelo bebê, porém não podia permitir aquela posição de superioridade para Jonathan. Respirou fundo e falou com voz firme:

– Se você fizer qualquer coisa contra mim, por uma questão de amor-próprio, Cort o perseguirá até encontrá-lo. Então, você lamentará ter nascido. Ele conhece bem torturas indígenas. Quanto ao que possa acontecer a ele, não me interessa. Cort já me avisou que me deseja fora desta casa. Sheila e Marie estão fora do seu alcance. Elas embarcaram hoje de trem e não vão voltar.

– O que lhe garante que não coloquei um dos meus homens naquele trem? Só preciso telegrafar-lhe em código e ele exterminará as duas.

O pavor de Jessy não conhecia mais limites. Não podia correr o risco de duvidar das palavras de Jonathan.

– Você já sabe o que acontecerá se ousar me desobedecer – prosseguiu ele. – Onde está sua caixa de jóias?

Jessy sentia-se sem forças e derrotada.

– Pode deixar, já encontrei – informou Jonathan com um risinho cruel – Na próxima semana, vá encontrar-se comigo em frente à fábrica onde deveria ter ido hoje. E leve dinheiro – recomendou.

– Eu já lhe disse, não tenho nenhum dinheiro e Cort me mandou embora daqui.

– E eu já lhe recomendei para fingir-se de grávida. Não se esqueça de suas duas parentas. Quando elas desembarcarem, o meu homem as seguirá e eu saberei onde

encontrá-las, caso você se negue a cooperar. Até quarta-feira, Jessy.

Jessy prendeu a respiração até Jonathan pular a janela. Esperou ainda uns instantes e, depois, levantou-se e correu até ela. Não viu Jonathan ir embora, porém ouviu o galopar de cavalos. Havia mais de um.

Em seguida, Jessy correu até a porta de comunicação com o quarto de Cort. Também estava trancada. No auge do desespero, começou a esmurrá-la e a gritar pelo nome do marido. Não se importava mais com o que pudesse lhe acontecer, porém precisava avisar Cort sobre a segurança de Sheila e Marie. Não obteve resposta. Foi até a porta para o corredor e, também aos gritos, pôs-se a bater nela com os punhos cerrados. Continuou até não suportar mais a dor nas mãos e a voz enrouquecer. Perdia as esperanças de ser ouvida. Cort ainda não devia ter voltado e os criados dormiam na ala mais afastada da casa. A janela! Lembrou-se. Correu até lá e olhou para fora. Jamais poderia sair por ali. O tronco da árvore era muito alto e ela não poderia pular da primeira bifurcação ao solo. Correria o risco de perder o bebê. Não tinha como procurar o auxílio de ninguém.

Pesarosa, foi até a porta entre Seu quarto e o de Cort e sentou-se no chão. Só lhe restava esperar. Talvez o ouvisse chegar. Todas as perspectivas terminavam, até a da fuga. Quando revelasse os acontecimentos a Cort, ele a odiaria pelo resto da vida. Iria presa e, quando o bebê nascesse, Cort teria a posse e a tutela do filho garantidas. Ela jamais voltaria a ver a criança. Soluções fortes começaram a sacudir-lhe o corpo.

Depois de trancar Jessy no quarto, Cort foi à cidade para beber na companhia de Tim Riley, seu sócio no bar Belly Up. Quando um homem deixou a mesa de pôquer, satisfeito, Cort tomou-lhe o lugar. Precisava de uma distração. Não se importava em ganhar ou perder. Contudo, havia ganho uma boa soma ao deixar a mesa umas horas antes do amanhecer.

Ao chegar em casa, embora houvesse passado quase a noite inteira sem dormir, continuava sem sono. Dirigiu-se à biblioteca com a intenção de fumar e refletir sobre os problemas sem solução aparente.

De posse de uma bebida, levantou o copo e contemplou a coloração âmbar do conhaque. Desde que ouvira a conversa de Jessy e Sheila ponderara as novas informações e aceitara umas tantas verdades. Por teimosia sua não as tinha admitido antes. Por exemplo,

quando fizeram amor pela primeira vez tinha ficado óbvio que Jessy jamais recebera B.J., ou homem algum, em sua cama. Talvez de propósito, ele havia usado as informações do *barman* e dos outros habitantes de Binge, para não se apaixonar pela mulher fatal, segundo eles. Na noite em que tinham jogado cartas com Tom e Sheila, ele havia tido a oportunidade de verificar a pouca facilidade da mulher em lidar com o baralho. Sabia manuseá-lo, mas não com a habilidade de um jogador profissional.

Cort acendeu um charuto e serviu-se de nova dose de conhaque. Não pretendia ferir Jessy fisicamente, aliás, nem conseguiria. Ela estava certa ao acusá-lo de contar vantagem. Gostaria, entretanto, de pregar-lhe um bom susto.

Após ouvir sua conversa com Sheila, convencera-se de que ela o amava. Além de haver confessado o amor, ele o tinha detectado no seu tom de voz e na maneira de se referir a ele. Jessy também tinha dito algo que lhe provocara uma conclusão vaga sobre os acontecimentos. Contudo, não conseguia se lembrar da afirmativa. Estava convencido de que Jessy não tentara matá-lo, tinha sido outra pessoa. Alguém de quem ela sentia um tremendo pavor e que lhe tirara o colar na noite do baile. B.J.? Teria ele realmente morrido?! Não. B.J. desejava Jessy para satisfazer seu instinto carnal. Caso estivesse vivo, teria tentado raptá-la outra vez como o fizera no restaurante. Cort irritava-se por estar tão perto da solução final e não ter a menor pista sobre a última peça do quebra-cabeça. Apenas Jessy poderia esclarecê-lo. Por que, com todos os diabos, a mulher não reconhecia ser ele a única pessoa capaz de ajudá-la, caso o informasse do que estava acontecendo? Indagou-se bravo.

Cort tomou o resto do conhaque e apagou o charuto. De repente, sentia-se muito cansado. Com movimentos vagarosos, mudou-se para o sofá.

Sentada no chão de encontro à porta, Jessy havia finalmente adormecido. Acordou com um ruído e custou a perceber tratar-se da chave virando na fechadura acima. O sol, alto no céu, iluminava o quarto, o que a deixou irritada. Tinha dormido boa parte da manhã. O corpo todo doía por causa da posição incômoda mantida durante tanto tempo e foi preciso flexionar as pernas antes de levantar-se. Em pé, torceu a maçaneta. Quase caiu com a porta cedendo aberta sob seu peso.

Deu-se conta primeiro da presença de Byron escovando um paletó do patrão.

Em pé, na outra extremidade do quarto, Cort despia a camisa amarrotada, com a qual passara a noite, quando Jessy entrou. Ele notou logo seu abatimento. A mulher tinha os cabelos despenteados, profundas olheiras, olhos inchados e mostrava-se muito pálida. Sentia vontade de aproximar-se e tomá-la nos braços, todavia, não se mexeu. Sabia que Jessy, enfim, vinha lhe revelar a verdade.

– Cort, você precisa agir depressa! Ele vai matá-las! – disse Jessy aflita.

Algo havia acontecido à noite, caso contrário Jessy não teria vindo procurá-lo, concluiu Cort. Dispensou Byron e sentou-se na cama fitando-a com olhar indiferente, à espera de suas palavras.

Agora que finalmente contava com a atenção de Cort, Jessy não sabia como revelar-lhe a verdade. Ele era tão grande e intimidador! Sentou-se numa poltrona e baixou os olhos. Tentaria falar com calma á fim de convencê-lo de que não mentia.

– Sheila e Marie estão correndo perigo, Cort.

– Como assim? Explique-se melhor.

Jessy reconheceu o tom de voz baixo e ameaçador.

– Por favor, Cort, mande um telegrama à polícia de alguma cidade no trajeto do trem, a Tom, ou a quem achar conveniente, avisando que elas podem estar sendo acompanhadas por alguém com más intenções.

– Vejamos se entendi bem. Você não tem certeza, de quem é o homem, nem se ele embarcou?

– Oh, meu Deus! Quer prestar atenção ao meu aviso? Vá mandar o telegrama e, quando voltar, juro que lhe explicarei tudo. É urgente!

– Como posso saber se não está fazendo isso com a intenção de me afastar de casa e fugir?

– Apenas me tranque no quarto. Se houvesse ficado em casa ontem, teria sabido disto antes. Esmurrei a porta e gritei até machucar as mãos e perder a voz.

Cort aproximou-se e examinou-lhe as mãos. De fato, ambas tinham marcas azuladas.

Não foram apenas os hematomas, mas também o desespero de Jessy que o convenceram a agir.

– Muito bem – declarou ele ao apanhar uma camisa limpa -, vou seguir seu

conselho. Porém eu a aviso, Jessy, esteja aqui quando eu voltar. Você tem alguma descrição do tipo do homem?

– Apenas que anda muito sujo e tem aspecto de bandido.

– Não é muito, mesmo assim vou mandar uns dois telegramas – informou ao acabar de abotoar a camisa. Depois, apanhou o chapéu preto. – Vou dizer a Prudence para subir.

Quando Prudence acabou de lhe pentear os cabelos, Jessy tirou as compressas frias dos olhos e fitou a imagem no espelho. Depois de um bom café da manhã, um banho quente, roupas limpas, um toque de ruge nas faces e os cabelos penteados, ninguém poderia adivinhar o horror passado durante a noite. Agora, encontrava-se pronta para enfrentar Cort. Porém não ali no seu quarto tão cheio de lembranças boas e ruins também.

Ao entrar em casa, Cort foi recebido por Prudence. Ela lhe informou que Jessy o esperava na biblioteca. Pendurou o chapéu num cabide e foi ao encontro da esposa.

Cort sentiu-se aliviado por Jessy mostrar-se novamente com aspecto saudável. Ela ocupava uma das poltronas à frente da escrivaninha, por isso sentou-se na de trás, de onde poderia observá-la bem. Acendeu um charuto e recostou-se no espaldar, numa posição confortável.

– Mandou os telegramas? – indagou Jessy.

– Sim. Agora quero saber de tudo, Jessy.

– Bem, o fato mais importante é que Jonathan não está morto – começou ela e notou a contração dos músculos no rosto do marido.

“A última peça do quebra-cabeça”, refletiu Cort. Agora entendia por que Jessy mencionara o nome de Jonathan quando havia lhe perguntado sobre quem ela havia visto. Lembrava-se também de que, quando Sheila lhe perguntara se tinha amado Jonathan, ela respondera “Eu o odeio”, e não “Eu o odiava”.

– Jonathan tem quatro capangas – prosseguiu Jessy. – Se colocou alguém no trem, deve ser um deles. Como você nunca confiou na minha palavra, não espero que acredite em mim agora. Você pediu a verdade e é o que estou lhe dando. Eu ignorava completamente que Jonathan continuava vivo. A primeira vez, que o vi foi no dia da minha ida à Academia de Música. Como desmaiei em seguida, pensei ter tido uma alucinação.

Em detalhes, Jessy contou a Cort tudo o que havia acontecido e sido falado desde

então. De vez em quando, ele a interrompia com uma pergunta, mas sempre breve. Embora ele mantivesse uma aparência calma, os olhos refletiam raiva. Ao repetir os acontecimentos da véspera à noite, Jessy murmurava amedrontada. O marido parecia uma fera prestes a atacar. Nunca o tinha visto com expressão tão estranha.

– Então, são quatro homens além de Jonathan?

– Exato, Cort Entendo que queira me entregar às autoridades. Estou disposta a contar tudo ao delegado, inclusive que sou bígama. Sem dúvida, isso poderá provocar uma onda de falatórios em Topeka, porém, com seu dinheiro e poder, achará meios de abafar a notícia da minha prisão.

– Não pretendo levá-la a lugar algum – declarou Cort levantando-se. – Vou fazer uma visitinha a Jonathan. Tenho certeza de encontrá-lo no Cockeyed Bull.

– Cort! – exclamou Jessy pondo-se em pé. – Não vá até lá! Eles o matarão!

Cort sorriu irônico.

– Aí, você não será mais bígama, certo?

Jessy aproximou-se dele e o abraçou.

– Pelo amor de Deus, Cort, não vá – implorou. – Não quero que você morra. Eu te amo. É melhor irmos falar com o delegado e deixar que ele resolva tudo.

– Você me subestima, Jessy querida.

Ele inclinou-se e a beijou com paixão. Depois, soltou-lhe os braços que o seguravam. Riu baixinho e recomendou:

– Guarde seus beijos para quando eu voltar.

Acabrunhada e com uma tristeza imensa, Jessy encostou-se na parede e ouviu Cort subir as escadas de dois em dois degraus. Poucos minutos depois, ele as descia novamente e saía de casa. Embora não o tivesse visto, Jessy sabia que usava o cinturão com as pistolas destravadas nos coldres.

– Boa sorte e adeus, meu amor – murmurou baixinho. – Eu me recuso a ter seu filho numa cela de prisão. E, caso você seja assassinado, eu não agüentaria estar aqui para receber a notícia. Dessa forma sempre me lembrarei de você vivo, o homem mais implacável... e encantador que já conheci.

Cort diminuiu o passo da montaria ao entrar no pátio no bar. Mantinha o olhar

atento para sinais de problemas. Certamente lembrariam sua última visita ao lugar.

A área encontrava-se deserta, exceto por alguns homens que curtiam a bebedeira ao sol. Cavalos de todos os tipos e condições encontravam-se amarrados à cerca. Sinal de que embora ainda fosse pleno dia, a frequência do bar era grande. Já dentro o ruído era grande. Gargalhadas, vozerio, palavrões e som de um piano desafinado enchiam o ar.

Cort desmontou e prendeu o animal à cerca, bem perto da saída, caso precisasse partir depressa. Em poucos passos, atravessou o pátio.

Com as mãos abaixadas e prontas, Cort entrou no bar e percorreu o olhar à volta à procura de Jonathan.

– Não levou tempo para identificá-lo a uma mesa de pôquer nos fundos do salão. As vozes amainaram enquanto os homens, um a um, olhavam para o pistoleiro alto parado junto à porta.

Ao dar uns passos para a frente, Cort ouviu vários comentários a seu respeito.

– Ele é um sujeito malvado e ágil como o diabo no gatilho. Nunca vi ninguém tão rápido!

– Eu não vou me meter com ele!

– Quem estará procurando?

– Outro dia, vi o desgraçado atirar em dois homens aqui num piscar de olhos!

– Ah, não vou perder a briga. Vai ser das boas!

Cort teve a impressão de que sua última vinda ali estava lhe sendo vantajosa. Jonathan virou-se e Cort notou sua surpresa. Os quatro capangas, em pé atrás dele, começaram a se espalhar. Cort reconheceu um deles como o indivíduo que entrara no armazém quando ele acompanhava Jessy em suas idas às lojas.

Sabendo que um tiroteio podia irromper a qualquer instante, as moças do bar começaram a gritar e a correr para trás do balcão. Alguns dos fregueses acharam por bem sair e outros afastaram-se do caminho e procuraram se proteger.

Pronto para atirar, Cort mantinha-se imóvel.

– Você é um homem morto, Lancaster! – gritou Jonathan. – Estava contando com sua vinda aqui. Com certeza, já sabe que eu e nossa querida Jessy planejamos lhe dar este golpe. Ela não é uma delícia na cama?

Cort sabia que Jonathan pretendia apenas distrair-lhe a atenção. A provocação

serviu para aumentar sua fúria, muito embora mantivesse o autocontrole. O homem de olhar astuto baixou a mão para a pistola, mas, antes de sacá-la, Cort o derrubava morto com uma bala certa. Logo em seguida, um segundo tentou, sem êxito, alvejá-lo. Também caiu atingido pela pontaria perfeita de Cort.

Ao ver o que acontecia, Jonathan abaixou-se e correu para a saída dos fundos. Uma bala, por pouco, não lhe arrebatava a cabeça. Os outros dois capangas levantaram as mãos para o alto.

– Com todos os diabos – gritou um deles -, não temos nada a ver com essa briga entre vocês dois.

– Jonathan fez algum homem embarcar no trem, incumbido de um trabalho especial? – Cort demandou em tom ríspido.

– Trem? Do que está falando? – perguntou o fulano.

– Só nós quatro fomos contratados por Jonathan e nenhum de nós subiu em trem algum – acrescentou o outro.

Até sair do bar, Cort caminhou de costas para a porta. Depois, correu em direção ao cavalo. Mal soltou, já pulava na sela. Em instantes, deixava o pátio e galopava em perseguição de Jonathan.

Não demorou muito para avistá-lo na distância. A montaria do bandido não era tão veloz quanto seu garanhão. Logo o alcançaria.

Jonathan virou-se para trás e viu Cort. Apanhou a pistola e atirou. A bala não alcançou o alvo. A distância era grande demais. Irritado, jogou-a longe. Inclinado sobre o pescoço da montaria, cravou-lhe as esporas nas costelas, contudo o pobre animal já dava o máximo de si. Ao desviar-se de uma pequena elevação no solo, o cavalo escorregou na camada fina de neve congelada.

Assustado, inclinou a cabeça para trás enquanto tentava readquirir o equilíbrio. Jonathan, entrando em pânico, puxou as rédeas no momento errado e o cavalo começou a cair para trás. Jonathan pulou da sela, porém tarde demais. O animal tombou sobre ele comum baque surdo.

Quando Cort alcançou o local, o cavalo já se encontrava em pé e Jonathan morto. Ergueu-o, e o colocou na sela da montaria.

– Você me poupou o trabalho de matá-lo – resmungou ao amarrar-lhe bem o corpo.

Segurando as rédeas do animal, Cort subiu no garanhão e rumou para a cidade.

Em melhor estado de espírito e ansioso para ver Jessy, Cort chegou em casa algum tempo depois. Já estava na hora de confessar à mulher suas próprias verdades e de começarem a gozar um casamento feliz.

– Eu juro, Sr. Lancaster – soluçou Prudence – não sei aonde ela foi. Não faz muito tempo. Ela só arrumou umas poucas roupas e partiu. Estou tão preocupada, especialmente por causa do estado dela.

– Do que está falando? – inquiriu Cort nervoso.

– Do bebê. O senhor não sabia?

Cort fitou-a espantado.

– Tem certeza? - perguntou incrédulo.

– Sim, senhor.

O riso sonoro e eufórico de Cort ressoou pela casa.

Finalmente ia ser pai! Sabia por que Jessy tinha ido embora e para onde.

Quando o bilheteiro da estação informou-o de que o trem para Kansas City havia partido cinco minutos atrás, Cort ficou aliviado por ter trocado o garanhão por um cavalo descansado. Precisava de um animal em boa forma.

Através de atalhos, alcançou o cruzamento Hampshire uns minutos antes do trem. Ao ouvir o apito, levou o cavalo para junto dos trilhos e ficou à espera. A locomotiva surgiu e ele instigou o animal fazendo-o correr na mesma velocidade. Puxando um pouco as rédeas, aguardou até o carro de passageiros ficar paralelo à montaria. Agarrou-se a ele e pulou para a pequena plataforma do vagão.

Lá dentro, não demorou para localizar Jessy. De costas, ela mantinha a cabeça curvada como se chorasse.

“Jessy”, pensou rindo baixinho, “nem queira saber a surpresa que a aguarda! Kansas City é um lugar pra lá de bom para se passar uma lua-de-mel!”

King Lancaster dirigiu-se à mulher.

Fim